

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA DE CÁSSIA ARAUJO E SOUZA

EDUBLOG, UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A
PRODUÇÃO AUTORAL DE ALUNOS (AS) DO ENSINO MÉDIO

CURITIBA

2015

MARIA DE CÁSSIA ARAUJO E SOUZA

EDUBLOG, UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A
PRODUÇÃO AUTORAL DE ALUNOS (AS) DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós Graduação em Educação, Setor de Educação, na Linha de Pesquisa CULTURA, ESCOLA E ENSINO, da Universidade Federal do Paraná.

Área de Concentração: Educomunicação

Orientadora:

Profa. Dra. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

CURITIBA

2015

S729e

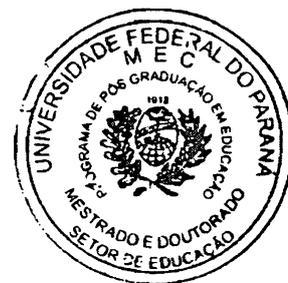
Souza, Maria de Cássia Araujo e
Edublog, uma estratégia pedagógica: sequência didática para a
produção autoral de alunos do Ensino Médio / Maria de Cássia
Araujo e Souza; orientadora: Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. –
Curitiba, 2015.
197 f.: il.

Bibliografia: f. 181-189.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação,
Curitiba, 2015.

1. Educomunicação. 2. Blogs. 3. Educação - Blogs. 4. Ensino
Médio. 5. Ensino Técnico. I. Costa, Rosa Maria Cardoso Dalla. II.
Título.

CDD 371.1022

Catálogo na Fonte UFPR – Sistema de Bibliotecas - SiBi



PARECER

Defesa de Dissertação de Maria de Cássia Araújo e Souza para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, Prof.^a Dr.^a Gláucia da Silva Brito, Prof. Dr. Cassiano Roberto Nascimento Ogliari, Prof. Dr. José Carlos Fernandes, arguiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "O BLOG COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO DOS ALUNOS, NUMA PERSPECTIVA DE AÇÃO FRENTE AO CONHECIMENTO".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. ^a Dr. ^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa		Aprovado
Prof. ^a Dr. ^a Gláucia da Silva Brito		Aprovado
Prof. Dr. Cassiano Roberto Nascimento Ogliari		Aprovado
Prof. Dr. José Carlos Fernandes		Aprovado

Curitiba, 31 de março de 2015.

Prof.^a Dr.^a Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do PPGE

Prof.^a Dr.^a Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula: 125750

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DE CÁSSIA ARAUJO E SOUZA

EDUBLOG, UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A PRODUÇÃO AUTORAL DE ALUNOS (AS) DO ENSINO MÉDIO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós Graduação em Educação, Setor de Educação, na Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
Presidente – PPGE / UFPR

Profa. Dra. Gláucia da Silva Brito
Titular - PPGE / UFPR

Prof. Dr. Cassiano Roberto Nascimento Oligari
Titular - SEED/PUC-PR

Prof. Dr. José Carlos Fernandes
Suplente - (UFPR/PPGCOM)

Profa. Dra. Regiane Regina Ribeiro
Suplente - UFPR/PPGCOM

Curitiba, 31 de março de 2015

DEDICATÓRIA

Àqueles que confiaram em minhas potencialidades, incentivando-me e inspirando-me. Ao meu amigo, parceiro, companheiro de todas as horas, Luiz Fernando. Seu respeito, incentivo, apoio e principalmente tolerância foram elementares em mais essa jornada de nossas vidas. Aos meus filhos Tiago, Sanjay e Sany, e a nora Kelly, pela compreensão por minhas ausências e preces nos momentos de tribulação. Ao meu neto Pedro, cuja crescente aprendizagem e franco desenvolvimento me fazem crer nas possibilidades de um mundo melhor. Seu sorriso é o verdadeiro combustível a me impulsionar sempre “ao infinito e além!”.

A minha mãe, símbolo de perseverança, fidelidade e força em meio a tanta carência, formando bravos cidadãos. Obrigada pelos uniformes costurados, quando embalava os filhos menores, no balanço do pedal de sua máquina manual de costura, cantando divinamente os hinos católicos em latim. Sua voz era um bálsamo para qualquer ferida.

A meu falecido Pai, de quem herdei o gosto pelas curiosidades da vida. Os livros da coleção “Jóias da Literatura Infantil”, que trazia da Biblioteca da Escola Técnica, onde era vigilante, abriram minha mente para o mundo da fantasia. Com os livros sublimei as dores das carências e formei-me uma adulta mentalmente saudável (eu acho).

Aos meus nove irmãos, por suas específicas contribuições:

- Orlando, o primogênito, também provedor, um pai e conselheiro.
- Terezinha, normalista, enérgica e amante das letras, sempre corrigia quando falávamos “errado”. Tomava-me pela mão rumo ao PIEP-Parque Infantil Ernestina Pessoa, minha primeira escola, para onde ia com muito prazer, um prazer que carregarei por toda a vida.
- Telma, de coração insondável e alma tão bondosa. Abnegada, cuidadora de meus pais, segunda mãe de meus filhos, maior apoio à minha graduação na UFES.
- Tarcísio, a quem devo a compra de meu primeiro livro “*English Today*” e das enciclopédias, minhas primeiras fontes de pesquisa.
- Fátima, poetisa e colecionadora voraz de literatura, de quem também herdei o gosto pela leitura e escrita. Nos momentos mais difíceis da minha juventude, o ombro mais amigo.
- Tião, Comandante Sebá, meu parceiro de infância e protetor. Trabalhador, curioso sobre o universo e a sociedade. Que o Pai Celestial o tenha em um bom lugar.
- Selma e Ritinha, minhas caçulinhas. Valentes, despidas de injustos julgamentos e cobranças, fiéis e parceiras de todos os momentos. Solidárias, parceiras, irmãs e amigas. Meu sol, meu escudo, minha estaca, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Celestial, onipresente e onipotente, cuja centelha de onisciência habita em cada ser. Conceitualmente homem perfeito, cientista dos cientistas, portanto Pai de todas as ciências. Por sua ordem e vontade os planetas desse sistema ainda giram em perfeita harmonia e o seu sol ilumina e oferece calor a todos: sábios e incultos, crentes e ateus.

À minha família, pela constante presença, alento e apoio. Especialmente aos meus pais que, por seu amor, me proporcionaram um corpo físico, tabernáculo e receptáculo de conhecimentos, tesouros eternos.

À minha orientadora, professora Doutora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, pela paciência e confiança em minhas potencialidades. Pelo respeito aos meus limites, norteando os caminhos de minha pesquisa com muita solicitude e maestria. Pelo incentivo à criatividade e respeito à minha autoria, elementos que julgo tão caros em qualquer prática pedagógica.

Aos componentes do PPGE-UFPR pela competência, compreensão e tolerância nos momentos difíceis. Aos professores Doutores Geraldo Horn e Tânia Maria Figueiredo pela humanidade no trato com os alunos (as) e principalmente pela empolgação, envolvimento e comprometimento com a pesquisa qualitativa, contagiando novos pesquisadores e emprestando os instrumentos necessários para a abertura das trilhas, ruas, estradas e veredas necessárias para um fazer pedagógico de qualidade nas escolas.

Aos componentes da banca, em especial o professor Doutor José Carlos Fernandes, pela imensa colaboração, sensibilidade e solicitude nessa árdua tarefa de formar aqueles que se formam para ensinar.

A todos os funcionários da UFPR, da biblioteca ao restaurante, passando por porteiros e zeladores, por sua qualificação e pela prontidão em cooperar.

Aos colegas mestrandos e doutorandos, parceiros de luta, que comigo dividiram momentos de alegria e angústia, apresentando trabalhos, compartilhando resultados de pesquisas, informações, experiências e principalmente, pelo incentivo.

Às amigas e irmãs Paula Carina de Araujo e Jennifer Lovatto Borges, pelo apoio técnico.

RESUMO

EDUBLOG, uma estratégia pedagógica: Sequência Didática para a produção autoral de alunos (as) do Ensino Médio. Este estudo toma como área de interesse a EDUCOMUNICAÇÃO. O objeto de estudo proposto é o *edublog* discente, como produto e estratégia do fazer pedagógico, numa perspectiva interdisciplinar. O objetivo geral é analisar esse instrumento de ensino explorando suas potencialidades. Em termos metodológicos propõe uma abordagem de caráter qualitativo, a partir de relato de experiência de um projeto desenvolvido por essa pesquisadora, iniciado em 2009 e concluído em 2012, como professora de História junto a turmas de Ensino Médio e Técnico Administrativo, no Colégio Estadual Santa Cândida, em Curitiba, Paraná. Dentre os principais conceitos organizadores para estruturação da presente investigação destacam-se a educomunicação, iconosfera, blogosfera, gêneros textuais, sequência didática, alfabetização e letramento digital. Embasa-se teoricamente em Rockwell, Forquin, Wolton, Martín-Barbero, Dalla Costa, Garcia-Vera, Pierre Levy, Santaella, Martine Joly, Marcuschi, Rojo, Kleiman, Amaral, Dolz, Noverraz, Schneuwly, Araujo, Ferretti e outros. Questiona como o *edublog* pode ser utilizado pedagogicamente junto ao Ensino Médio, socializando o saber produzido no ambiente escolar. A principal hipótese considera que a produção de *edublogs* pelo(a) aluno(a), com suporte interdisciplinar, é uma ferramenta e estratégia pedagógica muito eficaz. Compreende que ao despontar como autores os estudantes assumem uma postura de sujeitos, numa perspectiva de não passividade frente ao próprio conhecimento. Uma prática que contribui para incentivar a criticidade, interações e socialização do saber produzido na escola, ampliando as relações interpessoais no ambiente escolar.

Ao disponibilizar o saber produzido em sala de aula, em rede mundial, a prática de *edublog* valoriza o trabalho de alunos(as) e professores(as), projetando o conhecimento produzido para além dos muros da escola. Esse estudo é relevante na medida em que disponibiliza ferramentas aos professores(as) que se interessem em usar o *edublog* como estratégia de ensino e aprendizagem, sistematizando orientação teórica e técnica, no formato de sequência didática. Como resultados o projeto mostrou-se eficaz ao integrar disciplinas, diversificar o processo avaliativo, aperfeiçoar as relações sociais e ampliar a motivação para a pesquisa. Provocou interações e socialização do saber produzido na escola. Considerando as mudanças comunicacionais, esse estudo se desenvolve em um contexto que aponta para a necessidade de uma nova configuração da aprendizagem e, por consequência, da emergência desenvolvimento de outras formas de ensinar, momento em que o *edublog* desponta como uma ferramenta (e estratégia) com imenso potencial pedagógico.

Palavras Chave: *Edublog*. Educomunicação. *Ensino Médio*. Sequência Didática.

ABSTRACT

Edublog, a pedagogical strategy: Didactic Sequence for the authorial production by high school students. This study takes as its area of interest educommunication. The proposed study object is the student edublog, as a product and make teaching strategy, an interdisciplinary perspective. The overall objective is to analyze this teaching tool exploring their potential. In terms of methodology proposes a qualitative approach, from an experience report of a project developed by this researcher, started in 2009 and completed in 2012, while a professor of history at the high school classes and Administrative Technician in State College Santa Candida, in Curitiba, Paraná. Among the main organizers concepts for the structuring of this research include the educational communication, iconosfera, blogosphere, genres, didactic sequence, literacy and digital literacy. Based theoretically in Rockwell, Forquin, Wolton, Martín-Barbero, Dalla Costa, Garcia-Vera, Pierre Levy, Santaella, Martine Joly, Marcuschi, Rojo, Kleiman, Amaral, Dolz, Noverraz, Schneuwly, Araujo, Ferretti and others. Questions how the edublog can be used pedagogically with the high school, socializing the knowledge produced in the school environment. The main assumption considers that the production edublogs by students with interdisciplinary support, is a very effective tool and teaching strategy. Understands that the authors emerge as students take a posture of subjects, from the perspective of not passivity against the knowledge itself. A practice that helps to encourage critical, interaction and socialization of knowledge produced in school, expanding interpersonal relationships in the school environment.

By providing the knowledge produced in the classroom, on a global network, the practice of edublog values the work of students and teachers, designing the knowledge produced beyond the school walls. This study is significant in that it provides tools to teachers who are interested in using edublog as a teaching and learning strategy, systematizing theoretical and technical guidance, in a didactic format sequencing. As a result the project was effective by integrating disciplines, diversifying the evaluation process, improving social relationships and increase the motivation for research. Caused interactions and socialization of knowledge produced in school. Considering the communication changes, this study is conducted in a context which indicates the necessity of learning a new configuration and, consequently, emergency development of other forms of teaching, at the edublog emerging as a tool (and strategy) with great educational potential.

Keywords: Edublog. Educommunication. High School. Teaching Sequence

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	NUVEM DE PALAVRAS.....	15
FIGURA 2	MAPEAMENTO CONCEITUAL.....	15
FIGURA 3	FATORES DA COMUNICAÇÃO.....	63
FIGURA 4	TRECHOS DO DIÁRIO DE MALALA.....	67
FIGURA 5	<i>EDUBLOG</i> DA ALUNA ALLINE.....	68
FIGURA 6	<i>EDUBLOG</i> A IDEIA QUE FAZ DIFERENÇA.....	68
FIGURA 7	DIÁRIO DIGITAL DA MENINA ISADORA FABER.....	68
FIGURA 8	REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA EXPLORAÇÃO DOS <i>BLOGS</i> COMO RECURSO OU COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.....	77
FIGURA 9	REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS EXPLORAÇÕES EDUCACIONAIS DOS <i>BLOGS</i> CENTRADAS NA VERTENTE DE “RECURSO PEDAGÓGICO” E NA VERTENTE DE ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.....	78
FIGURA 10	MAPA SANTA CÂNDIDA.....	83
FIGURA 11	COLONOS SANTA CÂNDIDA: RECORTES DE JORNAIS.....	84
FIGURA 12	PARÓQUIA SANTA CÂNDIDA. FESTA NA DÉCADA DE 1920..	84
FIGURA 13	PRIMEIRA (1877) E ATUAL ARQUITETURA DA IGREJA DE SANTA CÂNDIDA (FOTO DE 1956).....	85
FIGURA 14	IMAGEM DE SANTA CÂNDIDA E ALTAR PRINCIPAL.....	85
FIGURA 15	PARÓQUIA DE SANTA CÂNDIDA, FOTOS RECENTES.....	86
FIGURA 16	IRMÃS LUDVICA BABULA E ANNA KORNOVISKI.....	87
FIGURA 17	1914: RELIGIOSAS DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA.....	87
FIGURA 18	PADRE ZYGMUNT FELINSKI.....	88
FIGURA 19	LOGOMARCA ALUSIVA AOS 100 ANOS DO CESC.....	88
FIGURA 20	INAUGURAÇÃO DA CASA ESCOLAR SANTA CÂNDIDA.....	89
FIGURA 21	INAUGURAÇÃO DO CASARÃO.....	92
FIGURA 22	ALUNAS E FILHAS DE MARIA, NA DÉCADA DE 40.....	92
FIGURA 23	PRÉDIO DE ALVENARIA.....	93
FIGURA 24	LEMBRANÇA ESCOLAR.....	93

FIGURA 25	SOLENIIDADES DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA SANTA CÂNDIDA.....	97
FIGURA 26	AUTORIDADES INAUGURAM A ESCOLA SANTA CÂNDIDA....	97
FIGURA 27	COMUNIDADE EM MUTIRÃO PELA ESCOLA ESTADUAL SANTA CÂNDIDA.....	98
FIGURA 28	LINHA DO TEMPO – DENOMINAÇÕES DO CESC.....	98
FIGURA 29	OBRAS NO CESC.....	99
FIGURA 30	NOVA CANCHA DE ESPORTES DO CESC.....	99
FIGURA 31	OBRAS DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA E BIBLIOTECA.....	99
FIGURA 32	BIBLIOTECA DO CESC.....	100
FIGURA 33	CEC INAUGURA SUA CAPELA.....	100
FIGURA 34	AUTORIDADES INAUGURAM A CAPELA DO CESC.....	100
FIGURA 35	SOLENIIDADE DE INAUGURAÇÃO.....	100
FIGURA 36	OBRAS DE CONSTRUÇÃO DO AUDITÓRIO DO CESC.....	101
FIGURA 37	CONVITE PARA INAUGURAÇÃO DO AUDITÓRIO SAGRADA FAMÍLIA.....	101
FIGURA 38	CEC JORNAL INFORMATIVO.....	101
FIGURA 39	CELEBRAÇÃO E BÊNÇÃO DO AUDITÓRIO.....	101
FIGURA 40	AUDITÓRIO SAGRADA FAMÍLIA.....	102
FIGURA 41	SALA DE HORA ATIVIDADE.....	102
FIGURA 42	HORTA RADIAL.....	102
FIGURA 43	CONSTRUÇÃO DO REFEITÓRIO.....	103
FIGURA 44	NOVO REFEITÓRIO EM USO.....	103
FIGURA 45	NOVA SECRETARIA.....	103
FIGURA 46	LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....	104
FIGURA 47	NOVOS COMPUTADORES.....	104
FIGURA 48	BIBLIOTECA E LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....	104
FIGURA 49	NOVA SALA DE COORDENAÇÃO.....	105
FIGURA 50	SALA DO GRÊMIO ESTUDANTIL.....	105
FIGURA 51	NOVO HALL.....	106
FIGURA 52	BANDEIRA E FLÂMULA DO CENTENÁRIO DO CESC.....	106
FIGURA 53	UNIFORME E LOGOMARCA DO CENTENÁRIO DO CESC.....	106

FIGURA 54	EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO CESC.....	107
FIGURA 55	GERAÇÕES DE ALUNOS (AS) EM EXPOSIÇÃO.....	107
FIGURA 56	SALAS DE ATIVIDADES FÍSICAS.....	108
FIGURA 57	BLOCO 2 E ÁREA VERDE.....	108
FIGURA 58	ESPAÇO AULA AMBIENTE.....	108
FIGURA 59	PAVILHÃO ADMINISTRATIVO.....	108
FIGURA 60	SALAS DE AULAS – BLOCOS 1, 2, 3 E 4.....	109
FIGURA 61	FACHADA E QUADRA DE ESPORTES DO CESC.....	109
FIGURA 62	OBRAS DO CASARÃO.....	110
FIGURA 63	CONVITE PARA A REABERTURA DO CASARÃO.....	111
FIGURA 64	SOLENIIDADES DE REINAUGURAÇÃO DO CASARÃO.....	111
FIGURA 65	O CASARÃO RESTAURADO.....	111
FIGURA 66	INSTALAÇÕES DO COLÉGIO ESTADUAL SANTA CÂNDIDA...	112
FIGURA 67	ALUNOS: ATIVIDADES EXTERNAS, PESQUISAS E DEBATES.....	117
FIGURA 68	ATIVIDADES COM <i>EDUBLOGS</i> , NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....	120
FIGURA 69	ATIVIDADE: DICIONÁRIO ILUSTRADO.....	121
FIGURA 70	POTENCIALIDADES DO <i>BLOG</i> COMO FERRAMENTA E ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.....	123
FIGURA 71	<i>EDUBLOGS</i> : PREOCUPAÇÕES JUVENIS.....	129
FIGURA 72	<i>EDUBLOGS</i> : INTERESSES JUVENIS 1.....	130
FIGURA 73	<i>EDUBLOGS</i> : TEMAS LOCAIS.....	130
FIGURA 74	<i>EDUBLOGS</i> : TEMAS DE INTERESSE PÚBLICO.....	131
FIGURA 75	<i>EDUBLOGS</i> : TEMAS SOCIAIS RELEVANTES 1.....	131
FIGURA 76	<i>EDUBLOGS</i> : TEMAS SOCIAIS RELEVANTES 2.....	131
FIGURA 77	AÇÃO SOCIAL: ABAIXO ASSINADO – LEI PEDOFILIA.....	132
FIGURA 78	<i>EDUBLOGS</i> : TEMAS SOCIAIS RELEVANTES 3.....	132

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 1	2009: RAIOS-X DA EDUCAÇÃO NO PARANÁ.....	38
TABELA 2	ENSINO MÉDIO - TAXAS LÍQUIDA DE MATRÍCULA (2001-2012).....	41
TABELA 3	PORCENTAGEM DE JOVENS DE 19 ANOS QUE CONCLUÍRAM O ENSINO MÉDIO.....	41
TABELA 4	2007-2012: MATRÍCULAS NO CAMPO, INDÍGENA E QUILOMBOLA.....	41
TABELA 5	DIMENSÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO DIGITAL.....	56
TABELA 6	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO.....	90
TABELA 7	BRINCADEIRAS HABITUAIS.....	91
TABELA 8	DIRETORAS DO CESC.....	95
TABELA 9	PONTOS FRÁGEIS E PROPOSTAS DE AÇÕES CORRETIVAS DO PROJETO	124
TABELA 10	ESTRATÉGIAS PARA FACILITAÇÃO E COMPREENSÃO DA LEITURA.....	141
GRÁFICO 1	2009: TAXA DE MATRÍCULA, DISTORÇÃO, RENDIMENTO E DESEMPENHO.....	38
GRÁFICO 2	2007-2012: MATRÍCULAS EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	42
GRÁFICO 3	ENSINO MÉDIO: ALUNOS POR TURMA (2000).....	42

LISTA DE SIGLAS

ALAIC	Associação Latinoamericana de Investigadores de Comunicação
APM	Associação de Pais e estres
APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
APP	Associação de Pais e Professores do Grupo Escolar Santa Cândida
CELEM	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
CESSC	Colégio Estadual Santa Cândida
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNDEPAR	Fundação Educacional do Estado do Paraná
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
MCI	Marco Civil da <i>Internet</i>
NAEP	National Assessment of Educational Progress
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
PROEM	Programa de Empreendedorismo e Inovação
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SARESP	Sistema de Avaliação da Rede Estadual de São Paulo
SD	Sequência Didática
Seed	Secretaria de Educação à Distância
SEED-PR	SEED-Secretaria de Estado da Educação do Paraná
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEMTEC	Secretaria de Educação Média e Tecnológica
SI	Sociedade da Informação
SIMAVE	Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	27
1. METODOLOGIA DE PESQUISA	27
1.1 PRODUÇÃO DE DADOS.....	31
1.2 O UNIVERSO DA PESQUISA.....	33
1.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	34
CAPÍTULO II	36
2. BREVE HISTÓRICO DO ENSINO NO BRASIL	36
2.1 POLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS PARA O ENSINO MÉDIO BRASILEIRO	37
2.2 PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO.....	39
CAPÍTULO III	46
3. A COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA NO AMBIENTE ESCOLAR	46
3.1 A CULTURA JUVENIL E A COMUNICAÇÃO NA ATUALIDADE.....	46
3.2 OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO NO CONTEXTO DA CULTURA ESCOLAR	48
3.3 EDUCOMUNICAÇÃO E LETRAMENTO.....	53
3.4 OS GÊNEROS TEXTUAIS: DIÁRIO / <i>EDUBLOG</i> NO UNIVERSO DA LEITURA E DA ESCRITA.....	66
CAPÍTULO IV	70
4. A BLOGOSFERA NO CONTEXTO DAS TIC	70
4.1 TIPOS DE <i>BLOG</i>	76
4.2 FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS / VIRTUAIS APLICÁVEIS AO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE UM <i>BLOG</i>	78
4.2.1 Correio Eletrônico.....	79
4.2.2 Espaços e Ferramentas para Armazenamento de Dados.....	79
4.2.3 Ferramentas de Edição de Imagens e Vídeo.....	80
4.2.4 Ambientes de Pesquisa.....	80
4.2.5 Ambientes Lúdicos e de Artes	80
4.3 OS BLOGS E O PROTAGONISMO JUVENIL.....	81
CAPÍTULO V	83
5. O CESC-COLÉGIO ESTADUAL SANTA CÂNDIDA E A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO	83

5.1 HISTÓRICO DO CESC.....	83
5.1.1 O Bairro Santa Cândida.....	84
5.1.2 A Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.....	87
5.1.3 Obras na Escola: Primeiras Instalações, Materiais Didático Pedagógicos, Brincadeiras, Gestoras, Ampliações, etc.....	89
5.1.4 O Casarão Histórico.....	109
5.2 ORGANIZAÇÃO DO PROJETO NO CESC.....	112
5.2.1 Etapas do Projeto.....	112
5.3 RESULTADOS.....	122
5.3.1 Limitações (Pontos Frágeis) do Projeto.....	123
5.3.2 Pontos Positivos do Projeto e Recomendações para a Replicabilidade.....	125
CAPÍTULO VI.....	137
6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	137
6.1 HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS.....	140
6.2 ROTEIRO DE TRABALHO / REGISTRO DE OBSERVAÇÕES.....	142
6.3 SUGESTÕES PARA PRODUÇÃO DE TEXTO COLETIVO.....	143
6.4 QUESTIONAMENTOS ESTRATÉGICOS.....	144
6.5 AVALIAÇÃO.....	144
6.6 MAPAS TEXTUAIS.....	146
6.7 A PRÁTICA DE AUTORIA: PESQUISA E (RE) CONSTRUÇÃO DO PRÓPRIO CONHECIMENTO.....	148
6.8 SD: <i>EDUBLOG</i> – PRODUÇÃO AUTORAL DE ALUNOS (AS) DO ENSINO MÉDIO.....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	189
APÊNDICES.....	198
1 - SUPORTE TEÓRICO PEDAGÓGICO PARA ATIVIDADES COM IMAGENS	198
2 - ÉTICA E SEGURANÇA PARA O USO DA REDE.....	201
3 - FILMOGRAFIA – GÊNERO TEXTUAL <i>BLOG</i>	206
4 - MÚSICAS “BIKE DE MALANDRO” E “NA PERIFERIA”.....	207
5. OS DIÁRIOS E SUAS VERSÕES DIGITAIS – ENSAIO E SUGESTÕES DE ATIVIDADES.....	209
6. UM ENSAIO SOBRE A ESCOLA DA PONTE.....	222

INTRODUÇÃO

“A refundação da escola tem vários caminhos, mas todos eles passam pelos professores”. (NÓVOA *apud* SCHMIDT e GARCIA, 2008, p.24)

A trajetória dessa pesquisadora na área de educação inicia-se a partir do seu processo de graduação. Licenciada e bacharel em História, no ano de 2000 pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, atuou profissionalmente em Vitória-ES e Curitiba-PR, junto aos ensinos fundamental, médio e técnico das redes pública e privada.

Na fase final de graduação a experiência como monitora do Laboratório de Ensino de História, no programa integrado de bolsas para estudantes de graduação, da Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo, contribuiu para ampliar sua visão como professora pesquisadora e, por extensão, a necessidade de formar alunos (as) pesquisadores (as).

Para obtenção do grau de bacharel em História, apresentou monografia com orientação do professor Doutor Antonio Carlos Amador Gil, sob o tema “O ensino de História da América como discurso acadêmico e a práxis pedagógica no ensino fundamental”, no ano de 1999. Especializando em Ciências Políticas, pela Universidade Federal do Paraná tem elaborado estudos históricos, políticos e educacionais.

Em 2013 publicou artigo intitulado “Musicoterapia na escola: socialização e inclusão de portadores de múltiplas deficiências e paralisia cerebral”¹. Essas e outras experiências com elaboração de projetos de estudos e monografias têm contribuído para o envolvimento dessa professora em atividades de pesquisa com reflexos no seu trabalho em sala de aula. As atividades de incentivo a leitura e escrita autoral têm contribuído para a valorização da produção discente com postagens de trabalhos dos estudantes na *internet*. A produção de *edublogs* motivou um trabalho de pesquisa vencedor em concurso, apresentado por uma aluna do segundo ano do Ensino Médio², em 2012.

¹ Artigo apresentado no XV Fórum Paranaense de Musicoterapia, em Junho/2013, em conjunto com a musicoterapeuta Harley Lavagnini Gonzalez, e que também faz parte do acervo da Biblioteca da Musicoterapia Brasileira.

² Trata-se do Concurso Cultural Sede de um Mundo Melhor, ofertado pelo Instituto GRPCOM, signatário do Pacto Global das Nações Unidas e afiliado da Rede Globo, premiado na categoria jornalismo, sob o título “Rio Belém, 100% curitibano”, em solenidade no Museu Oscar Niemeyer.

Essa experiência de incentivo à produção de *edublog* tem sido o principal eixo da presente pesquisa. Apesar de alguns estudiosos considerarem que a prática de *blog* esteja em declínio, chegando ao limite de suas possibilidades comunicacionais, observa-se nesse estudo que suas potencialidades pedagógicas sequer foram exploradas adequadamente no Brasil. Embora seja uma atividade pedagógica comum na Europa, especialmente em Portugal, os professores (as) brasileiros (as) ainda dão os primeiros passos nesse sentido.

A prática pedagógica dessa professora com *edublogs*³ tem contribuído sobremaneira para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que se refere às interações sociais, tão caras no ambiente escolar. O relacionamento professor (a)-aluno (a) e aluno (a)-aluno (a) ganhou nova dimensão. Vale destacar que, a partir dessa experiência pedagógica, em 2011 essa professora foi homenageada com nome de turma, por indicação unânime (fato inédito) dos alunos (as) formandos (as) de Ensino Médio do Colégio Estadual Santa Cândida. Por outro lado, ampliou-se a participação dos estudantes junto ao seu grêmio estudantil, a partir da postagem de matérias de interesse da comunidade escolar, por iniciativa do corpo discente, ampliando assim o uso de *edublog* na escola.

Essas e outras experiências reforçaram nessa pesquisadora o interesse de análise do *edublog* como ferramenta e estratégia pedagógica, propondo um caminho que aponte para uma metodologia. Esse percurso direcionou a presente dissertação cujo tema é “*EDUBLOG*, uma estratégia pedagógica: Sequência Didática para a produção autoral de alunos (as) do Ensino Médio.”, inscrito na Linha de Pesquisa em Cultura, Escola e Ensino, do PPGE-Programa de Pós Graduação da UFPR. Nesse contexto vale destacar, brevemente, o percurso histórico dessa Linha de Pesquisa, bem como uma breve análise do conceito de cultura escolar.

Os autores da obra *Diálogos e perspectivas de investigação*, Schmidt, Garcia e Horn (orgs) reúnem estudos de pesquisadores que organizam conversas / diálogos onde a escola é compreendida como espaço de experiência social com o conhecimento, tomando das ciências sociais os seus referenciais teórico e metodológico. A principal preocupação do grupo era a busca de mecanismos de

³ Autora e mantenedora de *blogs*, essa pesquisadora registra muitas de suas atividades pedagógicas além de eventos da escola na qual atua. Também publica pesquisas históricas, incentivando a valorização da cultura local, de práticas de leitura e escrita, do meio ambiente, cidadania e de solidariedade.

compreensão da realidade social atual bem como a ação dos sujeitos e sua estrutura. Dessa articulação, no final dos anos noventa foi criada a linha de pesquisa escola, cultura e ensino da UFPR.

Para Schmidt, Garcia e Horn (2008, p.11), essa linha de pesquisa busca, resumidamente:

- a) Compreender a realidade escolar em seu movimento histórico (de mudanças e continuidades);
- b) Focar a escola, como campo investigativo;
- c) Tomar a CULTURA como categoria teórica para exame das relações (valores, padrões, formas de trabalho, palavras, imagens, metáforas, alegorias, símbolos, signos, ídolos, etc.);
- d) A variedade de abordagens temáticas;
- e) A escolha de objetos sem reificá-los.

E é dentro dessa perspectiva que essa proposta metodológica para a produção de *edublog* discente se inscreve. Como se trata de uma proposta de caráter interdisciplinar, torna-se necessária a compreensão de seu conceito básico, considerando que os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam ultrapassar as barreiras estabelecidas no modelo multi e pluridisciplinar, tradicionalmente arraigados na escola brasileira.

Tomando a EDUCOMUNICAÇÃO, em seu contexto cultural, como área de interesse, e pelo fato das TIC-Tecnologias da Informação e Comunicação no ambiente escolar comporem um quadro de fenômeno historicamente recente, propõe-se analisar artigos, dissertações, teses e anais exclusivamente sobre os temas EDUCOMUNICAÇÃO, CULTURA, LETRAMENTO, SEQUÊNCIA DIDÁTICA, ENSINO MÉDIO, GÊNEROS TEXTUAIS e *EDUBLOG* no ambiente educacional. Nesse sentido foram analisados estudos disponíveis em diversos bancos de dados *on-line*, dentre os quais: PPGE UFPR – Banco de Teses e Dissertações, Revista Comunicação e Educação, Revista ECA USP, Educomunicação, CAPES-banco de dissertações e teses, COMPÓS – PPGCOM, PORTCOM, INTERCOM, ANPED, além de Grupos de Estudos (NCE) Núcleo de Comunicação e Educação. Para a pesquisa *on-line* foram utilizados dispositivos avançados de busca e armazenagem de dados, tais como ferramentas *Google Drive* e *DropBox*, *Wordle*, *Adobe Acrobat*

Reader, MAXQDA e WEB KNOWLEDGE e outros tutoriais. O refinamento de buscas se fez mediante a utilização de operador booleano de recuperação de informações, a partir de descritores / thesaurus. Foi possível navegar em ambientes virtuais como: Web of Science, Proxy, Mendeley, Eric, Scopus, Scielo, Educa, Scimago e JCR. Essas e outras ferramentas possibilitaram ampliação de acesso, refinamento de informações e melhor organização dos dados de pesquisa.

A partir do levantamento bibliográfico e da revisão inicial da literatura foi possível montar um mapeamento conceitual multidisciplinar, em nível teórico e técnico, relacionado a questões pedagógicas, sociológicas, históricas, psicológicas e antropológicas ligados ao tema. Assim, foram analisados conceitos organizadores ou conceitos chave para estruturação da presente investigação, conforme nuvem de palavras a seguir:



FIGURA 1 - NUVEM DE PALAVRAS
 FONTE: CRIAÇÃO DESSA PESQUISADORA.
 FERRAMENTA WORDLE. DISPONÍVEL EM: <http://www.wordle.net/>

A partir dessa nuvem de palavras foi possível montar o seguinte mapeamento conceitual:

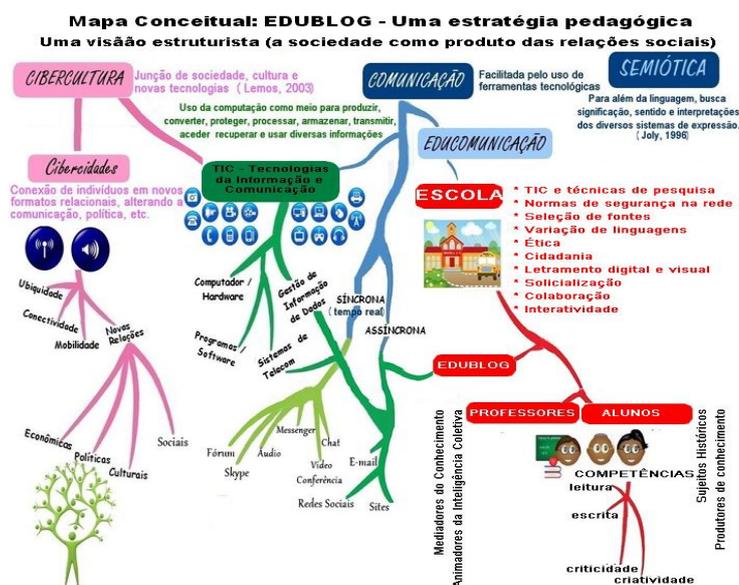


FIGURA 2 - MAPEAMENTO CONCEITUAL
 CRIAÇÃO DESSA PESQUISADORA. ADAPTAÇÃO GOOGLE IMAGENS. FERRAMENTA DISPONÍVEL EM: <http://cmap.ihmc.us>

Na busca de estudos similares à pesquisa aqui proposta, a partir da bibliografia consultada, foram encontradas diversas referências sobre o uso do *edublog* como ferramenta e estratégia pedagógica. Referentemente às abordagens das literaturas analisadas observou-se que a maioria dos estudos transita no campo teórico (tecnologia, cibercultura, *internet*, *blog*). A maioria das pesquisas analisadas aplicam-se ao uso das tecnologias para ao aperfeiçoamento da linguagem. Muitos se inscrevem na área de letras estrangeiras modernas e pouquíssimos referem-se à prática de projetos para o uso do *edublog* com o Ensino Médio. Também são escassas as propostas de interdisciplinaridade e nenhum dos estudos apresentou proposta ou metodologia para a produção discente.

O embasamento teórico dessa pesquisa toma como aporte os seguintes pesquisadores e estudos: Cultura Escolar, nas concepções de Alice R. C. Lopes, Elsie Rockwell e Forquin; comunicação e recepção, a partir de Dominique Wolton, Jesús Martín-Barbero e Rosa Maria Cardoso Dalla Costa; As TIC aplicadas à educação, especialmente, conforme estudos de Juana María Sancho, John Daniel, Antonio Bautista Garcia-Vera e Gláucia S. Brito; Cibercultura a partir das considerações de Pierre Levy e de André Lemos; Os estudos de Semiologia, particularmente sobre leitura de imagens, foram analisados considerando principalmente obras de Lúcia Santaella e Martine Joly. O aporte aos estudos sobre alfabetização e letramento digital foi extraído de Magda Soares, Claudia Lucia Landgraf-Valério e César Coll et José Luis Rodríguez Illera. Para maior compreensão do Ensino Médio no contexto da educação básica foram analisados Zibas, Ribeiro e Pátaro, além de outros. Sobre Gêneros Textuais e Sequência Didática os autores Freitas, Marcuschi, Rojo, Kleiman, Dolz, Noverraz e Schneuwly.

O objeto de estudo proposto nessa dissertação é o *edublog* como ferramenta e estratégia do fazer pedagógico, numa perspectiva discente e interdisciplinar.

O objetivo geral é analisar o *edublog* como estratégia de ensino e aprendizagem, explorando suas potencialidades de uso no contexto da atual cultura escolar, a partir da apresentação de uma Sequência Didática-SD, para professores (as) de Ensino Médio. Especificamente propõe: Sistematizar uma proposta para a montagem de projetos escolares visando a criação e utilização de *edublogs* discentes como estratégia pedagógica, a partir de orientação técnica.

Outro objetivo específico do presente projeto visa apresentar uma sequenciação didática que auxilie a orientação da pesquisa e produção de trabalhos sob perspectiva discente. Busca alternativas para superação de possíveis práticas, de cópia, por parte dos estudantes. Por outro lado, visto que a elaboração de *edublogs* agrega o uso de textos e imagens, esse projeto também objetiva trazer referências acerca da alfabetização e letramento digital, bem como análise crítica e uso de imagens, visando sua postagem no ambiente virtual. E, considerando ainda que o *edublog* funciona como um diário digital, disponibilizado em rede mundial, há de se considerar as implicações das postagens, a partir de breve análise do marco civil da *internet*, recentemente aprovado no Brasil.

A principal hipótese é que a produção de *edublogs* pelo(a) aluno(a), com suporte interdisciplinar, é uma ferramenta e estratégia pedagógica muito eficaz. Uma prática que contribui para incentivar a criticidade, interações e socialização do saber produzido na escola, ampliando as relações interpessoais no ambiente escolar.

O meio educacional como um todo tem sentido os impactos do excesso de informações com as quais os educandos são bombardeados, especialmente a partir da *internet*. Uma geração de nativos digitais (crianças e jovens) de certa forma rivalizam diariamente na arena escolar com professores (as) nem sempre aptos, hábeis ou afeitos às tecnologias no ambiente escolar. Assim, uma educação voltada para a capacitação tanto de alunos(as) quanto de professores(as) certamente fariam do uso das tecnologias e da comunicação processos mais eficazes. A prática de produção de *edublog* pressupõe aquisição de técnicas de pesquisa, seleção de fontes, criticidade, capacitação para a produção autoral, etc. potencializariam a interpretação e exploração de códigos e imagens.

Ora, se a sociedade contemporânea é extremamente imagética e se imagem e texto se complementam, nenhum projeto educacional pode ser completo em sua tarefa de alfabetização se não levar em conta o letramento verbal e iconográfico, incluindo aí a questão das novas imagens ou do virtual.

A alfabetização e letramento visual devem fazer parte do cotidiano e da cultura escolar. Santaella compreende como leitor não apenas aquele capaz de ler livros, mas também aquele que lê imagens. (SANTAELLA, 2012, p. 10).

Trabalhar com *edublogs* é trabalhar a comunicação a partir de elementos, signos, símbolos, linguagens, significantes e significados diferentes. Escrita, imagens, ambiente virtual formam um todo. A prática educacional dessa professora pesquisadora com *edublogs*, possibilitou observar que os jovens têm muita predileção pela captação de imagens para documentar seus textos. Observou-se ainda que orientados qualitativamente, educandos (as) se apropriam de habilidades para uma leitura contextual e crítica, fazendo-se sujeitos históricos, com maior discernimento diante de bombardeios ideológicos, ampliando sua visão de mundo.

Bierwagen compreende que “os alunos que ainda não são leitores competentes possuem muitas dificuldades em realizar esta atividade em inferir, selecionar ou relacionar informações” (BIERWAGEN, 2011, p.15).

Cumprir à escola o papel de possibilitar e aproximar os(as) professores(as) da tecnologia. É um projeto voltado para a utilização eficiente da *internet*, com a fim de capacitar alunos(as) para a produção de *edublogs*, possibilita o compartilhamento da produção científica no âmbito escolar em uma escala mais ampla (rede) ao tempo em que valoriza tanto o fazer pedagógico quanto seus resultados, especialmente no que se refere à aprendizagem ou apreensão do saber por parte dos estudantes.

Observa-se que quando se analisa a questão da tecnologia na escola geralmente o que se destaca é o aparelhamento físico do espaço escolar com computadores. Entretanto, estudos recentes bem demonstram que a tecnologia por si só não é capaz de transformar a educação.

Sancho (2006, p.17) compreende que as tecnologias que se associam a *internet* são mecanismos transformadores, sendo considerados capazes de “MELHORAR O ENSINO, MOTIVAR OS ALUNOS ou CRIAR REDES DE COLABORAÇÃO”. Essa característica de transformação de quem toca nessas ferramentas exerce um fascínio “sobre muitos educadores, que julgam encontrar nelas a nova pedra filosofal que permitirá transformar a escola atual”.

A par dessas considerações, esse estudo, suscita muitas questões que partem do momento em que as escolas se equipam com computadores e percorrem o próprio cotidiano escolar. Para efeitos desse estudo, interessa particularmente as seguintes questões: como contribuir para a construção de um projeto que auxilie professores(as) e alunos(as) na tarefa de potencializar a leitura e a escrita na escola? Como conduzir a produção autoral dos alunos(as) no sentido de melhor

seleção de fontes, variação de linguagens, ética e respeito aos direitos autorais? E quanto a criticidade, autonomia e produção do próprio conhecimento? Uma SD pode enriquecer as práticas pedagógicas com a produção discente de *edublog*?

Fruto da contemporaneidade, a escola não pode ignorar a tecnologia, ao mesmo tempo em que não pode reificá-la. Uma vez incorporada em suas práticas, questiona-se: Em que sentido a escola pode contribuir para o uso de ferramentas tecnológicas e ampliação da rede virtual de informações? Considerando que o ambiente social é altamente imagético, a escola precisa fortalecer o letramento digital e imagético dos estudantes, ampliando sua visão de mundo.

A problematização básica nesse estudo é: em que sentido o *edublog*, como estratégia pedagógica, pode ser uma ferramenta eficaz para o ensino e aprendizagem?

Esse estudo pode ser relevante na medida em que sua análise teórica busca contribuir para a sistematização de um quadro de SD que visa auxiliar professores(as) que se interessem em usar o *edublog* como estratégia pedagógica. Procura ainda contribuir para o pensar e o fazer docente e discente, considerando trabalhos do aluno(a) que desponta como autor (a), disponibilizando em rede o saber produzido em sala de aula, assumindo uma postura de sujeito, numa perspectiva de não passividade frente ao próprio conhecimento.

O critério de seleção para esse estudo é de caráter pessoal. Essa pesquisadora é fruto da escola pública, desde educação básica à pós graduação e compreende esse universo, no qual se insere também como professora. Traz em si um grande desejo de contribuir, aliando sua prática à pesquisa, e principalmente resgatar o papel importante do professor no interior do espaço educacional público. De família humilde e educação formal tardia, concluiu o ensino superior aos 41anos e desenvolve essa pesquisa de mestrado aos 54 anos, com muita luta e persistência. Entende que ao dar voz aos alunos, proporcionando-lhe eco, a partir das redes sociais, contribui para que este não seja apenas consumidor, mas produtor de conhecimentos e cidadão do mundo. Esse mesmo movimento também dá visibilidade ao trabalho pedagógico, geralmente circunscrito ao ambiente fechado da sala de aula. Apesar de seus percalços, a escola pública produz qualidade e publicá-la é dar voz também ao professor (a).

Em termos metodológicos essa pesquisa propõe uma abordagem de caráter qualitativo, a partir de relato de experiência de um projeto desenvolvido por essa pesquisadora, durante quase 4 anos letivos (2009-2012), como professora de História no Colégio Estadual Santa Cândida, em Curitiba, Paraná. No projeto, sob perspectiva interdisciplinar, estudantes do Ensino Médio foram orientados para a produção de *edublogs*. A prática evidenciou uma série de pontos positivos nesse processo.

Bierwagen (2011, p.85) também aponta uma série de vantagens na mesma prática, destacando o papel do(a) professor(a) como mediador na produção do conhecimento. Compreende que o *edublog* contribui para o incentivo da criatividade, pela liberdade de incentivo à autoria e coautoria, ao compartilhamento de informações, desenvolvimento da criticidade e argumentação. A autora também aponta como vantagens a possibilidade de criação de hipertextos, aprendizagem extra classe, habilitação para pesquisa. Também seleção de informações, potencializando o ensino e aprendizagem a partir de interações sociais.

Ao longo do presente estudo (portanto após o desenvolvimento dos projetos acima mencionados) observou-se as duas atividades iniciais utilizaram o *edublog* como ferramenta pedagógica. Apenas na última atividade, com os alunos(as) na situação de sujeitos do conhecimento, o *edublog* foi utilizado como estratégia (e não mera ferramenta). A distinção entre ambas será melhor elaborada no Capítulo IV dessa Dissertação.

Um fator que enriqueceu o(s) projeto(s) foi o envolvimento de professores(as) de outras áreas. Conforme eram discutidas as propostas de temas de pesquisa ou debates, outros educadores / disciplinas foram envolvidos. Sob a coordenação da professora de História, os(as) professores(as) de Língua Portuguesa, Filosofia, Introdução ao Direito e Sociologia também participaram. O processo de adesão dos pares ao projeto será melhor apresentado no Capítulo V.

A proposta inicial foi a organização de trabalhos utilizando diversidade de fontes, linguagens e formas: apresentação de seminários, elaboração (autoral) de slides, vídeos, entrevistas, debates temáticos (tribunal de júri), exposições, feiras culturais e de ciências, comemoração do centenário da escola, visitas técnicas,

participação em concursos, etc. Em seguida, os resultados seriam disponibilizados em ambiente virtual.

No Capítulo V será apresentada a metodologia utilizada no projeto aplicado no CESC e, ao final, os resultados de sua prática, identificados por essa pesquisadora, que nessa dissertação soma sua prática com o embasamento teórico necessário.

A princípio, tomam-se aqui os principais conceitos norteadores do presente estudo. Dentre estes a CULTURA, a ESCOLA e o ENSINO, ligados à linha de pesquisa na qual essa pesquisadora se insere, privilegiando a Inter e multidisciplinaridade, de forma sucinta considerando a proposta de interação docente frente ao projeto desenvolvido. Vale destacar que o conceito de cultura e a análise do cotidiano escolar aqui apresentados seguem as concepções de Alice R. C. Lopes, Elsie Rockwell e Forquin.

Falar de cultura não é só falar de trabalho, mas de sua divisão que engendra desigualdade social e cultural, afirma Lopes (1999, p.72, 77). A autora aborda uma série de elementos acerca da cultura, afirmando que esta não é somente uma “herança”. Afirma ainda que “não há alta ou baixa cultura” e lembra que a cultura dominante atende a interesses e lança mão tanto da cultura erudita, quanto de massa, senso comum, científica ou popular.

Esse termo tem sido conceituado de variadas formas, porém deve ser compreendida como categoria muito mais ampla do que a relação do sujeito com o objeto, homem e natureza por mediação do trabalho. Lopes lança seu olhar para além da “dimensão criativa e libertadora do trabalho, prendendo-se, portanto, a divisão social do trabalho e, portanto, a relação entre os próprios homens a partir do trabalho dividido”. (LOPES, 1999, p. 72).

Historicamente uma oposição entre cultura popular e cultura erudita ora se enlaçam, ora se chocam. Também o conhecimento popular e o conhecimento científico de certa forma disputam espaços no ambiente escolar.

Embora a cultura popular envolva maior número de indivíduos se comparada a cultura de elite, essa primeira sempre foi desvalorizada. Entretanto, afirma Wolton (2006, p.229) com a democratização bem como a alteração nos níveis de vida e educacional surgiram mais dois tipos: a cultura de massa (de grande público) e a

cultura média que “próxima da cultura de grande público foi favorecida pelo progresso das mídias”. Nessa última categoria se inscrevem os “movimentos de afirmação das identidades culturais (mulheres, regionalistas, ecologistas, homossexuais...)”.

Qualquer um dos modelos apresentados requer “critérios de distinção entre os espaços simbólicos e culturais” e, para fins desse estudo interessam a cultura erudita em contraposição à cultura popular, especialmente a partir de suas manifestações (e embates) no cotidiano escolar.

Na obra *De huellas, bardas y veredas: una historia cotidiana de la escuela* (1997), Rockwell propõe a análise do cotidiano escolar, a partir da metodologia QUALITATIVA. Sob olhar etnológico, faz da antropologia e da sociologia um caminho para análise da escola sob ponto de vista mais amplo. Para a autora o cotidiano escolar é parte dos processos de reprodução social e apropriação cultural e cada escola tem ordenação própria (desde a configuração dos edifícios, alianças entre a comunidade escolar, como professores(as) e alunos(as) expressam e interpretam o conhecimento escolar). (ROCKWELL, 1997, p. 47)

No que se refere à estrutura de ensino – currículo – livros – planos – programas – inovações pedagógicas - entram na escola mediados pelos sujeitos que a frequentam e a suas permanências na escola deixam marcas e, uma vez que o processo escolar é um conjunto de relações e práticas, as normas e governo influem, mas não determinam (dinâmica com a realidade cotidiana). Assim, para analisar a cultura escolar há que se contemplar o seu ambiente sem esquecer da macroestrutura que a envolve. (ROCKWELL, 1997, p.14). A autora ainda afirma que é a análise do cotidiano que permite interpretações da realidade escolar, pois essa imprime valores até na arquitetura, iluminação, limpeza, ordem, pátios, as cercas (recentes) limitam a liberdade de entrar/sair e os mestres negociam cotidianamente sua autoridade. De fato, a experiência dessa pesquisadora com a produção de *blogs* estudantes do Ensino Médio mostrou bem essa face. Uma das grandes barreiras do processo foi a dificuldade na liberação permanente do trânsito de alunos(as) no percurso sala-biblioteca, sala-laboratório de informática e você versa. Diante das imitações e barreiras encontradas é importante considerar que a realidade escolar é variável, não sendo possível ignorar questões políticas e técnicas. Por outro lado,

considera a autora, na escola não ocorre apenas processo de produção, visto que nela ocorre muita luta e resistências. (ROCKWELL, 1997, p.56).

Outro ponto muito positivo do trabalho com *edublogs* prende-se a uma das questões apontadas por Lopes, dentre estas a defasagem do conteúdo de manuais didáticos, desatualização de bibliotecas, falta de acesso a periódicos e condições para processamento de informações. A autora compreende que esse estado evidencia o divórcio entre ensino e pesquisa e afirma que, para Foucault o saber é mais amplo que o conhecer, pois envolve amplas formulações (conhecimento cotidiano, leigo, empírico, tradicional) e se constitui mais amplo que a ciência. “Existem diferentes formas de conhecer capazes de constituir diferentes instâncias de saber, frutos de diferentes práticas, que podem ou não adquirir um estatuto de científico”. (LOPES, 1999, p.96). Nesse caso o conhecimento está sempre em construção e por isso não pode se constituir num “conjunto de verdades definitivas”. A autora ainda afirma que “toda ciência é um saber, mas nem todo saber é científico. As ciências são apenas algumas das possíveis formas de se conhecer”.

Observa-se que tanto o senso comum como o científico são conhecimentos utilizados ideologicamente para legitimar um saber. A escola é, portanto, o espaço onde essas contradições devem ser expressas e discutidas.

Ainda de conformidade com Lopes (1999, p.13) a educação não se restringe à escola. Há que se considerar cultura, conhecimento e processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Entretanto, o conhecimento científico/erudito não pode ser transmitido na escola conforme é produzido, daí a importância da transposição didática⁴. E, como o acesso a informação é definidora de inclusão/exclusão a observação na escola deve analisar as interações entre: conhecimento escolar, conhecimento científico e cotidiano escolar.

A comunidade escolar precisa compreender que não há uma só razão (monismo), mas diferentes saberes. Precisa dialogar com saberes populares e socializar o conhecimento científico (desconstruindo sua valorização ideológica) e assim o conhecimento escolar define-se em relação aos demais saberes sociais e questiona o senso comum limitando-o ao seu campo, modificando-o.

⁴ Lopes opta pelo termo “mediação” em lugar de “transposição”.

Uma vez que a escola lida com o social, o modelo das ciências físicas não deve impor às ciências sociais, o que justifica a perspectiva pluralista argumentativa. Ao tempo em que a física clássica perde *status*, as ciências sociais se libertam para a construção de seus pressupostos. Vale lembrar que em Marx a realidade social é histórica e dialética. A realidade não se mostra pelo sensorial (fenomenologia) ou idealismo (pensamento). Entretanto, o marxismo não pode ser a única chave para o debate científico social, uma vez que não é ideal um paradigma dominante e sim a convivência com a pluralidade teórica.

No social o real é polissêmico (fala, difuso, efêmero, mutável, circunstancial, provisório, histórico) e não pode ser controlado, como nas ciências físicas e matemáticas. A escola precisa buscar novas racionalidades, enfatizando a ruptura e o pluralismo (não unidade / continuidade) ou seja, aceitar o pluralismo e administrar os conflitos, uma vez que a história mostra que a unidade gera totalitarismo, autoritarismo e violência, em nome dessa razão reificada a justificar miséria e barbárie. Assim, a lógica das ciências sociais é o discurso e a argumentação, numa perspectiva de ação modificadora. (LOPES, 1999, p.56)

Para essa mesma autora a elite é detentora do poder (e do saber), razão pela qual define também “o que é ou não saber”. E divulga como ignorância o saber popular. Assim, uma tarefa especial da escola é questionar “o mito do discurso sábio e culto” e romper com o autoritarismo dos saberes dominantes.

Os meios de comunicação de massa divulgam o discurso do instituído, validado pelo especialista. O discurso instituído “tem o papel de dissimular, sob a capa da cientificidade a existência real da dominação”. Ou seja, não confundir discurso competente com “discurso do conhecimento”. (LOPES, 1999, p.82)

Qual o papel da escola frente à construção do conhecimento? Cumpre-lhe reforçar “a autonomia da cultura em relação à ideologia e à cultura dominante”, compreendendo que a cultura de massa não é democrática e muito menos sinônimo de cultura popular. A massa é amorfa, mas a democracia designa sujeitos, agentes, autônomos e identitários. Porém, apesar dos pontos negativos, não se deve deixar de usar os meios de comunicação de massa na escola, que enfrenta o desafio de transmitir o conhecimento científico, muito embora em meio ao processo global

cultural que nega pluralidades, formadora de uma sociedade de consumo e de massas e que insiste em homogeneizações. (LOPES, 1999, p.81-84).

Resumidamente, o conhecimento escolar se constrói de certa forma pela interação entre os saberes cotidiano e científico.

Ao produzir conhecimento a escola não constrói uma nova ciência, mas contribui “para o questionamento do senso comum, no sentido de não só modificá-lo em parte, como limitá-lo ao seu tempo de atuação”. Assim é que o projeto de produção de *blogs*, a partir de duas vertentes: o disposto na base curricular e o próprio interesse e conhecimento do aluno (a) sobre o tema, mediante acurada pesquisa em variadas fontes e utilização de gêneros textuais diversos contribui para a valorização e fortalecimento desse conhecimento, numa situação em que o professor (a) atua como mediador (a) desse conhecimento.

Nessa prática, o modelo pedagógico português da Escola da Ponte⁵ serviu como fonte de inspiração. Buscou-se criar uma atividade que valorizasse a cultura dos estudantes, seu repertório de conhecimentos, suas diferenças, liberdade responsável e sua autonomia. Valorizou-se a produção autoral a partir de trabalho colaborativo entre alunos e professores, organizados interdisciplinarmente.

Na medida da análise dos temas correlatos e da estruturação do embasamento teórico, essa dissertação propõe apresentar suas discussões a partir do diálogo entre o *edublog* como ferramenta e estratégia pedagógica e os autores elencados para o presente estudo. De modo geral essa dissertação se estrutura e se apresenta no seguinte formato:

A Introdução traz elementos como a apresentação e trajetória pessoal e profissional dessa pesquisadora, bem como do tema em análise, seu campo conceitual, problemas centrais, outras pesquisas no mesmo campo, seu objeto, objetivos e hipóteses. Apresenta ainda as questões de pesquisa, sua abordagem metodológica (instrumentos e elementos relacionados ao desenvolvimento da

⁵ Modelo de educação básica português, iniciado por José Pacheco e colaboradores da Escola Básica Integrada de Aves/São Tomé de Negrelos (Tirso, Porto, Portugal). Em 1976 a escola trocou o conselho diretivo pela gestão democrática. Escola pública, de 1º a 9º anos, foi influenciada pela pedagogia de Célestin Freinet e integra o MEM- Movimento da Escola Moderna, valorizando a cidadania e o protagonismo juvenil. Considerada uma Escola Alternativa, contrariamente ao modelo de ensino tradicional, os princípios aplicados pela Escola da Ponte passam pelos valores de solidariedade, autonomia e liberdade responsável. Atualmente serve como referência em todo o mundo, depois de muita luta para conquistar espaço nos meios educacionais.

pesquisa), os principais autores e conceitos-chaves bem como as problematizações organizadoras e estruturantes da presente investigação.

Cada um dos capítulos inicia apresentando os principais autores que embasam os conceitos neles trabalhados.

O Capítulo I tratará da metodologia de pesquisa utilizada. O principal embasamento teórico será a Metodologia de Pesquisa Qualitativa, também analisada conceitualmente.

No Capítulo II o conteúdo é um breve histórico do Ensino Médio, no contexto da educação brasileira. Aponta ainda as políticas contemporâneas para essa modalidade de ensino, bem como a luta pelo seu fortalecimento nas últimas décadas.

O Capítulo III aborda a Educomunicação no contexto da cibercultura. Busca compreender a cultura juvenil no contexto da comunicação e na escola contemporânea. Serão abordados também os conceitos de Recepção e Semiótica, além da importância e emergência da escola se aparelhar também para a alfabetização e letramento digital e icônico. Ainda são abordados elementos básicos sobre gêneros textuais, em particular o Diário e o Diário Digital.

O capítulo IV aborda a blogosfera: os principais tipos de *blog* existentes, os conceitos, funções, formatos e ferramentas necessárias para seu uso em situações pedagógicas. Nessa abordagem o *EDUBLOG* aparece como objeto de estudo.

A história do Colégio Estadual Santa Cândida e o projeto dessa pesquisadora naquela instituição são apresentados no Capítulo V.

O Capítulo VI Analisa conceitualmente a Sequência Didática como estratégia de ensino e aprendizagem. Apresenta elementos-chave para a conclusão da presente proposta. Finaliza com uma proposta SD, um dos objetivos desse estudo, para o seguinte projeto: *EDUBLOG* - Produção Autoral de Alunos do Ensino Médio.

Esse estudo se desenvolve em um contexto que aponta para uma nova configuração da aprendizagem e por consequência a emergência da necessidade de desenvolvimento de novas formas de ensinar, momento em que o *edublog* desponta como uma ferramenta e estratégia com potencial pouco explorado pedagogicamente.

CAPÍTULO I

1. METODOLOGIA DE PESQUISA

"Escolheram a escola para pesquisa? Bem feito!" - (risos). "Sejam bem vindos. A pesquisa sobre o humano, embora complexa, pouco valorizada, é rica, mesmo parecendo um pouco fora do controle". (TÂNIA GARCIA, Pesquisa em Cultura 1, UFPR. Turma Mestrado 2013)

As discussões desenvolvidas nesse capítulo estão embasadas em diversos autores, dentre os quais: Maria Malta Campos, Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell, Uwe Flick, Silvio Sánchez Gamboa, C Laville e J. Dionne. Particularmente destacam-se as obras: "Investigação qualitativa: fundamentos e práticas", de Michelle Lessard-Hébert, Gabriel Goyette e Gérald Boutin; "A sociologia dos estabelecimentos escolares. Passado e presente de um campo de pesquisa em reconstrução", de Leila Mafra e "Metodologia das Ciências Humanas", de Paulo Salles de Oliveira.

Esse capítulo objetiva articular a presente dissertação aos conceitos analisados à luz dos teóricos acima mencionados, na busca do caminho teórico metodológico ideal para o seu processo de pesquisa.

Considera-se aqui que pesquisar é mais do que efetuar trabalho empírico, mais que coleta de dados, é trabalho de campo. Trata-se da busca de um todo para a apresentação de resultados, um modelo de pensar a informação, ao tempo em que o objeto de estudo (o saber produzido) se constrói ao longo do processo investigativo. O estudo exploratório e a revisão bibliográfica são instrumentos de ampliação da visão do pesquisador, tanto no sentido técnico quanto etnológico da pesquisa em ciências humanas e particularmente na educação. E, para validar uma pesquisa vários caminhos devem ser percorridos, dentre os quais uma cuidadosa revisão bibliográfica, busca de fontes e disponibilização do saber produzido para o debate.

Chauí (apud OLIVEIRA, 1998, p.17) considera a revisão bibliográfica essencial "para trilhar o caminho já percorrido". Desse modo, reafirma-se aqui que a revisão bibliográfica é essencial para um pesquisador que, a *priori*, não caminha sozinho, mas sim caminha na esteira de seus antecessores, somando com sua

experiência investigativa. É ainda fundamental a flexibilidade no contato e trabalho com variados autores e teorias.

O levantamento de aporte teórico para essa proposta de pesquisa deve levar em conta a seguinte afirmativa de Gamboa (2000, p.88): "as teorias são maneiras diversas de ordenar o real, de articular os diversos aspectos de um processo global e de explicitar uma visão de conjunto". Assim, a análise do cotidiano escolar requer uma visão periférica, atenta a todo um contexto da vida escolar.

Para Oliveira (1998), a metodologia não se resume ao manejo técnico. Na construção de pesquisa em ciências humanas a visão do pesquisador, seu universo, contribui contribuem para a reflexão acerca do objeto em estudo.

Nesse sentido, o pesquisador precisa estudar e refletir acerca das implicações dos fundamentos teóricos metodológicos que emprega e assume como adequados e convincentes. Ou seja, há que se conhecer os jogos de relações e significados nas ações dos sujeitos (dimensão política) e refletir sobre a relação sujeito-objeto do conhecimento, bem como suas implicações.

Oliveira (1998, p. 19-20) compreende que a relação entre o tema e a biografia do autor "atribui vida ao estudo". Complementando, afirma que é necessário "o pesquisador se assumir como artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, despretensioso, zelador do consórcio entre teoria e prática".

No que se refere aos procedimentos metodológicos, dentre as diversas contribuições de Gamboa (2000) foi selecionado o debate sobre o modelo de pesquisa qualitativa e sua aplicabilidade nas ciências sociais, em especial na educação. O autor demonstra uma preocupação para com os novos pesquisadores, em especial no manejo técnico, metodológico, teórico e epistemológico. O debate acirrado sobre a dualidade metodológica das ciências traz contribuições no sentido da compreensão de necessidade de uma "especificidade para as ciências humanas" a partir de uma metodologia que contemple sua subjetividade, afinal "os objetos de estudo são também sujeitos, homens ou grupos sociais, não podendo ser tratados como coisas ou dados distantes e objetivos, da forma como pretende o positivismo". (GAMBOA, 2000, p.92)

O delineamento do estudo exploratório acerca do uso do *edublog* como ferramenta e estratégia pedagógica toma como instrumento as anotações da

pesquisadora, pretendendo lançar mão de dados qualitativos, considerando que as técnicas qualitativas pressupõem que "o sujeito tem que intervir interpretando, procurando seu sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos". (GAMBOA, 2000, p.95).

Chauí conceitua método como "uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado". (Chauí apud OLIVEIRA, 1998, p.17).

Considera-se aqui que o conhecimento científico é composto de reflexividade, metodologia, estrutura, análise, argumentação, objetividade, lida com fatos. Entretanto, dadas às complexidades e relativismos dos sujeitos, pode-se questionar: como se produz conhecimento científico nas ciências humanas?

Na obra *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas* LESSARD-HÉBERT, GOYETTE e BOUTIN (1990) apresentam 4 polos⁶ essenciais para a pesquisa qualitativa. Não se trata de um modelo cronológico (por isso não são 4 fases), mas sim topológico que se apresentam como epistemológico, morfológico, teórico e técnico.

No que se refere a recolha de dados os autores afirmam que "o polo teórico corresponde à instância metodológica em que as hipóteses se organizam e em que os conceitos se definem (...) assume também uma função de análise, por meio de uma interpretação dos dados face às hipóteses formuladas". Quanto ao polo técnico "é a dimensão em que são recolhidas as informações sobre o mundo real e em que essas informações são convertidas em dados pertinentes face à problemática da investigação". (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE e BOUTIN, 1990, p.21-25).

Na medida em que se estabelecem relações entre as variáveis é o próprio objeto que vai indicar se o modelo escolhido serve ou não. A falta de articulação entre esses polos certamente compromete a pesquisa.

Se, por um lado, a análise positivista é mecânica a qualitativa é interpretativa. Ela contextualiza (componentes, espaços, etc.); é dinâmica, convergente, mutável; interrelaciona investigador e objeto. A análise ocorre a partir do ponto de vista prático.

⁶ O modelo proposto por Bruyne, Herman e Schouteete (1977) sugere mais dois polos (ou dimensões). Eles acrescentam as dimensões política e ética.

Dos grandes grupos de técnicas apontados por LESSARD-HÉBERT, GOYETTE e BOUTIN (1990) para utilização nas ciências sociais foram aplicados nessa pesquisa os seguintes:

a) inquérito – A partir de entrevistas informais - no caso específico dessa pesquisa, junto à comunidade escolar;

b) análise documental - que nessa dissertação inclui estudo de leis educacionais, do Marco Civil da *Internet*, etc.

Foram utilizados também os Diários de Registros dessa professora, com anotações elaboradas ao longo do processo de ensino com *edublog* na escola. Nessa fase essa pesquisadora atuava como coordenadora do projeto.

A estratégia de análise documental geralmente é "utilizada para 'triangular os dados' obtidos através de uma ou duas outras técnicas". (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE e BOUTIN, s/d, p.144)

Ao utilizar ao ambiente escolar como campo de pesquisa, Laville e Dione (1999) também contribuem sobremaneira, ao atestar que existem muitas formas de se conhecer e analisar o objeto de estudo. Muito antes de o pensamento racionalista evoluir para o cientificismo o ser humano já se debruçava sobre a necessidade de construção do saber. Assim firmou seus postulados na intuição, senso comum ou tradição. Porém, afirmam Laville e Dione (1999, p.17) "os antigos meios de conhecer, entretanto, não desapareceram e ainda coexistem com o método científico".

Para fazer do cotidiano escolar um fenômeno observável, é essencial analisar como se dá o seu processo de ensino e aprendizagem. No caso dessa proposta, como se dá o ensino e aprendizagem a partir do uso do *edublog* como tecnologia da informação e comunicação.

Ao longo dos tempos históricos diversos tipos de autoridade se encarregaram de transmitir o saber tradicional à coletividade. A escola, na prática, não foge desse modelo. "O principal modo de transmissão do saber, na instituição escolar, assemelha-se, ao mesmo tempo, ao da tradição e ao da autoridade", afirmam Laville e Dione (1999, p.21).

Outra crítica dos autores ao aparelho escolar é que, por exemplo, em relação aos fatos históricos "a escola ensina habitualmente apenas uma única interpretação"

e complementa afirmando que esta "tem por missão ensinar, além disso, o modo de construção do saber, de modo que os estudantes também aprendam os princípios de sua validade e se tornem progressivamente capazes de julgar o saber oferecido e, até, eventualmente, de preferir outro ou de construir, por si mesmos, um saber diferente". É nessa perspectiva, de construção "por si mesmos de um saber diferente", que essa proposta de produção de *edublog* discente caminha, na medida em que compõe e apresenta uma metodologia para a produção autoral dos estudantes.

Professores e alunos(a) autores produzem e disponibilizam os resultados do fazer pedagógico em sala de aula, no ambiente virtual. Nesse processo de ensino e aprendizagem ambos fazem inferências, imprimem ressignificações, socializam seu saber, estabelecendo interações com outros objetos e linguagens.

Ao utilizar como metodologia a prática de entrevista essa pesquisa buscou compreender o cotidiano escolar e sua cultura para o uso das tecnologias, mais particularmente do *edublog* sob perspectiva discente.

De acordo com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1990, p. 163) "a entrevista não diretiva baseia-se no método terapêutico centrado no cliente (...) o investigador deve encorajar a livre expressão do sujeito, através de uma escuta não só atenta (traduzida por sinais verbais e atitudes corporais) mas também ativa". Vale aqui destacar que as entrevistas se materializaram como conversas informais, a partir de investigação junto aos alunos (as) e professores (as) envolvidos (as), na medida do desenvolvimento do projeto de *edublog* na escola ou seja, ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Os resultados foram registrados no Diário dessa pesquisadora.

1.1 PRODUÇÃO DE DADOS

Ao partir para a compilação dos dados, vale lembrar a valiosa contribuição da professora Tânia Garcia (citada em epígrafe), que considera a inadequação do termo "coleta". Quando um pesquisador utiliza os termos "coleta de dados" aponta um sentido de que estes estejam prontos, como frutos de uma árvore, que basta serem "coletados". Ora, afirma ela, os dados não são exteriores, não são pré

existentes, prontos e acabados. “É a intervenção do investigador que os produz na medida de sua relação com o entrevistado”.

Como ciência a educação ainda é jovem e, por conseguinte, toma por empréstimo referenciais de outras disciplinas sociais "modelos metodológicos que, utilizados no âmbito de outras ciências, contribuíram para o progresso do conhecimento". (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE e BOUTIN, 1990, p.10). Assim, das análises textuais realizadas pode-se afirmar, seguramente, que a pesquisa qualitativa é ideal para o pesquisador da vida social, pelas possibilidades de experiências (inserção), entendimento (perguntas) e análise (de processos, cientificidade). E a montagem de bom quadro teórico metodológico é essencial na pesquisa científica. Ainda de conformidade com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1990, p. 142), tanto a observação por parte do observador leigo como por parte do investigado é, portanto, sempre um processo seletivo, assim, a escolha dos instrumentos de pesquisa são a chave para a compilação de resultados. Uma vez que toda a realidade é impossível de ser compreendida, a análise das unidades em estudo merece todo o cuidado.

As atividades dessa professora e pesquisadora em sala de aula reforçaram a ideia de que cada escola é produto de uma permanente construção social, ou seja, a interação de diferentes processos. Por outro lado, as mudanças que ocorrem no nível macro se expressam antes na vida cotidiana. De acordo com Rockwell e Ezpeleta (1989, p. 11) "a construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma versão local e particular neste movimento". Ainda de conformidade com as mesmas autoras (1989, p.25) a heterogeneidade é uma das mais notáveis características da escola. Nela entrelaçam-se convergências, divergências, contradições, "um espaço interseção entre sujeitos individuais que levam seus saberes específicos para a construção da escola". E mais, "a ideia de produção científica é crescer, mesmo que seja algo minúsculo, é contribuição".

Por outro lado, Flick (2004, p.19) observa que nas Ciências Sociais, “apesar de todos os controles metodológicos, a pesquisa e suas descobertas são inevitavelmente influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos”. Assim, há que se observar as dimensões sociopolíticas que

envolvem o cotidiano escolar, influenciadores e influenciados pelas interações e interpelações sociais, alterando hipóteses e interpretações de dados. Fica patente a importância da análise contextual do ambiente escolar ao se propor fazer da escola um campo de pesquisa. Em suma, a análise da educação evidencia uma pesquisa social cujos caminhos não são fáceis, são complexos e cheios de desafios. E seus resultados não se recolhem somente em bibliotecas. As abordagens investigativas devem abarcar as mais diversas percepções.

As ciências da educação são possíveis se os investigadores aceitarem abandonar o conforto das suas bibliotecas, dos seus gabinetes, do seu laboratório *in vitro* e das suas reuniões político administrativas para proceder às suas investigações no próprio terreno da aprendizagem, isto é, no seio das vivências escolares reais, dos laboratórios *in vivo*. (...) Para que as hipóteses de sucesso aumentem, dever-se-ão conjugar todas as abordagens de estudo possíveis: investigações quantitativas, qualitativas e de ação, percepções etnológicas, sociológicas, ecológicas, filosóficas, psicológicas, naturalistas, idiossincráticas, etc.. (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE e BOUTIN, s/d, p. 177)

1.2 O UNIVERSO DA PESQUISA

Esse projeto tem sua gênese a partir da prática pedagógica dessa pesquisadora em uma escola estadual paranaense, durante todo o ano letivo de 2009 até início do ano 2012.

O projeto envolveu 7 professores (as) de Biologia, Sociologia, Língua Portuguesa, Filosofia, Introdução ao Direito, Inglês e História. Envolveu também 370 estudantes, distribuídos em 10 turmas⁷ de Ensino Médio, regular e técnico nos períodos matutino e noturno. Todos com idade entre 15 e 21 anos. O único critério de seleção foi a não inclusão de estudantes do ensino fundamental. A professora optou por trabalhar com todas as turmas do Ensino Médio. Acredita que estes possuem maturidade tanto intelectual quanto pela faixa etária, quando comparados a alunos do ensino fundamental. Esse fator foi considerado importante por tratar-se de um projeto de exposição de suas produções em rede mundial de computadores.

⁷ As turmas envolvidas foram: 1F, 1TA, 1TB, 1TC, 1TD, 2A, 2TA, 2TB, 3E e 3G. Observa-se que o número significa o ano/série do aluno. A letra T simboliza o curso técnico profissionalizante. As letras finais identificam as salas e geralmente coincidem com a quantidade de turmas naquela série.

Quase a totalidade dos estudantes optou por produzir *edublog* em dupla ou trio. Assim foram criados 152 *edublogs*⁸.

Dos 370 alunos envolvidos no projeto, apenas 2 já possuíam um *blog*. Entre os professores (as), somente a de Filosofia utilizava esse gênero textual como meio de comunicação.

O referido projeto surgiu da prática pedagógica dessa pesquisadora junto ao Colégio Estadual Santa Cândida-CESC, na cidade de Curitiba, onde está lotada como professora QPM (Quadro Próprio do Magistério) do Estado do Paraná. Trata-se de uma escola centenária, fundada em 1912, cujo histórico será apresentado no Capítulo V.

1.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Dentre os instrumentos utilizados destacam-se entrevistas informais ao longo do desenvolvimento do projeto, direcionados aos componentes do corpo pedagógico, professores (as) e alunos (as) envolvidos no projeto, buscando identificar:

- a) o perfil institucional;
- b) a prática (ou não) de *blogs*
- c) metodologia de ensino e técnicas de pesquisa utilizadas quando em uso do Laboratório de Informática;
- d) metodologia de pesquisa utilizada em trabalhos escolares e sua relação com as novas tecnologias de informação e comunicação.

Os elementos de pesquisa e a prática apontam para uma Sequência Didática visando a produção de *edublogs* sob perspectiva discente. Nesse projeto o(a) aluno(a) foi considerado como ser histórico, capaz de produzir e sistematizar o próprio conhecimento, a partir da orientação / mediação de pesquisa, leitura e escrita.

Para Soares (2003) ao se efetivar leitura e escrita nas práticas sociais torna-se necessária a utilização de diversas metodologias. Nesse caso, optou-se pelo uso do *edublog* como gênero textual e ferramenta tanto tecnológica quanto estratégica.

⁸ Dos 152 *edublogs* produzidos pelos (as) alunos (as), 141 foram aprovados para postagem, após o processo avaliativo. 5 destes não foram postados, por opção dos alunos (as) envolvidos. Atualmente apenas 71 permanecem em rede.

De acordo com Bierwagen, no ambiente escolar ocorre uma “subutilização dos computadores, das tecnologias e redes que os compõem” e dentre as justificativas encontra-se o “modo como se trabalha as tecnologias com os alunos”. (BIERWAGEN, 2011, p.16).

A par dessas considerações essa pesquisadora optou por apresentar a metodologia utilizada no Colégio Estadual Santa Cândida, aperfeiçoada a partir dos mecanismos de pesquisa propostos na presente dissertação. Assim esse projeto poderá ser adaptado aos recursos disponíveis e necessidades de outros professores (as) ou escolas que optem por adotar o *edublog* como ferramenta e estratégia pedagógica no Ensino Médio.

Como o Ensino Médio tem sido tema de amplos debates no bojo das discussões acerca do fortalecimento do ensino básico. Dessa forma o próximo capítulo contextualiza o Ensino Médio na história da educação brasileira.

CAPÍTULO II

2. BREVE HISTÓRICO DO ENSINO NO BRASIL

“A escola média é um campo estratégico de luta onde as camadas populares têm construído seu direito à educação”. (ZIBAS)

Esse capítulo é embasado teoricamente em Ferretti, Zibas, Ribeiro e Pátaro, além de outros autores. Também utiliza indicadores do Anuário Brasileiro de Educação Básica (2009-2013) e a legislação referente à Educação Básica.

Quando os padres jesuítas foram expulsos do Brasil deixaram as raízes do ensino que, embora não mais atendesse aos interesses políticos locais, era o que existia. Vale lembrar que até esse momento não havia política educacional brasileira. Até compreensível, pois também a própria nacionalidade do povo estava em construção.

Até os anos 30 a educação esteve a encargo do Departamento Nacional de Ensino, atrelado ao Ministério da Justiça. Com a instauração do Estado Novo, após a Revolução de 30 e o golpe 1930-36 a educação passou a ser responsabilidade do Ministério da Educação e da Saúde Pública, a partir de 14 de novembro de 1930.

Zibas (2005) compreende que a política do Brasil nos anos 30 principiou a estruturação do ensino primário público, com amplo apoio social. Entretanto, o acesso ao Ensino Médio, propositadamente, ficou circunscrito a poucos privilegiados.

Muitos expoentes da sociedade, da burocracia estatal e da cultura não se pejavam em defender a necessidade da preservação da característica elitista do ensino secundário. Segundo Almeida Jr. (apud Sposito, 1984, p. 43), “dominou, na administração escolar e nos meios pedagógicos primários, o princípio segundo o qual a educação secundária, que é um luxo aristocrático, deve ser abandonada pelo Estado à iniciativa particular”. A desmontura de posicionamentos desse tipo tinha, sem dúvida, como substrato cultural, o modelo do “liceu” francês, destinado às elites condutoras, e centrado nas humanidades e na transmissão da cultura greco-romana. (ZIBAS, 2005, p. 1067-1086)

Entre os anos 1937-1946 o Estado Novo criou as Leis Orgânicas do Ensino, originando o SENAC-Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, a primeira das diversas instituições de ensino que hoje são denominadas como Sistema “S”. Em 1961, porém após a queda do Estado Novo, sob a égide da Constituição de 1946, foi promulgada a Lei 4024-61 versando sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Durante o período militar, a Lei 5692-71 passou a regimentar as diretrizes

e bases para o ensino de 1º e 2º graus.

2.1 POLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS PARA O ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

Em 1996, após a transição ditadura-democracia, portanto durante o processo de reabertura política, foram estabelecidos novos critérios para a educação básica, a partir da Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Compreendia-se como educação básica o ensino infantil, fundamental e médio (etapa final).

O ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio, a partir de 1998 passou a ser utilizado como instrumento de avaliação da qualidade dessa modalidade de ensino, além de servir como base para acesso ao ensino superior.

Pela Lei 11274/2006 o ensino fundamental de 8 anos estendeu-se para 9 anos, tornando ainda obrigatória a matrícula de crianças a partir de 6 anos de idade.

Uma luta travada por educadores das áreas humanas, que perderam espaço desde o período militar, teve sucesso a partir da Lei 11684/2008 que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia no Ensino Médio.

Em 2010 um novo sistema criado pelo Ministério da Educação, o SISU – Sistema de Seleção Unificada, passou a gerenciar a unificação seletiva para aproveitamento de notas a partir dos resultados do ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio, ampliando a universalização de acesso ao ensino superior.

A seguir, dados estatísticos fornecidos pelo Anuário Brasileiro de Educação Básica (2012):

- 3,8 milhões de crianças/adolescentes de 4-17 anos estão fora da escola
- O país possui um total de 14,1 milhões de analfabetos
- 477 mil estão matriculados no Ensino Médio
- 1/3 de alunos(as) que deveriam estar no Ensino Médio ainda estão cursando o ensino fundamental
- Dos 3,3 milhões ingressos no Ensino Médio em 2008, apenas 1,8 milhões concluíram, em 2010
- São gastos em média 202 milhões por ano com repetências
- O ENEM 2013 bateu recorde com 7,17 milhões de inscrições

Indicadores do mesmo Anuário evidenciam que em 2009, no Paraná, 76,6% de jovens de 16 anos concluíram o Ensino Fundamental,. Entretanto, apenas 62,4 de jovens de 19 anos concluíram o Ensino Médio. Complementando os dados numéricos acerca da educação básica nesse Estado, a seguir são apresentados em tabela e gráficos.

TABELA 1 – 2009: RAIOS-X DA EDUCAÇÃO NO PARANÁ

RAIO X DA EDUCAÇÃO NO PARANÁ		Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)	
População	10.444.526	EF anos iniciais:	5,4
População em idade escolar	2.392.805	EF anos finais:	4,3
PIB (R\$ mil)	R\$ 179.270.215,00	Ensino Médio:	4,2
Renda média	R\$ 851,69	Docentes com curso superior	
Taxa de analfabetismo (pessoas com 15 anos ou mais)	6,3%	Creche:	44,5%
Escolaridade média em anos de estudo (pessoas de 25 anos ou mais)	7,5	Pré-escola:	65%
Atendimento (crianças e jovens de 4 a 17 anos que estão na escola)	90,5%	EF anos iniciais:	80,3%
Matrículas da Educação Básica	2.687.406	EF anos finais:	95,3%
Atraso escolar em crianças de 10 a 14 anos (com mais de dois anos de atraso escolar)	6,4%	Ensino Médio:	96,9%

Fonte: IBGE/MEC/Inep. PIB (2008); Escolaridade média, atraso escolar e Ideb (2009), demais dados (2010).
Nota: A renda média expressa o rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais.

FONTE: ANUÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (2012, p.94-95)

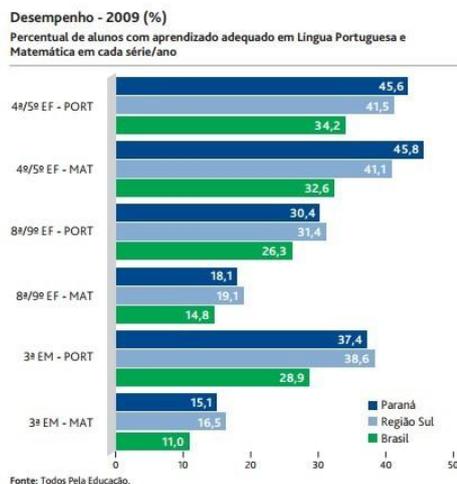
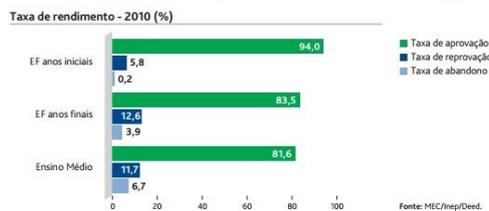
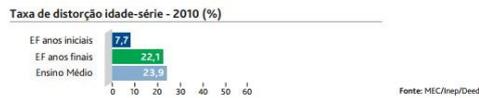
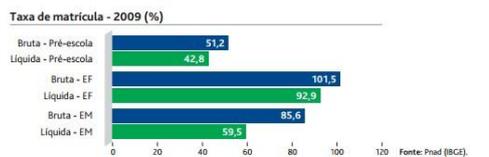


GRÁFICO 1 – 2009: Taxa de Matrícula, Distorção, Rendimento e Desempenho
FONTE: ANUÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (2012, p.94-95)

2.2 PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO

Nas últimas décadas o debate acerca do Ensino Médio tem suscitado questões fundamentais para a educação de forma mais ampla.

A universalização da educação básica no Brasil é garantida constitucionalmente, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e das emendas⁹ 14 e 59 da Constituição Brasileira de 1988.

No que se refere ao Ensino Médio, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica garante que este não deve limitar-se à formação profissional. Para tanto devem ser ofertadas à juventude mecanismos para construção de sua cidadania, capacitando-o para a produção de conhecimentos, autonomia e novas perspectivas culturais. Entretanto, a despeito da legislação, a educação básica brasileira enfrenta diversos desafios.

Muitos desses desafios foram apresentados por RIBEIRO e PÁTARO (*on-line*, 2015) em entrevista com Domingos Leite Lima Filho, doutor em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do CNPq e professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Essa entrevista data de 14 de maio de 2014 por ocasião da palestra intitulada “Políticas para o Ensino Médio: projetos em disputa no contexto atual”, organizada pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da UNESPAR/Campus de Campo Mourão.

Os autores enfatizam o Ensino Médio no contexto da educação básica. Abordam elementos importantes do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, regulamentado pela Portaria Ministerial nº 1.140, de 22 de novembro de 2013. A partir de 2014 o estado do Paraná passou a parte integrante desse Pacto.

⁹ **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.** Disponíveis em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica>. Acesso em 8/mar/2015.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Parecer CNE/CEB nº 5/2011, aprovado em 5 de maio de 2011 – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16368&Itemid=866>. Acesso em 8/mar/2015.

Emendas Constitucionais 14 e 59: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) e II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 2/abr./2015.

Diversas instituições educacionais encampam a questão em âmbito nacional, dentre essas a UFRJ, UNICAMP, etc. No Paraná a UFPR, a Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR e outras. Tais instituições não apenas fortalecem os debates, mas atuam efetivamente na formação de professores e professoras das redes de Ensino Médio no Estado.

Para que as ações sejam efetivas no processo de fortalecimento do Ensino Médio torna-se fundamental identificar suas fragilidades e, conseqüentemente, compreender o que deve ser fortalecido.

Da entrevista com Lima Filho apurou-se que, dentre os principais entraves encontram-se a falta de investimentos e da ampliação das taxas líquida e bruta de escolarização¹⁰, além da necessidade de redução da evasão¹¹. Na fase final da educação básica há agravantes específicos. Indicadores apontam que pouco mais de 50% da juventude de idade entre 15 e 17 anos conclui o Ensino Médio. Portanto a necessidade de ampliação do seu alcance é primordial.

Esse quadro se agrava quando se compreende que, mesmo insuficientes, esses índices referem-se majoritariamente aos jovens do meio urbano (86%, sendo 35% no período noturno). No universo rural a situação é ainda mais crítica.

Analisando os dados estatísticos apresentados no Anuário Brasileiro de Educação Básica (edições 2012, 2013 e 2014) essa pesquisadora observou que, além das dificuldades da juventude do campo, outros jovens com faixa etária de frequência ao Ensino Médio estão praticamente alijados do acesso à educação básica. Assim se enquadram as populações indígenas, quilombolas, que juntamente com os estudantes rurais estão distantes dos grandes polos educacionais. Também inspira preocupações os adolescentes com necessidades especiais¹², especialmente por limites de acessibilidade, transporte, capacitação de professores, etc.

¹⁰ “A taxa líquida de escolarização pode ser definida como a população em determinada faixa etária que se encontra matriculada no nível de ensino adequado à sua idade. No Brasil, segundo dados do IBGE, a taxa líquida de escolarização no Ensino Médio (15 a 17 anos) era de 50,9%, no ano de 2009. Para se ter uma ideia das fragilidades do Ensino Médio brasileiro, a mesma taxa relativa ao Ensino Fundamental (7 a 14 anos) vem evoluindo positivamente, desde 1998 com 96,5%, alcançando quase 100% das crianças de 7 a 14 anos escolarizadas. Já a taxa bruta de escolarização identifica se a oferta de matrícula é suficiente para atender a demanda na faixa etária. O Ensino Médio brasileiro apresentou uma taxa bruta de escolarização de 76,6%, ou seja, atualmente o Ensino Médio brasileiro não possui vagas para atender a 100% da população jovem brasileira, como já acontece com o Ensino Fundamental (Fonte: MEC/INEP/Censo Escolar 2001. Edudata Brasil; IBGE, Censo Demográfico; Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1999/2009)”. (RIBEIRO e PÁTARO, *on-line*, 2015)

¹¹ “Embora a taxa de abandono no Ensino Médio tenha passado de 14,7% em 2003 para 11,5% em 2009, essa etapa da educação básica ainda apresenta um alto índice de evasão (Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1999/2009)”. (RIBEIRO e PÁTARO, *on-line*, 2015)

¹² Nessa categoria: os transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotação (TPE. Ed. Moderna)

A seguir são expostos quadros demonstrativos das taxas líquidas de matrícula e porcentagem de jovens de 19 anos que concluíram o Ensino Médio, entre os anos 2001-2012.

TABELA 2 - ENSINO MÉDIO - TAXAS LÍQUIDA DE MATRÍCULA (2001-2012)

TABELA 3 - PORCENTAGEM DE JOVENS DE 19 ANOS QUE CONCLUÍRAM O ENSINO MÉDIO

Ensino Médio
Taxa líquida de matrícula – 2001-2012
Por unidades da federação e regiões metropolitanas

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
BRASIL	23,5	25,6	28	31,4	34,5	38,4	41,0	44,4	45,3	46,6	48,0	48,8	51,2	51,6	52,0	54,4		
Região Norte	18,2	17,4	19,6	23	26,9	28,3	31,0	34,5	29,0	31,8	35,6	37,8	40,4	40,2	42,6	43,9		
Roraima	22,6	28,8	26,3	34,6	34,4	35,6	36,7	39,1	36,2	35,4	38,5	41,5	41,9	47,8	45,2	47,3		
Acre	20,7	19,0	24,2	23,9	29,5	29,3	30,6	43,7	29,0	36,3	44,2	41,7	43,7	48,5	41,7	46,6		
Amazonas	17,7	19,0	20,5	23,1	27,4	31,4	35,7	36,7	30,9	35,0	38,5	36,2	40,3	41,2	41,2	44,8		
Roraima	32,3	33,3	27	28,3	45,2	36,3	39,8	46,0	39,8	39,8	47,7	51,1	54,1	52,9	55,3	56,6		
Pará	17,0	13,8	18,7	19,3	23,5	24,1	25,2	29,4	23,6	25,8	28,6	34,1	35,6	32,5	39,3	39,9		
Amapá	25,3	15,5	20,4	34	33,7	27,9	41,8	39,1	41,4	49,3	49,0	50,6	56,3	51,6	49,6	48,7		
Tocantins	13,3	14,8	13,2	20,2	24,1	29,8	31,9	36,5	36,5	38,7	46,1	46,0	51,3	56,8	52,9	49,7		
Região Nordeste	12,4	13,7	14,4	16,3	18,2	22,1	23,9	27,2	29,0	32,0	34,7	36,2	37,7	40,4	44,2	46,0		
Maranhão	12,4	13,1	13,3	15,2	15,5	18,3	19,4	22,7	27,6	31,3	34,5	36,2	35,7	41,4	44,8	45,5		
Piauí	10,5	11,9	12,1	10,4	15,0	22,7	16,1	26,8	24,3	27,8	33,8	33,6	36,8	36,5	41,6	45,4		
Ceará	13,2	15,1	14,8	21,1	21,0	26,4	30,3	31,3	35,4	40,5	44,5	44,1	47,1	50,6	53,8	55,3		
Rio Grande do Norte	17,2	21,3	19,7	17,5	21,6	30,9	30,9	34,7	35,8	39,3	35,3	39,9	35,9	42,0	47,7	45,0		
Paraíba	14,0	14,6	17,1	18,1	20,7	19,7	19,7	23,1	25,0	24,6	30,4	32,9	37,9	37,8	43,6	44,2		
Pernambuco	14,3	15,8	16,8	17,5	19,5	23,5	25,4	28,3	27,9	31,7	33,9	35,2	33,5	38,8	43,5	45,5		
Alagoas	13,6	10,5	12,9	10,8	14,9	14,5	19,0	18,1	21,8	22,9	27,9	26,0	33,0	34,3	33,9	39,7		
Sergipe	9,4	11,1	11,9	17,5	17,6	21,5	24,8	30,6	30,1	27,7	30,1	34,7	37,0	38,5	43,1	43,1		
Bahia	10,4	11,9	12,8	15,1	17,5	21,1	24,1	27,3	28,5	31,7	33,0	35,3	37,2	37,6	40,8	43,3		
Região Sudeste	30,7	33,7	36,6	41,5	44,7	49,8	53,8	57,1	59,2	59,0	59,3	60,0	62,7	61,8	59,4	62,8		
Minas Gerais	21,1	23,0	24,5	32,6	36,3	40,3	45,4	49,7	51,6	53,4	52,6	53,0	57,6	55,4	55,6	60,3		
Espírito Santo	26,3	27,7	30,7	36,1	37,8	42,1	46,7	47,6	51,8	44,7	50,8	43,6	51,3	53,3	53,3	56,7		
Rio de Janeiro	28,6	30,2	32,4	34,9	38,7	44,0	45,3	48,2	48,1	51,1	55,0	54,2	51,4	50,5	52,7			
São Paulo	36,9	41,4	42,6	48,3	51,3	57,2	62,2	64,6	67,4	66,9	66,8	67,1	69,6	68,9	65,6	69,0		
Região Sul	30,4	33,4	36,5	39,8	45,3	48,0	50,1	51,8	53,2	53,3	53,9	52,9	55,4	56,6	53,9	55,2		
Paraná	27,4	30,2	33,0	39,0	48,2	47,7	49,6	52,3	51,9	51,3	55,8	56,4	58,2	57,2	58,8			
Santa Catarina	29,6	36,1	36,7	41,5	43,1	52,5	55,1	55,9	57,5	63,0	61,2	52,6	58,4	59,1	52,3	56,2		
Rio Grande do Sul	34,1	35,0	40,2	39,6	43,7	45,7	47,6	48,9	52,1	49,4	51,9	49,8	52,6	53,5	51,5	51,2		
Região Centro-Oeste	22,6	24,7	29,2	30,4	33,5	38,3	41,0	44,7	46,1	46,6	48,4	50,4	52,0	54,7	56,7	58,9		
Mato Grosso do Sul	23,7	28,3	29,9	30,5	34,2	34,0	38,2	43,8	41,5	42,6	43,7	39,5	46,8	46,7	47,7	43,9		
Mato Grosso	19,0	23,3	24,7	24,9	29,1	40,1	38,5	37,8	44,4	45,7	47,0	48,4	50,4	54,0	59,6	60,5		
Goiás	20,4	19,4	25,8	29,0	31,4	36,5	40,9	44,0	47,0	46,1	48,4	53,9	52,7	54,8	56,2	61,0		
Distrito Federal	31,4	35,9	40,5	39,6	43,3	45,2	48,5	56,0	50,4	53,4	54,7	55,7	55,8	63,3	63,0	67,2		
Regiões Metropolitanas																		
Bélem	27,1	24,1	29,6	23,8	30,9	31,0	32,2	34,0	34,7	38,0	39,3	44,2	49,8	42,7	50,1	50,2		
Fortaleza	23,1	24,6	25,5	30,3	32,6	36,3	40,6	39,6	46,2	48,2	50,0	48,6	51,8	52,3	55,6	55,9		
Recife	20,7	24,1	23,1	24,8	28,8	33,6	37,9	38,0	41,0	42,9	45,7	46,1	45,1	48,8	53,3	53,0		
Salvador	19,3	23,5	25,2	30,1	32,1	35,6	36,3	40,7	40,0	40,9	43,0	45,7	45,5	41,8	47,2	44,9		
Belo Horizonte	24,7	25,0	28,8	35,1	39,0	51,0	54,8	57,4	59,8	60,9	59,1	57,9	63,5	61,3	59,0	64,0		
Rio de Janeiro	31,5	32,2	35,5	36,6	40,0	46,3	46,8	50,7	50,4	50,2	53,2	55,8	58,2	52,1	52,5	55,1		
São Paulo	39,6	43,4	44,2	48,8	51,3	60,1	62,3	63,9	68,1	67,1	67,8	70,1	71,2	69,0	64,7	69,8		
Curitiba	34,6	33,0	33,2	42,3	47,3	42,8	48,1	55,6	53,4	53,5	51,4	52,1	62,1	58,3	52,6	55,2		
Porto Alegre	35,0	37,0	38,8	39,5	42,6	48,5	48,7	50,4	50,1	49,5	51,0	50,7	53,3	52,8	51,5	50,9		

Fonte: IBCE/Prad - Elaboração: Todos Pela Educação.
Notas: A partir do presente edição do anuário, a série inclui as matrículas em Educação de Jovens e Adultos, objeto de outra meta do PNE. As estimativas levam em consideração a idade em anos completos em 30 de junho, ou idade escolar.

Ensino Médio
Porcentagem de jovens de 19 anos que concluíram o Ensino Médio
Por unidades da federação e regiões metropolitanas

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
BRASIL	32,0	34,5	36,3	37,9	39,6	43,8	44,6	47,1	50,2	51,1	51,8	
Região Norte	16,9	22,8	23,6	22,1	25,2	28,2	31,3	35,5	35,5	35,1	38,6	
Roraima	22,6	26,6	32,4	31,7	35,1	39,9	34,7	49,9	45,9	46,4	44,4	
Acre	30,4	28,8	33,4	20,9	29,7	35,9	28,5	29,0	34,1	37,1	45,0	
Amazonas	23,2	25,5	20,1	29,9	29,1	32,8	37,7	35,9	34,6	33,0	35,4	
Roraima	17,1	36,1	39,5	30,8	41,4	45,9	54,7	45,3	55,4	60,0	65,5	
Pará	11,6	18,2	21,5	15,4	18,5	19,1	22,7	29,2	30,0	29,6	35,3	
Amapá	13,1	25,0	35,7	26,6	31,9	47,4	49,2	53,7	38,2	52,4	38,8	
Tocantins	18,1	29,2	17,4	30,4	28,1	35,4	43,0	44,8	49,5	44,8	46,5	
Região Nordeste	17,0	17,2	18,8	21,4	23,2	26,9	28,7	30,8	37,1	41,4	41,9	
Maranhão	11,7	24,2	18,2	23,0	23,3	19,8	25,6	29,7	34,9	35,0	38,2	
Piauí	17,6	12,6	18,0	14,0	20,0	22,4	21,8	28,8	34,3	33,9	35,3	
Ceará	21,0	21,2	22,3	28,9	29,0	30,5	35,4	41,1	41,1	55,8	52,2	
Rio Grande do Norte	15,7	22,4	18,8	25,0	34,4	44,2	35,9	38,3	35,2	57,6	42,3	
Paraíba	16,4	15,5	18,3	10,7	19,9	25,0	29,9	26,5	30,6	36,8	47,1	
Pernambuco	21,5	16,0	22,8	24,3	25,9	28,9	30,7	30,9	40,7	41,5	44,8	
Alagoas	14,7	4,9	12,5	13,0	15,2	20,8	13,2	18,1	37,3	33,7	35,8	
Sergipe	19,8	14,6	23,5	17,6	23,1	32,5	20,5	35,9	32,4	37,0	41,4	
Bahia	15,2	14,7	17,3	20,8	19,5	24,3	29,1	25,9	36,9	36,4	37,1	
Região Sudeste	43,9	46,2	48,4	50,3	52,2	56,6	56,9	58,9	59,8	59,1	60,9	
Minas Gerais	37,7	37,9	37,6	38,4	44,9	45,7	45,0	47,1	48,4	49,0	52,5	
Espírito Santo	36,3	38,2	41,9	50,3	44,8	43,1	49,1	45,7	52,1	55,6	61,6	
Rio de Janeiro	36,7	39,0	40,9	44,4	45,1	51,7	46,6	52,5	54,1	50,3	52,0	
São Paulo	50,0	53,4	56,9	58,2	59,0	65,7	66,7	68,3	68,3	67,6	68,7	
Região Sul	38,8	42,7	44,8	50,8	50,6	55,6	51,2	54,8	60,5	55,8	56,4	
Paraná	39,7	45,8	47,1	56,0	53,1	59,3	59,9	59,9	62,3	54,3	59,3	
Santa Catarina	45,5	45,5	51,3	51,0	60,7	53,0	56,5	59,0	69,1	69,8	62,3	
Rio Grande do Sul	34,0	38,1	38,0	45,4	41,3	53,7						

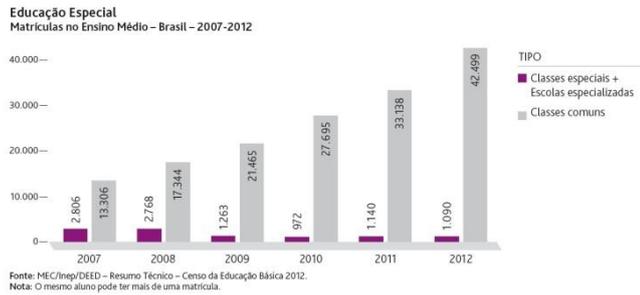


GRÁFICO 2 – 2007-2012: MATRÍCULAS EDUCAÇÃO ESPECIAL
FONTE: ANUÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (2014, P.36 E 43)

RIBEIRO e PÁTARO (*on-line*, 2015) afirmam que para Lima Filho a permanência da juventude na escola requer uma educação de qualidade. A escola tem que ser atrativa para professores (as) e alunos (as) e esses fatores exigem mudanças radicais e duradouras. O cerne dos debates é que tipo de Ensino Médio se quer construir. Portanto, não se trata apenas de investimentos quantitativos, mas qualitativos. Nesse sentido a universidade, como instituição pública, deve participar dos debates e luta pela cidadania e democratização do ensino. Na medida em que investiu em universalização do ensino houve perda na qualidade da educação ofertada.

Não se pode esquecer que trata-se de questão estrutural mais ampla, uma vez que a oferta de direitos básicos como saúde, transporte, etc. também influem nos resultados educacionais. Os direitos fundamentais foram relegados a segundo plano. A democratização e universalização do Ensino Médio passa por aspectos culturais, sociais e políticos. O entrevistado compreende que “o grande desafio, atualmente, é qualificar a quantidade”.

Nessa qualificação, cabe o debate acerca da superlotação das salas de aula. No Simpósio Estado e Políticas Educacionais, da UFU-Universidade Federal de Uberlândia, Queiroz *et al* (2009, p.13) apresentaram o seguinte gráfico, parte de sua pesquisa intitulada *Evolução do Ensino Médio no Brasil*:

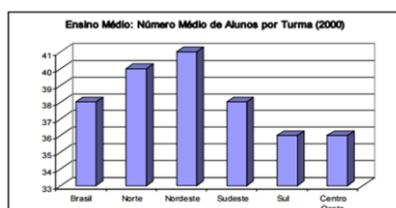


GRÁFICO 3 – ENSINO MÉDIO: ALUNOS POR TURMA (2000)
FONTE: QUEIROZ *ET ALL*, 2009, p.13, a partir do MEC/Inep/Sec

Em suas considerações os pesquisadores afirmam que dos 19 alunos (as) ideais por cargo docente, a média nacional é de 38 estudantes por sala de aula no Ensino Médio. Observam que no Nordeste a realidade é de 43 alunos(as) na rede estadual. Obviamente que a quantidade exorbitante de estudantes em sala de aula inviabilizam atividades pedagógicas qualitativas.

A luta do pacto nacional pelo Ensino Médio exige políticas públicas que contemplem todas os elementos que obstaculizam o ensino e aprendizagem. Essas políticas não podem ser de cunho meramente político ou imediatistas, mas devem estar comprometidas com o futuro.

Por outro lado, a juventude deve ser envolvida nos debates de temas que sejam de seu interesse. Uma boa prática dessa vertente cidadã deve ser feita no ambiente escolar, a partir da abertura de espaços para que a juventude se manifeste na busca de soluções para os seus problemas cotidianos e reais. Dentre as possibilidades do exercício de cidadania na escola estão as agremiações estudantis, as eleições para diretoria da escola, etc. Lima Filho afirma que

Certas intervenções da comunidade na escola (amigos da escola, pintura, campanhas para biblioteca, etc.) devem ser tomadas como apenas uma aproximação à gestão democrática e não pode ser tomada como a principal contribuição. A contribuição principal é levar a comunidade e as famílias para estarem dentro da escola, com suas vozes, debatendo, discutindo e dizendo o que querem. Isso é participação das famílias em uma gestão democrática. (trecho de entrevista com Domingos Leite Lima Filho. RIBEIRO e PÁTARO, *on-line*, 2015).

A escola que inclui os jovens nos processos decisórios e no enfrentamento de suas mazelas não apenas fortalece a cidadania, mas também democratiza o espaço escolar. Ao dar voz para esse sujeito a escola o reconhece como portador de identidade. A pedagogia do diálogo faz bem não apenas para a escola, mas para todo o mundo social.

O perfil atual do jovem mudou. Geralmente não precisa mais ser tutelado. Está no mercado de trabalho, desenvolve diuturnamente sua autonomia. Pensante e questionadora a juventude divide com os adultos as preocupações do dia a dia. Sofre com as indefinições e lutam por conquistar seu lugar espaço.

O entrevistado compreende ainda que, dadas as diversidades, a juventude deve ser compreendida em seu plural. A escola recebe juventudes, carregadas de heterogeneidade. Vêm de classes sociais distintas. Do meio urbano ou rural, sua

orientação sexual e diversidade étnico-cultural são plurais. Além do reconhecimento de suas pluralidades, a escola deve reconhecer o adolescente como sujeito de direitos, ativos, “protagonistas¹³ na construção dessa escola”.

Lima Filho faz críticas a prática de reformas, medidas e programas educacionais vinculados “ao tempo de um determinado governo – que nem sempre coincide com o tempo pedagógico necessário para o desenvolvimento conceitual e para a realização prática das questões a serem trabalhadas”.(RIBEIRO e PÁTARO, *on-line*, 2015).

Essas e outras questões relevantes acerca do Ensino Médio (dentre essas o currículo) tem sido alvo de estudos e debates nos mais diversos espaços de luta pela educação de qualidade.

Uma parceria entre UNICAMP e UFPR oportunizou em 2014 um ciclo de debates intitulado "Base nacional comum do currículo: que jogo é este?"¹⁴. As duas instituições são representadas no referido projeto por Clarice Traversini, diretora de Currículo e Educação Integral do Ministério da Educação, Carlos Artexes Simões, professor do CEFET/RJ, e Monica Ribeiro da Silva, do Observatório de Ensino Médio da UFPR.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e o Plano Nacional de Educação (2014) determinam o estabelecimento da BNC - Base Nacional Comum Curricular (BNC). Por seu intermédio o governo federal estabelece embasamento para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Essa determinação mobilizou pesquisadores da educação e o grande objetivo dos promotores do evento na Unicamp foi discutir as propostas construtivas para a educação básica, com especial atenção sobre o Ensino Médio.

Acredita-se que o documento final, previsto para o ano de 2016 traga impactos sobre o planejamento das instituições de ensino, significando alterações para a formação docente, currículo, sistema avaliativo e dos materiais didáticos.

¹³ “O termo protagonismo não é encontrado nos dicionários da língua portuguesa, os quais apenas fazem referência ao termo protagonista e ao verbo protagonizar. Trata-se, portanto, de um neologismo, bastante difundido em outras áreas e de uso relativamente recente na área educacional. De origem grega, o termo protagonista resulta da conjunção entre *proto* (o primeiro, o principal) e *agon* (luta). *Agoniste* significa lutador. O termo designa, portanto, o lutador principal. Utilizada principalmente no campo teatral, passou a designar o/a (s) ator (es) / atriz (es) principal (ais) de uma peça ou o(s) personagem (ens) central (ais) de uma produção literária.” (FERRETTI, ARAÚJO e LIMA FILHO, 2013, p. 26)

¹⁴ São responsáveis pela organização do evento a Linha de Pesquisa Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, o Grupo Interinstitucional Ensino Médio em Pesquisa e o Observatório do Ensino Médio da Universidade Federal do Paraná.

Assim se expressou uma das organizadoras do evento, a professora Dirce Zan, coordenadora do curso de Pedagogia da FE-Unicamp: “Num contexto marcado por tensões e interesses diversos, torna-se fundamental o debate público sobre o tema. Essa será uma importante oportunidade para pesquisadores e profissionais que estejam interessados e envolvidos com esse nível de ensino” (Ciclo de debates "Base nacional comum do currículo: que jogo é este?", *on-line*, 2015).

Esse chamamento ecoa a voz de inúmeros pesquisadores da área de educação. No debate acerca dos desdobramento das políticas educacionais dos anos 90, Zibas (2005) observa que historicamente os conflitos em torno da educação básica se concentram no Ensino Médio, a partir de resistência dos setores conservadores em democratizar essa modalidade de ensino.

Se o nosso sistema de ensino primário, tendo como ideal a escola republicana francesa do final do século XIX, conseguiu, ao longo de sua história, algum consenso quanto às suas finalidades e conteúdos, objetivando instituir uma racionalidade moderna e um sentimento de unidade nacional, foi a ampliação do acesso ao ensino secundário que concentrou a resistência dos setores conservadores, colocando a nu uma área de profundos conflitos, cujos desdobramentos ficam evidentes ao longo da história do ensino médio, estando hoje muito presentes na crueza do embate político-ideológico que permeia a recente reforma. (ZIBAS, 2005, p.1068)

Os sujeitos envolvidos com a educação básica não estão presentes apenas nos ministérios ou na escola, mas em todo o meio social. As mazelas e o debate acerca do Ensino Médio não se encerram aqui, visto que esse capítulo abordou brevemente alguns de seus componentes e que esse é um tema de interesse político e social de alcance muito maior.

Diante de tantas dificuldades, a contribuição desse estudo parece um grão de areia no mar. Entretanto, essa pesquisadora espera que esse grão, junto a tantos outros, possa contribuir para o fortalecimento do Ensino Médio.

Por sua vertente comunicacional esse estudo recorre a conhecimentos mais amplos sobre a comunicação e sua importância no ambiente escolar, abordados no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

3. A COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA NO AMBIENTE ESCOLAR

A língua oral e a escrita manifestam-se como um fenômeno intrinsecamente social, e não apenas cognitivo ou linguístico (BOURDIEU, 1977, apud COLL et ILLERA, s/d, p.291)

Para análise da comunicação foram privilegiados os estudos de Dominique Wolton, Jesús Martín-Barbero¹⁵ e Rosa Maria Cardoso Dalla Costa¹⁶. Sobre o tema alfabetização e letramento digital os principais aportes teóricos são de Soares e Landgraf-Valério. Também nesse capítulo são apresentados estudos acerca de Semiologia. Particularmente no que se refere à leitura de imagens, as pesquisas de Lúcia Santaella, Alberto Manguel e da obra “Introdução à análise da imagem”, de Martine Joly¹⁷ foram essenciais. Marcuschi, Rojo, Amaral e outros sustentam as análises sobre gêneros textuais, leitura e escrita.

3.1 A CULTURA JUVENIL E A COMUNICAÇÃO NA ATUALIDADE

Para adaptar o objeto de estudo dessa dissertação torna-se necessário compreender o que é e como se dá a comunicação na atualidade, Além de identificar quem é esse jovem educando da escola pública.

Wolton compreende a comunicação como uma articulação entre Estado, democracia, recepção e cultura. Ou seja, a comunicação é entendida a partir das interpelações. Na obra “É preciso salvar a comunicação” ele compreende essa salvação como a preservação de sua dimensão humanista (WOLTON, 2006, p.10) e afirma que “o essencial da comunicação não está do lado das técnicas, dos usos ou dos mercados, mas do lado da capacidade de ligar ferramentas cada vez mais

¹⁵ Martín-Barbero é um dos principais pesquisadores latino-americanos do fenômeno da comunicação massiva, particularmente sobre a Teoria da Recepção na área da Comunicação. Principal obra: *Dos meios às mediações*.

¹⁶ Rosa Maria Cardoso Dalla Costa é Jornalista e Advogada. Doutora em *Sciences de l'Information et de la Communication (Université de Paris VIII, 1999)* e Pós-Doutora em Comunicação pela Maison des Sciences de l'Homme - Paris Nord (2008). Mestre em Educação (Universidade Federal do Paraná, 1993). *Diplôme d'Études Approfondies - DEA en Education (Université René Descartes - Paris V, 1995)*. Professora, categoria Associado no Departamento de Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Membro da comissão de especialistas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, como avaliadora de cursos e institucional.

performáticas a valores democráticos”. Nesse prisma, a comunicação vai além de mera utilidade, quando passa a ser “uma verdadeira aspiração universal relativa à emancipação individual e à democracia, cuja importância encontramos tanto no nível individual quanto no global”. (WOLTON, 2006, p.22).

Para esse mesmo autor, em níveis globais o grande desafio da diversidade cultural está na articulação entre comunicação e cultura.

A comunicação que Wolton denomina como aberta é pluralista, afeita a liberdade de expressão exercendo papel social, num mundo que assiste ao surgimento de outro sujeito, conectado, que vota, expressa sua vontade, receptor ativo. “A liberdade do receptor consiste justamente em aceitar, repensar, negociar a mensagem recebida”. (WOLTON, 2006, p..32).

Nesse contexto, o profissional de educomunicação (área de interesse dessa pesquisadora) faz a mediação entre as áreas educacional e comunicacional. Nesse processo de mediação a compreensão do outro é elementar. “Comunicar é reconhecer que os seres são livres e iguais (...) não é passar por cima das identidades, é fazer com. Busca-se a partilha”. (WOLTON, 2006, p.220, 223).

Assim, há que se pensar no aluno (a) em situação de receptor (a) no ambiente escolar. Entretanto, para instrumentalizar o *edublog* discente como estratégia pedagógica torna-se também necessário conhecer o perfil desses supostos sujeitos autores.

A pesquisa acerca das práticas juvenis tem suscitado debate entre diversos estudiosos e autores, que utilizam das mais variadas abordagens. Para efeitos desse estudo as pesquisas sobre jovens urbanos contemporâneos, levadas a efeito por Borelli¹⁸, são tomadas para embasamento desse tema. A pesquisadora analisa um conjunto temático muito útil para a discussão sobre a juventude.

Borelli observa que o estranhamento do jovem com o mundo adulto muitas vezes o desconecta da família e do ambiente escolar, cada vez mais distantes de seu universo. Há que se considerar que embora possuidores de características universais os jovens são portadores de singularidades. Assim, a escola não pode se

¹⁸ Silvia Helena Simões Borelli é antropóloga e professora dos Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e em Comunicação e Artes (SENAC-SP). É pesquisadora na área de cultura contemporânea: imagens, mídias e novas tecnologias; culturas urbanas e juvenis, etc.

escusar da responsabilidade de compreender esse jovem e sua cultura, explorando e potencializando os pontos de tensão característicos da adolescência.

As interações socioculturais valorizadas pelo adolescente são características que podem ser trabalhadas positivamente nas atividades pedagógicas com *edublogs*. Suas iniciativas de organização de espaços bem como suas habilidades para ações simultâneas e alternadas são essenciais nesse processo em que o(a) aluno(a) pesquisa, troca informações, cria páginas e aperfeiçoa *layout*, desenvolvendo criatividade e principalmente aprimorando seu sentido de pertencimento ao grupo (de blogueiros) para além das preferências pessoais de seus pares. Ao produzir um *edublog*, com postagens autorais, ele registra o seu “estar aqui” referendado pelo grupo.

A escola pode ser um dos seus espaços de pertencimento por convicção e não apenas por hábito ou imposição. Logo, a característica comum aos adolescentes de conexão com o presente, o coloca em uma posição privilegiada de investigação do cotidiano, sendo porta voz de suas inquietações, a partir da cultura escolar, a partir de sua própria cultura, expressas em formato de *edublog*. Um exemplo disso foi a intervenção sociopolítica da jovem blogueira Isadora Faber¹⁹, a partir de compartilhamento nas redes sociais da precariedade de sua escola. Esse fato teve repercussão muito grande e logo mudanças muito positivas começaram a acontecer no seu ambiente escolar.

O *edublog* pode ser uma ferramenta e estratégia eficaz no sentido de ser uma das alternativas de comunicação para esse jovem. Atuando como um porta voz, também poderá ser um grande aliado para a compreensão do universo desse jovem.

Ser blogueiro é ser potencialmente um comunicador. Um comunicador precisa compreender os processos comunicacionais. Um dos importantes elementos é a recepção.

3.2 OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO NO CONTEXTO DA CULTURA ESCOLAR

¹⁹ Inspirada em um *blog* criado por uma aluna escocesa, a catarinense Isadora Faber, aluna de 7ª série da Escola Básica Municipal Maria Tomazia Coelho, de 13 anos, utilizou as redes sociais para mostrar as precárias condições de sua escola, em Florianópolis. Criada em 2012, em página denominada “Diário de Classe” no Facebook, a adolescente justificou: “Estou fazendo essa página sozinha pra mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero o melhor não só para mim, mas para todos”. (<https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>).

Wolton (2006, p.228) considera a existência de duas filosofias da comunicação: uma que “privilegia a técnica e a economia” e a outra que “privilegia a dimensão humana e política. Valoriza a política como meio de organizar a coabitação entre os indivíduos, bem como entre as sociedades; entre as culturas, bem como entre as civilizações”. É nessa segunda filosofia que, embora minoritária, esse autor se subscreve.

Como parte de seu conceito de comunicação, Wolton afirma que comunicar é muito mais que informar²⁰. Comunicar

é sempre a relação entre um emissor, uma mensagem e um receptor. Comunicar não é só produzir e distribuir informações, é também ser sensível às condições nas quais o receptor a recebe, aceita-a, recusa-a, remodela-a, em função de suas escolhas filosóficas, políticas, culturais. A comunicação é a questão do receptor. Logo, não há comunicação sem risco, o do encontro com o outro. Também não há comunicação sem a existência de indivíduos livres e iguais. (WOLTON, 2006)

Os estudos de recepção, segundo Dalla Costa (2008, p.97), tem sido uma das maiores contribuições latino americanas à Teoria da Comunicação e nesse item será abordada brevemente sua evolução histórica, a partir de dados apresentados por essa mesma autora, assim como sua relação com a cultura escolar.

Em âmbito mundial, a partir da expansão dos meios de comunicação nos anos 30 e 40 se mobilizaram os estudos acerca das interações entre comunicação e educação ganhando impulso no Brasil com o advento do rádio e da TV, portanto após os anos 50. Desse período dois personagens contribuem para os estudos, produção e popularização de propostas que entrelaçam educação e comunicação: Roquete Pinto “que sonhava com um projeto de democratização da educação através do rádio” e o escritor de literatura infantil Monteiro Lobato. (DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.98).

Os sonhos desses e de outros idealizadores da educomunicação no Brasil foram bombardeados pela explosiva comunicação de massa do pós guerra. Especialmente a da bipolaridade política e econômica entre as ideologias capitalista e socialista, faz surgir duas principais correntes da teoria da Comunicação:

O Funcionalismo e a Teoria Crítica, servem de fundamento para as investigações que visavam de um lado, usar a comunicação para integrar a

²⁰ Para Wolton (2006,p.231) qualquer que seja o suporte da informação essa fica vinculada à mensagem. “Informar é produzir e distribuir o mais livremente possível o maior número de mensagens. Isso porque não há informação sem liberdade de consciência, de opinião e de expressão”.

sociedade ao novo modelo de desenvolvimento tecnológico e industrial e, de outro, para aqueles que viam na comunicação um ponto estratégico de manipulação ou tomada de consciência da população em relação à dominação estrangeira, em especial a norte-americana, que chegava através de multinacionais mas também de uma intensa programação cultural importada, que preenchia a maior parte dos horários televisivos.

Esse dualismo teórico (entre Funcionalismo e Teoria Crítica) e político-econômico (entre o capitalismo e o socialismo) é o pano de fundo das propostas de comunicação e educação que se desenvolvem na América Latina (DALLA COSTA *In*: SCHMIDT *et all*, 2008)

Os governos se preocupavam com a comunicação sob o ponto de vista político ideológico “[eles] investem em infraestrutura de comunicação para assegurar um modelo de integração nacional nos modelos de modernização desenhados pelos países dominantes”. Por outro lado, levantavam-se órgãos representativos em favor de “propostas de educação para a comunicação”. É nesse contexto que ganha força a teoria da pedagogia da libertação de Paulo Freire, nascendo assim uma nova pedagogia. Paralelamente desenvolvia-se a Teoria da Dependência cuja preocupação principal era a exploração e dependência econômico cultural dos países latino-americanos.

Canalizadas para os mesmos objetivos a Pedagogia da Libertação e a Teoria da Dependência focavam esforços nos polos de emissão e suas mensagens e encontram nos movimentos sociais populares e nas comunidades de base católica, via Teologia da Libertação, os porta vozes ideais para alertar as comunidades periféricas, dominadas pelos modelos culturais dominantes. Os principais teóricos compreendiam que “o receptor era ‘alguém’ que precisava ser alertado para se tornar crítico e ativo”. (DALLA COSTA *In*: SCHMIDT *et all*, 2008, p.99-100).

O Estado brasileiro assumia a tarefa de estabelecer e fortalecer empresas de comunicação relegando ao segundo plano a educação para a comunicação.

As ações governamentais se restringiam prioritariamente aos investimentos técnicos em infraestrutura, imprescindíveis para a consolidação de empresas de comunicação de capital privado detentoras de concessões em prol da defesa de interesses políticos dos governos militares. (DALLA COSTA, *In*: SCHMIDT *et all*, 2008, p.100-101). Ora, a queda dos governos militares a partir dos anos 70 na América Latina simbolizaram não apenas o declínio de um sistema político, mas principalmente sinalizaram para uma nova configuração nas comunicações a partir do processo evolutivo de seus aportes teóricos. Nesse contexto os principais

teóricos da comunicação na América Latina, dentre estes Martín-Barbero, se dão conta de quão complexos são os processos de comunicação e passam a concentrar seus esforços no polo de recepção.

No Brasil os reflexos positivos aparecem quando as faculdades de comunicação criam os seus primeiros programas de pós graduação e na mesma década a criação da INTERCOM-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, em 1978.

Assim a comunicação dos anos 80 promoverá debates menos extremados, a partir de “pesquisas de base crítica, empírica e semiológica-estruturista coexistiam nos estudos comunicacionais latino-americanos, em uma convivência que se tornava cada vez menos polarizada”. (DALLA COSTA, 2006, *apud* DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.102).

A luta pelas eleições diretas no Brasil dos anos 80 exigiu outro modelo de comunicação, pela ebulição de novos atores sociais que acabam forçando os meios comunicacionais a desenvolverem uma nova programação, para um novo tipo de receptor.

Nessa fase, com o fim da Guerra Fria também o contexto mundial é marcado por profundas transformações político econômicas desenhadas pelo modelo globalizante, que somadas ao advento das TIC acabam por forçar a alteração dos projetos de educação e comunicação. Nesse momento, afirma Dalla Costa:

Há um retorno ao cotidiano e à análise das práticas de cultura. Há um retorno ao debate sobre a pertinência histórica dos modelos macrosociais, que coincidem, segundo Sousa (*In* SOARES, 2002, p.26), “com a percepção de que a sociedade industrial se exauria em seu modelo de produção, chegando a outra fase, a da pós-modernidade, na direção das linguagens, dos processos e dos serviços mais do que na direção anterior do domínio da máquina e dos seus processos de produção”.

Esses novos aportes teóricos contribuem para a consolidação do campo da inter-relação comunicação-educação. O que nas décadas de 1960 e 1970 foi utilizado praticamente como instrumento de conscientização a serviço da luta ideológica que se travava no mundo, e especificamente na América Latina, cada vez mais transforma em objeto de assunto nas instituições de ensino e pesquisa. (DALLA COSTA *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.102-103).

Se a educomunicação dos anos 60 e 70 voltava-se para a influência massiva na vida de crianças e adolescentes, os aportes teóricos da comunicação se alteram na década de 80, privilegiando as conexões estabelecidas entre comunicação e

cultura procurando “capturar experiências dos sujeitos relacionados aos meios”. (DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.103).

Forquin e outros teóricos da educomunicação fundamentam os estudos de recepção a partir da concepção de pluralismo cultural. A compreensão do conceito de receptor/aluno/público começa a mudar e essa mudança é fundamental para a nova metodologia de análise dos meios na escola. (DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.104).

Wolton compreende o receptor como a “caixa preta da comunicação” afinal

o destinatário da mensagem, no fim, poucas vezes está *on-line* com o emissor e a mensagem. O receptor sempre introduz uma margem de manobra, seja ele indivíduo, grupo, ou sociedade. Não só o receptor nunca é passivo, mas ele é sempre mais ou menos crítico entre as mensagens que recebe, ainda que não se expresse diretamente. (WOLTON, 2006)

Martín-Barbero e outros teóricos da comunicação se dão conta que a recepção é parte de um processo.

Um processo que, como define Vassalo de Lopes (1996, p.4), ‘se desenvolve em um contexto complexo e contraditório, multidimensional, no qual as pessoas vivem seu cotidiano. Ao mesmo tempo em que vivem esse cotidiano, os indivíduos se inscrevem em relações de poder estruturadas e históricas, que extrapolam suas práticas’. (DALLA COSTA *In: SCHMIDT et all*, 2008)

Para analisar a cultura escolar, proposta por essa dissertação, as observações de Dalla Costa sugerem que aspectos objetivos e subjetivos sejam observados ou seja, tanto questões estruturais e institucionais “como as características dos sujeitos implicados nesse processo”. (DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.107).

Ao desenvolver o conceito de mediações Barbero afirma que

a comunicação assume o sentido de práticas sociais onde o receptor é considerado produtor de sentidos e o cotidiano, no nosso caso a escola, espaço primordial de pesquisa. É uma maneira nova de ver e entender a comunicação a partir da cultura, compreendida segundo Williams no seu sentido antropológico e sociológico. Os ‘usos’ ou a ‘recepção’ são inseparáveis da situação sociocultural dos sujeitos que ‘reelaboram, ressignificam e ressemantizam os conteúdos massivos, conforme sua experiência cultural, suporte de tais apropriações. (BARBERO *apud* DALLA COSTA *In: SCHMIDT et all*, 2008)

Por meio da mediação cultural ocorre a produção de sentidos e a construção de identidades. Aí também se elabora o processo cognitivo, cujo mecanismo não funciona independentemente do contexto cultural, que, em boa medida, o condiciona. De forma similar, as mediações estruturais, situacionais e institucionais

estão diretamente relacionadas com a cultura e as subculturas a que pertence o sujeito receptor. (AROZCO *apud* DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.108).

Ora, o sujeito produtor de *edublog* primeiramente deve se assumir como receptor e, mediado pelas suas relações socioculturais, tanto advindas do universo familiar quanto as desenvolvidas no ambiente escolar, pode produzir e publicar seu conhecimento. E como as redes sociais atuam como forte veículo de comunicação das massas, é fundamental a compreensão de que é a partir da trama da recepção que se pode chegar à compreensão do papel que os meios de comunicação de massa têm hoje na sociedade e como isso ganha sentido no universo escolar. (DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.110).

Os estudos de recepção apresentados por Dalla Costa apresentam algumas dificuldades para a utilização das TIC na escola. Primeiro a observação de que o acesso a meios de comunicação relaciona-se diretamente à situação socioeconômica de seus receptores: quanto mais poder aquisitivo maior será o acesso às TIC. Por outro lado a mesma realidade com a qual essa pesquisadora se deparou no ambiente escolar, o

difícil acesso ao material e/ou equipamentos; desconhecimento técnico do manuseio; aparelhos defeituosos, espaço físico inadequado; conteúdos inadequados; linguagem inadequada e falta de orientação e preparação para a utilização dos mesmos. (DALLA COSTA *In: SCHMIDT et all*, 2008).

A mídia ainda é a principal referência de informação para os alunos(as), mesmo que estes não sejam expectadores passivos. A possibilidade de mudar de papel (de receptor a produtor) não garante “a compreensão dos meios de comunicação”. (RAMOS *apud* Dalla Costa, *In: SCHMIDT et all*, 2008, p.114). Espera-se assim “uma proposta de educação para os meios bem articulada” para que os resultados possam ser diferentes. A prática demonstra que

os alunos conseguem estabelecer certa relação entre as notícias de um telejornal, por exemplo, com sua realidade, mas não têm condições de ir muito além, fazendo uma análise mais crítica e aprofundada, pois lhes faltam outros elementos para compreender a trama social. Elementos que não lhes foram transmitidos pela escola, uma vez que a ela não tiveram acesso (DALLA COSTA, *In: SCHMIDT et all*. 2008).

3.3 EDUCOMUNICAÇÃO E LETRAMENTO

Para uma efetiva educomunicação a escola amplia o acesso às TIC, atreladas às políticas de democratização desses recursos, além de formação de professores

(as) e reestruturação do sistema escolar. Dalla Costa compreende que a educomunicação pressupõe o desenvolvimento de “metodologias de pesquisa sobre os meios que considerem que mediações culturais interferem na produção do sentido das mensagens e sua conseqüente influência no processo de ensino aprendizagem e no cotidiano escolar”. (DALLA COSTA, *In*: SCHMIDT *et all.* 2008). Inegavelmente a comunicação exerce papel primordial no cotidiano escolar. Por isso a interface educação e comunicação para sistematização dos estudos acerca do ensino e aprendizagem.

A Educomunicação ganha maior sentido em contextos de letramento. Para a educadora mineira Magda Soares²¹ o letramento é mais do que transmitir códigos do sistema de escrita e, por seu intermédio os educandos desenvolvem habilidades para “decifrar” o mundo. Assim, nada mais lógico que a alfabetização e o letramento num mundo cada vez imagético.

De conformidade com Soares a alfabetização e o letramento são dois processos indissociáveis. Para a autora a necessidade de se “reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever” nascem simultaneamente, em espaços diferentes, a partir dos anos 80. (SOARES, 2003, p.5-6).

Denominado como *illettrisme* em território francês, literacia em solo português, *literacy* nos Estados Unidos e Inglaterra²², no Brasil o letramento, nasce como uma distinção ao ato de alfabetização. Ainda segundo Soares, no final dos anos 70 a UNESCO já sinalizava para a necessidade de “ampliação do conceito de *literate* para *functionally literate*, e, portanto, a sugestão de que as avaliações sobre domínio de competências de leitura e de escrita fossem além do medir apenas a capacidade de saber ler e escrever”. (SOARES, 2003, p.6).

No meio educacional brasileiro os conceitos de alfabetização e letramento ainda se confundem, embora sua distinção tenha experimentado avanços. Os sentidos demográficos dão conta das alterações no conceito de alfabetização. Até a década de 40 o indivíduo capaz de leitura e escrita do próprio nome considerado

²¹ Magda Soares, livre docente em educação, é professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE daquela universidade.

²² “Embora a palavra *literacy* já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que em língua inglesa se conhece como *reading instruction, beginning literacy*”. (SOARES, 20003, p.6)

alfabetizado. Nos anos 50 os indivíduos pesquisados deviam minimamente saber ler e escrever, por exemplo, um simples bilhete. Para Soares isso já sinalizava uma prática de leitura e escrita. Nos últimos anos o PNAD utiliza como critério os “anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de alfabetização funcional da população”. Desse modo, complementa a pesquisadora, “verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: de saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita”. (SOARES, 2003, p.7)

A autora critica que tanto a mídia quanto a produção acadêmica no Brasil acabam por, erroneamente, associarem alfabetização e letramento. Se no campo conceitual a alfabetização e letramento ainda carecem de debate, o que dizer do letramento digital? Seu processo passa inicialmente pela formação do (a) professor (a), o que para Landgraf-Valério (2012, p. 3) “torna-se uma condição para um trabalho de qualidade”. Para essa mesma autora, conceitualmente o letramento digital exige conhecimentos prévios tanto de letramento como das TIC.

Letramento é um fenômeno plural e histórico; encontramos diferentes letramentos ao longo da nossa história e diferentes letramentos no nosso tempo presente uma vez que ‘as práticas de leitura e da escrita digitais, na cibercultura, acontecem de modo diferente daquele como são conduzidas as práticas de leitura e de escrita quirográficas e topográficas’. (SOARES *apud* LANDGRAF-VALÉRIO, 2012)

O sujeito alfabetizado é aquele “capaz de mostrar, por meio de suas realizações, tanto o conhecimento e o domínio do código quanto sua aplicação no estabelecimento de correspondências corretas entre a língua falada, a língua escrita e o pensamento”. (COLL *et* ILLERA, s/d. p. 291). Fica evidente que o letramento digital perpassa a dimensão técnica do manejo das TIC, muito embora esse conhecimento seja essencial.

Frente a realidade das TIC na escola o uso de lápis, papel, escrita, livro etc. são transpostos para outra realidade, a virtual. Assim, na definição das ‘alfabetizações do século XXI’ do *National Council of Teachers of English*, destaca-se que

os leitores e escritores do novo século precisarão adquirir perícia com as ferramentas tecnológicas; construir relações com outras pessoas para apresentar e resolver problemas de forma colaborativa e em uma perspectiva transcultural; projetar e compartilhar informações no marco de comunidades globais com diversos propósitos; manejar, analisar e sintetizar

múltiplos fluxos de informações simultâneas; criar, analisar e avaliar textos multimídia; e atender às responsabilidades éticas exigidas por ambientes complexos. (COLL et ILLERA, s/d)

Para Gilster (1997) alfabetização digital significa “a capacidade para entender e utilizar informação em múltiplos formatos, a partir de uma ampla gama de fontes, quando esta se apresenta por meio de computadores”. (GILSTER, 1997, *apud* COLL et ILLERA, s/d, p. 298)

De todos os conceitos analisados acerca do letramento digital as cinco dimensões para a alfabetização digital, apresentadas por Varis (2003) são as que melhor se enquadram nessa proposta metodológica para o uso do *edublog* como estratégia pedagógica.

Desse modo, essas dimensões serão apresentadas na tabela a seguir, buscando o correlacionamento com a presente proposta:

TABELA 5 – DIMENSÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO DIGITAL

DIMENSÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO DIGITAL	PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A PRODUÇÃO DE BLOG DISCENTE
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alfabetização tecnológica: a capacidade de utilização de novas mídias, como a <i>internet</i>, para acessar a informação e comunicá-la eficazmente. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentação para a formação de professores (as) e alunos (as), mediante tutorial para a criação, pesquisa, produção e atualização de dados, em rede.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alfabetização informacional: a capacidade de recompilar, organizar e avaliar a informação e formar opiniões válidas baseadas nos resultados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentação para a formação de professores (as) e alunos (as), mediante tutorial para pesquisa, criticidade e produção autoral.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Criatividade mediática: a capacidade cada vez maior dos cidadãos de produzir e distribuir, onde quer que estejam, conteúdos para audiências de todos os tamanhos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentação para a formação de professores (as) e alunos (as), mediante tutorial para escolha de temas, variação de fontes e linguagens, <i>layout</i> e personalização. Incentivo à liberdade de expressão.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alfabetização global: consiste em compreender a interdependência entre as pessoas e os países e ter a capacidade de interagir e colaborar eficazmente através das culturas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentação para a formação de professores (as) e alunos (as), mediante tutorial para atividades interdisciplinares, em grupo, melhor aproveitamento do laboratório de informática, valorizando a cultura do (a) aluno (a) e socializando o saber produzido em sala de aula com postagens na rede mundial de <i>internet</i>. Incentivo a projetos sociais, de dimensionamento político, colaborativos e voluntariado.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alfabetização responsável: a competência de examinar as consequências sociais dos meios de comunicação do ponto de vista da segurança, da privacidade e outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentação para a formação de professores (as) e alunos (as), mediante tutorial para conscientização, prática de cidadania, ética e segurança digital.

FONTE: ADAPTAÇÃO DA AUTORA, A PARTIR DE VARIS (2003 *apud* COLL et ILLERA, s/d).

Historicamente as formas de leitura e escrita, as relações entre objetos e pessoas se transformam. Assim a escola tem permanentemente diante de si um tipo de alfabetização e letramento que permanentemente ganha outra dimensão. De acordo com a *Internacional Reading Association*, na medida em que se alteram as formas de comunicação a natureza da alfabetização (*literacy*) se redefine.

Para que sejam plenamente alfabetizados no mundo de hoje, os estudantes devem ser competentes nas novas alfabetizações (*literacies*) das TIC. Os educadores alfabetizadores (*literacy educators*), portanto têm a responsabilidade de integrar de maneira efetiva essas tecnologias no currículo de alfabetização (*literacy curriculum*) com a finalidade de preparar os estudantes para o alfabetismo futuro que eles merecem (*Internacional Reading Association*, 2001, apud COLL et ILLERA, s/d, p.297)

No processo de alfabetização o educando se apropria do sistema alfabético e ortográfico da escrita, num contexto de letramento. Pelo letramento, para além da apreensão dos sistemas de escrita, este desenvolve a capacidade de combinação da prática de leitura e escrita. Assim, deve ocorrer no processo de análise de imagens que, no contexto escolar, devem ser “decifradas” pelos alunos(as). Flusser (2002, p.5-6) compreende que “decifrar é revelar o significado convencional de símbolos” e a incapacidade de compreender o significado das ideias, apesar da habilidade de leitura, ele denomina de “idolatria”, qual seja “adoração da imagem”.

Um indivíduo não especialista, ao analisar uma imagem geralmente prende-se a sua plasticidade, valendo dizer, seu formato, cores, texturas, etc. Uma análise crítica requer uma viagem para além dessas aparências.

Para construção de teorias interpretativas, e seguindo Pierre Bourdieu, são necessários 3 componentes: análise, dedução e comparação. Desse modo, o conhecimento fundamenta a rememoração do receptor da imagem retratada e, por dedução e síntese, é possível obter informações que não se encontram visíveis na imagem analisada. Assim, propõe-se que seja acrescentado nesse contexto da comunicação o papel exercido pelas imagens, mesmo porque a linguagem do *edublog* pressupõe a junção entre texto e ilustrações e alfabetização envolve tanto as mensagens verbais e escritas quanto as visuais.

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada tem a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas

pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (Santaella, 2012, p. 13)

Vivendo numa sociedade cada vez mais imagética, a escola está imersa em uma cultura que não pode mais privilegiar apenas e tão somente a linguagem escrita, sob pena de prejudicar o processo comunicacional contemporâneo. Ora, se a comunicação contemporânea é imagética, logo, a sociedade está imersa numa iconosfera e compreender sua conceituação é fundamental.

Ao longo da prática de ensino e observando o discurso de colegas de profissão, bem como analisando estudos de especialistas da educação, essa pesquisadora concluiu que os muitos estudantes da rede pública chegam ao Ensino Médio com muita dificuldade e/ou deficiência na prática de leitura e, por consequência, de escrita. A proposta de produção de *edublogs* por esses alunos (as) também evidenciou a sua pouca intimidade com textos não apenas verbais, mas especificamente visuais. Desse modo, pode-se seguramente afirmar que para a efetivação de um projeto voltado para a pesquisa no ambiente virtual e a produção de *edublogs* é necessária a construção de uma metodologia de ensino mais efetiva para a prática de leitura de imagens.

Embora para muitos a imagem se apresente como um flagelo contemporâneo, especialmente por conta da tecnologia informacional, apresentando-se como uma verdadeira ameaça à escrita e/ou leitura verbal, vale lembrar que a crise da leitura e da escrita na escola não são adventos exclusivos da era da informação. Outro fator a ser analisado por pais e educadores é o fato de que, se o atual contexto educacional é imagético, logo, a imagem é um elemento de comunicação primordial na cultura escolar atual (e certamente futura), pois, como afirma Joly (1996, p. 155), trata-se de “um meio de expressão e de comunicação que nos liga às tradições mais antigas e mais ricas da nossa cultura. (...) Correndo o risco de parecer paradoxal, poderíamos dizer que quanto mais trabalhamos sobre as imagens mais amamos as palavras”.

Diversas ciências tomam a imagem como objeto e a conceituam conforme seus objetivos e especificidades, surgindo teorias da imagem sob a ótica da matemática, estética, informática, psicologia, sociologia, etc. Entretanto, para efeitos

desse estudo, a análise teórica da Semiótica²³ proposta por Joly (1996) apresenta-se como a abordagem ideal.

Para Saussure, afirma Joly (1996, p.33) “a língua não era o único sistema de signos que exprime ideias do qual nos servimos para comunicar”. A linguagem é apenas um dos sistemas de expressão. Como linguagem, a imagem não deve ser analisada ou utilizada sob o ponto de vista estético ou hedonista, mas por sua significação, sentidos e interpretações.

Para efeitos desse estudo, explorar a imagem como símbolo icônico é elementar. Afinal qual a natureza dos signos? Joly (1996, p.35-36) responde que signo é “estar lá, presente, para designar ou significar outra coisa ausente (...) tudo pode ser signo a partir do momento em que daí se deduza uma significação que depende da minha cultura, assim como do contexto da aparição do signo. Um objeto real não é um signo daquilo que é, mas pode ser signo de algo diferente”. Por exemplo, uma fotografia, de acordo com seu contexto, pode apresentar significados variados (luto, comemoração, laser, etc.).

Atualmente, mais do que em qualquer outra época, a configuração social é altamente imagética, cercada por desenhos, filmes, quadros, pinturas, grafismos, cartazes, marcas, publicidades, simulações, etc., elementos que expressam material, emocional e sensorialmente a cultura dos povos.

Diante de um sem número de tipos de imagem atualmente existentes, e pela variedade de classificações e nomenclaturas, para efeitos desse estudo foram elencados aqueles mais próximos do universo dos jovens envolvidos no projeto, ou seja, os tipos de imagem (e nomes) mais usuais na cultura contemporânea e que melhor se enquadram na proposta de composição de *blogs*, quais sejam a imagem virtual, a imagem midiática e a imagem fotográfica, a seguir especificadas:

a) Imagem Virtual

Joly (1996, p.28) aborda o advento da tecnologia, que traz elementos muito particulares. Ao mesmo tempo em que permitem criação, também possibilitam alterações imagéticas, convencendo-se denominar as “novas imagens” como “imagens de síntese”. Essas imagens, mais popularmente conhecidas como

²³ Parte das ciências humanas, a Semiótica é uma jovem disciplina, porém com raízes que datam da Antiguidade. De origem grega, o termo *semeion* denomina “signo”. Para Joly (1996, p. 32) o signo “designa já algo que é percebido – cores, calor, formas, sons – e a que atribuímos uma significação”. O linguista suíço Ferdinand de Saussure e o cientista norteamericano Charles Sanders Peirce foram os precursores da Semiologia ou Semiótica, a ciência dos signos, nascida no século XX.

imagens virtuais são resultantes de computação e estas “propõem mundos simulados, imaginários, ilusórios”. Como no brincar de espelhos, “a imagem virtual não é nova e designa, em óptica, uma imagem produzida pelo prolongamento dos raios luminosos” e um sem número de programas fomentam as mais variadas atividades lúdicas a partir dessas novas imagens. A pesquisadora chama atenção para a possibilidade e facilidade de manipulação dessas imagens.

Assim é que o mercado da moda, de beleza, da arquitetura, etc. contam com simuladores de vestuário, corte de cabelos, decoração, etc. Também as holografias, as trucagens e efeitos especiais do cinema e da publicidade, além dos espaços virtuais lúdicos com jogos, cabinas de simulações e interatividade, permitem ao espectador a experiência sensória de imergir no universo proposto pela imagem.

Foi esse tipo de imersão no universo real que as imagens digitais da jovem estudante, de apenas 13 anos, provocou. Ao postar fotografias das precariedades de sua escola, lançadas em rede, provocou milhares de manifestações.

b) Imagem Mediática

Geralmente voltada para as grandes multidões a imagem mediática é habitualmente representada pela televisão e a publicidade visual, o que não significa dizer que televisão e publicidade sejam sinônimas. Joly (1996, p.15) compreende que amalgamar – imagem, televisão, publicidade - geram conflitos conceituais que prejudicam a própria imagem, sua utilização e compreensão.

Para uma análise crítica da questão há que se considerar separadamente suporte e conteúdo, sendo a televisão um meio e a publicidade é o conteúdo, que carrega em si uma mensagem particular que, por “seu caráter repetitivo, instala-se mais facilmente na memória do que o desfile das imagens ao redor”.

Como característica básica da publicidade destaca-se a retórica, a arte, de origem grega, de convencimento e persuasão do auditório. Essa técnica, aliada à da repetição, emite uma mensagem literal (denotativa) que é “posta em evidência pela descrição”. Para além de sua denotação existe ainda a “mensagem simbólica, ou conotada, ligada ao saber pré existente e partilhado entre o anunciante e o leitor” (JOLY, 1996, p.85) e é essa conotação que deve ser desvendada (ou desvelada?).

Vale lembrar a afirmativa de Joly (1996, p.97-100) “as imagens não são as coisas que elas representam, mas que se servem delas para falar de outra coisa”. E,

ao trabalhar com “transgressões” utiliza-se de “figuras de retórica: metáforas, hipérboles, elipses, acumulações, anacolutos, etc.” e, visto que a transgressão satisfaz um desejo, provocando prazer, esta fica impune.

A iconosfera é de fato um reino de possibilidades. Assim, afirma ainda Joly, “para Durand, a função das figuras de retórica na imagem publicitária é a de provocar o prazer do espectador (...) permite-lhe sonhar com um mundo onde tudo é possível (...) a metáfora torna-se metamorfose, a repetição desdobramento, a hipérbole gigantismo, a elipse levitação, etc.”. (JOLY, 1996, p.100)

c) Imagem Fotográfica

Montar um projeto para produção de *edublogs* significa também incluir tomadas fotográficas e, focar o cotidiano escolar requer um olhar especial. Para Bencostta (2011, p.408) “olhar é conhecer, é informar-se, podemos atribuir à fotografia o conhecimento por meio do olhar, não apenas pela sua natureza técnica, mas pelo olhar que vai além do processo ótico. A fotografia informa, porque permite, sobre certos aspectos, conhecer”. Assim, a fotografia deve ser compreendida em um contexto para além da mera ilustração, uma vez que é portadora de “um sentido e, portanto, de um discurso próprio, capaz de dialogar e propor à pesquisa a construção e a reformulação de novas problematizações ao debate histórico”. (BENCOSTTA, 2011, p.400).

Uma conjunção entre realidade e passado, de acordo com Barthes a fotografia, como vestígio do que representa, propõe que o seu objeto esteve ali (isto foi). Despida de neutralidade, “a fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar”, afirma Rouillé (2009, p. 77). Ele compreende que fotografar não significa congelar automaticamente um tempo fugidio e muito menos a captura da realidade.

Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado; mas de modo algum assimilável ao real.

Na situação contemporânea das imagens, diremos que a fotografia, por documental que seja, não representa o real e não tem de fazê-lo; que ela não ocupa o lugar de uma coisa exterior; que ela não descreve. Ao contrário, a fotografia, como o discurso e as outras imagens, e segundo meios próprios, faz existir: ela fabrica o mundo, ela o faz acontecer. (ROUILLÉ, 2009, p. 71 e 72)

Como afirma Flusser (1985, p. 17) jogar com símbolos é jogar com o poder e “o fotógrafo exerce poder sobre quem vê suas fotografias, programando os receptores. O aparelho fotográfico exerce poder sobre o fotógrafo. A indústria fotográfica exerce poder sobre o aparelho. E assim *ad infinitum*. No jogo simbólico do poder, este se dilui e se desumaniza”.

Fotografar é eternizar momentos, diz o senso comum. Barthes (1984, p. 48) destaca que a fotografia tem funções específicas, por sua capacidade de “informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade”. Inegavelmente a capacidade comunicativa da fotografia extrapola a estética, pois, como afirma Barthes (1984, p.84 e 85) a partir de um fechar de olhos, após sua contemplação, a imagem é capaz de falar no silêncio.

Focando o projeto de montagem de *blogs* proposta pela autora, vale lembrar que toda realidade retratada por imagem merece o suporte histórico, a partir da escrita. Assim é que, “numa reportagem, as legendas devem ser o contexto verbal das imagens, ou vir a cerni-las com aquilo que não é possível fazer caber dentro do aparelho” (CARTIER-BRESSON, 2004, p. 29). Desse modo, além da questão ética, creditando autorias, também uma boa legenda enriquece o trabalho de qualquer blogueiro.

Manguel, uma das importantes referências bibliográficas desse capítulo, viaja para fora da imagem, na medida em que a historiciza. Assim, uma dica para pesquisar historicamente é considerar as fontes de época, do mesmo período em análise, evitando-se anacronismos. Como Cartier-Bresson, que sempre reconheceu o caráter documental da fotografia e seu poder como testemunho, também Santaella (2012, p.87) considera que “sem o registro, um acontecimento deixa de existir, perde-se nas brumas e poeiras do tempo. Nada mais eficaz do que uma foto para fornecer provas indiscutíveis do que aconteceu”, lembrando ainda que essa “emanação do real” também pode significar “transfiguração”. Daí a importância da leitura crítica das imagens.

Manguel (2001, p.21) afirma ainda que Gustave Flaubert jamais permitiu que suas obras fossem ilustradas, por acreditar que “imagens pictóricas reduzem o universal ao singular”. Mas, ao contrário, lembrando-se de sua própria vivência como leitor, desde a infância, testemunha que as imagens o “aliciavam” à leitura. Ele ainda

lembra que já na Antiguidade Aristóteles reconhecia a necessidade de imagens para acompanhar “todo processo de pensamento”. Assim é que, também para Manguel, tanto imagens quanto histórias são informativas. E, porque não dizer, formativas?

Se nossa sociedade é grafocêntrica, ou seja, seu universo é um universo gráfico, com suas representações, um cidadão precisa se apropriar de ambos, sistema de escrita e processo de letramento então, qual o melhor espaço para se trabalhar esse novo olhar senão o próprio espaço escolar?

Desde as primeiras experiências imagéticas, inegavelmente uma imagem traz em si poder, ambiguidades, polissemia, especialmente por sua capacidade de produzir diferentes significações. Contemporaneamente a imagem traz em si a ubiquidade, uma vez que pode ser reproduzida ao infinito “materializada em suportes diversos e em tamanhos variados” (Santaella, 2012, p.83). Meneses (2005, p.48) também considera a força da imagem. Para ele “a imagem, além do signo também age, executa o papel do ator social, produz efeitos”.

Escrita e imagem se complementam, por exemplo, em legendas: “uma imagem é, com efeito, considerada verdadeira ou falsa não por causa daquilo que representa, mas por causa daquilo que nos é dito ou escrito acerca do que ela representa”. Compreende-se aqui que na comunicação nem imagem e nem texto atuam de forma excludente, antes porém, são complementares. “Quer seja mediática ou artística, uma imagem não é verdadeira nem falsa (...) É a conformidade ou a não conformidade entre o tipo de relação imagem/texto e as expectativas do receptor que dão à obra um caráter de verdade ou de falsidade”.

De acordo com Joly (1996, p.61-63) toda imagem deve ser considerada como “uma linguagem ou instrumento de expressão e de comunicação”. Ela apresenta o esquema de seis polos propostos por Roman Jakobson como fatores inalienáveis da comunicação:

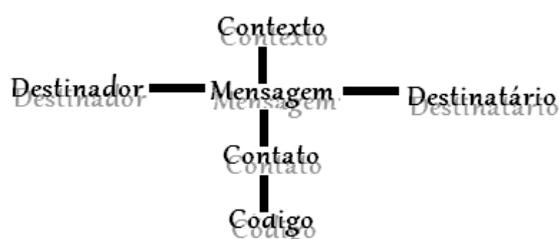


FIGURA 3 – FATORES DA COMUNICAÇÃO
 FONTE: ADAPTAÇÃO DESSA PESQUISSADORA, A PARTIR DE JOLY (1996, p.61-63)

Ainda de conformidade com Jakobson cada um desses fatores acaba por originar nova função linguística (por exemplo, a função denotativa, poética, emotiva, conativa, fática e metalinguística) que, embora sejam funções reconhecidamente pertencentes a linguagem verbal, também são aplicáveis a outras linguagens. Nesse sentido, o leitor pleno é aquele que consegue analisar criticamente textos e imagens, decifrando seus códigos e simbolismos.

Flusser (1985, p. 5-9) chama atenção para a “textolatria”, segundo ele “tão alucinatória como a idolatria”. Pois, considerando que texto e imagens são mediativas, “os textos podem tapar as imagens que pretendem representar algo para o homem. Ele passa a ser incapaz de decifrar textos, não conseguindo reconstruir as imagens abstraídas. Passa a viver não mais para se servir dos textos, mas em função destes”. Tanto texto quanto imagens são carregados de símbolos, que são signos convencionados “consciente ou inconscientemente”. Assim, da mesma maneira que idolatria designa incapacidade de interpretar os signos imagéticos, o “texto designa signos da escrita em linhas e a textolatria se reverte na incapacidade de decifrar conceitos nos signos de um texto, não obstante a capacidade de lê-los, portanto, adoração ao texto”.

Em se tratando de proposta de elaboração de um projeto para atuar junto a estudantes do Ensino Médio da rede pública e, no sentido de ampliar seu repertório de conhecimentos a partir da leitura e da escrita, tanto verbal quanto imagética e digital, os objetivos devem nortear a tarefa de elaboração da metodologia mais adequada.

Ao propor análise das imagens a partir da perspectiva semiótica, Roland Barthes foi um dos pioneiros ao utilizar a imagem publicitária e justifica a razão de sua escolha:

Se a imagem contém signos, estamos certos de que em publicidade esses signos são totais, formados tendo em vista a melhor leitura: a imagem publicitária é franca ou pelo menos enfática. (...), intencional e, portanto, essencialmente comunicativa e destinada a uma leitura pública, oferecendo-se então como terreno privilegiado para a observação dos mecanismos de produção de sentido através da imagem. (JOLY, 1996, p.81)

Como a principal função da mensagem publicitária é a compreensão rápida e para o maior número possível de pessoas, seus signos oferecem maior possibilidade

de identificação. Pode-se afirmar que a imagem publicitária seja o tipo ideal para o exercício da alfabetização e letramento visual.

Enfim, cabe aqui um questionamento: Numa sociedade que ainda combate o analfabetismo, e que principalmente é assombrada pelo analfabetismo funcional, como educar para a leitura de imagens? Mauad (2008, p.47) afirma que não importa que a imagem mente. O que importa é como mente e porque mente. O “educar olhares” é requerido, numa perspectiva mais crítica da educação.

Vale lembrar que nenhuma obra surge do vazio de informações e sua recepção depende de uma série de fatores dentre os quais os sinais, suas referências, contexto, etc. Assim, afirma Joly (1994, p.68) “comunicar pela imagem (mais do que pela linguagem) vai necessariamente estimular no espectador um tipo de expectativa específico e diverso daquele que uma mensagem verbal estimula”. Como produção humana, que estabelece relação com o mundo, a imagem possui função informativa e epistêmica e é um importante referencial para a leitura e interpretação do mundo que nos cerca, afinal, trata-se da reconstrução de um modelo e será representada conforme os seus objetivos, que o receptor deve desvendar.

Interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem pré existente, mas em compreender que significações determinada mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, sempre tentando destrinchar o que é pessoal do que é coletivo. (JOLY, 1996, p.48)

Quem teve o privilégio de assistir ao filme A Lista de Schindler, dirigido por Steven Spielberg, deve recordar a cena que, toda em preto e branco, surge uma menininha na multidão, vestida de vermelho (única cena de cor do filme). Apenas um relance, de cena muda, porém carregada de forte caráter ideológico (sangue, nazismo, a luta do socialismo, a morte indiscriminada de judeus e outros grupos marginalizados na Europa e no mundo).

Cada obra deve atender a expectativa do espectador de sua própria época e, portanto, seu autor busca surpreendê-lo. Nesse jogo lança mão de artifícios para ludibriar, brincar, chocar, agradar, sensibilizar, divertir, etc., deslocando os sentidos, proporcionando o aceite imediato, ultrapassando as expectativas ou até mesmo conquistando a rejeição do público.

Atualmente a comunicação ganha contornos muito particulares e nesse contexto o educando assume-se como ser histórico, produtor e consumidor, formando e formador de opinião.

Para tanto os estudos acerca de gêneros textuais a seguir analisados são muito importantes nesse processo. O próximo tópico contempla os gêneros diário e *edublog*, como diário digital.

3.4 OS GÊNEROS TEXTUAIS: DIÁRIO / *EDUBLOG* NO UNIVERSO DA LEITURA E DA ESCRITA

Em um contexto comunicacional a língua lança mão dos variados gêneros textuais. Cada tipo de comunicação exige uma forma específica de linguagem. Muitos textos podem utilizar-se de gêneros diversos, embora um deles se destaque. Quer sejam orais ou escritos os textos apresentam características específicas que os distinguem em termos de gênero. E cada tipo de texto se encaixa em determinado gênero textual. Por exemplo, o tema abordado, a sua finalidade, quem é o emissor, ou para que receptor o texto se destina são indicadores da especificidade de gênero a ser utilizado. Esses textos podem ser narrativos, argumentativos, instrucionais, dissertativos, descritivos, informativos, expositivos, dialogais, injuntivos, etc.

A seguir são elencadas algumas das tipificações de gêneros textuais: artigo, seminário, aula expositiva, biografia, bilhete, carta, conto, propaganda, notícia, debate, romance, fábula, lenda, relatório, piada e até mesmo elementos aparentemente mais prosaicos como lista de compras, diário, receitas médicas, culinárias, ata de condomínio, telefonema, etc.

Observa-se a infinidade de possibilidades que os gêneros textuais possuem. Estruturalmente cada gênero textual possui estilo próprio de escrita.

Alguns estudiosos não consideram o *blog* como gênero textual, mas como um suporte capaz de aglutinar os mais diferentes gêneros e estilos de linguagem e escrita. Entretanto, há os que compreendem tratar-se de gênero textual digital²⁴. Qualquer que seja o conceito utilizado, ambos servem ao proposto na presente

²⁴ Para Marcuschi (2010) o *blog* é classificado como um "um gênero emergente digital"

pesquisa. Para fins do presente projeto conceitua-se aqui o *edublog* como diário digital para postagens de produção pedagógica, portador de características próprias do seu gênero, porém com capacidade de suportar as mais variadas linguagens de gêneros textuais.

O diário, como linguagem, requer uma escrita informal e seu foco não é necessariamente esse ou aquele leitor específico. Um diário requer especificação da data inicialmente e, a seguir, seu autor descreve acontecimentos cotidianos, lembranças e/ou desabafos. Assim, não se trata apenas de uma ferramenta ou suporte de tarefas escolares, mas uma forma de expressão do cotidiano, das horas da vida comum. Uma espécie de crônica, capaz de enriquecer o conhecimento acerca da cultura escolar. A seguir, trechos do diário da jovem Malala²⁵.

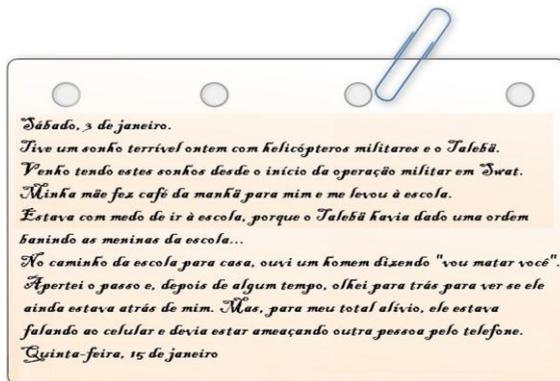


FIGURA 4 - TRECHOS DO DIÁRIO DE MALALA
 FONTE: FOTOMONTAGEM DESSA PESQUISADORA

O *blog* possibilita concentração das mais variadas seqüências textuais da Língua Portuguesa. Trata-se de gênero discursivo muito abrangente, possibilitando a produção de variados tipos de textos. Uma ferramenta de fácil edição, atualização e manutenção textual. Sua comunicação em rede faz do *blog* um instrumento popular de auto expressão. O (s) autor (es) de um *blog* é denominado *blogger*. Um *blogger* geralmente cria e posta conteúdos na *internet* regularmente, usando linguagem pessoal e direta. A característica básica do *blog* é sua formatação de diário, um diário digital.

A seguir, páginas de *edublogs* de duas alunas do referido projeto:

²⁵ Malala Yousafzai é uma jovem ativista paquistanesa. Prêmio Nobel da Paz (2014). Conhecida mundialmente por sua luta em defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação na sua região natal do vale do Swat na província de Khyber Pakhtunkhwa, no nordeste do Paquistão.

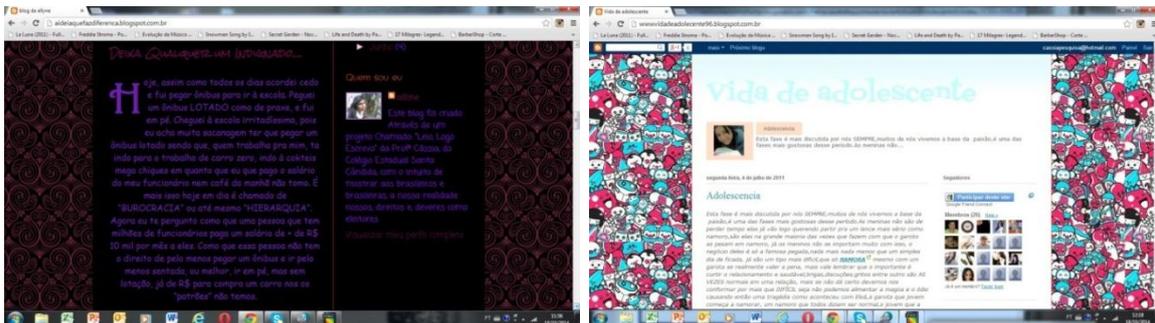


FIGURA 5 - EDUBLOG DA ALUNA ALLINE

FONTE: www.aideiaquefazdiferenca.blogspot.com.br

FIGURA 6 - EDUBLOG VIDA DE ADOLESCENTE

FONTE: www.vidadeadolescente96.blogspot.com.br

Os *blogs* têm sido utilizados como ferramenta de conexão empresarial (comunicação informal com clientes, funcionários, etc.), numa espécie de comunidade. Os *blogs* também têm sido utilizados como espaço de debate político, ampliação de conceitos, retransmissão de notícias, fórum, compartilhamento de projetos, observações e perspectivas sobre temas variados, etc. Vale destacar os *edublogs*, voltados para interesses educacionais.

Ocupando espaço na rede social facebook, o Diário de Classe de Isadora Faber é uma amostra do protagonismo juvenil a partir de militância no espaço virtual.



FIGURA 7 - DIÁRIO DIGITAL DA MENINA ISADORA FABER

FONTE: www.facebook.com/DiariodeClasseSC

Funcionando basicamente como um *site*, porém ofertando maior interação, em termos estruturais o *blog* apresenta o seguinte formato (embora com variações, em função de cada *layout*):

- Cabeçalho da página / *template*: nomeia o *blog*, podendo ser personalizado
- Navegadores: organização e localização de arquivos da biblioteca

- Marcadores: contendo espaço para o perfil do autor, seus seguidores (contatos), publicidade, arquivos de textos e fotos publicados, endereços e recomendações do autor;
- Postagens: cabeçalho com data, horário e assinatura do blogueiro e espaço para mensagens (textos, vídeos, fotos, etc.) que podem ser armazenadas no padrão calendário ou de lista;
- Categorias: organizador de postagens
- Lista de *links*: indica atalhos para outros endereços, entrecruzando textos e temas similares, de amigos, de seguidores, etc.
- Comentários: espaço de interação com o leitor que pode dar ideias, sugerir e compartilhar postagens, etc.
- Lista de Fotografias: armazenagem de imagens, com *link* a partir das postagens do *blog*
- RSS Feeds: ferramenta informativa para o *blogger* e seus leitores, a partir de informações sobre atualizações feitas do *blog*
- Outros Recursos: buscar, compartilhar, curtir, *tweetar*, etc.

O *blog* coloca em contato indivíduos e grupos de lugar social e interesses variados. Embora seja uma ferramenta da comunicação, a simples postagem de informações não significa democratização das ideias. Desse modo, “para que haja verdadeira democratização das ideias, não basta que elas estejam depositadas na grande rede. É necessário que circulem e entrem na ordem do discurso” (Teixeira, 2010).

Como nas demais redes sociais o seu público é muito diversificado, porém as produções podem ser dirigidas a alvos específicos, a partir de palavras chave. Essa ferramenta ainda possibilita a criação de comunidades, seguidores, compartilhamentos, etc.

Há muito que se explorar desse diário digital, gênero textual com muitas potencialidades. A blogosfera é parte desse universo, com particularidades que serão retratadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

4. A BLOGOSFERA NO CONTEXTO DAS TIC

“um ambiente que possibilita a participação, a autoria, o diálogo, o debate de ideias (...) estimulando a interação, o compartilhamento e a comunicação (...) de forma colaborativa (...). o blog pode tornar-se uma importante ferramenta que pode ser explorada potencialmente na área educacional”.
(BOEIRA, s/d)

Para embasar esse capítulo foram analisados os seguintes autores: Levy, Lemos, Sancho, Sanchez, Porto, Bierwagen, Boeira, Landgraf-Valério e outros.

LEMOS (2003, p.1) denomina como cibercultura a prática social contemporânea permeada pelas tecnologias digitais. Essa cultura tem sua gênese a partir das relações atuais permeadas pelas tecnologias digitais, ou seja, trata-se da junção de três elementos relacionais, quais sejam: sociedade, cultura e novas tecnologias.

Assim nas cibercidades os indivíduos se conectam em formatos relacionais específicos, que alteram as relações sociais, a comunicação, a política, etc. Se por séculos o encurtamento de distâncias na comunicação se deu por meio do telefone, uma série de novos *softwares*, *hardwares* e suportes trazem a realidade dos *e-mails*, *chats*, fóruns, *weblogs*, etc. alterando a cultura espaço-tempo. No espaço urbano atual “estar perto não é estar no mesmo lugar” (LEMOS, 2003, p.8)

Ora, diante de tantas alterações no *habitus* social, a cultura cibernética sugere um redesenho das relações professor (a)-aluno (a), pois, de acordo com Lévy (2000, p.158), o (a) professor (a) transforma-se em "um animador da inteligência coletiva", ou seja, deixa de ser fornecedor direto de conhecimentos.

Com esse cotidiano permeado pela tecnologia a escola não pode estar alheia a esse movimento. Torna-se necessária a construção de um projeto coletivo. Por meio da colaboração “entre os docentes e destes com os alunos, e que não apenas acrescenta ao giz e ao quadro de giz novas ferramentas tecnológicas como o computador e o *mouse*. (PORTO, 2012).

O espaço virtual amplia as possibilidades em diversos níveis, dentre os quais o sociocultural, o político e o educacional, além de outros. Ou seja, o mundo virtual reveste-se em um ambiente cultural, que inverte a compreensão do real. A constatação da ausência (física) do outro no mundo virtual conduz a sociedade à

falsa compreensão de que esse vazio seja evidência de uma não existência. Ou seja, a despeito da comunicação, se não vejo o outro, logo ele não existe. Ou ainda, mesmo que ele exista, está fora do meu alcance (e vice versa). Esse é um dos grandes perigos da comunicação em rede, que tem vitimado crianças, jovens e até adultos. Por essa e outras razões, é fundamental a compreensão de como funciona o intrincado espaço virtual.

A comunidade já compreende que no que se refere ao uso das TIC na escola tanto o negativismo quanto o excesso de otimismo trazem prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem. As tecnologias não devem ser planejadas apenas como suporte do fazer pedagógico. Porto (2012, p.191) afirma que as tecnologias “são mais do que suporte, elas interferem no modo de pensar, sentir e agir das pessoas”.

A assustadora (e para alguns, catastrófica) "enchente de informações" que permeia o mundo atual a partir das redes é resultado de incontáveis contribuições, ou seja, uma mega construção de hipertextualidade, pela participação infinita de muitos e diferentes sujeitos, para além do tempo e do espaço. Uma multiplicidade de vozes produz, suscita e reproduz debates que geram uma multidão de novas vozes, carregadas de ideologias, críticas, contribuições, teses e antíteses. Na rede de informações o todo nunca está completo, ao contrário, está sempre por construir e reconstruir, razão pela qual a criação e ampliação de conceitos e conhecimentos são sempre estimuladas, facilitando o processo de conhecimento e análise dos mais variados objetos, suas representações e significados.

A democratização do saber oportunizada pela utilização do ciberespaço disponibiliza uma produção de conhecimento que não está mais circunscrito a pequenos grupos, assim, o grande desafio posto aos professores (as), segundo o mesmo autor, é a qualificação para estimular a inteligência coletiva dos alunos (as).

Levy (2000) considera que o caminho percorrido pela educação tradicional deve ser desconstruído, a partir da premissa de nova reconfiguração. A tecnologia deve ser utilizada no ambiente educacional como instrumento para o estabelecimento de novas relações sociais, resultantes da relativização do espaço e tempo, bem como de enfrentamento das ideologias dominantes arraigadas no meio socioeconômico, além da redução da exclusão daqueles que estão à margem das novas configurações sociais.

Quando cada vez mais estudos apontam que a cibercultura faz emergir outro tipo de inteligência torna-se óbvio que deve suscitar outras formas de abordagem no processo pedagógico. Estratégias inovadoras devem apontar para a superação do ensino estanque que privilegia a memorização e uma prática docente centrada no (a) professor (a) transmissor (a) de conhecimentos. Não há mais lugar na escola para um(a) aluno(a) inerte e passivo diante da própria aprendizagem. A educação contemporânea deve voltar-se para as interações possíveis entre as informações e as atividades cerebrais. Assim Martín-Barbero pensa a relação máquina-cérebro:

O que hoje chamamos de tecnologia precisa ser pensada para além do tempo da máquina, já que o computador não é uma máquina e sim uma *tecnicidade cognitiva* (Lévy, 1990, 1997 e 1998; Stiegler, 2001). Longe da relação corpo / máquina da primeira modernidade industrial, o que a virtualidade digital instaura é uma combinação entre cérebro e informação. (BARBERO, 2008).

Dessa forma, se o conhecimento se constrói a partir de processos de aprendizagem e se a escola hoje se insere em espaço multicultural, no qual crianças, jovens e adultos pensam em rede (SANCHEZ, 2008, p.80), a cultura escolar deve incorporar qualitativamente em seu fazer pedagógico as ferramentas tecnológicas e utilizá-las como estratégia. Inegavelmente crianças e jovens acompanham com maior facilidade e rapidez as mudanças propostas pelo avanço tecnológico, significando afirmar que as estruturas do pensamento, da aprendizagem se aperfeiçoam para se adaptar às demandas atuais. Se a estrutura psicológica da memória se transforma, a escola tem que acompanhar esse processo. Assim, vale dizer que as estruturas tradicionais de ensino mais do que antes devem ser superadas. Se as estruturas no pensamento humano evoluem também a escola deve se superar.

Crianças e jovens cada vez mais se relacionam e constroem um novo pensar sobre o universo. Sua aprendizagem é permeada por valores, sentidos e significados modificados, se ajustam automaticamente às novas práticas sociais, porém, a escola praticamente continua a mesma (SANCHO, 2006, p.18). Pais, professores (as) e especialistas da educação precisam se conscientizar que nessa adaptação ocorreu uma inegável ampliação das estruturas psicológicas dos sujeitos no que se refere ao ensino e aprendizagem. Sancho (2006) afirma que a ampliação da memória humana ocorre

para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano. Este processo, que continuou com o desenvolvimento dos sistemas de escrita, numeração, etc. permitiu incorporar estímulos artificiais ou autogerados que chamamos de signos. As novas tecnologias da informação não apenas ampliaram consideravelmente este repertório de signos como também os sistemas de armazenamento, gestão e acesso à informação, impulsionando um desenvolvimento sem precedentes do conhecimento público. (SANCHO *et al*, 2006)

Hoje a infância e juventude se socializam num ambiente digital. A motricidade das crianças tem se alterado.

A comunicação em rede surge como um valioso recurso, facilitando tanto o desenvolvimento potencial da inteligência individual quanto do compartilhamento dessa inteligência. O projeto de produção de *edublogs* pelos alunos(as), por sua perspectiva autoral, participa da coletivização dessa inteligência, valorizando o saber discente. “O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. (...) a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos contínuos, em fluxo, não lineares”. (LÉVY, 2000, p.158).

Porto (2012, p.174) menciona que Levy retoma as ideias centrais de McLuhan²⁶, acerca da influência tecnológica nos meios de comunicação. Para estes tanto a oralidade quanto a escrita (tradicional e digital) são tecnologias da inteligência.

Da mesma forma que a incorporação de um computador por aluno(a) na escola não garante inclusão digital, Sanchez (2008) observa que também a existência de bibliotecas não garante a formação de leitores e, em havendo leitores, não significa necessariamente que haja aquisição ou produção de conhecimento.

Sanchez reafirma a necessidade de se formar cidadãos com capacidade de integração a grupos de trabalho, conhecendo e aceitando posturas diferentes da sua, em especial no que se refere às concepções e valores sociais. Para tanto é necessário formar

²⁶ De acordo com PORTO (2012), já nos anos 1960, McLuhan foi precursor na análise da tecnologia e a influência dos meios de comunicação na sociedade, revolucionando conceitos, quando afirmou que “a palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pode desvincular-se de seu ambiente retomá-lo de novo modo (...) entendendo as tecnologias como extensões de nossos sistemas físico e nervoso”.

um aluno que deverá reunir uma série de capacidades e novas habilidades. Domínio e capacidade de utilização dos procedimentos científicos, conhecer e utilizar estratégias que lhe permitam uma formação permanente durante toda a sua vida, ter critério para a valorização da formação disponível ou que possa ter acesso, ser capaz de imaginar novos caminhos ou novas perguntas que permitam o avanço do conhecimento. (SÁNCHEZ, 2008)

A escola não pode acolher profissionais e alunos(as) que cotidianamente vivem imersos no ambiente virtual sem abraçar essa mesma onda de conectividade. Por meio dessa onda amplia-se o número de adeptos da comunicação em rede. Grupos cada vez mais ampliados de internautas alteram as práticas de comunicação contemporânea. Os relacionamentos, linguagem, posturas, e outras práticas sociais conectam indivíduos para além do tempo e do espaço.

Nesse amplo contexto das TIC a blogosfera²⁷ se estrutura. A seguir serão analisados a *Internet*, o *Blog* e o *Edublog*, além da ferramenta *Blogger* e outros recursos tecnológicos utilizados.

Objeto de estudo nessa dissertação, conceitualmente

Os blogs são páginas criadas e publicadas através de serviços especializados que permitem que seus usuários registrem e publiquem através da linguagem verbal escrita e não verbal, através de imagens, áudio e vídeo, informações, opiniões, ideias. Um diferencial destas páginas é que permitem a interação entre os autores e leitores através do registro de seus comentários. (BOEIRA, s/d)

Blog é um termo simplificado de *weblog*, cunhado em 1997 pelo programador Jorn Barger. Para ele o *weblogs* designa

uma página da *web*, onde qualquer pessoa poderia colocar uma mensagem expondo todas as outras páginas que considerasse interessantes e encontradas na internet.

(...) *Weblog* veio da junção das palavras *web* mais *log*, aonde o termo *log* representa um registro e o termo *web* representa o conceito da teia ou rede que é a própria internet. (OLIVEIRA *apud* BIERWAGEN, 2011, p.82)

A prática do *weblogs* se popularizou a partir de 1999, especialmente depois da criação dos primeiros aplicativos e outros sistemas gratuitos ou de baixo custo de suporte à sua produção. Os recursos pioneiros foram o *Blogger*, hoje pertencente ao *Google*, juntamente com o *EdithThisPage* (atualmente Manila). (GUTIERREZ *apud* BIERWAGEN, 2011, p.82).

Ainda de acordo com Bierwagen (2011) O uso do *blog* como ferramenta pedagógica tem sua gênese no ano de 2001, na Inglaterra, a partir do portal

²⁷ Termo cunhado por Brad L. Graham, em 1999. Trata-se de "termo coletivo que compreende todos os *weblogs* (ou *blogs*) como uma comunidade ou rede social". (BIERWAGEN, 2011, p.83)

britânico *Schoolblogs.com*. Nos Estados Unidos as primeiras experiências na área educacional ocorrem por intermédio do grupo *Education Bloggers Network* e paralelamente nas universidades de Navarra, Málaga e Carlos III (Madri), na Espanha. No ano seguinte o *Blogger Brasil*, no bojo do lançamento do canal *globo.com* inaugura a blogosfera brasileira.

Estatísticas apontam que os quatro ou cinco *blogs* criados inicialmente em 1997 evoluíram para meio milhão em 2002 e em 2011 somaram 2,1 milhões de *blogs*, resultado do registro de cerca de 10 mil *blogs* por dia!

A mesma autora simplifica o conceito de *blog*: “Trata-se de um diário virtual e de páginas na *internet* que utiliza os protocolos de transmissão de dados e contam com um servidor para armazenar as informações que apresentam”. (BIERWAGEN, 2011, p.83).

Dentro de uma proposta de curso formação de professores (as) para o uso das TIC, foi realizado um trabalho coletivo, do projeto UCA - Um Computador por Aluno, como parte do PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação, da rede pública de ensino no Mato Grosso. A pesquisadora Landgraf-Valério observou a vivência dos professores (as) a partir de variados papéis, atuando em grupos: como formadores, como formandos, como observadores das tarefas desenvolvidas pelos colegas e como mediadores, efetivando em sala de aula seus estudos. Em um movimento dinâmico, afirma a pesquisadora “as formações de professores precisam se voltar para o ciclo ação – reflexão – ação”. E nesse movimento propiciar a inclusão social e digital de alunos (as) e professores (as). (LANDGRAF-VALÉRIO, 2012, p.4)

Nesse mesmo curso de formação o *blog* foi utilizado como “portifólio digital” e o projeto apresentou resultados de superação de dificuldades habitualmente encontradas com o uso das TIC na escola:

- a. proporcionou a diminuição da resistência ao uso de mídia digital;
- b. avançou no quesito de resignificação do computador na escola (mais uma possibilidade pedagógica);
- c. possibilitou desenvolvimento de outros meios de comunicação e publicação (plataforma, *blogs*, *e-mail*);

d. associou teoria e prática , representando mais um passo no processo de letramento digital da escola.

GOMES (2005) faz distinção do *blog* como recurso e como estratégia pedagógica:

enquanto recurso pedagógico os blogs podem ser; um espaço de acesso a informação especializada; um espaço de disponibilização de informação por parte do professor. Enquanto “estratégia pedagógica” os blogs podem assumir a forma de um portfólio digital, um espaço de intercâmbio e colaboração; um espaço de debate – *role playing*; um espaço de integração. (GOMES, 2005 *apud* LANDGRAF-VALÉRIO, 2012).

Landgraf-Valério (2012) faz uma afirmativa que ficou evidenciada no presente estudo. Considera que embora os (as) professores (as) de Língua Portuguesa utilizem os gêneros textuais em suas atividades pedagógicas, o uso dos gêneros digitais são ainda escassos, embora os “*e-mails, blogs, chats, twitter, [estejam]* tão presentes no processo de interação de seus jovens educandos”.

Apontadas algumas das vantagens da entrada do computador no processo educacional, vale destacar o *blog* com seus variados recursos, dentre os quais a ferramenta de postagens e espaço interacional mediante comentários. Nesse espaço é possível postar uma infinidade de textos nas mais variadas linguagens, tais como artigos, reportagens, imagens, vídeos, etc. além da possibilidade de *link* a outros endereços eletrônicos (*sites, outros blogs, redes sociais, etc.*)

4.1 TIPOS DE *BLOG*

Quanto aos temas, a classificação dos *blogs* pode ser: *warblogs* (sobre guerras); *fotologs* (de fotografias); *videologs* (ou *vlogs*) composto por vídeos; *audiologs*, com arquivos de áudio e *edublogs*. (GOMES E LOPES, *apud* BIERWAGEN, 2011, p.85). O tipo de *blog* no qual essa dissertação se insere é o *edublog*, com conteúdos educacionais. Para o enriquecimento desses conteúdos os “blogueiros” lançam mão de diversos recursos e ferramentas, com destaque para fotografias e outras imagens, vídeos, sons, etc.

A partir da popularização de câmeras digitais e celulares com recursos de filmagem a produção de vídeos tornou-se uma atividade acessível e prazerosa entre/pelos jovens. Martín-Barbero afirma que

o vídeo está perdendo seus complexos de inferioridade estética diante do cinema e superando as tentações marginalistas que o opunham de forma

maniqueísta à televisão. Funcionando em circuitos paralelos e abrindo caminho nas brechas deixadas pelos circuitos de mercado, o vídeo independente está fazendo chegar ao mundo cultural uma heterogeneidade insuspeitável de atores sociais e uma riqueza de temas e narrativas através das quais emergem e se expressam mudanças de fundo da cultura política dos setores mais jovens. (BARBERO, 2004)

Boeira (s/d) compreende o *edublog* para além de suas funções técnicas “muito mais que ambientes onde são publicadas informações na forma de linguagem verbal escrita e não verbal, através de vídeos, áudio e imagens; comentários e indicações de links”. Para a autora o seu uso em ambiente de aprendizagem deve ser realizado de forma ativa, onde alunos (as) e professores (as) criam “uma rede de aprendizagem”.

Citando Gomes e Lopes (2007) a autora afirma que existem duas formas de utilizar o blog: a primeira como recurso pedagógico e outra como estratégia pedagógica, cuja diferenciação é apresentada no gráfico a seguir transposto:

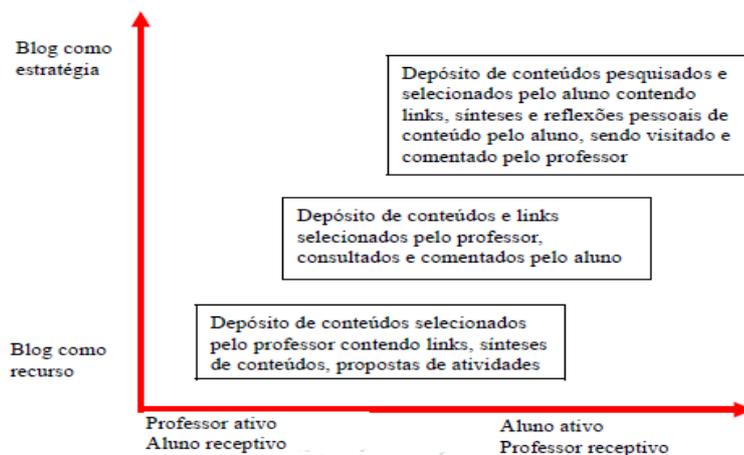


FIGURA 8 - REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA EXPLORAÇÃO DOS BLOGS COMO RECURSO OU COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA
 FONTE: ADRIANA FERREIRA BOEIRA. BLOGS NA EDUCAÇÃO: BLOGANDO ALGUMAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS. (UCS, s/d)

São os tipos de atividades e estratégias desenvolvidas bem como os papéis assumidos por professores (as) e alunos (as) que determinam o tipo de *edublog* em uso.

Na próxima figura, tomada dos mesmos autores, evidencia-se as potencialidades dessas duas formas diferenciadas do fazer pedagógico a partir do uso do *blog* (como ferramenta ou como estratégia):

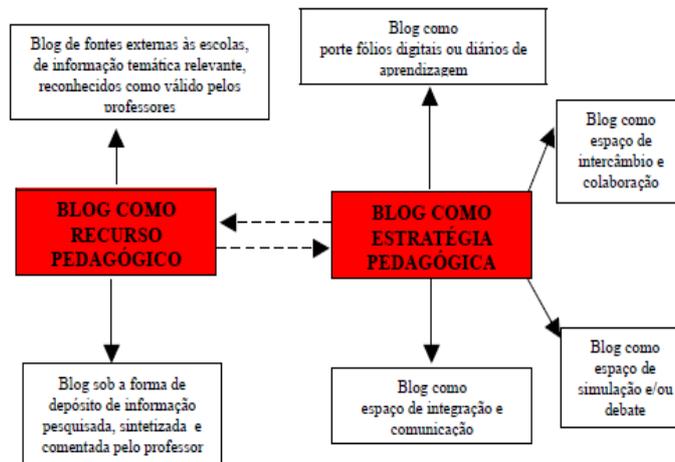


FIGURA 9: REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS EXPLORAÇÕES EDUCACIONAIS DOS BLOGS CENTRADAS NA VERTENTE DE “RECURSO PEDAGÓGICO” E NA VERTENTE DE ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.

FONTE: ADRIANA FERREIRA BOEIRA. BLOGS NA EDUCAÇÃO: BLOGANDO ALGUMAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS. (UCS, s/d)

Observa-se que o *edublog* utilizado como estratégia pedagógica é muito mais “aberto” às possibilidades pedagógicas do que o seu uso como recurso. De fato, o *edublog* discente se inscreve numa situação pedagógica ativa. Entretanto, ao experimentar os dois modelos apresentados, essa pesquisadora e professora compreende que ambos servem ao processo de ensino e aprendizagem e seu uso dependerá dos objetivos de cada projeto.

A criação de um *edublog* é resultado de um processo de poucas e simples etapas. As diretrizes (tutorial) para a criação de um *edublog* encontram-se no Capítulo VI, Sequência Didática.

4.2 FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS / VIRTUAIS APLICÁVEIS AO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE UM BLOG

A quantidade e disponibilidade de recursos tecnológicos para suporte à criação de blogs é muito grande. Nesse item serão elencados somente aqueles que foram utilizados com os adolescentes no projeto dessa professora no CESC. Trata-se de ferramentas úteis para a pesquisa, criação, armazenagem de dados, edição, etc. Todas essas ferramentas foram trabalhadas em sala de aula por essa

pesquisadora, ao longo do ano letivo, com suporte de outros (as) professores (as) e dos responsáveis pelo laboratório de informática do Colégio.

4.2.1 Correio Eletrônico

O E-mail ou mensagem eletrônica é um serviço gratuito criado pelo *Google*, em 2004. É designado como “o envio e a entrega de mensagens mediadas por um ou mais provedores de *internet* e seu tráfego é determinado pela rede mundial de computadores”. Trata-se de “um gênero textual escrito (podendo conter imagens), por onde circulam outros gêneros textuais (ofícios, cartas, bilhetes, memorandos, receitas, abaixo-assinados, listas de discussão), dentre outros”. (PAIVA *apud* BIERWAGEN, 2011, p. 100)

No projeto todos os jovens tiveram que registrar um endereço eletrônico, para troca de informações e mensagens com os (as) professores (as) e os colegas.

Para esse processo torna-se necessário fazer escolha de um provedor, preencher cadastro e registrar *login* e senha de acesso. Os principais provedores são o *Google* (a partir do *Hotmail* e *Gmail*), UOL, Terra, *Yahoo*, *Ig*, e outros.

4.2.2 Espaços e Ferramentas para Armazenamento de Dados

A ferramenta física mais usual é o *pendrive*. Trata-se de uma ferramenta muito pequena, porém com memória de capacidade variável para armazenamento. Entretanto, considerando que cada vez mais dados são produzidos digitalmente estes ocupam considerável espaço na memória de *pendrives* e computadores. Atualmente novos recursos são disponibilizados, a exemplo, o espaço de armazenamento virtual (nuvem)²⁸. Durante o projeto, o acesso a espaços de armazenagem virtual eram desconhecidos, portanto, alunos (as) e professores (as) utilizaram *pendrives*. Hoje é possível baixar programas de armazenamento virtual de dados gratuitamente.

Bierwagen (2001, p.101)) observa que tanto o correio eletrônico quanto o uso do espaço virtual de armazenagem de dados “possibilitam aos educadores por meio

²⁸ Esses espaços também possuem capacidade variável, mas oferecem a vantagem de possibilitar acesso a arquivos pela rede de internet, liberando assim mais memória dos computadores. Os espaços mais populares são: *Google Docs*, *Google Drive* ou *Dropbox*. São programas que possibilitam o arquivamento e compartilhamento de pastas com documentos (textos, imagens, vídeos, etc.).

das ferramentas tecnológicas desenvolverem com seus alunos o trabalho com conteúdos disciplinares e interdisciplinares, habilidades cognitivas, tecnológicas, culturais, habilidades de cooperação, habilidades sociais e de formação do cidadão incluído digitalmente”.

4.2.3 Ferramentas de Edição de Imagens e Vídeo

A criação e inserção de vídeos e imagens nos *edublogs* requer programas específicos, a exemplo do *Movie Maker*, *Corel Draw*, *Fotoshop*, *Fireworks* e outros.

4.2.4 Ambientes de Pesquisa

O mundo virtual é ilimitado, haja vista que seu espaço-tempo é relativizado. A todo instante são postadas novas informações na rede e todo (a) aluno (a) precisa ser orientado para o seu uso da rede de informações de forma qualitativa. A web disponibiliza diversos buscadores, sendo o Google o mais usual no Brasil.

Nesse sentido, ao sugerir pesquisa de determinado tema, seja em bibliotecas físicas ou digitais, o (a) professor (a), na função de mediador (a) do conhecimento, pode usar mecanismos simples. Pode, por exemplo, fornecer listagem de *sites* confiáveis, ou mesmo orientar o (a) aluno (a) para sua identificação, mediante o fortalecimento de seu senso crítico.

4.2.5 Ambientes Lúdicos e de Artes

Em se tratando de biblioteca de som e imagem, o *Youtube* é o mais popular dos espaços virtuais. Criado pelo *designer* Chad Hurley juntamente com Steve Chen e Jaed Karin (cientistas da computação) em 2005, “esse *website* permite aos usuários assistir, publicar e compartilhar vídeos em formato digital”. (BIERWAGEN, 2011, p.99).

Por seu intermédio podem ser baixados vídeos, músicas, etc. Outra faceta desse recurso é que as produções de vídeos dos estudantes podem ser postadas no mesmo espaço e compartilhadas mundialmente, a partir da criação de um canal próprio, mediante registro de *login* e senha. “O *Youtube* [é] uma ferramenta da nova geração Web 2.0, é um serviço gratuito de partilha de vídeos de enorme sucesso

que permite ao utilizador publicar, ver e partilhar vídeos da sua autoria , ou de outros utilizadores” (COUTINHO E JUNIOR apud BIERWAGEN, 2011, p. 99)

Também existem jogos e brincadeiras que podem ser acessados *on-line* ou baixados no computador. Idealmente os (as) professores (as) devem selecioná-los previamente e indicar, conforme as abordagens dos temas trabalhados em sala de aula. Também pode ser explorado o recurso de HQ digital, no qual podem ser criadas e montadas histórias em quadrinhos, charges, etc.

De conformidade com Bierwagen (2011, p.102-105) as também conhecidas como HQ eletrônicas ou Hqtrônicas dispõem dos seguintes elementos: “animação, diagramação dinâmica, trilha sonora, efeitos sonoros, tela infinita, narrativa multilinear e interatividade”. E a mesma autora cita os principais sites de HQ digitais: www.pixton.com.br; www.stripcreator.com/make.php; www.makebeliefscomix.com/Comix/ e www.maquinadequadrinhos.com.br/Intro.aspx.

Vale destacar que esse último sítio foi o primeiro editor *on-line* de histórias em quadrinhos brasileiro e contempla cenários e personagens da Turma da Mônica, com a vantagem de, por ser uma produção nacional, suas instruções são em português, ao contrário da maioria dos outros sítios similares. O mundo digital disponibiliza ainda outras ferramentas para fotomontagens. Todos os resultados da utilização desses recursos podem ser postados no *blog*, mediante simples edição ou postagem do seu *link* ou endereço eletrônico correspondente.

4.3 OS BLOGS E O PROTAGONISMO JUVENIL

Os *blogs*, assim como as redes sociais, têm servido como meio de comunicação entre os jovens. Seus objetivos vão desde a criação de páginas tutoriais para auto maquiagem até a luta política (a partir de denúncias e críticas) e organização social mais efetiva, em torno de campanhas, serviços voluntários, consciência política, etc.

Essa ferramenta comunicacional tem servido como instrumento de luta de adolescentes mais politizados. De acordo com Paulo Daniel²⁹ (CARTA CAPITAL, *online*) uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), em parceria com o Instituto Polis e

²⁹ PAULO DANIEL é economista, mestre em economia política pela PUC-SP, professor de economia e editor do *blog* Além de economia

seis outras organizações latino americanas³⁰ mostraram um perfil da militância juvenil nas redes sociais. Foram entrevistados jovens brasileiros, chilenos, argentinos, uruguaios, paraguaios e bolivianos, entre os anos de 2007 e 2009. O estudo objetivou a geração de informações e dados capazes de embasar a elaboração de políticas voltadas para essas juventudes. Os pesquisadores buscaram também identificar se as reivindicações da juventude organizada convergiam com a percepção da sociedade em geral.

O recorte da pesquisa atuou com jovens organizados em movimentos sociais femininos, trabalhadores sem terra, de dança, etc. e 14 mil jovens e adultos responderam a questionários. Os resultados apresentaram uma juventude mobilizada, embora de forma diferenciada, em relação à juventude que enfrentou as ditaduras militares nos anos 70. As TIC facilitaram o contato desses jovens sendo, portanto incorporadas as redes sociais e *blogs* às suas ferramentas de luta.

As diferenças entre as juventudes latino-americanas se manifestam nas histórias de cada um dos países pesquisados, portanto ocorrem em termos de sociedade e não entre as juventudes. Esses resultados também fornecem “subsídios para os movimentos sociais pensarem suas práticas”, afirma Daniel. (CARTA CAPITAL, *online*).

Essa pesquisa aponta o *edublog* como mais uma ferramenta política que pode ser utilizada estrategicamente no espaço escolar. A seguir, será apresentado como foi o desenvolvimento do projeto com *edublogs* no Colégio Estadual Santa Cândida, a partir de sua contextualização histórica.

³⁰ “A rede que desenvolveu a pesquisa foi integrada também pela Fundación SES (Argentina), U-Pieb (Bolívia), Cidpa (Chile), Base-IS (Paraguai), Cotidiano Mujer e Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de la República (Uruguai). O estudo contou com apoio do Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento (IDCR), do Canadá”. (PAULO DANIEL, Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/135919-6>)

CAPÍTULO V

5. O CESC-COLÉGIO ESTADUAL SANTA CÂNDIDA E A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO

“Quão importante torna-se a escola... nossa segunda casa, onde encontramos pessoas que farão parte de nossas vidas para sempre... desde a cozinheira, no preparo da merenda, da faxineira que com cuidado arruma a sala que utilizamos, as pessoas da secretaria, enfim, todos os funcionários que trabalham para concretizar nossos sonhos escolares em realidade e vida”. (Natália Nadolny Ungaratti, aluna)

Historiadora, essa pesquisadora compreende ser necessário fazer o resgate histórico do CESC, antes da apresentação de seu projeto. O capítulo embasa-se em obras dos Padres Fedalto e Wislinski, Walesco, noticiários e depoimentos diversos.

5.1 HISTÓRICO DO CESC

O Colégio Estadual Santa Cândida possui um amplo acervo historiográfico, em grande parte disponível no seu *site*. Por ocasião das comemorações de seu 100º aniversário essa pesquisadora teve oportunidade de, como professora e historiadora, coordenar ampla pesquisa fotográfica e depoimento de ex alunos junto à comunidade escolar. Essa tarefa embasou a edição do livro “Cem anos educando gerações 1912-2012”, lançado durante as solenidades do centenário do CESC. Além dessas fontes, esse capítulo embasa-se no Relatório do presidente Adolpho Lamenha Lins e textos dos Padres Pedro Fedalto e João WISLINSKI e no blog de Danusia Maria Walesco. Foram pesquisados também jornais, informativos (entre estes da Casa Romário Martins) e sites diversos.

Seguramente pode-se afirmar que o bairro, a igreja e a escola Santa Cândida têm sua gênese no mesmo movimento historiográfico.

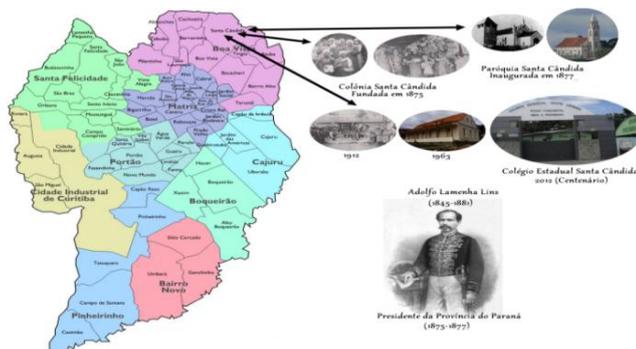


FIGURA 10 - MAPA SANTA CÂNDIDA

FONTE: PESQUISA E FOTOMONTAGEM DA AUTORA. IMAGENS GOOGLE.

5.1.1 O Bairro Santa Cândida

Uma das marcas do governo do pernambucano Adolfo Lamenha Lins (1845-1881), presidente da Província do Paraná entre 21 de abril de 1875 a 16 de julho de 1877, foi a fundação de colônias de imigrantes nos arredores de Curitiba. Nesse contexto nasceu a Colônia Santa Cândida, em 1875.



FIGURA 11 - COLONOS SANTA CÂNDIDA: RECORTES DE JORNAIS
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

O nome da colônia foi escolhido em homenagem a esposa de Lamenha Lins, dona Cândida, que por sua vez levava o nome da Santa Cândida³¹, festejada em agosto, mesmo mês da chegada dos primeiros imigrantes na região.

Em 6 de janeiro de 1877 foi inaugurada a Paróquia de Santa Cândida, em terreno de 76.681m² doado pelo governo provincial. Em 1940 a capela foi demolida, sendo recuperados 34 mil tijolos inteiros, 5 mil pela metade, além de 70m³ de pedra e 32m³ de areia. Esse material foi aproveitado para construção do muro da igreja construída e para ampliação do cemitério.



FIGURA 12: PARÓQUIA SANTA CÂNDIDA. FESTA NA DÉCADA DE 1920
 FONTE: www.danusia.com.br

³¹ Cândida é um nome de origem latina "*candidus*", cujo significado é "pura e inocente". Dia 29 de agosto o catolicismo celebra o aniversário de morte de Santa Cândida, que foi martirizada durante as perseguições anti cristãs do Império Romano. Entre os anos de 817 e 824 o papa Pascal I determinou transferência de seu corpo para a igreja de Santa Praxedes, junto a outros mártires sepultados em Roma.



FIGURA 13 - PRIMEIRA (1877) E ATUAL ARQUITETURA DA IGREJA DE SANTA CÂNDIDA (FOTO DE 1956)

FONTE: www.danusia.com.br

A imagem barroca de Santa Cândida, entalhada em cedro, com 80 cm, vinda de Lisboa, foi doada pelo imperador D. Pedro II.



FIGURA 14 - IMAGEM DE SANTA CÂNDIDA E ALTAR PRINCIPAL

FONTE: www.danusia.com.br

À ocasião da inauguração da paróquia a imagem chegou pelas mãos do próprio Presidente da Província, Adolfo Lamenha Lins, que numa procissão de 2000 fieis partiu de Curitiba rumo a Santa Cândida. O evento foi assim relatado pelo jornal governista Dezenove de Dezembro:

(...) os colonos dos arredores da capital em numero superior a dois mil, seguidos de uma multidão de fieis desta cidade, formaram a procissão que desfilou pela estrada da Graciosa até a bella colina onde está construída a elegante capella da colônia. A colônia Argelina (leia-se Santa Cândida) empavesou-se com arcos de folhagens, onde se liam inscrições relativas (...) uma comissão de meninas vestidas de branco, em nome da infância a quem S. Ex. (Lamenha Lins) fornece com tanta liberalidade o pabulo da instrução, depoz nas mãos do benemérito presidente singela e muito significativa manifestação. Os colonos de Argelina (leia-se Santa Cândida) fizeram-se representar por sua vez perante S. Ex. exprimindo-lhe a satisfação que experimentam diante dos progressos da colonização (...). O povo aglomerado na collina, onde foi edificada a capella, oferecia aos que chegavam um imponente espetáculo. (...) Os distintos encarregados do alojamento dos imigrantes, e agente da colonização as suas expensas distribuíram pão e carne entre os colonos, que compareceram a festa. (Dezenove de Dezembro, 10/jan./1877, *apud* Walesco, 2015)

A imagem integra o acervo histórico do bairro e encontra-se na Igreja Paroquial de Santa Cândida.



FIGURA 15 - PARÓQUIA DE SANTA CÂNDIDA, FOTOS RECENTES
 FONTE: www.missoespopulares.blogspot.com e www.calhascanaa.com.br

No início do século XX tanto o bairro quanto a Igreja Santa Cândida já existiam quando duas irmãs franciscanas chegaram da Polônia para administração da escola.

Se por um lado a história do Bairro, da Igreja e da escola se embricam, de igual modo a história da escola se entrelaça com o movimento de chegada das irmãs da congregação franciscana.

Os moradores, majoritariamente trabalhadores em lavoura eram oriundos da Polônia e se instalaram na região e circunvizinhanças. Muitos representantes desses primeiros moradores estiveram presentes na solenidade do centenário do CESC, em 2012. Entre as famílias estavam representadas as gerações dos: *Skrsyszouski, Maciozeky, Urbanovicz, Chepluki, Savisky, Okoinski, Karpinski, Broska, Pelech, Sitko, Sitinik, Wosh, Skora, Sgota, Selshort, Barcik, Doska, Spisla, Straioto, Matuchewski, Walesco, Dombrowski, Kulik, Gregarek*³², além de outros.

Em meio às preocupações diárias da comunidade polonesa local estava a educação dos seus filhos. Essa comunidade foi determinante na construção da Casa Escolar, a princípio carente de educadores.

Essa lacuna foi logo preenchida pela ação do Padre Leon Niebieszczanski, vigário responsável pela Igreja de Santa Cândida. Ele solicitou oficialmente à Irma Sofia Koncza, Madre Geral da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, que fossem enviadas irmãs para cuidarem da educação formal da nascente comunidade.

Desse modo, o relato histórico do Colégio Estadual Santa Cândida requer um breve conhecimento da história das suas primeiras mestras, as irmãs franciscanas Congregação da Sagrada Família de Maria.

³² Fotografias e depoimentos desses e de outros ex-alunos (as) do CESC encontram-se registrados no livro Cem anos educando gerações, editado pelo CESC, com apoio na Lei 9610/98.

5.1.2 A Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria

O dia 1º de julho de 1912 marca a chegada das Irmãs Ludvica Babula e Anna Kornoviski³³ e, pode-se afirmar marca também a data de início das atividades educacionais da primeira escola do bairro Santa Cândida.



FIGURA 16 - IRMÃS LUDVICA BABULA E ANNA KORNOVISKI

FONTE: RECORTE DESSA AUTORA. DISPONÍVEL EM: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 17 – 1914: RELIGIOSAS DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA

1ª Fileira – Sentadas, da esquerda para a direita: Irmãs Anastazja Pawtowska, Maria Germana Ptak, Urszula Przydrozna, Madre Elzbieta Stanislawska, Yadviga Dudek e Aleksandra Zielinska. **2ª Fileira – Em pé, da esquerda para a direita:** Irmãs Balbina Raczkiewicz, Anna Karnowska, Cecylia Skrobot, Klara Stonoga, Elizabete Lewandowska e Ludwika Babula. **3ª Fileira - Em pé, da esquerda para a direita:** Irmãs Antonia Paszkiewicz, Aniela Blenska, Teresa Rybacka, Agnieszka Koprucka, Zofia Haluch (noviça), Gabriela Kielbasianka, Gerarda Baracz, Józefa Pelc e Apolonia Borys.

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

A história da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria inicia-se em Petersburgo, na Rússia, dia 27 de dezembro de 1857, fundada pelo padre polonês Zygmunt Szczesny Felinski (1822-1895)³⁴. Seu objetivo era fomentar o trabalho missionário em terras estrangeiras, a partir do trabalho das “aventureiras de Deus”.

³³ Nos registros da escola o sobrenome da irmã Anna é grafado de duas formas: Karnowska e Kornoviski. A irmã Ludvica Babula faleceu em 01/12/1956 e a irmã Ana Kornowski em 27/03/1961

³⁴ Em 22 de agosto de 2002, na Cracóvia, Polônia, o papa João Paulo II reconhece a santidade do Padre Felinski, tornando-o Bem Aventurado. Em 11 de outubro de 2009 ele foi canonizado pela Igreja Católica, tornando-o São Zygmunt Felinski. Suas relíquias encontram-se na Catedral de Varsóvia.



FIGURA 18 - PADRE ZYGMUNT FELINSKI
 FONTE: IMAGENS GOOGLE. RECORTE E TRATAMENTO DA IMAGEM FEITO POR ESSA PESQUISADORA.

O Brasil foi o primeiro país a receber as religiosas polonesas. Em 1 janeiro 1906 aportavam em Paranaguá as irmãs Sofia Ulatowska, Edviges Dudek e Maria Grzegorzewicz, alojando-se primeiramente em Curitiba, no atual Bairro de Orleans. Aos poucos, 49 irmãs franciscanas formaram o primeiro grupo evangelizador da Congregação no Brasil.

Em 1909 o trabalho do grupo tornou-se oficial, a partir de determinação da recém chegada Superiora Geral, Madre Sofia Koncza. Ela organizou um governo provincial provisório constituindo como Superiora Provincial a Madre Sofia Ulatowska e as irmãs Gertrudes Walkowiak, Maria Ptak, Benedita Baran e Longina Tyrzcz como conselheiras. Em 10 de fevereiro de 1911, a partir da criação da Província Menino Jesus, em Curitiba iniciou-se o processo de formação de novas irmãs, a partir de Noviciado. Nessa fase, pela expansão da evangelização, a Província possuía 05 comunidades, com 21 Irmãs, algumas das quais eram vocacionadas brasileiras.

Nos anos 60 a comunidade precisou desmembrar-se, pela ampliação do seu número de comunidades. As então 60 comunidades originaram em Erechim, no ano de 1967, a Província de São Francisco de Assis, estendendo sua influência evangelizadora para os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Atualmente suas comunidades atuam na área educacional, de assistência social, saúde, pastoral, seminários e confecção de paramentos litúrgicos, a partir de 41 comunidades que atuam no Paraná, Pernambuco, Paraíba, Minas Gerais, Tocantins e Distrito Federal. E a congregação possui a Casa de Retiros Sagrada Família, inaugurada em 17 de maio de 2003.



FIGURA 19 - LOGOMARCA ALUSIVA AOS 100 ANOS DO CESC
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

5.1.3 Obras na Escola: Primeiras Instalações, Materiais Didático Pedagógicos, Brincadeiras, Gestoras, Ampliações, etc.

Além de auxiliarem o padre em suas atividades eclesiais, a principal missão das primeiras irmãs franciscanas que aqui chegaram foi a de assumirem a escola que também receberia o nome de sua padroeira, Santa Cândida.

Assim, a data da chegada dessas duas componentes da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, marcou o início das atividades da Casa Escolar, hoje Escola Estadual Santa Cândida.



FIGURA 20 - INAUGURAÇÃO DA CASA ESCOLAR SANTA CÂNDIDA
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Funcionando a partir de 1º de julho de 1912 a Casa Escolar foi instalada em um pequeno barracão, com apenas duas salas de aula, cujas madeiras se encontravam em péssimo estado de conservação e, naturalmente sem energia elétrica.

A estrada de acesso, a princípio sem calçamento, gerava muito barro em dias chuvosos. A óbvia ausência de meios de transporte obrigava as crianças e jovens caminharem longas distâncias à pé³⁵. Talvez a primeira grande aquisição tecnológica da escola tenha sido uma torneira, aposta à entrada da escola. Nessa torneira por 10 anos, as (os) professoras (es) podiam lavar seus calçados e os alunos (as), deviam lavar os pés, literalmente, uma vez que tanto meninos quanto meninas chegavam à escola descalços. Ora, não havendo condições para calçados, muito menos havia para uniformes. Desse modo, os meninos usavam calças curtas e as meninas, vestidos que deviam cobrir os joelhos. O material escolar incluía um

³⁵ Embora localidades mais distantes, muitos alunos (as) partiam de Roça Grande, Ressaca (atual São Gabriel), Bairro Alto e Inferninho (atual Jardim Aliança) para a Escola Santa Cândida.

penal (com penas descartáveis) e lápis de pedra, além do livro de catecismo “História Sagrada”. Habitualmente os estudantes transportavam o material e a merenda³⁶ em sacolas de tecido, com alças, que atavam aos seus pescoços.

A princípio cada família pagava mil reis por aluno (a) e esse valor era complementado por 50 mil reis advindos do governo provincial. Vale lembrar que a soma, além de subvencionar o ensino, também era destinada ao sustento das irmãs professoras. E assim a precariedade da primeira escola de Santa Cândida atingia toda a comunidade escolar.

Dentre seus materiais didáticos a escola dispunha de lousa de pedra e folha, adotando ainda o livro “Minha Pátria”, voltado para os 3 primeiros anos. Vale destacar que esse primeiro livro era escrito em português e polonês (linguagem cotidiana dos colonos). O ensino do polonês clássico era uma exigência, considerando-se o falar dos colonos como “caipira”³⁷. Exigia-se que os estudantes saudassem os adultos em língua polonesa, assim: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”, e essa prática era muito habitual no trajeto escolar.

Incluía-se ainda entre os materiais didáticos os cadernos de caligrafia e de aritmética, cujos exemplares deviam permanecer na escola.

Inicialmente o conteúdo planejado para o ensino dos alunos (as) era o seguinte:

TABELA 6 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

SÉRIE	DISCIPLINAS/CONTEÚDO
1º ano	Caligrafia Aritmética Leitura (em polonês) Religião ³⁸
2º e 3º ano	Caligrafia Leitura (em polonês) Geografia ³⁹ História ⁴⁰

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Os documentos históricos do CESC registram inclusive as brincadeiras que eram comumente partilhadas por meninos e meninas durante o recreio.

³⁶ A merenda geralmente era composta por uma fatia de broa de centeio ou pão com salsicha, além de uma pequena garrafa de café com leite.

³⁷ O ensino da linguagem tinha a particularidade de inserir o polonês clássico, habitual entre os padres e as irmãs e diferente do praticado pelos alunos (as) e seus familiares, que utilizavam o falar típico da Silésia.

³⁸ O ensino de religião contemplava um catecismo, que o (a) aluno (a) deveria decorar. Essa aula era dada pelo padre

³⁹ As aulas de Geografia constavam de informações básicas sobre os países da América do Sul, além de estados brasileiros, suas ilhas e rios.

⁴⁰ As aulas de História consistiam de informações sobre História do Brasil e da Polônia, presentes nos parques materiais de leitura.

Algumas dessas são representadas na tabela a seguir:

TABELA 7 - BRINCADEIRAS HABITUAIS

DE MENINAS	DE MENINOS
Cantigas de Roda 	Pião 
Pular Cordas 	Bolinhas de Gude 
Amarelinha 	Aviãozinho de Papel 
Cantorias 	Cinco Marias 
Cinco Marias 	Troca de Figurinhas ⁴¹ 

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Muito embora com recursos e materiais tão precários, o desejo de ensino e aprendizagem fez das primeiras instalações o recurso suficiente para acomodar os primeiros 64 alunos(as) da Casa Escolar Santa Cândida.

No mesmo ano em que o Brasil experienciava a Semana de Arte Moderna, 1922, a escola inaugurou a sua primeira construção. Através de campanha coordenada pelo Padre Paulo Warkocz, resultando em donativos e mutirão da comunidade, a escola ganhou novas instalações, de alvenaria.

O casarão, recém construído, recebeu características típicas da arquitetura polonesa e, como de praxe, recebeu lambrequins em seus beirais.

Em um ano a escola incorporou duas amplas salas, proporcionando abertura de dois turnos, além de oferta de aulas de música, trabalhos manuais e prendas domésticas.

⁴¹ Na década de 20 popularizaram-se em Curitiba as Balas do Zequinha. Inicialmente fabricadas por 4 irmãos poloneses (Sobania) sua embalagem trazia figurinhas colecionáveis do personagem Zequinha. Um palhaço que divertia crianças e adultos. Ele retratava localidades, situações e profissões diversas, em cenas adjetivadas como “Zequinha Esportista”, Zequinha no México, etc. tornando-se figura icônica da cultura curitibana, difundida nas demais cidades e Santa Catarina. Foram relançadas diversas vezes, até os anos 80. Em 1979 foram utilizadas em campanha de ICM do governo paranaense.

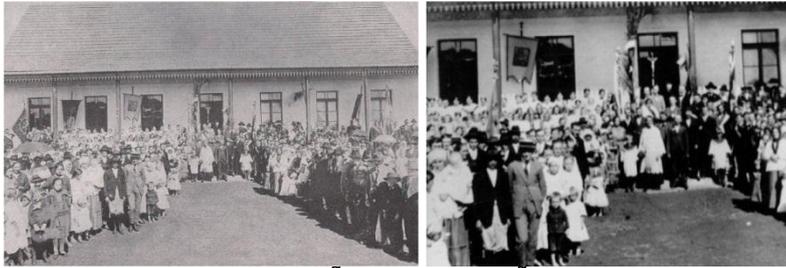


FIGURA 21 - INAUGURAÇÃO DO CASARÃO

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br e www.danusia.com.br

Em 16 de Janeiro de 1938 a SEED-Secretaria de Estado da Educação aceitou o registro de funcionamento da escola que, em 13 de Agosto de 1942, denominou “Escola de Santa Cândida”.



FIGURA 22 - ALUNAS E FILHAS DE MARIA, NA DÉCADA DE 40
PADRE JOÃO WISLINSKI, FREIRAS E ALUNAS EM FRENTE AO CASARÃO.
FONTE: www.danusia.com.br

No final da década de 50 a escola possuía 120 alunos(as) matriculadas. Com a ampliação de mais duas salas (uma de aula e uma recepção), em 1952, passou a agregar 170 estudantes, com aulas ministradas por 4 irmãs. Inserir-se nesse ano o curso de datilografia, possivelmente nascendo daí uma vertente de ensino técnico presente na escola até a atualidade.

No ano seguinte, a partir de importantes mudanças estruturais, ampliou-se o número de vagas com a implantação do Jardim de Infância. No bojo das reformas foram criados pátios distintos para recreio de meninos e meninas. Pela Lei Lei n.º 4024/61 ampliou atendimento para alunos(as) de 1ª a 4ª séries.

Passados 10 anos a escola contava com 355 estudantes matriculados. Assim, no ano de 1963 a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria arrecadou fundos para construção de um prédio de alvenaria⁴². A obra foi inaugurada em 27/outubro/1963 e, além de 3 salas de aula a escola pode contar com uma secretaria e biblioteca.

⁴² Atualmente o referido prédio não abriga mais a escola, tornando-se residência oficial das irmãs.

O prédio de alvenaria pode ser visualizado na Figura 23, a seguir.



FIGURA 23 - PRÉDIO DE ALVENARIA
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Nesse período, apesar de cobrança de mensalidades, muitos alunos (as) carentes estudavam gratuitamente. Em contrapartida, mediante parceria, os salários dos (as) professores (as) e a merenda escolar passaram a ser responsabilidade do Estado. Ainda assim, as dificuldades da escola se ampliavam, conforme evidenciado em depoimento localizado no site da escola: *“o número de alunos sem condições de pagar as mensalidades e ainda subnutridos, são encaminhados todos os anos à Escola, pela falta de Escola estadual no bairro, as dificuldades só tendem a aumentar. Poucas salas, muitos alunos”*.



FIGURA 24 - LEMBRANÇA ESCOLAR.
FONTE: ACERVO FAMILIAR. ANO 1966: ALUNO CELSO PAULO KULIK, AOS 8 ANOS

Em 30 de Outubro de 1970, quando a escola passou a denominar-se Grupo Escolar Santa Cândida, a partir do decreto n.º 21473, já possuía mais de mil alunos(as) matriculados.

No ano de 1973 introduz o ensino de 5ª série, em consonância com a reforma de Ensino (Lei n.º 5692). Tal determinação agravou o quadro caótico estrutural da escola e forçou a criação de um terceiro turno, em função da insuficiência de salas disponíveis. Essa situação foi documentada em reportagem:

Depois que as Irmãs da Sagrada Família transformaram seus quartos de dormir em sala de aula, o governo do estado, através da FUNDEPAR, construiu mais cinco salas, em dois pavilhões que mais se parecem com galpões ou depósitos de mercadorias que salas de aula... Mas a construção dessas cinco salas de aula, não obedeceu a mínima técnica e exigência de ensino. Elas foram edificadas com madeira de terceira qualidade e hoje as paredes estão com fendas e as escadas de acesso estão apodrecendo. O

acabamento interno é da pior qualidade, com a instalação elétrica com constante curto-circuito, podendo a qualquer hora, tudo ser transformado em chamas... Centenas de crianças estão amontoadas em salas de aula apertadas, com péssimas instalações, sem higiene, sem ventilação, sem condição mínima de funcionamento. Isso tudo ainda agravado com a falta de instalações sanitárias adequadas, onde as próprias professoras, por medida de segurança, recomendam aos alunos a não usar os mictórios porque eles poderão ser contaminados ou ainda cair nas fossas negras... por medida de higiene e saúde pública, aquele Estabelecimento de Ensino já esteve ameaçado de ser fechado. (Jornal do Paraná, 1974)

Mediante diversos ofícios e contatos com órgãos governamentais as irmãs da Sagrada Família tentaram apoio para ampliação das instalações da escola. Através do Arcebispo Dom Pedro Fedalto a Mitra da Arquidiocese de Curitiba ofertou, mediante escritura pública de doação, uma grande área para construção da unidade escolar. Pela escrituração o terreno localizava-se na Rua Padre João Wislinski, hoje Rua Theodoro Makiolka. Por muitos anos as reivindicações feitas junto aos órgãos governamentais não surtiram o efeito esperado.

Em 1974 foi criada a APP Associação de Pais e Professores do Grupo Escolar Santa Cândida (Hoje APMF). Seu primeiro presidente foi Francisco Delavechia.

Enfim, em 1975, a questão da construção da escola no terreno doado pela Mitra Arquidiocesana foi resolvida. Com o processo de Estadualização do Ensino na Escola, em 1975, foi firmado com o governo⁴³ o seguinte acordo: a escola cederia o terreno, o Estado assumiria os encargos com pessoal administrativo e professores (as). Em contrapartida e a Direção⁴⁴ da Escola passa a ser permanentemente prerrogativa das Irmãs da Sagrada Família. Se, por um lado a questão da edificação da escola ficou resolvida, a da gestão escolar deixa a desejar no quesito democratização. Ao invés de eleição, a indicação de diretoras é a tônica.

Historicamente atuaram na escola 19 diretoras. Todas pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

As diretoras mais recentes possuem formação em nível superior. Elas também possuem suas páginas e perfis nas redes sociais.

A seguir são expostas, na Tabela 8, as fotografias disponíveis dessas religiosas e profissionais da educação que atuaram no CESC.

⁴³ O referido acordo foi firmado sob o governo de Jaime Canet Junior, com a FUNDEPAR-Fundação Educacional do Estado do Paraná.

⁴⁴ A principal garantia da manutenção desse acordo encontra-se em cláusula específica da escritura do terreno doado.

1ª Diretora	1912 a 1917	Ludvica Babula	
2ª Diretora	1918	Agostinha Juras	
3ª Diretora	1919	Alexandra Zielinski	
4ª Diretora	1920	Elizabete Levandowski	
5ª Diretora	1921 a 1923	Benedita Baran	
6ª Diretora	1924 a 1936	Apolônia Borys	
7ª Diretora	1937 a 1939	Gabriela Kielbasianka	
8ª Diretora	1940	Alexandra Zielinski	
9ª Diretora	1941 a 1945	Balbina Raczkowski	
10ª Diretora	1946 a 1950	Izabel Milczewski	

11ª Diretora	1951 a 1953	Florentina Remer	
12ª Diretora	1954 a 1959	Joanina Knaut	
13ª Diretora	1960 a 1965	Cipriana Zerek	
14ª Diretora	1966 a 1968	Miriam Gaioski	
15ª Diretora	1969	Olga Minikoski	
16ª Diretora	1970 a 1983	Ludgarda Skalinska	
17ª Diretora	1984 a 1995	Maria José de Oliveira	
18ª Diretora	1996 a 19/08/2013	Oliva Nallon	
19ª Diretora	20/08/2013	Jaciélma Martins	

TABELA 8 – DIRETORAS DO CESC

FONTE: Recortes da autora, fotos disponíveis em: www.colegiosantacandida.com.br e *Facebook*

A implantação do 1º grau na escola foi resultado do parecer 327/74, aprovado pela Resolução 391/75. E, em 23 de dezembro de 1975, o Grupo Escolar passa a se denominar Escola Santa Cândida, Ensino de 1º Grau, mediante o Decreto n.º 1387. Nessa fase passou a integrar o Complexo Escolar “Dr. José de Sá Nunes”.

Finalmente, em 1977, a conclusão de obras deu início ao processo construtivo do atual complexo escolar. A princípio a edificação foi erguida em dois pavilhões. Um destes acomodando 8 salas de aula e cantina e o outro destinado a administração e biblioteca escolar. Foram erguidos também uma nova cozinha, vestiários e quadras esportivas.



FIGURA 25 - SOLENIIDADES DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA SANTA CÂNDIDA

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



NOVA ESCOLA
Com a presença do Secretário Borsari Neto, o Governador Jayme Canet Junior inaugurou ontem, nova e moderna unidade escolar no bairro de Santa Cândida.

FIGURA 26 - AUTORIDADES INAUGURAM A ESCOLA SANTA CÂNDIDA
RECORTE DO DIÁRIO DO PARANÁ, 12/JULHO/1977. DISPONÍVEL EM:
www.colegiosantacandida.com.br

Através do ofício nº 1806, de 30 de Outubro de 1979 da Secretaria de Educação, a escola estendeu suas vagas para matrículas de 1ª a 6ª série. Entretanto, um forte movimento comunitário resultou em extensão para provimento de turmas de 7ª e 8ª séries. Assim, a Resolução n.º 372/82, de 5 de fevereiro de 1982 do governo do Estado autorizava a oferta do ensino de 1º Grau completo.

Por meio da Resolução nº 149, de 20 de janeiro de 1983, a Escola passou a denominar-se Escola Estadual Santa Cândida - Ensino de 1º Grau.

Historicamente, em 1985 os estudantes iniciaram a primeira experiência com o grêmio estudantil, até então proibido. Os alunos (as) de 7ª e 8ª séries organizaram-se e elegeram sua primeira presidente a aluna Jaqueline Rosalia Meneguelli. Uma

de suas primeiras atividades foi uma gincana cultural sob o tema “patriotismo e liberdade de expressão”. Entretanto, a oficialização do grêmio aconteceu 14 anos depois.

A comunidade escolar é muito forte no CESC e, em 1993, a APM-Associação de Pais e Mestres (antiga APP) organizou-se em mutirão com o objetivo de construir o muro e o calçamento do pátio escolar.



FIGURA 27 - COMUNIDADE EM MUTIRÃO PELA ESCOLA ESTADUAL SANTA CÂNDIDA
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

O Ensino Médio seria introduzido na escola no ano seguinte, mediante a Resolução n.º 1636/94, então denominado como 2º Grau. Com nova denominação, o Colégio Estadual Santa Cândida, Ensino de 1º e 2º Grau englobava a chamada escola de Formação de Educação Geral. Observa-se que, até a atual nomenclatura o colégio recebeu 7 denominações, a seguir expostos em linha do tempo:

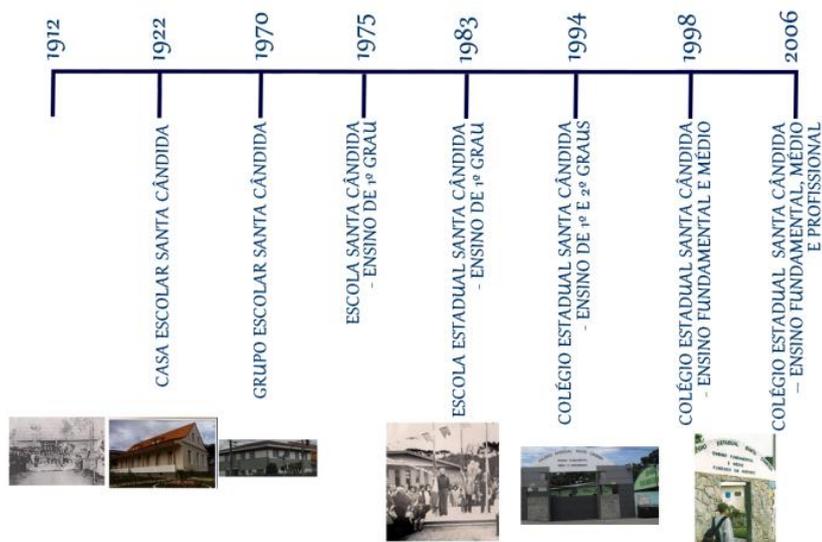


FIGURA 28 - LINHA DO TEMPO – DENOMINAÇÕES DO CESC
 FONTE: PESQUISA E DESIGN DESSA PESQUISADORA. GOOGLE IMAGENS

Observa-se que, sob a direção enérgica das irmãs franciscanas a escola sempre esteve em luta por composição de parcerias para ampliações tanto estruturais quanto de condições de ensino. Assim, em 1996 encampou a tarefa de contruir mais quatro salas de alvenaria no Bloco 04. Essas salas substituíram 02 antigas salas de madeira. Nesse mesmo ano, a Lei 9394/96, mudava o nome da instituição para Colégio Estadual Santa Cândida – Ensino Fundamental e Médio.

Em 1997, a escola conquistou uma Cancha de Esportes, ampliação e melhorias do Laboratório de Física, Química e Biologia.



FIGURA 29 - OBRAS NO CESC
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 30 - NOVA CANCHA DE ESPORTES DO CESC
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

A parceria da APM com a FUNDEPAR-Fundação Educacional do Estado do Paraná foi fundamental para essas conquistas e ainda pela implantação, em 1998 do laboratório de informática. Também nesse mesmo ano, pela Resolução n^o 1636/98, a Secretaria de Educação reconhecia o seu curso de 2^o Grau.

Também em 1998, mediante verba do PROEM – Programa de Empreendedorismo e Inovação, a escola negociou com o proprietário de terreno aos fundos um espaço maior para construção de espaço mais amplo para o Laboratório de Informática e a Biblioteca.



FIGURA 31- OBRAS DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA E BIBLIOTECA
À DIREITA: IRMÃ OLIVA NALON.
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 32 - BIBLIOTECA DO CESC

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Em 1999 foi oficialmente organizado o grêmio estudantil, em atividade desde 1985. Nessa ocasião a presidente foi a aluna Edimara Domingues de Oliveira, atualmente faz parte do grupo de professores (as) de Sociologia do CESC.

Com sua gênese católica, no bojo das comemorações dos 500 anos da História do Brasil, no ano de 2000, a escola construiu e inaugurou uma capela em seu espaço externo.



FIGURA 33 - CESC INAUGURA SUA CAPELA

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

E, como não poderia deixar de ser, a inauguração aglutinou a comunidade em torno do evento, recheado de celebrações e homenagens.



FIGURA 34 – AUTORIDADES INAUGURAM A CAPELA DO CESC

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 35 – SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO

À DIREITA: IRMÃ OLIVA NALLON, PROFESSORES E ALUNOS (AS) PARTICIPANTES DE PEÇA TEATRAL.

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Outra interessante característica das práticas católicas colocadas a serviço da escola e da comunidade é sua capacidade de aglutinar recursos e serviços voluntários.

Na passagem para o novo milênio e no ano de comemoração de seu 90º aniversário, a escola lançou a “campanha do tijolinho”. Nela os estudantes receberam uma pequena cartela contendo 10 tijolinhos e que deveriam vender no valor de R\$ 1,00 cada. Como resultado, e ajuda complementar do Estado a escola fez mais uma excelente aquisição: a construção do “Auditório Sagrada Família”. Inaugurado em 7/julho/2002, com capacidade para acolher 600 cadeiras, o auditório tornou-se um amplo e rico espaço para manifestações culturais, reuniões e atividades pedagógicas, acolhimento de pais e eventos diversos.



FIGURAS 36 - OBRAS DE CONSTRUÇÃO DO AUDITÓRIO DO CESC
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 37: CONVITE PARA INAUGURAÇÃO DO AUDITÓRIO SAGRADA FAMÍLIA
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 38 - CESC JORNAL INFORMATIVO
 JORNAL ALUSIVO AOS SEUS 90 ANOS. JULHO/2002. EDIÇÃO ÚNICA.
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 39 - CELEBRAÇÃO E BÊNÇÃO DO AUDITÓRIO
www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 40 - AUDITÓRIO SAGRADA FAMÍLIA
www.colegiosantacandida.com.br

Inegavelmente a gestão das irmãs franciscanas zela pela disciplina, organização do espaço escolar e valorização do seu corpo pedagógico. Outro exemplo foi a criação, em 2004, de uma ampla e confortável sala para acolhimento dos (as) professores (as), denominada como “Sala de Hora-Atividade”. Nesse espaço contam com recursos ideais para planejamento, correção de trabalhos e estudo.



FIGURA 41- SALA DE HORA ATIVIDADE
FONTE: acervo pessoal dessa pesquisadora e www.colegiosantacandida.com.br

Como já especificado anteriormente, a gestão escolar do CESC busca estabelecer parcerias permanentes para melhoria de suas instalações. Nesse espírito, em 2004, foi construída uma horta, mantida e explorada pedagogicamente em práticas de Ciências e Biologia. A horta foi planejada e executada a partir de parceria com estagiários.



FIGURA 42 - HORTA RADIAL
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Em 2005, a partir de apelos comunitários, a escola implantou o Ensino Médio Técnico em Administração Integrado. No mesmo ano construiu um amplo refeitório, objetivando atendimento não apenas dos alunos (as), como para o desenvolvimento de outras atividades pedagógicas e comunitárias.



FIGURA 43 - CONSTRUÇÃO DO REFEITÓRIO

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 44 - NOVO REFEITÓRIO EM USO

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

A secretaria escolar passou por importantes reformas. Com a chegada dos primeiros funcionários concursados, em 2006 todo setor administrativo foi beneficiado. Até a atualidade a Irmã Regina Mika permanece como secretária e uma espécie de historiadora institucional do CESC. Ela é a principal responsável pela manutenção e atualização de registros e acervo fotográfico da instituição.



FIGURA 45 - NOVA SECRETARIA.

À ESQUERDA: Irmã Regina Mika.

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

No ano seguinte houve ampliação física da secretaria, incluindo-se no projeto um novo Laboratório de Informática. Com fundo rotativo foram feitas as devidas adaptações para instalação dos 10 computadores oriundos do da PROINFO

(Programa Nacional de Informática na Educação)⁴⁵, cujas obras foram concluídas em 05 de agosto de 2007. Na sequência, foram incorporados mais 52 computadores, do programa Paraná Digital, instalados no ano seguinte também com fundo rotativo.



FIGURA 46 - LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Das novas aquisições 40 permaneceram no laboratório de informática, 4 na Secretaria, 4 na Biblioteca e 4 foram colocados à disposição dos (as) professores (as) na Sala de Hora Atividade.



FIGURA 47 - NOVOS COMPUTADORES

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Como de praxe o colégio contou com diversas outras pequenas reformas e aquisições, dentre os quais a biblioteca e sala de leitura.

Se a ampliação do espaço físico por um lado tem sido positiva no sentido de ampliar a clientela, por outro observa-se que os processos de construção carecem de maior planejamento no que se refere à preocupação com o ensino e aprendizagem que alguns casos ficam comprometidos. Por exemplo, as atividades de leitura que poderiam ser mais produtivas se as salas de leitura, laboratório de informática e biblioteca fossem mais distantes quadra de esportes.



FIGURA 48 - BIBLIOTECA E LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

⁴⁵ O Programa Nacional de Informática na Educação foi criado pela Portaria 522/97. A partir de 12/dezembro/2007 passou a denominar-se Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Decreto 6300/2007)

As ampliações da escola permitem ampliação de vagas, muitas vezes ocasionando prejuízo ao ensino e aprendizagem em função das salas de aula a cada ano letivo sendo ocupadas por muitas carteiras. Essa prática prejudica um processo mais dinâmico de movimentos e novas disposições e ocupações em atividades de grupo, por exemplo.

Seguindo a norma construtiva de novos espaços, uma nova aquisição, em 2008, destinou-se a acomodação da Coordenação. A edificação de uma nova sala buscou aproximar as pedagogas das salas de aula, no bloco IV.



FIGURA 49 - NOVA SALA DE COORDENAÇÃO
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Sempre buscando atender as necessidades da comunidade escolar, em 2009 foi contemplada a questão da acessibilidade, com adaptação de banheiros e rampas. Na mesma ocasião foi construída uma sala para acomodar o Grêmio Estudantil.



FIGURA 50 - SALA DO GRÊMIO ESTUDANTIL
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Em 2010, quando essa pesquisadora já atuava como professora na instituição, foi implantado o sistema de Blocos para o Ensino Médio. Por decisão do Conselho esse processo foi descontinuado no ano seguinte. Nesse mesmo ano também foram incorporados o curso Técnico em Logística Integrado e o Curso Subsequente de Técnico em Administração e Técnico em Logística.



FIGURA 51 - NOVO HALL
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Como já mencionado anteriormente, a escola está em permanente transformação. Entre os anos de 2010 e 2011, a secretaria passou por reformas, o hall principal ganhou cobertura e duas novas salas foram construídas: a sala de Arte e a sala de produção para o curso Técnico em Administração e Logística.

Sempre envolvendo sua comunidade escolar, os preparativos para o centenário iniciaram-se no ano anterior (2011). Nesse ano muitos eventos culturais, científicos e desportivos foram realizados. Dentre estas pesquisas, concursos e entrevistas para criação e escolha de novo uniforme e do logotipo alusivo ao evento.



FIGURA 52 - BANDEIRA E FLÂMULA DO CENTENÁRIO DO CESC
Diretora, Irmã Oliva Nallon.
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 53 - UNIFORME E LOGOMARCA DO CENTENÁRIO DO CESC
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Nessa fase, por sugestão e coordenação dessa pesquisadora, foram envolvidos estudantes do ensino fundamental e médio para atuarem junto à comunidade no sentido de realização de entrevistas, depoimentos e recolha de fotografias históricas. Os resultados da pesquisa deram origem a uma exposição fotográfica, aberta à comunidade. Foram selecionadas pela diretoria da escola

algumas fotografias e depoimentos, lançados em livro histórico durante as festividades do centenário do CESC.



FIGURA 54 EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO CESC
 FONTE: ACERVO PESSOAL DESSA PESQUISADORA

A exposição oportunizou encontro de diversas gerações de alunos, funcionários, professores (as) da instituição e da comunidade em geral. O evento evidenciou que a história do colégio mescla-se com a história de vida dos moradores de Santa Cândida. Por exemplo, a família Nadolny, cuja matriarca nasceu em 1927, iniciou um ciclo de 4 gerações de alunos (as) do CESC (última foto, a seguir).



FIGURA 55 – GERAÇÕES DE ALUNOS (AS) EM EXPOSIÇÃO
 FONTE: ACERVO PESSOAL DESSA PESQUISADORA

Em 2012 a escola adotou a determinação de inclusão do 9º ano para o ensino fundamental, ampliando o ensino regular anterior de 1ª a 8ª séries.

Em 2012 foram construídas mais 3 salas voltadas para atividades físicas.



FIGURA 56 - SALAS DE ATIVIDADES FÍSICAS
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Nesse mesmo ano de seu centenário a área construída chega ao seu limite de edificações térreas. São 8 blocos num complexo de salas de aula e leitura, área administrativa, laboratórios, biblioteca, cantina e pátio. Na área externa: 1 ginásio coberto, 2 quadras abertas e espaço ao ar livre e arborizado.



FIGURA 57 - BLOCO 2 E ÁREA VERDE
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Em parte do espaço externo há mesas e banquetas fixas entre gramados e jardins, habitualmente utilizados como área de jogos, laser e mesmo aula ambiente, haja vista o quadro de giz erigido junto ao muro.



FIGURA 58 - ESPAÇO AULA AMBIENTE
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

O primeiro bloco de edificações contempla o pavilhão administrativo, com salas da secretaria, diretoria, coordenação, APMF, sala de professores (as) e de hora atividade.



FIGURA 59 - PAVILHÃO ADMINISTRATIVO
 FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Uma interessante característica da arquitetura do colégio é a disposição de todas as salas de aula com corredor externo e amplas janelas, como estratégia facilitadora do controle e da disciplina.



FIGURA 60 - SALAS DE AULAS – BLOCOS 1, 2, 3 E 4.
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

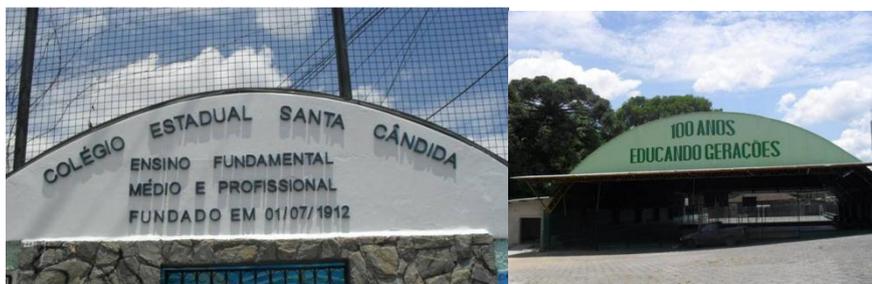


FIGURA 61 - FACHADA EXTERNA E QUADRA DE ESPORTES DO CESC
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

5.1.4 O Casarão Histórico

A despeito de tantas obras e ampliações, talvez uma das maiores conquistas das irmãs franciscanas e da comunidade escolar ocorrida nessa década tenha sido a restauração do antigo casarão⁴⁶. Inaugurado em 24 de abril de 1999, a restauração da obra seguiu todas as determinações do Setor de Patrimônio histórico do IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Ver Figura 62 a seguir.

⁴⁶ O "Casarão" integra o patrimônio histórico de Santa Cândida. Trata-se de um dos prédios mais antigos da região.



FIGURA 62 – OBRAS DO CASARÃO.
IRMÃ OLIVA SUPERVISIONA AS OBRAS DE RESTAURAÇÃO DO CASARÃO
FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Com a restauração do casarão, antigo abrigo da escola e das irmãs franciscanas, desde 1922, o Bairro Santa Cândida resgatava um dos seus maiores patrimônios. Além disso, o espaço passou a ofertar um ambiente de conhecimento e cultura para os estudantes e comunidade em geral.

Atualmente o espaço oferece a sociedade em geral salas para atividades audiovisuais, atividades culturais e artísticas. Ali são ofertados cursos de dança, música e pintura, artesanato, além de aulas de Informática, língua estrangeira – Inglês e CELEM⁴⁷ Espanhol Básico. Oferta ainda atendimento psicologia, mediante um pequeno consultório.

O casarão abriga um pequeno Museu onde busca resgatar não apenas parte da história do Colégio Santa Cândida, como também do próprio Casarão e do Bairro Santa cândida.

Valorizando a história local, a reinauguração buscou incluir nas festividades a presença de ex-alunos (as). Desse modo, contou com a participação de Josefa Skrzyszowski, com 92 anos de idade.

Preocupados com o resgate histórico, os responsáveis pelo processo de restauração não se limitaram a corrigir questões estruturais da obra, mas principalmente em restituir alguns aspectos da construção original que haviam se perdido ao longo do tempo e de seu uso.

Interditada desde agosto 1988 a obra consumiu um investimento de R\$ 160.000,00, feito pela Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria e a APMF - Associação de Pais, Mestres e Funcionários.

⁴⁷ CELEM - Centro de Línguas Estrangeiras Modernas

A recuperação dos aspectos originais da obra exigiu de seus técnicos uma ampla e rigorosa pesquisa histórica. Curiosamente as janelas puderam ser restauradas mediante o modelo de três das janelas originais ainda disponíveis.



FIGURA 63 - CONVITE PARA A REABERTURA DO CASARÃO

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 64 - SOLENIDADES DE REINAUGURAÇÃO DO CASARÃO

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br



FIGURA 65 - O CASARÃO RESTAURADO

FONTE: www.colegiosantacandida.com.br

Atualmente o Colégio Estadual Santa Cândida conta com 2620 alunos (as) matriculados (as). Atende os anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Técnico Administrativo integrado e subsequente, Técnico em Logística subsequente e CELEM/espanhol básico. Suas atividades abrangem os períodos matutino, vespertino e noturno.



FIGURA 66 - INSTALAÇÕES DO COLÉGIO ESTADUAL SANTA CÂNDIDA
 FONTE: ACERVO PESSOAL DESSA PESQUISADORA (2013) e
www.colegiosantacandida.com.br

5.2 O ORGANIZAÇÃO DO PROJETO NO CESC

A ferramenta utilizada para a produção de *edublog* no CESC-Colégio Estadual Santa Cândida foi o sistema *Blogger* (www.blogspot.com). Esse sistema oferece modelos variados, com possibilidades de personalização da página, diversidade de fontes, com cores e tamanhos diversos. Oferece ainda ferramentas para enquetes, controle estatístico de visitas ou acessos, além da possibilidade de permanente atualização, com novas inclusões, exclusões, correções, etc. Possibilita ainda a liberdade de criação e discussão das mais variadas temáticas, com abertura para a formação e fortalecimento de redes comunitárias. Além dos recursos já mencionados a rede disponibiliza muitos recursos que podem servir como suporte para a produção de *blogs*.

O critério de escolha do sistema Blogger foi principalmente a observação de que tecnicamente trata-se de uma tecnologia simples, que dispensa especialização. Dentre outros fatores que lhe agregam valor está sua linguagem, uma vez que as instruções são em português e ainda concentra variados recursos em um só ambiente. Em suma, seus conteúdos são de fácil assimilação, além da gratuidade.

5.2.1 Etapas do Projeto

Inicialmente as atividades e propostas para o uso de ferramentas tecnológicas culminando com a elaboração de *edublogs* foram introduzidas gradualmente. Para a

efetivação do projeto dessa professora no interior da escola foi necessário paciência e um cuidadoso planejamento.

Ao longo de 3 anos, dividiu-se metodologicamente o (s) projeto (s) em 3 atividades distintas, assim denominadas:

a) *Edublog* da escola⁴⁸ (coautoria professora / alunos):

Criado em 2009 e mantido por essa professora, relatando as principais atividades pedagógicas da escola. Seu objetivo era a postagem de outras atividades pedagógicas, valorizando as produções articuladas com alunos (as) e professores (as) de outras disciplinas. Os estudantes atuaram como fotógrafos, entrevistadores, pesquisadores, divulgadores, etc.,

No ano seguinte a escola criou *site* próprio, esvaziando assim parte da função do *edublog* criado.

b) *Edublog* temático (coautoria professora / alunos):

Em 2010, aproveitando algumas turmas do ano anterior, e o advento da Feira de Ciências da escola, com o tema: A maior invenção de todos os tempos, foi possível ousar na proposta de incentivo à leitura e escrita. A professora escolheu 4 turmas⁴⁹ para trabalhar na Feira. Por votação, os jovens estudantes decidiram que a maior de todas as invenções foi a comunicação. Assim, montaram um projeto para apresentar a história dos meios de comunicação (desde os sinais e pinturas rupestres pré-históricas, passando pela escrita e seus desdobramentos até a atual Era da Informação).

Esse processo se efetivou mediante execução de tarefas diversas: pesquisa e escrita, debates e reescrita, montagem de painéis, exposição com monitoria dos alunos (as). A última parte foi a criação de um *edublog*⁵⁰ para divulgar os resultados das pesquisas, com imagens e informações, socializadas via *web*. Também foram feitas fotografias, filmagens e reportagens sobre o evento, pelos próprios estudantes. A avaliação aconteceu após a conclusão de todo o processo produtivo.

Quanto ao *edublog*, devido a participação indireta dos alunos, pois o gerenciador era a professora coordenadora, não foi possível a postagem de todas as

⁴⁸ Parte das atividades está disponível em: www.colegiosantacandida.blogspot.com.br.

⁴⁹ Os critérios de seleção foram definidos pela direção da escola. Cada professor (a) participante assumiu determinado número de alunos (as) ou turmas, de conformidade com o projeto a desenvolver.

⁵⁰ Parte dessas atividades está disponível em: www.historiadosmeiosdecomunicacao.blogspot.com.br

atividades pedagógicas, em grande volume e, portanto, demandando muito tempo para registro. Para futuros projetos sugere-se a divisão de tarefas e gerenciamento do *edublog* com outros professores (as).

c) *Edublogs* dos alunos (produção autoral discente):

Em 2011 os alunos (as), na função de protagonistas, escolheram temas, pesquisaram, postaram em *blogs* criados e gerenciados por eles, com monitoramento e avaliação da professora.

A partir do projeto “Leio, logo escrevo”⁵¹, os estudantes não apenas se limitavam a fornecer dados para postagens nos *edublogs* da professora, mas criaram seus próprios *edublogs*, com temas de interesse privado e público (pessoal, social, político, etc.). Por esse meio os jovens materializaram suas próprias produções escritas na formatação de *edublog*. A professora criou um *edublog* com especificações do projeto. Quando os alunos(as) finalizavam suas produções a professora inseria os *links* (endereço de acesso). Dessa forma o *edublog* do projeto funcionou como facilitador dos acessos às produções de todos os autores.

Na realidade a proposta principal foi a criação de *blogs* com o objetivo de diversificar a metodologia de ensino, incentivar a prática de escrita e leitura, desenvolver a criticidade em sala de aula e, principalmente socializar e valorizar a produção acadêmica de estudantes de Ensino Médio.

Somente a última fase do projeto (*edublogs* dos alunos) teve caráter interdisciplinar. Os demais foram projetos individuais dessa professora.

Metodologicamente, na fase “*Edublogs* dos Alunos” as atividades foram divididas nas etapas, a seguir delineadas:

a) Etapa 1: captação de parceiros

O corpo de parcerias foi montado aos poucos, entre conversas informais com os colegas professores. Foi possível observar que todos realizavam trabalhos em sala de aula que mereciam ser compartilhados, replicados, publicados e, principalmente valorizados. Observou-se ainda que, quando estimulados adequadamente, os estudantes respondiam de forma muito positiva, produzindo, criando, criticando, fazendo inferências.

⁵¹ Para acesso ver: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br

A partir de conversas informais, na sala dos (as) professores (as), durante atividades extraclases, encontros pedagógicos, etc. o projeto foi nascendo gradativamente. Em 2009 essa pesquisadora já era blogueira. Desde a graduação, quando lecionava para o ensino fundamental, incentivava a produção autoral dos alunos (as). Os dois temas: *blog* (tecnologia) e o(a) aluno(a) como produtor(a) do conhecimento foram importantes elementos aglutinadores de forças em torno do projeto. Aos poucos foram conquistados novos colegas. A base principal era o trabalho colaborativo entre os (as) professores (as) envolvidos (as). Inicialmente foram compartilhados recursos e metodologias. A socialização dos projetos individuais, aos poucos, apontava para a produção de um projeto coletivo. Certamente o cerne das atividades pedagógicas nessa fase tenha sido a real preocupação com um ensino que pudesse ser mais efetivo para a aprendizagem.

b) Etapa 2: análise do contexto escolar

Primeiramente foi realizada uma avaliação diagnóstica do espaço escolar (apoio pedagógico, equipamentos tecnológicos disponíveis, técnico e laboratório de informática, computadores, etc.). Seguidamente levantou-se o perfil dos estudantes envolvidos para o uso das tecnologias, ou seja, disponibilidade de acesso a ferramentas e computadores, *tablets*, *ipad*, etc., bem como sua prática para o uso de *edublogs*.

Observou-se que a escola possuía um bom laboratório de informática e recursos tecnológicos básicos para a efetivação do projeto. A partir da aplicação de um questionário foi possível diagnosticar que a maioria dos estudantes possuía habilidades e assiduidade no estabelecimento de perfis e relacionamentos em rede sociais. Quase todos tinham acesso a computadores no ambiente familiar ou de trabalho, ampliando assim as possibilidades de um fazer pedagógico para além do laboratório da escola.

c) Etapa 3: elaboração do projeto coletivo

Um fator que facilitou a montagem do projeto coletivo foi o fato de que, no CESC, o tempo reservado para o planejamento (hora atividade) dos (as) professores (as) divide-se por áreas. Assim, foram envolvidos (as) todos (as) os (as) professores (as) da área de humanas, cujos horários de planejamento aconteciam no mesmo dia da semana.

Outro fator importante foi o espaço escolar, muito bem cuidado e equipado com bons instrumentos tecnológicos, recursos humanos (uma boa equipe de professores (as), bibliotecários, pessoal de informática, etc.).

Coube a essa pesquisadora coordenar o projeto, como professora de História e adepta ao uso de tecnologias e à produção autoral dos alunos.

d) Etapa 4: Apresentação aos alunos (as) / avaliação diagnóstica

O projeto foi apresentado às turmas. Ao mesmo tempo foi realizada uma avaliação diagnóstica que visava identificar elementos básicos como: se todos compreendiam a linguagem digital básica, se sabiam o que era um *blog* e sua função. Se eles possuíam *blog* e se gostariam de criar um. Também era importante saber as possibilidades de acesso a computadores e rede.

Por meio de um pequeno questionário foram identificados os alunos(as) e seus endereços eletrônicos. Os que não possuíam foram orientados a escolher um provedor, criar *login* e senha.

Esses mecanismos facilitaram a comunicação, uma vez que foram feitas listas com e-mails de todos, inclusive professores (as). Essas listas foram disponibilizadas para todos os sujeitos envolvidos.

e) Etapa 5: desenvolvimento / sala de aula

Os estudantes, divididos em grupos de estudos, escolheram democraticamente os temas de seu próprio interesse. Foram orientados para a pesquisa a partir de aulas teóricas e práticas. Por se tratar de um projeto interdisciplinar, as orientações eram feitas conforme divisão dos conteúdos, a partir de temas comuns (escolhidos pelos estudantes). Desse modo, diversos gêneros textuais foram trabalhados com o objetivo ampliar o repertório de conhecimentos dos alunos(as): conteúdo, forma, ortografia, gramática, ideologias, criticidade, etc.

No que se refere a produção autoral, os professores envolvidos no projeto observaram dificuldades ou vícios de linguagens comuns entre os estudantes. A exemplo, questões simples como: pontuações, uso de parágrafo, repetição excessiva de termos, concordâncias, redundâncias, grafia ilegível, abreviações de palavras, etc.

Observou-se que muitos dos alunos (as) cometiam certas falhas por falta de atenção. Na medida em que se efetua a leitura em voz alta de certos vícios de

linguagem a própria turma apontava alternativas para correção e, em muitos casos, essa correção era feita pelo próprio autor da falha cometida.

Dentre essas regras simples incluíram-se instruções e repetições de exercícios que levavam em conta a prática de concordância verbo nominal, de pontuação, etc.

Visando superar a habitual cultura do “recortar-colar” ou cópia fiel do objeto de pesquisa, houve logo de início uma preocupação com a questão ética de respeito à produção intelectual alheia.

Em conjunto com um professor de Língua Portuguesa essa professora elaborou um esboço simplificado de técnicas redacionais, além de normatização (básica) para metodologia de pesquisa científica. Esse esboço serviu como diretriz para os trabalhos de todos os professores (as). Um facilitador para os alunos (as), que tinham um único padrão de trabalhos a seguir.

Os principais temas foram apresentados previamente, em atividades diversificadas: jornal impresso, falado, teatro, etc. Uma das apresentações mais interessantes, pelo grande envolvimento dos alunos, foi o Tribunal do Júri. Temas polêmicos foram colocados como réus e os alunos dividiram-se em 2 grupos. Depois de pesquisas, defenderam posicionamentos contra e a favor. Dois dos temas analisados foram MST e Cotas para negros nas universidades.

Também as atividades externas foram muito frutíferas: cinema, visita às feiras de profissões da PUC-PR e UFPR, etc. Ver Figura 67 a seguir:



FIGURA 67 – ALUNOS: ATIVIDADES EXTERNAS, PESQUISAS E DEBATES
 FONTE: ACERVO PESSOAL DESSA PESQUISADORA (2010-12)

f) Etapa 6: oficinas de aprendizagem

Para as primeiras aulas práticas, do *edublog* propriamente dito, foram necessárias aulas que dessem conta das dimensões teóricas (o que é um *blog/edublog*, qual sua função). As dimensões sócio políticas foram discutidas levando em conta os pressupostos da ética e cidadania. Também houve preocupação com a segurança das atividades realizadas em rede.

Vale lembrar que para as atividades extraclases foram necessárias discussões acerca das normas e regras da escola, de uso do laboratório, tanto em níveis comportamentais quanto de utilização das ferramentas, da administração do tempo, níveis de produtividade esperados, objetivos, metas, cuidado com os próprios pertences, etc.

O provedor escolhido (*Blogspot*) permite o gerenciamento compartilhado por até 2 pessoas administrando conteúdos do mesmo *blog*. Esse processo foi essencial para um uso mais eficaz do laboratório de informática. Também a definição prévia do tema a ser desenvolvido foi fundamental para melhor direcionar os esforços de pesquisa.

Para evitar contratempos, o uso do laboratório foi devidamente agendado. Foram verificados os equipamentos e recursos humanos e materiais a serem utilizados, além de senhas, chaves, etc.

A professora permaneceu como mediadora, orientando e acompanhando permanentemente cada aluno (a) ou dupla, visitando as mesas e checando seus acessos, conferindo dificuldades, elogiando sucessos, fazendo sugestões, intermediando trocas de informações entre os demais estudantes, etc. Além do monitoramento, as atividades foram compartilhadas e os alunos (as) incentivados a pesquisar de forma colaborativa, com trocas intergrupos e até inter classes.

Após a efetivação dos combinados com as turmas, partiu-se para as aulas práticas (como criar um *edublog*). Para essa segunda parte foi necessário o uso de tecnologias e do laboratório de informática da escola. Na web é possível acessar sítios agregadores de conteúdos muito úteis para blogueiros. Um exemplo é o site www.colmeia.blog.br, contendo dicas como: administração do tempo, teste servidor, negócios, nichos, personalização, dicas para escrever, criar imagens, direitos autorais, *layout*, adicionar contador de subscritores e seguidores, atualizações,

plugins, monitoramento de *uptime*, jogos, manual básico, *gifs*, comentaristas de *blogs*, blogueiros famosos, os mais acessados, estratégias de marketing em mídias sociais, poder dos blogs, criatividade, mais visibilidades, eficiência, etc.

Uma particularidade do CESC que fortaleceu as aulas é seu amplo auditório, com rede de acesso à *internet* e recursos multimídia. O telão valorizou as aulas nos momentos de apresentações das técnicas para elaboração de *edublogs*, para exibição dos trabalhos em andamento, trocar experiências e sugestões.

Tanto as aulas no auditório quanto as realizadas no laboratório de informática os estudantes foram autorizados a levar seus recursos tecnológicos pessoais. Essa prática facilitou as atividades colaborativas, na medida em que podia guiar suas ações a partir dos encaminhamentos e exibições no telão.

As atividades exigiram permanente monitoramento. As aulas práticas de informática eram ministradas sempre por essa professora coordenadora do projeto (embora a escola possuísse um professor específico). Seguidamente às 2 aulas práticas semanais, geralmente muito pequenas (50 minutos/hora aula) os (as), demais professores (as), davam suporte ampliando discussões em sala, numa espécie de aula complementar. Todos acompanhavam os trabalhos, faziam visualizações, davam sugestões, sugeriam reescritas de textos, lançavam metas e prazos para o cumprimento das tarefas e avaliações.

Nesse momento, os estudantes faziam pesquisa, postagens, formatavam imagens, personalizavam suas páginas, etc. Em posse de seus *notebooks*, *netbooks*, *pendrives* e outros recursos tecnológicos os alunos (as) também efetivavam reuniões, trocas, sugestões, correções, etc.;

Na medida em que finalizavam a produção dos *edublogs*⁵² (individuais, em dupla ou trio) os *links* eram postados para visualização de todos. Passava-se ao refinamento da fase colaborativa. Ao socializarem seus conhecimentos, a partir de compartilhamento dos *links* em suas redes sociais ampliavam o alcance de sua comunicação. Muitos visitaram outras turmas⁵³ e colégios divulgando seu trabalho e buscando seguidores. Muitos destes faziam sugestões, davam contribuições, etc.

⁵² Parte das atividades resultantes desse projeto encontra-se disponível em: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br

⁵³ Muitos dos colaboradores sequer eram alunos (as) dessa professora. Algumas vezes os professores (as) eram abordados por alunos (as) de outras turmas afirmando que gostariam muito de ser nossos alunos (as), para fazer *edublog* também.

A seguir algumas imagens dessa pesquisadora em função pedagógica, num dos momentos de ensino e aprendizagem de produção de *edublogs*, no laboratório de informática do CESC.



FIGURA 68 - ATIVIDADES COM *EDUBLOGS*, NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA
 FONTE: FOTOGRAFIA DO ACERVO PESSOAL DESSA PESQUISADORA (2011)

Os temas escolhidos para criação de cada *edublog* abordaram desde eventos até personalidades (históricas, artísticas, copa, esportistas etc.), passando por abordagens temáticas próprias do seu universo (moda, beleza, dança, empreendedorismo jovem, gravidez, sexualidade e aborto, drogas, intercâmbio, TOC, homossexualidade, *bullying*, pedofilia etc.). Não ficaram excluídos temas de interesse social como política e bem e estar (psicopatia e sociopatas, deficiência física, saúde pública, pacificação nas favelas vida urbana e problemas sociais, MST e questão de terras no Brasil, violência urbana, *Ku Klux Klan*, influência da mídia, juventude e política, violência contra mulheres, corrupção policial, sociedade de consumo, transporte público mundo capitalista, desemprego, descriminalização do uso de maconha, crimes de trânsito, ensino público e Estatuto do Idoso).

Os alunos(as), também desenvolveram pesquisas de temas como o meio ambiente, a exemplo de poluição, vida animal. Também temas ligados a religiosidade e curiosidades (sociedades secretas, mistérios, mulheres muçulmanas,

carnaval, o mundo virtual) e, óbvio, sobre momentos históricos específicos: o cangaço, a corrida armamentista, fascismo, etc.

g) Etapa 7: avaliação

Ao longo da Etapa 5 do processo (desenvolvimento / sala de aula) os (as), professores (as), de cada disciplina planejavam as avaliações. Eles levavam em consideração os métodos e técnicas próprios de sua área. Cada um sinalizava para os alunos(as), os seus critérios avaliativos e as vertentes dos conteúdos que deveriam ser privilegiados como requisitos básicos.

Professores (as), e alunos (as), mantinham diários de registro das atividades realizadas. Os diários discentes eram periodicamente visitados pelos (as), professores (as), como parte do processo avaliativo.

No caso específico de História, os alunos (as) mantinham ainda um caderno denominado Dicionário Ilustrado. Nele ordenavam alfabeticamente os conceitos-chaves trabalhados ao longo do processo. Os textos tinham que ser autorais. As ilustrações podiam ser feitas com colagens, pinturas, desenhos ou impressas.

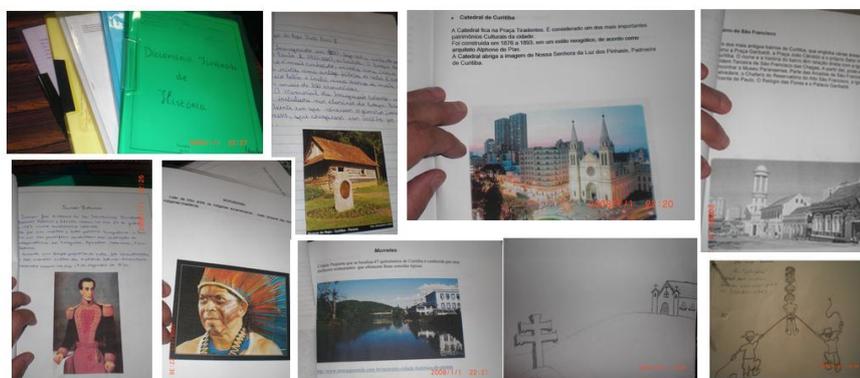


FIGURA 69 – ATIVIDADE: DICIONÁRIO ILUSTRADO
FONTE: ACERVO PESSOAL DESSA PESQUISADORA

A professora recolhia esse dicionário, carimbava (visto) periodicamente. Nesse processo de visto, os trabalhos não conformes eram devolvidos para que o (a) aluno (a) realizasse as reescritas dos textos, e só então eram carimbados. A princípio parecia um processo confuso, mas o planejamento e a constância contribuíram para que os alunos (as) se acostumassem com sua rotina.

O que a princípio era trabalhoso, ao final facilitava o trabalho avaliativo. Ao invés de correção de pilhas de provas era só contar a quantidade de carimbos em cada caderno e lançar a nota em pauta. Interessante que a maioria dos alunos passou a se esforçar para ter muitos carimbos. Muitos carimbos, melhor nota.

Os alunos (as) tiveram liberdade de optar por trabalhar individualmente, em duplas ou trios. Observou-se que grupos maiores dificultariam o acompanhamento, orientação e a avaliação.

Ao final de todo o processo, cada professor levou em conta, além das especificidades de suas disciplinas, os seguintes critérios:

- ✓ Conteúdo
- ✓ Originalidade
- ✓ Criatividade
- ✓ Criticidade
- ✓ Ortografia
- ✓ Correção gramatical
- ✓ Inserção de *links* relacionados aos temas
- ✓ Iconografia
- ✓ Personalização
- ✓ Plasticidade
- ✓ Outros recursos
- ✓ Seguidores
- ✓ Comentários
- ✓ Alcance de público, repercussão, divulgação, etc.

Para a efetiva replicabilidade do projeto, principalmente evitando-se a repetição dos seus pontos falhos e potencializando seus elementos mais fortes, o embasamento teórico, discutido nos capítulos anteriores, traz considerações muito importantes. Também a Sequência Didática, apresentada no Capítulo 6 pode ser útil.

5.3 RESULTADOS

Seguindo mapeamento conceitual montado e apresentado no Capítulo 1, foi possível analisar o objeto de estudo proposto nessa dissertação. A revisão bibliográfica e a prática dessa pesquisadora permitiu a montagem do seguinte desenho que apresenta as potencialidades do *edublog*:



FIGURA 70 - POTENCIALIDADES DO *BLOG* COMO FERRAMENTA E ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

FONTES: MARIA DE CÁSSIA ARAUJO E SOUZA (2015), A PARTIR DE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA E EMBASAMENTO TEÓRICO DE DIVERSOS AUTORES

Em diversos momentos, ao longo do desenvolvimento do projeto, foi possível identificar muitas das potencialidades acima apresentadas. Por outro lado, também possibilitou evidenciar pontos frágeis que podem ser potencializados em práticas futuras.

5.3.1 Limitações (pontos frágeis) do Projeto

Muitos fatores contribuíram para a limitação das ações ao longo do desenvolvimento do projeto causando uma preocupação muito grande por parte dessa professora. Algumas ações nem sempre foram cumpridas em sua totalidade pelos alunos(as), apesar de muitas instruções prévias e lançamento de desafios. Nesse sentido a pesquisa aponta para a necessidade de um projeto interdisciplinar mais amplo, se possível envolvendo todas as disciplinas. Não estará circunscrito a um grupo, pode tornar-se projeto da escola.

O quadro elaborado a seguir procura dar conta desses pontos mais frágeis identificados, bem como sugestões para superá-los:

TABELA 9 – PONTOS FRÁGEIS E PROPOSTAS DE AÇÕES CORRETIVAS DO PROJETO

PONTOS FRÁGEIS	PROPOSTAS DE AÇÕES CORRETIVAS
A inexistência de práticas similares, que exigissem maior rigor nas pesquisas e trabalhos autorais por parte dos alunos (as), muitos “relaxaram” nas pesquisas, justificando: “professores (as) não leem trabalhos mesmo”.	Definir com o corpo pedagógico a necessidade de que as demais atividades escolares exijam essa prática, envolvendo os demais professores (as), inclusive de exatas, pessoal de biblioteca e laboratório de informática para a oferta de atrativos, ampliar atividades e avaliações com questões dissertativas, etc. Geralmente essa prática fica restrita aos professores (as) das áreas de humanas.
Inexperiência (e falta de gosto) de muitos alunos com a leitura e a escrita.	Envolver a escola para investimento em projetos de leitura e escrita, a exemplo da criação de clube de leitura, gincanas, concursos literários, feiras, etc. Mais atividades envolvendo Gêneros Textuais; Sequência Didática.
Falta de prática dos alunos(as), e cobrança, de pesquisas qualitativas. Apesar das instruções prévias, houve muita dificuldade, por exemplo, no uso de citações bibliográficas, inserção de textos próprios, com linguagem padrão; textos e imagens autorais, conferindo-lhes os devidos créditos (bibliografia, fontes, etc.); provocando muitas idas e vindas de trabalhos, assoberbando a professora com muitas tarefas extras, principalmente pelo grande número de alunos (as) e turmas.	Com o precioso auxílio do professor de língua portuguesa, elaborar com os(as) demais professores(as) um roteiro contendo métodos e técnicas ideais de pesquisa, contendo as regras mínimas necessárias de instruções úteis para todas as disciplinas. Nessa fase, introduzir elementos simples, como tipo de fonte, citações etc. Alguns professores (as) ainda exigem trabalhos manuscritos (e quilométricos); A simples padronização no tipo de capa de trabalhos poupa muito trabalho dos professores (as).
Intervenções do corpo pedagógico escolar. A necessidade de constantes saídas de alunos(as) rumo ao laboratório de informática, auditório, biblioteca, etc. (mesmo nos horários de aula da professora orientadora e com autorizações de saída), ampliou o controle, limitando idas e vindas dos grupos de estudos.	A solução inicial foi a criação de pastas temáticas, com recortes de revistas e livros da biblioteca, mas essa prática assoberbou a professora, com pacotes diferenciados para cada turma. Idealmente as atividades extra classe devem ser negociadas previamente com o corpo pedagógico, que deve estar engajado no projeto. Outra provável solução seria a determinação de apenas um ou dois alunos como monitores e com maior liberdade de ir e vir.
Dificuldades por parte dos alunos (as) em postar suas produções na <i>internet</i> , por falta de computador próprio, de técnicos de informática na escola e de qualidade na rede de conexão da escola, muito lenta para <i>downloads</i> (cópia de dados da <i>internet</i>) e <i>uploads</i> (envio de dados para a <i>internet</i>).	O caminho foi o envio de textos e <i>slides</i> produzidos para o <i>e-mail</i> pessoal da professora, para posterior postagem, novamente assoberbando-a com tarefas extra classe. Atualmente a tecnologia avançou permitindo a criação de arquivos nas nuvens, com pastas disponíveis para todos os envolvidos e com possibilidades de acesso em locais diferentes. Também os celulares dão conta dessa demanda. Outra opção seria o incentivo à solidariedade entre os alunos (as), como maior possibilidade de acesso, mais trabalhos em grupo, etc.
Um número expressivo de alunos(as) ainda resistiu ao padrão proposto de pesquisa.	Novamente a importância do combinado coletivo envolvendo professor (a) - aluno (a) e professor (a) – professor (a). Um padrão ou normatização (apenas para sistematização) facilita o trabalho tanto dos alunos (as), que acabarão por acostumar com as regras básicas, quanto para professores (as), facilitando as avaliações.

PONTOS FRÁGEIS	PROPOSTAS DE AÇÕES CORRETIVAS
Os <i>edublogs</i> poderiam ser mais substanciosos. Muitos perderam a oportunidade de efetuar a busca e inclusão de <i>links</i> relacionados aos temas em estudo, ampliando os horizontes da própria pesquisa. Por exemplo, nas pesquisas e postagens de cunho jornalístico, nem todos fizeram pesquisa de campo.	Monitoramento e acompanhamento mais amplo de todos os professores (as) envolvidos no projeto. Maior incentivo a entrevistas, depoimentos, fotografias, filmagens, elaboração de gráficos (quando cabíveis) e outros recursos enriquecedores.
Quanto ao público, a divulgação ainda ficou muito restrita à comunidade escolar. O alcance das postagens, como educomunicação, poderia ser mais amplo.	Fortalecer no projeto a proposta de divulgação mais ampla.
Embora interdisciplinar, o projeto ficou circunscrito a professores (as) das áreas de humanas. Os professores (as) de Educação Artística, Geografia e das áreas Exatas poderiam aproveitar o material produzido, ampliando o repertório de conhecimentos dos alunos (as).	Aproveitar a semana pedagógica e apresentar o projeto para todos os professores (as) e corpo docente. Fazer do projeto uma ação da escola.
Quanto a sua função política, os <i>edublogs</i> poderiam foram tímidos, embora alguns trabalhos tenham se direcionado nesse sentido.	Envolver a comunidade escolar em mais atividades que incentivem a criticidade. A liberdade de expressão no ambiente escolar precisa ser discutido coletiva, ampla e permanentemente.

FONTE: CRIAÇÃO DESSA PESQUISADORA, A PARTIR DE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Diante da análise de impasses e dos caminhos pelos quais os agentes da comunidade escolar precisam percorrer, vale a pena lembrar as sugestões de Rockwell (1997) de que os estudos acerca do cotidiano escolar devem partir da visão antropológica. Para essa pesquisadora a escola exige processos de negociações e alianças entre grupos de pais, diretores e autoridades.

5.3.2 Pontos Positivos do Projeto e Recomendações para a Replicabilidade

Uma experiência extraordinária foi a possibilidade de experimentação de nova metodologia de ensino e de uma avaliação diferenciada.

Muito embora grande parte dos alunos (as) tenha cumprido as tarefas designadas visando concessão de nota, pode-se afirmar que houve um avanço no ensino, particularmente no que se refere a socialização do conhecimento e à criticidade.

Outro fator importante foi a ampliação do relacionamento professor (a) – aluno (a), que se estendeu inúmeras vezes para outros locais, para além dos muros da escola: houve muitas trocas de *e-mails*, telefonemas, postagens de retorno nos

blogs, encontros na cantina, chocolate quente em lanchonete fora da escola, visita a outras escolas, etc.

O mais prazeroso foi constatar que a maioria dos alunos (as) percebeu que há professores (as) que leem todos os trabalhos e valorizam suas produções. As devoluções dos trabalhos de pesquisa, com observações para melhoria, contribuiu para que todas as apresentações fossem qualitativas.

A incorporação de multimeios aplicados ao ensino mostrou-se eficiente na medida em que incrementou as atividades de pesquisa histórica, leitura e criticidade.

A elaboração de *edublogs*, como produção autoral contribuiu para a socialização e valorização do saber produzido em sala de aula, perpetuando-se para além da sala de aula, do ano letivo e até do tempo. Alguns ex alunos (as) ainda continuam postando informações nos próprios *edublogs* e essa professora ainda os visita, dá sugestões, incentivos, etc. Outros criaram uma página pessoal, evidenciando que o projeto não ficou circunscrito a uma atividade curricular.

Alguns dos professores (as) envolvidos não praticavam o uso do Laboratório de Informática. Assim justificando: “Os alunos ficam incontroláveis”, “Se a gente bobear eles acessam pornografias”, “uma vez eu levei [no laboratório], mas roubaram um *pendrive* de um aluno e foi uma confusão só”. “Eles [os alunos] fazem tanta confusão nos corredores e incomodam outras turmas”. Visando contornar essas dificuldades, logo de início, os combinados com as turmas surtiram um efeito muito positivo. Ficou evidente, ao final das práticas, que o planejamento e, principalmente, a coerência entre os professores envolvidos foi essencial. Todas as atividades no auditório ou laboratório aconteceram sem nenhum grave incidente, sendo possível afirmar que foi bastante produtivo.

Certamente os resultados foram positivos por uma série de fatores, dentre os quais: havia um bom laboratório na escola, com equipamentos sob constante manutenção e um profissional habilitado para acompanhamento dos professores (as). O planejamento fez com que as atividades saíssem a contento. Acredita-se que o uso do laboratório pode ser mais efetivo com equipamentos em quantidade suficiente para atender a demanda, mas principalmente com velocidade no acesso à rede.

Ao orientar jovens alunos (as) para a publicação de suas pesquisas e produções acadêmicas na *internet* a aceitação foi imediata e em muitos casos espontânea. O ato de pesquisar tornou-se parte natural do processo de aprendizagem para uma grande parte dos alunos (as) envolvidos.

Com a devida orientação os alunos e alunas enfrentaram naturalmente as dificuldades de pesquisa, especialmente no que se refere a seleção de fontes, à questão dos direitos autorais e especialmente pela preocupação com a personalidade de cada produção de escrita.

O resultado foi o fluir de uma energia produtiva muito positiva, brotando daí a necessidade natural de troca de informações e sugestões conduzindo para uma prática cooperativa, onde interesses se convergiam, apesar da diversidade de temas de pesquisa.

Ao explicitar a valorização do trabalho dos alunos e alunas a interação educador-educando enriqueceu-se, especialmente a partir da extensão dos contatos, trocas espontâneas de informações (temas, fontes, recursos), novas parcerias e experiências, tanto na prática professor (a) – aluno (a), quanto aluno (a) – aluno (a).

A criação de *edublogs* para postagens de produções acadêmicas ultrapassou a ideia inicial de incentivo à leitura e escrita na escola, uma vez que o mundo virtual é infinito, sem fronteiras. Desse modo, os trabalhos de pesquisa e escrita ultrapassaram os muros da escola e, quem sabe, permanecerão ao longo do tempo, com novas inferências, na medida em que os alunos(as) blogueiros adquirirem maior maturidade. Quanto ao espaço explorado, esse, certamente será infinitamente maior.

Outro resultado positivo foi que os próprios alunos(as), trouxeram temas de interesse pessoal para apresentar aos colegas, como foi o caso de duas alunas que prepararam slides sobre viagens internacionais que fizeram: uma delas com os pais, que são educadores, em turismo pela Europa e outra como miss jovem, patrocinada pelo consulado do Egito.

No que se refere ao fazer pedagógico na atualidade, a tecnologia e a informação devem estar a serviço da comunicação, da socialização, da interação entre escola e comunidade. E, inegavelmente, o *edublog* é uma poderosa

ferramenta que, ainda, poucos educadores conhecem ou exploram como estratégia pedagógica.

Passados quase 3 anos dessa experiência e visitados os *edublogs* criados, observou-se que muitos alunos (as), desativaram suas páginas. Outras páginas foram abandonadas e alguns estudantes migraram para páginas próprias. Idealmente novas propostas devem ser feitas incentivando criação de páginas próprias, e não por temas como foi realizado no projeto, especialmente pelo fato da dificuldade em criar páginas disponíveis sob o mesmo tema, ou seja, os alunos(as) devem utilizar seus nomes, apelidos ou pseudônimo. Dessa maneira, acredita-se, terão maior motivação para manutenção de seu diário digital, mesmo depois da conclusão do Ensino Médio e saída da escola.

Outro ponto que poderia ter sido melhor explorado foi no que se refere à discussão dos temas pesquisados, em função de seus volumes e a exiguidade do tempo letivo. Por outro lado, ficou evidente o interesse de uns pelos temas pesquisados pelos outros. Também foi possível perceber a criticidade de muitos alunos(as), a partir de suas postagens, especialmente daqueles que criaram *edublogs* com temas mais polêmicos e atuais.

Um ponto muito positivo de suas criações foi a iniciativa para a elaboração de novos *layouts* e recursos diferenciados para suas páginas, por exemplo, incluindo *gifts*⁵⁴, contadores de horas, de visitas, etc. Além da criatividade e iniciativa, essa prática gerou mais interação entre os alunos (as) que trocavam entre si ideias e sugestões, sem necessariamente a intervenção da professora que, mais que isso, também ampliou os próprios conhecimentos.

Alguns *edublogs* sequer foram postados e nesses casos os processos avaliativos tiveram que ser revistos, conforme cada caso. Por exemplo, um dos alunos montou o que esta professora denominou como “*bad blog*”: ele recheou seu *edublog* com “macetes” para invadir computadores, privacidades, copiar senhas, etc. e, pior, relacionou *links* em seu *edublog* de uma série de endereços eletrônicos similares. Obviamente que o referido *edublog* não foi publicado, mas serviu para mostrar um pouco das fragilidades na educação desse aluno.

⁵⁴ *GIFTS* são imagens virtualmente criadas com recursos especiais (trimensionamento, brilho, luzes, pequenos movimentos, etc.)

Por outro lado, a iniciativa de uma aluna que criou um *edublog* sobre o estatuto do idoso oportunizou a criação de um projeto social de intervenção em um asilo, onde os mesmos alunos(as) arrecadaram víveres com outras turmas e doaram.

A necessidade de identificar a diferença entre a alfabetização e letramento e a aplicação desses conceitos no universo digital surgiu como resultado dessa pesquisa. Avaliando os resultados do projeto e considerando alguns pontos que podem ser aperfeiçoados, sugere-se que a escola se aparelhe, desde as séries iniciais, para dissociar conceitualmente e associar praticamente os dois termos, no sentido de oferecer os suportes necessários para sua prática na escola.

Outra vertente do conhecimento que essa professora e pesquisadora não explorou muito ao longo do projeto, até por falta de conhecimento mais profundo, foi a questão elaboração e leitura crítica de imagens. Por essa razão a busca de estudos acerca da Semiótica e sua apresentação nessa dissertação. No Apêndice 1 encontra-se texto complementar intitulado Suporte Teórico Pedagógico para Atividades com Imagens.

Quando os alunos (as) escolheram seus próprios temas para pesquisa trouxeram subsídios para que essa professora pudesse conhecê-los melhor, facilitando a aproximação de seu universo. Os temas sinalizaram sobre suas preferências, suas personalidades, preferências, interesses, preocupações e necessidades. Conhecer mais o aluno e seu universo serviu como fator gerador de maior aproximação e troca entre os sujeitos envolvidos.



FIGURA 71 - EDUBLOGS: PREOCUPAÇÕES JUVENIS
FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com

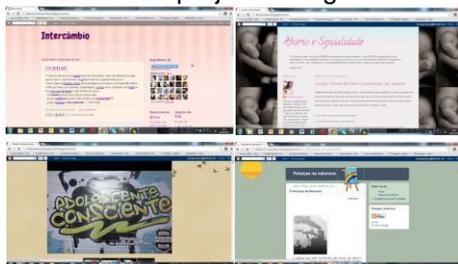


FIGURA 72 – EDUBLOGS: INTERESSES JUVENIS 1
FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br

A maior proximidade com os alunos fortaleceu muito o projeto. No Apêndice 6 dessa dissertação encontra-se um breve ensaio sobre a Escola da Ponte. Nele são apresentados elementos chaves da metodologia da escola portuguesa que certamente podem reforçar o processo de ensino e aprendizagem com *edublogs*.

Outra observação positiva acerca do projeto evidenciou que a rede pode ser utilizada como alternativa para a valorização tanto do fazer pedagógico quanto dos resultados no que se refere à aprendizagem ou apreensão do saber por parte dos alunos (as). Essa prática pode, inclusive, contribuir para a superação da falta de disponibilização de informações acerca da localidade na qual o(a) aluno(a) se insere: o próprio ambiente da sala de aula e seu contexto, qual seja, sua comunidade, sua cultura. Nesse quesito, muitos estudantes optaram por discorrer sobre sua visão acerca de sua própria comunidade, escolhendo temas cotidianos.

Outra recomendação que se faz é que a história da própria escola seja um objeto de estudo para os alunos. No caso do CESC, o caldo cultural de sua herança polonesa, com grande parte dos alunos atuais como descendentes de ex alunos da escola, propiciou solo fértil de pesquisa.

Como historiadora, essa pesquisadora observa a existência de poucas informações históricas do Paraná, em rede. Recomenda-se, portanto projetos voltados para a história, geografia e artes locais sem perder de vista, obviamente, sua contextualização em dimensão mais ampla.

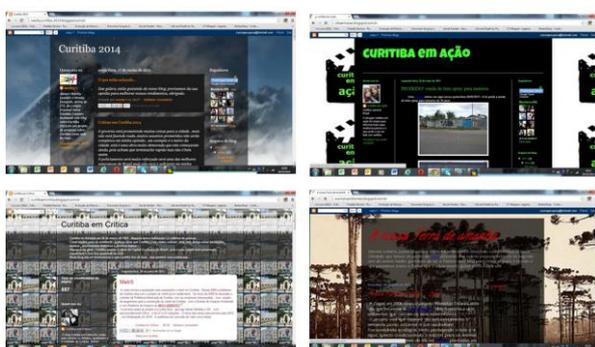


FIGURA 73 – *EDUBLOGS*: TEMAS LOCAIS

FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br

Os alunos também optaram por tratar de assuntos de utilidade pública. A criticidade do meio político e social é parte muito importante para a construção da autonomia e da cidadania.

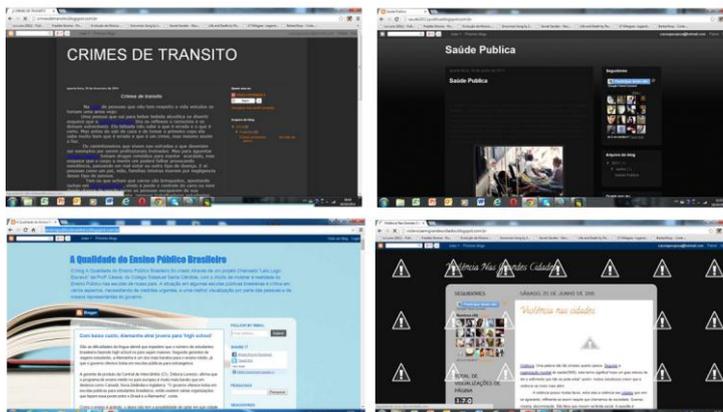


FIGURA 74 – *EDUBLOGS*: TEMAS DE INTERESSE PÚBLICO

FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com

Alguns *edublogs* deixaram evidente a preocupação dos adolescentes com questões sociais importantes. Embora jovens, e aparentemente “desligados” eles estão atentos e atualizados, conforme alguns exemplos a seguir.

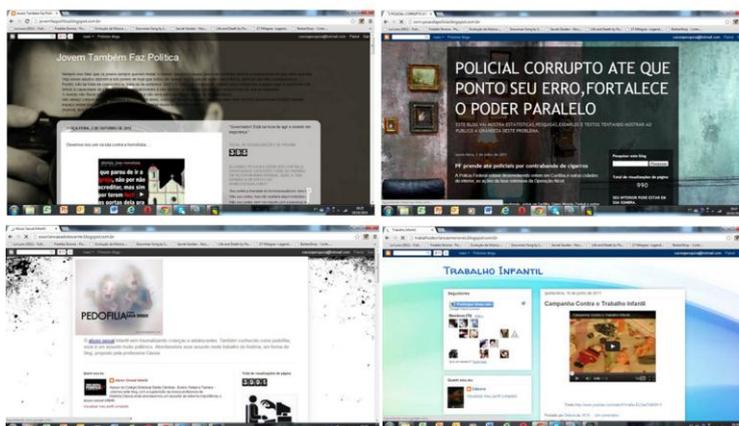


FIGURA 75 – *EDUBLOGS*: TEMAS SOCIAIS RELEVANTES 1

FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br



FIGURA 76 - *EDUBLOGS* DE TEMAS SOCIAIS RELEVANTES 2

FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br

Uma aluna que trabalhou no *edublog* a questão da pedofilia provocou uma ação social na escola. A partir das discussões e compartilhamentos, as turmas contribuíram em campanha aprovada pela diretoria da escola. Foram arrecadadas centenas de assinaturas em requerimento ao Congresso Nacional, solicitando

inserção “em texto do Código Penal Brasileiro a figura jurídica como crime hediondo prescrito pela lei 8072/90, o crime de pedofilia”.

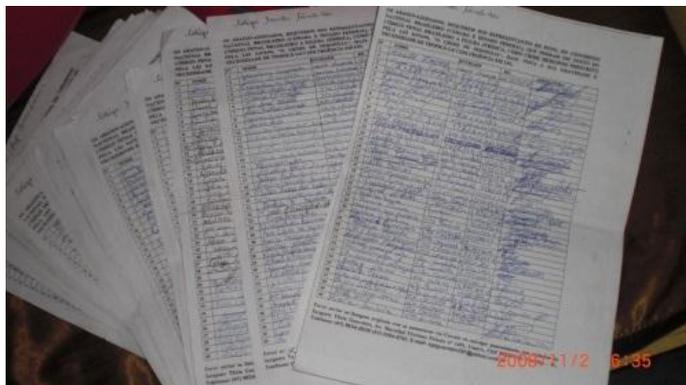


FIGURA 77 – AÇÃO SOCIAL: ABAIXO ASSINADO – LEI PEDOFILIA
 FONTE: acervo pessoal dessa pesquisadora

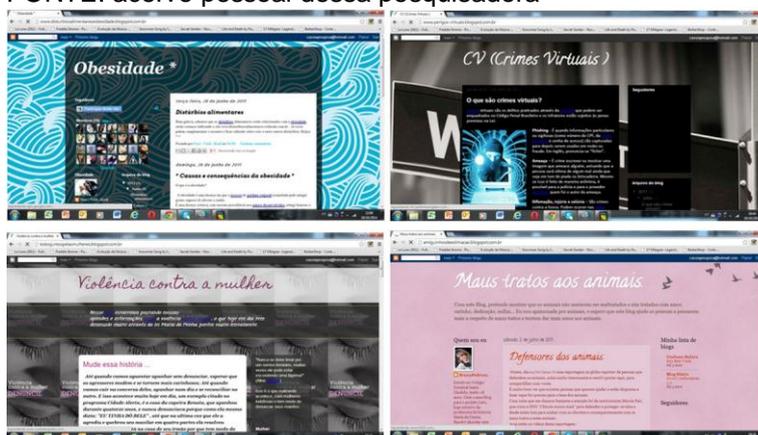


FIGURA 78 – EDUBLOGS: TEMAS SOCIAIS RELEVANTES 3
 FONTE: www.projetoleiologoescrevo.blogspot.com.br

Os temas foram escolhidos pelos próprios alunos (as) e a exigência de maior rigor em sua pesquisa, na prática, funcionou como uma espécie de criação monográfica, uma pequena amostra de funcionamento e produção de pesquisa a ser requerido no ensino superior. Assim se expressou um dos professores: “interessante como o trabalho assim é mais colaborativo, me sinto como orientador de monografia”.

Passado tanto tempo depois do início desse projeto, outra observação interessante: uns alunos(as) se articularam mais que outros no sentido de divulgar melhor seus *edublogs*. Se, por um lado, alguns mantiveram como seguidor apenas os professores, outros ampliaram sua área de influência, com dezenas de seguidores. Nesse ponto, sugere-se mais incentivo à socialização do saber produzido, quem sabe mediante recompensa, competitividade, conscientização, etc.

Uns poucos alunos(as) se limitaram à criação da página, não postando um texto sequer. Outros têm recebido ainda hoje milhares de acessos, pelo tema escolhido, servindo, portanto, como fonte de pesquisa na rede. Acredita-se que um trabalho mais abrangente possa fortalecer esse ponto frágil. As produções, devidamente orientadas e divulgadas podem servir de referência.

Observou-se ainda que, ao longo do processo, a dimensão política dos *edublog*, embora existente, mostrou-se muito tímida. As ações propostas ainda foram muito tuteladas pelos professores (as). Em análise com os colegas professores (as) chegou-se a conclusão de que os estudantes se resguardaram, evitando possíveis futuras reprimendas, caso abordassem temas polêmicos ou controversos. De fato, no ano seguinte ao desse projeto, o *blog* da estudante Isadora Faber causou muitos constrangimentos para a adolescente e sua família. Trabalhar a liberdade de expressão no ambiente escolar ainda é uma tarefa hercúlea. Entretanto, deve fazer parte de todo projeto de comunicação em seu meio.

Reconhecidamente o projeto ainda ficou muito voltado para a comunidade escolar, embora fosse uma proposta com o objetivo de divulgar e valorizar as práticas de sala de aula. Ele pode se aperfeiçoar, caso em seu planejamento valorize a questão de duas vertentes: as dimensões políticas e maior alcance de público.

Dessa experiência conclui-se que o potencial do *edublog* para atividade interdisciplinar é muito grande. Especialmente para a divisão de tarefas. Por exemplo o conteúdo, a gramática, a plasticidade, ética, dados históricos e geográficos, etc. podem ser divididos entre as disciplinas, embora explorados os mesmos temas por todos.

Como o trabalho foi estendido a muitas turmas, em muitos casos seu acompanhamento e correção dificultaram e prejudicaram o controle dessa professora. Por exemplo, num dos *edublogs* em que os alunos se propõem analisar e publicar um tema religioso (o espiritismo), o seu conceito não foi explorado adequadamente. Os alunos (as) acabaram postando uma "salada" de informações acerca do próprio espiritismo, seguido de informações sobre astrologia, satanismo, numerologia, cartomancia, etc.

A autoria em quase todos os casos foi positiva no quesito ética, uma vez que muitos alunos (as) compreenderam a proposta e citaram suas fontes no corpo do texto. Uma recomendação para novas experiências seria focar mais na autoria do aluno envolvido do que em terceiros. Ou seja, embora o respeito à autoria de outrem seja importante, o foco no aluno autor pode ser mais valorizado, explorando a personalidade daquele que escreve. Questões como: “quem sou eu quando publico?” ou “Quem será meu público?” certamente valorizariam futuras práticas com *edublogs*.

A economia do *edublog*, a partir do gerenciamento de tarefas, adesões e fluxo marcaram a passagem da prática cultural para a prática pedagógica. O que se propõe aqui é que a atividade seja pensada como uma prática constante na escola, para além da permanência do (a) aluno (a) no meio escolar. A escola poderá criar um evento anual com a reunião de seus blogueiros, organizados quem sabe em associação, gincanas, etc.

Essa proposta se inscreve nesse contexto de uso da *internet* não apenas como fonte de pesquisa, mas como veículo de comunicação. No projeto, jovens postaram conteúdos autorais na rede. Vale lembrar que “no que se refere aos ‘danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros, quando se tratar de infração a direitos de autor ou a direitos conexos, continuará a ser disciplinada pela legislação autoral vigente aplicável na data da entrada em vigor desta Lei’ (Artigo 31)”. Um projeto similar precisa preocupar-se com a questão de segurança para navegabilidade e também a ética, em especial no que se refere à difusão do conhecimento e respeito aos direitos autorais. No Apêndice 2 encontra-se um recurso complementar denominado Debate sobre Ética e Segurança para o Uso da Rede.

Muitas das atividades foram realizadas em nível de compartilhamento entre turmas, proporcionando assim maior fortalecimento das relações interpessoais e socialização, envolvendo não apenas educadores e alunos (as), como também seus familiares.

Por sua experiência em sala de aula essa pesquisadora considera que geralmente os estudantes do noturno são prejudicados em boas práticas pedagógicas, considerando-se que muitos destes já estão no mercado de trabalho, possuem pouco tempo para os estudos, contam como maior paternalismo dos

professores (as), etc. Particularmente com estes os resultados foram mais surpreendentes. Muitos afirmaram que “o trabalho escolar ficou mais leve”, “as atividades são legais porque a gente posta coisas que nos interessam, que gostamos...”. Outros afirmavam “Temos pouco tempo para estudar e o *edublog* não parece uma tarefa, mas uma diversão” ou “tem horas que é até melhor do que perder tempo no *facebook*”.

Alguns professores (as) observaram: “quando compartilhamos tarefas e responsabilidades com outros colegas de certa forma tiramos um pouco do peso de nossos ombros”, “a aluna (fulana) me surpreendeu, eu jamais poderia imaginar que ela seria capaz de se mexer em torno de alguma atividade”, “Se mais pessoas fossem envolvidas nesse projeto, os resultados seriam muito melhores”, “que pena que a escola se perdeu no processo de capacitação dos alunos para a leitura e escrita e hoje, o resultado são esses alunos perdidos, incapazes de se expressar mesmo verbalmente”.

Nas discussões resultantes da avaliação final do projeto, foi possível anotar as seguintes falas de professores (as): “Vamos repetir o projeto no próximo ano, embora muita coisa tenha que ser melhorada”; “Acho que a professora de artes poderia nos ajudar muito, principalmente com teorias e técnicas específicas para o *layout* dos *edublog* dos alunos”; “Mais que isso, a professora de artes pode ajudar na ampliação dos repertórios sobre arte, patrimônio histórico, etc.”; “também acho que os professores de Matemática e Geografia deviam participar. Há muitos gráficos e informações específicas muito ricas que não demos conta de trabalhar sozinhos”.

A socialização do saber produzido na escola e disponibilizado em rede proporcionou maior valorização do fazer pedagógico, na medida em que pais, alunos (as) e professores (as) tiveram maior oportunidade de acesso aos trabalhos e pesquisas até então circunscritos à sala de aula. Vale aqui lembrar o quanto as interações sociais são caras à cultura escolar.

Quando o uso do *edublog* caminhou para a autoria discente, o projeto foi interrompido. Essa pesquisadora licenciou-se por dois anos e não foi possível formar um novo coordenador (a) e registrou as seguintes falas de professores (as): “Foi uma experiência muito válida. Pena que a licença da coordenadora do projeto inviabilizará sua continuidade”.

Buscando preencher essas e outras lacunas, essa pesquisa encaminha uma Sequência Didática, a partir de análise dos Gêneros Textuais, privilegiando o Diário e o Diário Digital (*blog / edublog*). Essa SD sugere atividades para exploração das dimensões culturais e políticas do meio social. Propõe 14 aulas, distribuídas em 4 módulos.

No próximo capítulo a Sequência Didática será analisada conceitualmente. Seguidamente, o projeto será apresentado em SD. A metodologia pode ser adaptada às necessidades básicas e recursos disponíveis nas escolas. Pode servir como embasamento para professores (as) que visem utilizar o *edublog* em sala de aula. Espera-se que, inclusive pela prática de cada um e pelos avanços tecnológicos, sejam aperfeiçoados e compartilhados. A autora dispõe em rodapé seu endereço eletrônico⁵⁵, esperando retorno e possibilidades de troca de ideias com seus pares.

⁵⁵ ENDEREÇOS ELETRÔNICOS DA AUTORA:
www.professoracassiahistoria.blogspot.com / E-mail: cassia.araujoesouza@hotmail.com

CAPÍTULO VI

6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

“A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la”. (PCN, p. 25).

Em níveis teóricos esse capítulo embasa-se principalmente em Kleiman, Amaral, Araujo, Oliveira, Dolz, Noverraz e Schneuwly.

As Sequências Didáticas (SD) são aqui compreendidas como um conjunto de atividades interligadas e planejadas para o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos. Essas atividades são apresentadas considerando cada etapa do conteúdo proposto e de conformidade com os objetivos previamente estabelecidos. Elas englobam tanto atividades de aprendizagem quanto atividades avaliativas. Trata-se, portanto, de uma orientação sequencial para o trabalho com os mais variados gêneros textuais, a partir da proposta de oficinas práticas.

As oficinas devem possibilitar a interação entre leitura, escrita e oralidade. A partir da opção do gênero a ser analisado, considera-se os seguintes aspectos: de leitura, análise de contexto ou situações de produção, organização, elementos gramaticais e escrita. Nesse conjunto de ações o conteúdo reveste-se de maior sentido e significância para o seu receptor.

Numa estrutura de SD a escrita pressupõe reescrita. A primeira criação deve ser lida, avaliada e reservada para comparar com uma produção final. Esse processo tanto facilita o ensino quanto a aprendizagem.

Num esquema de SD os seguintes tópicos devem ser contemplados:

- a) Apresentação da proposta;
- b) Diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos;
- c) Apresentação do gênero escolhido;
- d) Reflexão acerca dos usos e funções do gênero;
- e) Proposição de escrita inicial;
- f) Ampliação do repertório do aluno (estratégias de leitura, textos complementares, etc.);

- g) Contextualização do gênero, organizando e sistematizando o conhecimento (como se dá sua produção e meios de circulação);
- h) Elaboração de produção escrita coletiva⁵⁶;
- i) Produção individual de escrita;
- j) Leitura, análise, revisão e reescrita.

Como qualquer outra estratégia pedagógica a aplicação de SD deve considerar o contexto escolar, recursos disponíveis, etc. A professora PDE Suely Marcolino Peres Oliveira, em experiência com 3ºs anos do Ensino Médio, no Colégio Estadual Olavo Bilac – Ensino Fundamental e Médio – Sarandi (Paraná) encontrou barreiras que a fizeram concluir que o trabalho com SD não atingiu o objetivo proposto.

Em 2008 a professora trabalhou SD durante um bimestre, incorporando o gênero resenha crítica. Segundo ela, a frequente falta dos alunos quebrou a sequência de ensino, inviabilizando: o acompanhamento das etapas, a prática do ensino e o estabelecimento sequencial da evolução dos alunos. Essa quebra gerou a insatisfação tanto dos alunos (que não acompanhavam) quanto da professora, diante de muitas demandas para atualizar o aluno faltante. Assim, de acordo com a professora, sob o ponto de vista do aluno, o trabalho foi fragmentado, descontextualizado e sem os resultados esperados. Nesse sentido propõe maior reflexão acerca da transposição didática dos Gêneros Textuais.

O eixo metodológico para apresentação de uma proposta temática transformando-a em SD requer que na apresentação da proposta as atividades sejam elaboradas em conjunto com os alunos, professores e demais parceiros. Essa fase é essencial para o planejamento dos combinados ou regras (Contrato Didático).

Devem ser analisados e apresentados elementos como o tempo necessário para o desenvolvimento de todo o processo. Também a logística, recursos necessários e demandas, por exemplo, de uso da biblioteca, laboratórios, auditórios, copiadoras, etc.

Na fase de processo de pesquisas deve-se valorizar o embasamento teórico, a partir da indicação de referências e busca de levantamento bibliográfico. Vale

⁵⁶ Nessa fase utilizar-se de estratégias como: escolha de um escriba, troca de conhecimentos, ampliação de repertório, ampliação de domínio do gênero, etc.

lembrar que a ampliação de repertório requer não apenas indicação de livros, mas de outros suportes e linguagens. Inclui a indicação de vídeo documentários, filmes, músicas, programas de TV, clipes, *softwares*, jornais, periódicos, revistas, *sites* da *web* etc.

O planejamento deve incluir elementos de incentivo à colaboração entre alunos, professores, corpo pedagógico e a comunidade. A prática e utilização de ferramentas do meio virtual também devem ser inclusas. As referências virtuais (como *sites*, *blogs*, etc.) contribuem para complementar e expandir o processo de aprendizagem tradicional.

O contato inicial dos alunos com novo gênero textual deve incluir o máximo possível de informações para que estes possam identificar características, semelhanças e diferenças. Possibilitar comparações entre textos. Ampliar ou aprofundar informações prévias. Esse processo requer muita leitura e releitura, debates, trocas de experiências, discussões. Nessa fase, toda participação deve ser incentivada e bem recebida.

A competência de leitura do aluno deve ser um dos principais focos desse processo. Os alunos devem ampliar sua capacidade de decodificação de palavras e ícones. Ele precisa não apenas ler, mas compreender aquilo que lê. As referências do seu próprio mundo devem ser incluídas. Ele deve ser motivado a criar e checar hipóteses.

Outra competência ligada ao aspecto discursivo da língua é a criticidade e esta deve ser privilegiada nas situações de comunicação (quem disse? Qual o papel social desse autor? Qual a intenção de sua fala? A que público se destina? Qual o seu ponto de vista sobre o tema? Qual o veículo ou suporte foi utilizado?).

O repertório de leitura contribui para a criticidade do leitor, que lança mão de leituras anteriores para criticar a atual. Uma leitura crítica pressupõe que autor e leitor estão em diálogo, mesmo que ambos possuam pontos de vistas diversos. Suas ideias variadas imprimem suas valorações, mesmo havendo discordância de opiniões.

A leitura competente pressupõe visão ampla de mundo. A busca de significados, referências, rodapés, notas, leituras complementares são muito importantes para ampliação de repertórios e produção de novos conhecimentos.

Por outro lado, tanto quem escreve quanto quem lê precisa compreender que o diálogo entre ambos é afetado conforme a situação em que o leitor se encontra. Seu interesse no momento da leitura influi no diálogo estabelecido. Ele pode estar buscando diversão, informação, atualização, etc.

Por fim, o processo de SD também requer discussão acerca da produção final e processo avaliativo.

6.1 HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS

No processo de ensino e aprendizagem, na função de mediador do conhecimento, o professor deve identificar e incentivar o fortalecimento de habilidades e competências dos alunos. Trata-se de um exercício de observação muito importante na prática pedagógica de SD.

Num processo de SD o professor usa estratégias não apenas cognitivas, mas também afetivas, sociais e metacognitivas. Assim, como “animador da inteligência coletiva” (LÉVY, 2000, p.158) o professor (a) deve incentivar o aluno a:

- a) Assumir responsabilidades por sua própria aprendizagem;
- b) Estabelecer objetivos necessários que justifiquem sua aprendizagem;
- c) Tomar decisões, a partir da concessão de espaço para suas manifestações ou reações contra ou a favor das leituras efetuadas e dos temas em debate;
- d) Compreender como se aprende;
- e) Despertar seu autoconhecimento, contribuindo para a revelação de seu perfil;
- f) Refletir sobre seu próprio progresso;
- g) Estender suas leituras para além da sala de aula a partir de repertórios⁵⁷ indicados;
- h) Envolver-se ou criar projetos e estabelecer parcerias;
- i) Desenvolver sua criatividade e criticidade;
- j) Despertar a originalidade;
- k) Envolver-se em atividades de grupo;

⁵⁷ Sugere-se aqui uma parceria com o (a) bibliotecário (a) da escola a partir de montagem de pastas com recortes temáticos (incluir referências), elaboração de listagens de revistas, jornais, livros, filmes, *sites* confiáveis, charges, obras de arte, invenções, provas de concursos vestibulares, ENEM, etc. Pode inclusive planejar uma gincana visando envolvimento dos alunos e da comunidade para doações, projetos de serviço voluntário, etc.

- l) Compreender a importância do trabalho em equipe e colaborativo identificar se seu texto traz elementos impactantes ou sedutores ao leitor;
- m) Analisar se os dados pesquisados são de fato relevantes para a proposta;
- n) Identificar se a construção do texto e suas reflexões são envolventes, positivas, agradáveis, etc. ;
- o) Convencer o leitor da validade de suas reflexões.

Tanto a leitura individual quanto a coletiva requer mecanismos de incentivo. A seguir, algumas estratégias básicas com esse objetivo.

TABELA 10 - ESTRATÉGIAS PARA FACILITAÇÃO E COMPREENSÃO DA LEITURA:

ESTRATÉGIA	VARIAÇÕES
Contextualização	Exploração do tema / título Observação e análise de outros componentes do texto (subtítulos, imagens, legendas, notas, boxes, etc.). Questionamentos: Quem é o autor? Qual o contexto da escrita? Qual a ideia principal do articulista (autor)? Quais seus argumentos? Você concorda com ela ou discorda? Quais seus objetivos? Qual o perfil dos seus leitores? O que você sabe sobre o assunto?
Coletânea ⁵⁸	Ajuntamento de textos similares, complementares ou antagônicos
Hipóteses	Levantamento das principais questões (explícitas ou implícitas)
Produção de Conhecimentos / Intervenções	Busca de respostas ou soluções para o (s) problema (s) levantado (s)
Voz Alta	Declamação, gesticulação, imitação, modulação de tom, voz e gestos.
Vocabulário	Marcar termos desconhecidos, buscar significados. Fazer associações, buscar sinônimos.
Pesquisa de Opinião	Entrevistas apresentando pontos de vistas variados. Tomada de posição e argumentos
Debate	Capacidade de escuta, fala e produção. Apresentar situações. Suscitar polêmica. Identificar grupos contra e a favor
Ampliação do universo de leitura	Busca de outras hipóteses a partir de pesquisa a outros recursos
Práticas de aprendizagem	Atividades, oficinas, exercícios de síntese, seminários, dramatizações, feiras, exposições, palestras, etc. Elaboração de mapas textuais (ao longo do processo) Verificação das hipóteses de leitura.
Correção	Ensinar usos da linguagem. Checar dificuldades, erros ortográficos e gramaticais ⁵⁹ graves, etc.
Avaliação	Comparar leitura inicial com final para avaliar pontos frágeis e destacar os positivos

FONTE: A AUTORA. A PARTIR DE LEITURAS DIVERSAS

⁵⁸ É importante que o aluno receba de antemão o roteiro das perguntas antes da efetivação da (s) leitura (s)

⁵⁹ Articular a gramática ao gênero que se escreve, destacando os elementos e marcas linguísticas características do gênero em questão.

Alguns exercícios podem ser propostos. Por exemplo, para produção de um artigo de Opinião;

- a) Estabelecer um roteiro de trabalho (ver abaixo);
- b) Identificar uma questão polêmica (considerar contextos reais e cotidianos) a serem refletidos na proposta de escrita;
- c) Mapa textual / Selecionar fontes de informação sobre o tema escolhido;
- d) Escolher autores que embasarão o artigo (conhecedores do tema);
- e) Traçar um perfil de leitor;
- f) Criar espaço para publicação;
- g) Estipular tempo para a elaboração do artigo;
- h) Criar texto que favoreça o convencimento do leitor acerca de sua opinião;
- i) Direcionar ao público leitor escolhido.

6.2 ROTEIRO DE TRABALHO / REGISTRO DE OBSERVAÇÕES

A aplicação de SD requer a elaboração de um roteiro de trabalho. Além de conduzir as atividades, os roteiros também contribuem para a elaboração de um registro de observações, fundamentais no processo de avaliação final. Ao fazê-lo, devem ser consideradas as habilidades existentes e as competências esperadas.

O registro de observações proporciona importantes reflexões acerca das situações de ensino, de aprendizagem e do próprio processo. Por seu intermédio novas intervenções podem ser planejadas e novos planejamentos podem ser levados a efeito. A visita aos registros propicia uma maior compreensão do fenômeno ou do objeto, favorecendo novos encaminhamentos e enfrentamentos das situações problema.

Um registro eficiente objetiva:

- a) Inventariar anotações de leituras;
- b) Diferenciar conteúdos transmitidos e conhecimentos produzidos;
- c) Levantar e planejar esclarecimento de dúvidas;
- d) Organizar sínteses;

- e) Levantar questões para posterior análise ou discussão;
Anotar e documentar relatos e resultados das práticas e experiências pedagógicas;
- f) Refletir acerca do processo de ensino e de aprendizagem;
- g) Recuperar de apreensões, projetando rumo a novas aprendizagens;
- h) Relacionar dialeticamente as representações, adaptando-as, transformando-as, enriquecendo-as, etc.;
- i) Levantar hipóteses;
- j) Refletir acerca de problemas e busca de soluções;
- k) Socializar, compartilhar e coletivizar práticas pedagógicas;
- l) Organizar diretrizes para planejar projetos futuros.

Um bom roteiro faz considerações acerca dos seguintes elementos:

- a) Fase de pesquisa (recursos, locais e fontes);
- b) Disponibilidade de elementos de referência para uso permanente dos alunos (dicionários, tabelas de conjugações, manuais ortográficos e outros recursos);
- c) Identificar e propiciar condições facilitadoras para desenvolvimento das atividades propostas;
- d) Apuração de resultados / argumentos ou razões (de autoridades, especialistas, exemplos, etc.);
- e) Posicionamento (do autor e do leitor), que devem justificar e sustentar sua tomada de posição;
- f) Conhecimento dos argumentos antagônicos, antecipando prováveis argumentos para contestação organizar argumentos;
- g) Planejamento e organização dos argumentos (embasamento teórico, opinião própria e argumentações antagônicas);
- h) Revisão das expressões articuladoras, conferindo as interligações entre diferentes partes do texto;
- i) Elaboração do texto, reforçando a posição que defende, na conclusão;
- j) Verificação das questões gramaticais básicas e ortografia: pontuação, utilização de letras maiúsculas, substituição de palavras repetidas,

caligrafia, título adequado, concordância verbal e nominal, uso do pronome, de parágrafo, etc.;

- k) Fornecer suporte para reconhecimentos de autoria.

6.3 SUGESTÕES PARA PRODUÇÃO DE TEXTO COLETIVO

- a) O professor pode atuar como redator do texto, na medida em que os alunos o constroem oralmente;
- b) Cada aluno começa escrever um texto e passa sua folha adiante para que outro o complete⁶⁰. Pode também ser troca apenas entre dupla;
- c) Promover ensaio geral para na transposição do discurso oral para o escrito;
- d) Identificar as maiores dificuldades e discutir meios para sua superação;
- e) Promover a troca de informações entre o grupo;
- f) Incentivar participações, ouvindo cada um. Avaliar e aproveitar toda contribuição possível;
- g) Organizar grupos, determinando tarefas;
- h) O escriba cobra o retorno dos demais (comentários, sugestões, etc.);
- i) Intermediar troca de produções entre os grupos;
- j) Planejar avaliação formativa;
- k) Incentivar a prática de observação e interação entre os alunos.

6.4 QUESTIONAMENTOS ESTRATÉGICOS

- a) Que elementos podem ser incluídos para tornar o texto mais atrativo?
- b) Mudar a ordem de tal frase ou parágrafo não confere melhor sentido ao texto?
- c) Que tal reescrever essa frase para lhe conferir melhor clareza?
- d) O que falta na frase, no parágrafo, no texto?
- e) Como adjetivar esse termo ou sujeito?
- f) Essa construção não ficaria melhor na introdução ou na conclusão?

⁶⁰ Lembrar que esse mecanismo originará muitos textos e leitura. A correção de cada texto demandará tempo maior

- g) Como evitar repetições dessa palavra?
- h) Como se soletra tal palavra?
- i) Vamos ver no dicionário um sinônimo para esse termo?

6.5 AVALIAÇÃO

Numa SD a avaliação deve ser formativa. Cada texto funciona como um objetivo, tendo em vista a possibilidade de retrabalho que se exige. Cada texto é sempre uma produção provisória e, na medida da releitura, transforma-se em escrita final.

A escrita em SD reveste-se de dois processos distintos: escrita e reescrita. O texto inicial passa por revisões, descartes, complementaridades até a produção final.

A análise avaliativa de cada produção deve considerar os objetivos da atividade proposta. No caso da proposta de produção de *edublog* podem ser considerados o tema, sua originalidade, criticidade, recursos adicionais utilizados (mapas, estatísticas, imagens), embasamento teórico, citação de fontes, capacidade de compartilhamento, plasticidade, formato, *design*, personalização, variedade de opiniões, comentários positivos recebidos, etc.

A análise avaliativa deve ainda considerar:

- a) A aplicação das características do gênero textual proposto (no caso da presente proposta, o diário);
- b) Revisão. Em situações em que o trabalho final seja considerado insuficiente, abrir espaço para continuidade até superação das principais falhas. Nesse caso, a intervenção dos pares (demais disciplinas) pode ser um recurso indispensável;
- c) Critério nas correções. A parceria com professores de língua portuguesa é essencial, porém as correções ortográficas não devem ser supervalorizadas;
- d) Possíveis incoerências do texto produzido, sua forma e organização, coesão e outros elementos ou ruídos de comunicação;

- e) A revisão deve ser uma atividade colaborativa. Nesse caso a troca de trabalhos, envolvimento de pares e grupos, formação de grupos de estudos, de especialistas gramaticais, de leitura, etc.;
- f) Pertinência ao tema, elementos da argumentação (para convencer o leitor), tomada de posição, respeito aos pontos de vista contrários, conclusão reforçando tomada de posição;
- g) Créditos referentes à autoria.

Para facilitar as atividades de leitura e escrita podem ser seguidos os seguintes estágios:

a) Estágio de Pré Escrita

- ✓ Planejamento (tema, levantamento bibliográfico)
- ✓ Leituras / fichamentos
- ✓ Mapa conceitual
- ✓ Tomada de decisão
- ✓ Rascunhos / versões provisórias
- ✓ Compartilhamento (colegas, professores, familiares)
- ✓ Revisões / adaptações / Reescritas

b) Elaboração da versão final

- ✓ Reescrita
- ✓ Revisão
- ✓ Avaliação
- ✓ Publicação em Rede

c) Atividades de pós-escrita

- ✓ Debates / Reflexões acerca da produção
- ✓ Análise acerca da organização interna dos textos
- ✓ Análise dos gêneros utilizados e seus contextos
- ✓ Aspectos léxico gramaticais mais evidentes
- ✓ Discussão acerca dos comentários recebidos em rede
- ✓ Auto avaliação e avaliação geral de todo o processo

6.6 MAPAS TEXTUAIS

Assim como em cartografia, os textos também permitem elaboração de mapas e estes podem ser visualizados como uma espécie de desenho. Nesse processo cada texto pode ser organizado em tópicos e subtópicos. Angela Kleiman (1993, p. 59) designa essa estrutura de mapa textual, uma metáfora bastante rica, e muito útil na interpretação e compreensão de textos irregulares ou com a essência pouco nítida.

O mapa textual é elaborado a partir dos interesses daquele que o lê. Uma vez que a macroestrutura de um texto resulta de um processo inferencial do leitor, pode haver diferentes macroestruturas de um texto, mas haverá também um alto grau de concordância, também devido à marcação dos níveis mais altos, tais como títulos, subtítulos. (KLEIMAN, 1989, p. 95)

Os mapas textuais podem (ou devem) ser construídos ao longo do processo de leitura e escrita. Sugere-se que estes sejam elaborados minimamente em 3 fases:

Fase 1 – Antes da leitura: fazer levantamento e considerações dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema proposto. Esse processo pode ocorrer a partir de práticas variadas:

- a) O professor lança o tema e questiona os alunos, incentivando o máximo de manifestações e lança as contribuições em lousa ou no seu registro de observações;
- b) O professor pode elaborar uma espécie de questionário individual e em seguida tabular os dados colhidos;
- c) O professor pode dividir a sala em grupos e estes fazem uma prática de “chuva de ideias” que retrate os conhecimentos básicos da equipe.

Em qualquer um dos casos os alunos devem anotar esses resultados prévios, lembrando que serão retomados ao longo do processo.

Fase 2 – Durante o processo de leituras (do texto proposto e das leituras complementares): mapear os novos conhecimentos adquiridos;

Fase 3 – Na etapa de produção final – comparação dos conhecimentos prévios com os novos conhecimentos adquiridos. Esse processo deve resultar na construção de um novo mapa textual. Nessa fase deve acontecer a verificação das hipóteses levantadas, confirmando-as ou refutando-as.

Vale destacar que embora o texto final seja de certa forma uma síntese dos conhecimentos produzidos, o aluno deve compreender que esse deve ser um exercício permanente, uma vez que o conhecimento está sempre em construção.

6.7 A PRÁTICA DE AUTORIA: PESQUISA E (RE) CONSTRUÇÃO DO PRÓPRIO CONHECIMENTO

Muitas vezes as atividades de leitura e escrita se tornam mecânicas e trabalhar com projetos pode minimizar os efeitos negativos da cultura de recortes e colagens de informações muitas vezes desconexas e sem personalidade. O aluno precisa se enxergar como produtor de seu conhecimento, mas para criar uma nova cultura dessas práticas, fugindo do padrão habitual, é necessário que o aluno se conscientize de que pesquisa e leitura são fundamentais para reorganização do seu pensamento e produção de conhecimento próprio.

A grande aliada é a pesquisa. O ato de pesquisar pressupõe investigação ou indagação minuciosa. Por intermédio dessa busca cuidadosa espera-se o descortinamento de novos conhecimentos em toda e qualquer área.

O termo “*perquirere*”, derivado do latim, originou a palavra “pesquisa”. Seu significado liga-se a uma busca cuidadosa, por toda parte. Designa ainda informar, inquirir, perguntar. Entretanto, não se trata de uma informação descuidada, mas, de acordo com dicionário Houaiss, significa ainda “indagar profundamente, aprofundar”.

Por esse ponto de vista o ato de pesquisar requer metodologia, em função da tarefa investigativa que deve ser planejada e executada cuidadosa e minuciosamente. Trata-se da construção e prática de uma metodologia de busca. E, no que se refere ao ensino e aprendizagem, esse tipo de busca requer autonomia por parte daquele que procura. Indivíduos autônomos constroem e reconstróem conhecimentos.

Pesquisa, leitura, autonomia e escrita se inscrevem num feixe de exercícios que requer planejamento, prática, perseverança e parcerias. Nesse sentido, as atividades interdisciplinares são muito positivas.

Para além da cópia mecânica de informações, os alunos devem ser orientados, e cobrados, para não se limitarem a reprodução do conhecimento alheio. Assim o professor deve incentivar a prática de pensamento autônomo, a partir da disseminação do conhecimento e respeito às condições de produção.

A autoria é resultante de diálogos muito salutares entre autores e leitores. Cada texto produzido traz a marca de seu autor, ao retratar seu universo, seu ponto de vista, seu repertório de conhecimentos. O trabalho autoral não imprime tanto as vozes dos autores lidos quanto de novas vozes, a partir de conhecimento construído sob novo ângulo de entendimento.

Para adquirir autonomia todo indivíduo passa por experiências com atividades práticas. Assim ocorre quando se aprende a andar, se comunicar, etc. Embora na vida cotidiana a necessidade gere autonomia, a busca de conhecimentos nem sempre ocorre por necessidade, mas por interesse, por gosto daquele que busca aprender.

A formação de alunos leitores, autônomos e autores quase sempre gera angústia naqueles que educam. Talvez o grande questionamento seja: como ganhar público para a leitura, autonomia e autoria? Obviamente não existem receitas mágicas, mas ações práticas que contribuem para a construção de projetos, troca de experiências, etc.

Para Amaral (*on-line*, 2015) o professor que almeja que seus alunos compreendam a pesquisa como uma prática de busca, autônoma e voltada para a construção de conhecimentos precisa preparar esses alunos. Eles precisam compreender, a partir exercícios práticos, “que o diálogo que construímos para a comunicação dos resultados de pesquisa deve obedecer às condições particulares que todo o gênero textual assume quando é escrito”.

Todo leitor deve encontrar sentido naquilo que lê. E esse sentido é construído por aquele que escreve autonomamente. O pensador autônomo estabelece diálogos que enriquecem seu discurso. Sua capacidade de posicionar-se o coloca na linha de frente das pessoas que possuem pensamento crítico. Ele gosta de compartilhar conhecimentos, pois sempre tem algo a dizer, mas também sabe ouvir. E é da prática cíclica de “ouvir-falar” que ele se mune de informações, constrói e reconstrói seu conhecimento.

Por mais eficiente que seja a emissão da mensagem é na sua recepção que se percebe a eficácia da comunicação. Ora, para que o leitor compreenda um texto, seja verbal ou escrito, ele precisa encontrar o real sentido da mensagem. Assim o leitor deve procurar sentido nas mensagens que recebe. Além disso, deve lembrar que o ato de ler e escrever devem ser um ato responsável. “Essa atitude responsiva é fundamental para a superação da produção de textos/colagens de trechos de diversos outros textos lidos (e muitas vezes mal compreendidos)”. (AMARAL, *online*, 2015).

6.8 SD: *EDUBLOG* – PRODUÇÃO AUTORAL DE ALUNOS (AS) DO ENSINO MÉDIO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA INTRODUTÓRIA

PROJETO: **EDUBLOG** - Produção Autoral de Alunos (as) do Ensino Médio

Tempo Estimado: 1 aula

- Na aula inicial o professor apresenta o projeto, a proposta, as competências e habilidades a serem desenvolvidas e os conteúdos correspondentes. Cada aluno deve receber cópia da Avaliação Diagnóstica e responder em sala de aula, a partir de seus conhecimentos prévios (sem consulta). O professor deve recolher e tabular os dados antes da aula seguinte (foco nas questões de 7 a 12).
- Cada módulo inicia com questões motivadoras que podem ser suprimidas, ampliadas ou adaptadas.
- O professor deve manter também seu Diário de Registro de Atividades. Um para cada turma ou grupo.
- O aluno deve ser motivado a realizar todas as atividades propostas em um Diário de Registro de Atividades. Mantê-lo atualizado e disponível para cada nova atividade ou correções. As atividades e textos impressos distribuídos devem ser colados no Diário e receber visto do professor. O Diário será um dos principais elementos de avaliação. A partir dele o aluno fará postagens em seu *edublog*.
- Para não haver perda de controle nas atividades de pesquisa / tarefas para casa: a cada aula o material recebe visto do professor. Uma sugestão seria confeccionar um carimbo e determinar um aluno auxiliar para o controle. Cada carimbo simboliza uma participação e pode ser contada na avaliação.
- Sugere-se que os conteúdos de Aula Expositiva sejam copiados previamente para cada aluno. E eles devem colar em seus Diários de Registros.

Apresentação da proposta:

Numa perspectiva interdisciplinar professores e alunos do Ensino Médio analisam e exercitam alguns Gêneros Textuais, com destaque para o Gênero Textual Digital *BLOG*. Praticam a produção de *EDUBLOG*, utilizando a metodologia de SD (Sequência Didática).

Competências:

- ✓ Ampliar conhecimentos acerca dos principais Gêneros Textuais.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens.
- ✓ Pesquisar dados, fatos e informações contidos em diferentes fontes.
- ✓ Compreender o processo e produzir um *EDUBLOG* (Gênero Textual Digital).

Habilidades:

- ✓ Expressar-se oralmente e pela escrita com clareza e objetividade.
- ✓ Ler, criticar, formar opinião própria, escrever e reescrever.
- ✓ Interpretar textos orais, verbais e icônicos.
- ✓ Produzir textos de conformidade com as estruturas e os mecanismos de articulação da língua portuguesa, utilizando vários gêneros textuais.
- ✓ Praticar exercícios em oficinas, ampliando o repertório de conhecimentos.
- ✓ Ampliar habilidades para a produção autoral.

Conteúdos:

- ✓ Gêneros Textuais
- ✓ Gênero Textual Diário
- ✓ Gênero Textual Digital *BLOG*
- ✓ *EDUBLOG*
- ✓ Atividades reflexivas de leitura, escrita, autocorreção, revisão e produção de texto
- ✓ Estrutura e articulação do texto – segmentação das palavras no texto, letra maiúscula, pontuação, paragrafação, concordância verbal e nominal, acentuação, etc.

Pontos de Contato / Interdisciplinaridade: todas as disciplinas do Ensino Médio. Os professores planejam sua participação conforme cada oficina ou módulo.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA:

1	NOME
2	SÉRIE/TURMA/TURNO
3	TELEFONE
4	E-MAIL
5	REDES SOCIAIS E OUTROS ENDEREÇOS ELETRÔNICOS QUE POSSUI
6	UTILIZA RECURSOS DE ARMAZENAMENTO DE ARQUIVOS ONLINE? QUAIS?
7	JÁ PRATICOU A ESCRITA DE UM DIÁRIO?
8	CITE ALGUNS GÊNEROS TEXTUAIS COM OS QUAIS GOSTA DE TRABALHAR
9	QUAL A ESTRUTURA OU FORMA DE UM DIÁRIO?
10	O QUE É UM DIÁRIO DIGITAL?
11	O QUE É UM <i>EDUBLOG</i> ?
12	POSSUI OU JÁ POSSUIU UM <i>BLOG</i> ?
13	CASO POSITIVO, QUAL O ENDEREÇO?
14	CASO NEGATIVO, EXPLIQUE A RAZÃO
15	QUAL A FUNÇÃO DE UM <i>BLOG</i> ?
16	GOSTARIA DE APRENDER A UTILIZAR UM <i>BLOG</i> ?
17	POSSUI FÁCIL ACESSO A REDE DE <i>INTERNET</i> ?
18	COSTUMA PESQUISAR <i>SITES</i> ?
19	COSTUMA UTILIZAR O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA DA ESCOLA?
20	EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS?
21	TIPO DE LEITURA QUE APRECIA

OBS.: Caso necessário use o verso, numerando cada questão correspondente.

OFICINA / MÓDULO 2
O Gênero Textual DIÁRIO
(reflexões acerca de seus
usos e funções)

Tempo Estimado: 4 aulas

AULA 1

A aula inicia-se a partir da
Revisão da aula anterior

Em seguida as Questões
Motivadoras devem provocar o
debate

QUESTÕES MOTIVADORAS

O que é um Diário?

Para que serve?

Qual o seu formato?

Alguém aqui possui um diário?

Poderiam trazer seu diário para a próxima aula?

Poderiam selecionar algum trecho e
compartilhar com a turma?

Conhecem algum diário famoso?

O que sabem sobre Anne Frank ou Che Guevara?

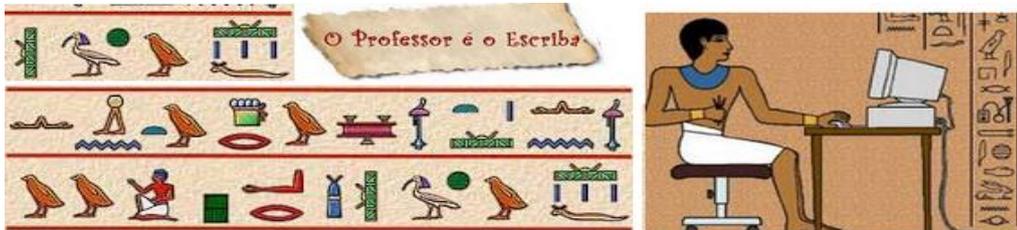
DEBATE

Escolher alguns exemplos de gêneros textuais trazidos pelos alunos. Convidar voluntário (s) para apresentar o gênero escolhido. Aproveite para debater com a turma as características, funções, contexto de produção, etc. dos gêneros apresentados.

AULA EXPOSITIVA DIALOGADA

O diário, como linguagem, requer uma escrita informal e seu foco não é necessariamente esse ou aquele leitor específico. Um diário requer especificação da data inicialmente e, a seguir seu autor descreve acontecimentos cotidianos, lembranças e/ou desabafos.

Alguns diários ficaram famosos e até foram temas de filmes, como “O Diário de Anne Frank” “Diário de Motocicletas” e “O Diário de Tati”.



PRODUÇÃO DE TEXTO COLETIVO:

Com o formato de diário em mente os alunos devem elaborar uma escrita coletiva, relatando as atividades diárias de um (a) jovem. Incluir suas tarefas, sentimentos, preocupações, alegrias, responsabilidades, angústias, conquistas, etc.

Nessa tarefa o professor exerce a função inicial de escriba, limitando-se a copiar o que for ditado. A pontuação, grafia de palavras mais complexas, etc. ele deve simular que não sabe e pedir que os alunos solem, sem consulta.

ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS:

Nessa fase o professor faz observações e propostas para as modificações necessárias (ampliação de vocabulário, correções, etc.).

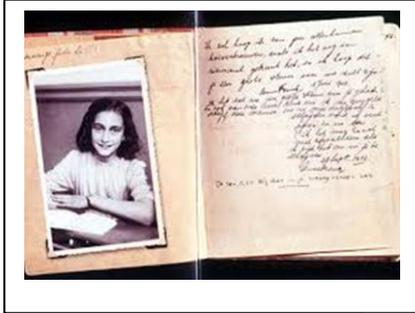
TAREFA: Os alunos devem fazer uma breve pesquisa sobre Anne Frank e Che Guevara para debate na próxima aula. Não precisa ser formal. Os alunos podem criar mapas textuais ou nuvens de palavras.

OFICINA / MÓDULO 2 O Gênero Textual DIÁRIO

(reflexões acerca de seus
usos e funções)

Tempo Estimado: 4 aulas

AULA 2



QUESTÕES MOTIVADORAS

MOMENTO 1:

Quem foi Anne Frank?

O que a motivou escrever seu diário?

O que foi o Nazismo?

O que sabem sobre os grupos Neonazistas no Brasil?

MOMENTO 2:

Quem foi Che Guevara?

Que grande momento histórico ele viveu?

Como foi o movimento de guerrilha na América Latina?

Já ouviu falar que o Brasil também teve guerrilheiros?

Qual a causa de sua luta?

Quais as características do Socialismo?

CHUVA DE PALAVRAS

Ao longo do debate, o professor pode expor, no quadro, a chuva de palavras ou mapas textuais criados pelos alunos.

Outra alternativa seria a apresentação de imagens ou slides na medida em que o aluno traz contribuições, faz perguntas ou responde as questões correspondentes.

LEITURA E ESCRITA

Distribuir cópia dos Textos Complementares de 1 a 4, em anexo.

Nos textos complementares foram incluídas atividades diversificadas utilizando variados gêneros textuais. Essas atividades também podem ser ampliadas, suprimidas ou adaptadas, conforme os recursos disponíveis e necessidades.

As atividades propostas podem ser complementadas em casa.

Essas atividades serão base para os debates da aula seguinte.

MÚSICA

O professor pode incluir análise de letras de músicas (sugestão em Apêndice 4: “Bike de Malandro” e “Na Periferia”) para enriquecer os textos complementares.

Propor que os alunos escolham um dos diários apresentados nas leituras complementares. Na sequência os alunos devem reescrever o trecho do diário escolhido incorporando sua própria realidade. Por exemplo, se o trecho escolhido for do diário de Anne Frank: o texto deve ser continuado pelo aluno que o escolheu. Ao incorporar a personagem ele completa seu pensamento, a partir de seu próprio contexto.

OFICINA / MÓDULO 2 O Gênero Textual DIÁRIO

(reflexões acerca de seus
usos e funções)

Tempo Estimado: 4 aulas

AULA 3



QUESTÕES MOTIVADORAS:

Quais os termos desconhecidos nos textos?

Qual o sinônimo de...?

Qual o contexto?

Quais os sujeitos?

Qual o conceito de...?

DEBATE

A partir dos textos complementares e de questões motivadoras.

LEITURA E ESCRITA

Distribuir cópia dos Textos Complementares de 5 a 7, em anexo.

Nos textos complementares foram incluídas atividades diversificadas utilizando variados gêneros textuais. Essas atividades também podem ser ampliadas, suprimidas ou adaptadas, conforme os recursos disponíveis e necessidades.

As atividades propostas podem ser complementadas em casa.

Essas atividades serão base para os debates da aula seguinte.



Propor que os alunos escolham um dos diários apresentados nas leituras complementares. Na sequência os alunos devem reescrever o trecho do diário escolhido incorporando sua própria realidade. Por exemplo, se o trecho escolhido for do diário de Anne Frank: o texto deve ser continuado pelo aluno que o escolheu. Ao incorporar a personagem ele completa seu pensamento, a partir de seu próprio contexto.

ATIVIDADE AVALIATIVA:

Os alunos devem escolher e assistir um dos seguintes filmes para debate avaliação na próxima aula: O Diário de Anne Frank; Diários de Motocicleta; O Diário de Tati; Diários de um banana – dias de cão; O Diário da Princesa (1 e 2) ou Diário da Paixão.

QUESTÕES MOTIVADORAS:
Qual o tema principal do filme?
Qual o personagem principal?
Como ele é?
Onde vive?
Qual a mensagem mais importante?

DINÂMICA:

O professor prepara uma interrogação grande: de papelão, E.V.A. ou outro material resistente. Forma grupos, conforme o filme escolhido e assistido por cada aluno. Se possível, coloca-os em círculos de modo que o professor possa transitar entre os grupos. Escolhe um aluno e lhe entrega a interrogação. Esse aluno deve falar algo sobre o filme que ele assistiu. Quando ele responder, deve escolher um colega e passar-lhe a interrogação. O colega diz qual filme assistiu. Fala alguma curiosidade sobre o filme. Essa atividade se sucede até que todos falem algo sobre o filme assistido. O professor pode auxiliar com as questões motivadoras

REESCRITA DE TEXTO

Retome o diário escrito na aula anterior. A partir da ampliação de conhecimentos, os alunos devem fazer novas inferências. Ou seja, devem inserir no diário os novos conhecimentos adquiridos, reescrevendo e ampliando a redação anterior.

AValiação:

- ✓ O professor deve recolher as produções, analisar seu formato e conteúdo, apontar em cada texto as principais falhas.
- ✓ Fazer registro das dificuldades identificadas.
- ✓ Preparar-se para atividade de autocorreção na aula seguinte.

OFICINA / MÓDULO 3

O Gênero Textual Digital *BLOG* / *EDUBLOG*

(reflexões acerca de seus usos e funções)

Tempo Estimado: 3 aulas

AULA 1

QUESTÕES MOTIVADORAS:

O que é um *BLOG*?

O que é um *EDUBLOG*?

Qual sua função?

Como são produzidos?

Cite alguns blogueiros (as) famosos (as)

ATIVIDADE DE AUTOCORREÇÃO

- Lançar no quadro os pontos anotados no Caderno de Registros do professor.
- Debater com os alunos os principais pontos.
- Devolver as produções textuais para autocorreção.

AULA EXPOSITIVA DIALOGADA

A partir das questões motivadoras

LEITURA

Distribuir cópia dos Textos Complementares 8 a 10 em anexo.

Os alunos podem completar a atividade em casa.

As atividades servirão de base para o debate na aula seguinte.

FILMOGRAFIA

Como atividade complementar o professor pode sugerir listagem de filmes sobre *blog* (Apêndice 3) ou mesmo assistir com os alunos e promover debates.

OFICINA / MÓDULO 3
O Gênero Textual Digital *BLOG / EDUDBLOG*
(Dimensões políticas do protagonismo juvenil)
Tempo Estimado: 3 aulas

AULAS 2 e 3



DINÂMICA - BRAINSTORMING

O *brainstorming* é uma técnica muito aplicada em dinâmicas de grupo. Junta 2 termos ingleses “*brain*” (cérebro, intelecto) e “*storm*” (tempestade). Consiste no incentivo à tempestade ou chuva de ideias visando resolver problemas, desenvolver ideias e projetos, juntar informações, motivar a criatividade, etc.

A partir dos conteúdos dos textos 8 a 10: anotar no quadro a chuva de ideias dos alunos. Para ampliar seu repertório, os alunos também devem registrar nos Diários as novas inferências, sugestões dos colegas, do professor, etc..

LEITURA E DEBATE

Leitura complementar 11, textos A, B e C - As Dimensões políticas do protagonismo juvenil

ATIVIDADE – CRIANDO MAPAS TEXTUAIS:

- ✓ O professor deve providenciar cópia das frases da blogueira ISADORA FABER abaixo transcritas. Dividir a turma em grupos. Recortar e distribuir uma frase para cada grupo;
- ✓ Os alunos devem discutir o conteúdo da frase recebida buscando associar às suas experiências cotidianas na escola. Corrigir. Criar mapas mentais;
- ✓ O professor faz a mediação do debate. Os grupos compartilham com a turma os resultados de suas atividades.

FRASES DE ISADORA FABER

- "Eu criei esta página porque agora começam os "senhores candidatos" a mostrar coisas que nunca são verdade, escolas de cenários!"
- "Cordeirinhos ficam contra Isadora, cordeirinhos passam a mão nas falcatruas para não ficar mal com a direção, cordeirinhos não questionam professores, cordeirinhos não querem se envolver, cordeirinhos disparam no primeiro ruído, com medo de serem notados. "
- "Nunca tinha entrado numa delegacia antes, mas lá dentro todos me trataram muito bem."
- "Os professores não aprovaram. As merendeiras riam, as pessoas fazem algumas indiretas. Chamaram minha mãe e disseram que eu não podia estar fazendo isso"
- "Não é só porque é uma escola pública que não pode ter um ensino de qualidade"
- "Todo mundo merece ter o mesmo. Todo mundo no final do mês paga um pouquinho, que vai para as escolas públicas."
- "A diretora disse que a demissão do professor Aloísio, de matemática, está pronta e ele não quer assinar, a nossa turma já fez abaixo assinado, e ela não sai. Alguém pode me explicar como isso funciona? Pensei que quando era demitido tinha que sair."

OFICINA / MÓDULO 3
O Gênero Textual Digital *BLOG / EDUDBLOG*
(Dimensões políticas do protagonismo juvenil)
Tempo Estimado: 3 aulas

AULAS 2 e 3

QUEM É ISADORA FABER?

FRASES DE ISADORA FABER

- "Hoje a professora de português Queila, preparou uma aula pra me humilhar na frente dos meus colegas, a aula falava sobre política e internet, ela falava que ninguém podia falar da vida dos professores, porque nós podíamos ter feito muitas coisas erradas pra eles odiarem e etc. Eu e acho que a maioria dos meus colegas entenderam o recado pra mim. Além disso quando vou até o refeitório as cozinheiras, começam a falar de mim, na minha frente e rir, eu e a Melina (minha colega) fomos reclamar com a diretora, então ela disse que eu tenho que aguentar as consequências e que a partir de agora seria assim com todos, não resolveu o problema."
- "Acho que essa quadra nunca foi pintada, todos deveriam concordar que se fizemos um mutirão e pintar seria melhor, porque inclusive os usuários da quadra, professores de educação física, alunos que usam e precisam da marcação do jogo, gostariam de ter um local com linhas visíveis na hora do uso."
- "Hoje de novo tivemos 2 aulas com professores titulares, e as outras três não, mas tivemos aula de matemática com a diretora que nos deu exercícios, e viu o que sabíamos e o que não tínhamos conseguido assimilar, foi muito boa a aula hoje acho que teve um rendimento que com auxiliar não tem, espero que siga assim."
- "Me pressionaram de todas as formas para eu retirar os vídeos das aulas de matemática. Se arrependimento matasse já estava morta, mas se continuarem sem dar explicações vou publicar todos de novo e mais alguns, ou vai passar o ano todo sem aula de matemática decente?"
- "Hoje faltando 3 minutos para acabar a aula todos estávamos conversando, a professora auxiliar deixou, então eu e no mínimo 3 colegas estávamos com celular na mão e os 3 já estavam escutando música, e o meu estava até com fone enrolado porque eu estava esperando bater o sinal, para não dar confusão, e a professora se dirigiu a mim, e falou que iria recolher meu celular se eu não guardasse. Mas e os outros, que estão também? Eu falei, ou pega o celular de todos ou de ninguém."
- "Oii, a partir de hoje eu sou a única administradora dessa página, eu estou aberta para qualquer foto de qualquer escola que alguém queira colocar aqui, se alguém quiser é só entrar em contato por aqui obrigada."
- "Se nós publicamos fotos e vídeos somos criminosas, se só comentamos estamos acusando sem provas, o que querem afinal? Não entendemos mais..."
- "Outra coisa professora, até agora nenhum professor da escola tinha visitado a minha página, porque tanta visibilidade? eu não sei o que está acontecendo. Eu estou aprendendo muito com tudo isso, até mesmo como funciona as coisas públicas e se de alguma forma e a minha intenção sempre ajudar a melhorar a escola para todos."
- "Professora... gostaria de saber quem eu acusei diretamente? que provas vcs querem? fotos e vídeos não bastam? eu participo da escola diariamente, das aulas, do recreio, das conversas... do mundo dos alunos, onde nem tudo os professores ficam sabendo, por isso falo... falo pq sei o que acontece e a escola é pública, "do povo", logo não vejo problemas discutirmos publicamente pois nada tenho a esconder."
(As frases foram copiadas tais como editadas no site. Estão disponíveis em <http://quemdisse.com.br/frase.asp?frase=101362>)

PLANEJANDO AS PRÓXIMAS AULAS

- ✓ Reservar o Laboratório de Informática para as próximas 4 aulas.
- ✓ Estabelecer combinados com a turma (disciplina, acesso a conteúdos, etc.).
- ✓ Providenciar autorizações para uso de biblioteca, impressões e outros recursos e ferramentas necessárias.

OFICINA / MÓDULO 4

Oficinas no Laboratório de Informática

BLOG / EDUBLOG, contextualização, organizando e sistematização do conhecimento

Tempo Estimado: 6 aulas

AULAS 1-6

AULA PRÁTICA:
Laboratório de Informática

QUESTÕES MOTIVADORAS

Quais os temas abordados nos *EDUBLOGS* escolhidos?

Quais eram os seus formatos?

A que público se destinavam?

Qual o nível de visualização?

Que ideias legais você usaria em seu próprio *EDUBLOG*?

Com as questões motivadoras em mente, os alunos devem:

- ✓ Investigar na *internet* alguns *blogs* ou *edublogs* com temas de seu interesse.
- ✓ Relacionar e registrar as variadas funções dos *edublogs* pesquisados.
- ✓ Observar o *layout* ideal para o seu próprio *edublog*.
- ✓ Trocar ideias e atuar colaborativamente com os demais colegas.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES:

- A criação, manutenção, gerenciamento e postagens de um *BLOG* ou *EDUBLOG* podem ser realizadas por um ou dois indivíduos (lembrando que devem compartilhar a mesma senha, portanto uma relação de confiança).
- O professor pode pesquisar alguns endereços de *EDUBLOGS* antecipadamente e sugerir *links* para visitaçã. Sugerir palavras chave conforme o interesse de cada aluno ou dupla.
- Oriente os alunos para as questões de navegação e segurança em rede;
- Explique os mecanismos de postagens no que se refere a responsabilidade civil e autoria.
- Tanto professor quanto alunos devem fazer suas anotações no Diário de Registros de atividades.

LEITURA E ESCRITA

Em casa os alunos devem ler os textos D, E e F da Leitura Complementar 11 – As Dimensões políticas do protagonismo juvenil

PREPARAÇÃO PARA A PRÓXIMA AULA:

- ✓ Se a rede da escola for lenta ou a quantidade de computadores for pequena, solicite, se possível, que os alunos tragam seus próprios *notebooks*, *tablets*, *pendrives* e outras ferramentas para acesso à *internet* e arquivo de dados.
- ✓ Se possível providencie *datashow* para efetuar a primeira explicação *online* para todos os alunos ao mesmo tempo. Estes devem acompanhar em seus computadores.
- ✓ Grande parte do sucesso com aulas em Laboratório de Informática passa pelo planejamento rigoroso e orientação permanente e individualizada aos alunos.
- ✓ O professor deve contar com monitores, parceiros ou voluntários para oferecer suporte e orientar as atividades.



OFICINA / MÓDULO 4

Oficinas no Laboratório de Informática

Criando um *EDUBLOG*

Tempo Estimado: 6 aulas

AULAS 1-6

COMO CRIAR UM BLOG?

- O professor deve criar seu próprio *edublog*, testando as ferramentas antes da aula prática com os alunos.
- Os alunos podem receber esse tutorial por escrito e já chegarem à aula com as primeiras etapas concluídas.

Diretrizes (tutorial) para a Criação de um *Blog*

ETAPA 1: escolha do provedor. Sugestão: acessar o site www.blogspot.com

ETAPA 2: será aberta uma janela com a relação de usuários do seu computador. Caso não possua uma conta, precisará criá-la, clicando no ícone CRIAR ou ADICIONAR CONTA. Preencha os dados registrando *login* e senha.

ETAPA 3: acesse o site efetuando *login* utilizando a senha registrada.

ETAPA 4: Observe que sua foto/perfil aparecem na nova janela. Uma vez cumprida essa etapa, clique no ícone NOVO *BLOG*.

ETAPA 5: Uma nova janela sugere que você registre um título para o seu *blog*. Logo abaixo aparecerá a definição da URL (endereço) do seu novo *blog*. Observe se o nome está disponível. Caso contrário, deve criar variações até encontrar um nome que lhe agrade e que ainda não tenha sido registrado. Se o endereço do *blog* escolhido estiver disponível, clique no ícone laranja CRIAR UM *BLOG*.

ETAPA 6: Nessa página você terá o registro de todos os *blogs* que fizer, podendo acessá-los para atualização de postagens. Observe as opções de navegação e explore-as.

ETAPA 7: Clique na seta ao lado do ícone VISUALIZAR *BLOG*. Clique na opção desejada. Em MODELO você escolhe o formato de sua página. Depois poderá explorar cada um dos ícones, escolher *layout*, por exemplo. Esse modelo pode ser provisório, pois poderá mudá-lo a qualquer momento e até mesmo personalizá-lo.

ETAPA 8: Uma vez escolhido o modelo você pode clicar em VISUALIZAR *BLOG*. Está pronto! Pode começar as postagens clicando em INICIAR POSTAGENS. Nessa fase você digita textos, importa imagens, vídeos, etc. Ao final clique em PUBLICAR e o que foi inserido aparecerá na página principal. A cada modificação torne a VISUALIZAR *BLOG*, modificando o que não lhe agrada.

Uma vez completadas todas essas etapas, seja bem vindo (a), agora você também é um (a) blogueiro (a). E todo blogueiro tem direito de cancelar seu *blog*, a qualquer tempo.

Oriente os alunos (as) Para acesso a sítios agregadores de conteúdos úteis para blogueiros. Um exemplo é o site www.colmeia.blog.br, contendo dicas como: administração do tempo, teste servidor, negócios, nichos, personalização, dicas para escrever, criar imagens, direitos autorais, *layout*, adicionar contador de subscritores e seguidores, atualizações, *plugins*, monitoramento de *uptime*, jogos, manual básico, *gifs*, comentaristas de *blogs*, blogueiros famosos, os mais acessados, estratégias de marketing em mídias sociais, poder dos *blogs*, criatividade, mais visibilidades, eficiência, etc.

PESQUISA / LEITURA / ESCRITA E REESCRITA

- Nas 4 próximas aulas você deve monitorar permanentemente as atividades de seus alunos e alunas.
- Eles pesquisam, escrevem, reescrevem, compartilham.

AVALIAÇÃO (todos os módulos)

Tempo Estimado: 14 aulas

COMO AVALIAR?

São partes do processo avaliativo:

- ✓ O Diário de Registro de Atividades dos alunos, englobando as atividades de escrita e reescrita⁶¹
- ✓ O *edublog* propriamente dito

Cada professor envolvido, no processo de planejamento do projeto deve definir qual parte da SD proposta ele irá explorar. Assim, como especialistas compartilham os mesmos textos e atividades e dividem entre si as áreas do conhecimento. Trata-se de uma perspectiva de soma, evitando-se repetição de esforços.

Reforçando:

Todas as atividades devem ser compartilhadas pelas mesmas disciplinas e cada professor dará o peso necessário a cada bloco trabalhado.

CRITÉRIOS SUGERIDOS PARA AVALIAÇÃO DO *EDUBLOG*

As tarefas de avaliação do *EDUBLOG* propriamente dito podem considerar os seguintes níveis de participação dos alunos:

- ✓ Conteúdo
- ✓ Originalidade
- ✓ Criatividade
- ✓ Criticidade
- ✓ Ortografia
- ✓ Correção gramatical
- ✓ Inserção de *links* relacionados aos temas
- ✓ Iconografia
- ✓ Personalização
- ✓ Plasticidade
- ✓ Outros recursos
- ✓ Seguidores
- ✓ Comentários
- ✓ Alcance de público, repercussão, divulgação, etc.

⁶¹ Cada professor usa suas próprias formas de controle das atividades. Porém é muito importante que o Diário de Registro das Atividades dos alunos seja um só. Esse Diário deve ser periodicamente visitado pelos professores, monitores, etc.

LEITURA COMPLEMENTAR 1

O Diário de Anne Frank

(http://www.mensagenscomamor.com/frases-de-famosos/frases_de_anne frank.htm)



Annelies Marie Frank, uma adolescente judia. Morreu com 15 anos, em um campo de concentração nazista, vítima do holocausto. Seu diário serve de inspiração para pessoas em todo o mundo.

Fonte: Google Imagens

- “Ao longo de todo o tempo em que aqui estive, ansiei inconscientemente e por vezes conscientemente por confiança, amor e afeição física. Este anseio pode variar em intensidade, mas está sempre presente”.
- “Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos”.
- “Quero amigos, não admiradores. Pessoas que me respeitem pelo caráter e pelo que faço, não pelo sorriso encantador. O círculo ao meu redor seria bem menor, mas não importa, desde que fosse composto por gente sincera”.
- “Os pais somente podem dar bons conselhos e indicar bons caminhos, mas a formação final do caráter de uma pessoa está em suas próprias mãos”.
- “Viro o meu coração do avesso. O lado mau para fora, o bom para dentro e continuo a procurar um meio para vir a ser aquela que gostava de ser, que era capaz de ser, se sim, se não houvesse mais ninguém no mundo”.
- “Fico tão confusa pela quantidade de coisas que tenho de considerar que não sei se choro, ou se rio, depende do meu humor. Depois durmo com a sensação estranha de que quero ser diferente do que sou, ou de que sou diferente do que quero ser, ou talvez de me comportar diferente do que sou ou do que quero ser”.
- “Saia, vá para o campo, aproveite o sol e tudo o que a natureza tem para oferecer. Saia e tente recapturar a felicidade que há dentro de você; pense na beleza que há em você e em tudo ao seu redor, e seja feliz”.
- “As pessoas com mais idade já têm opiniões formadas sobre todas as coisas e já não vacilam, não hesitam perante as dificuldades da sua vida. A nós, os jovens, custa-nos manter-nos firmes nos nossos pareceres por vivermos numa época em que mostra pelo seu lado mais horroroso, em que se duvida da verdade, do direito, de Deus”.
- “Amor, o que é o amor? Não creio que se possa realmente pôr em palavras. Amor é entender alguém, se importar, compartilhar as alegrias e tristezas. Isso pode incluir o amor físico. Você compartilha alguma coisa, dá alguma coisa e recebe algo em troca, seja ou não casada, tenha ou não um filho. Perder a virtude não importa, desde que você saiba que, enquanto viver, terá ao lado alguém que a compreenda e que não precisa ser dividido com ninguém mais”.
- “Mas quando uma pessoa está desesperada, pode valer-lhe de alguma coisa pensar nas misérias dos outros?”
- “Apesar de tudo eu ainda creio na bondade humana”.
- “Nunca mais recuarei diante da verdade; pois quanto mais tardamos a dizê-la; mais difícil torna-se aos outros ouvi-la”.
- “Em cada censura há uma ponta de verdade”.
- “Que maravilha é ninguém precisar esperar um único momento para melhorar o mundo”.
- “Criticom tudo, e quero dizer mesmo tudo, sobre mim: o meu comportamento, a minha personalidade, as minhas maneiras; cada centímetro de mim, da cabeça aos pés, dos pés à cabeça, é objeto de mexericos e debates. São me constantemente lançadas palavras duras e gritos, embora eu não esteja habituada a isso. Segundo as autoridades definidas, eu devia sorrir e aguentar”.
- “Quando escrevo, sinto um alívio, a minha dor desaparece, a coragem volta. Mas pergunto-me: escreverei alguma vez coisa de importância? Virei a ser jornalista ou escritora? Espero que sim, espero de todo o meu coração! Ao escrever sei esclarecer tudo, os meus pensamentos, os meus ideais, as minhas fantasias”.
- “A beleza continua a existir mesmo no infortúnio. Se procurá-la, descobrirá cada vez mais felicidade, e recuperará o equilíbrio. Uma pessoa feliz tornará as outras felizes; uma pessoa com coragem e fé nunca morrerá na desgraça”.
- “Todo mundo tem dentro de si um fragmento de boas notícias. A boa notícia é que você não sabe quão extraordinário você pode ser! O quanto você pode amar! O que você pode executar! E qual é o seu potencial!”.

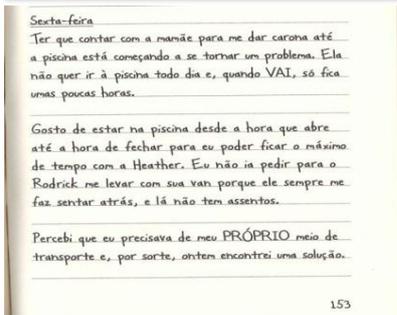
DIÁRIO DE REGISTRO

- Escolha acima uma frase com a qual se identifique. Você deve desenvolver uma redação a partir da frase escolhida.

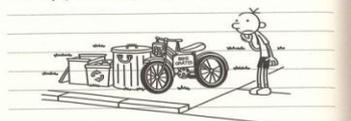
LEITURA COMPLEMENTAR 2

Diário de um banana

- ✓ Primeiramente leia todos os textos aqui apresentados.
- ✓ Anote em sua folha de registros: quais os gêneros textuais aqui abordados, identificando suas principais características, funções e contextos de produção.

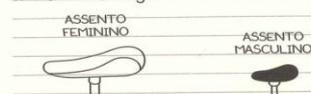


Um de nossos vizinhos deixou uma bicicleta na calçada, e eu a peguei antes que alguém tivesse a mesma ideia.



Fui com ela até em casa e a deixei na garagem. Quando o papai viu, disse que era uma bicicleta feminina e que eu devia me livrar dela.

Mas vou te falar pelo menos duas razões para uma bicicleta feminina ser melhor do que uma masculina. Primeiro, bicicletas femininas têm assentos grandes e acolchoados, e isso é muito importante quando se anda nela de sunga.



154

E, em segundo lugar, bicicletas femininas têm essas cestas no guidão, que são boas para se levar games e protetor solar. Além disso, minha bicicleta veio com um sininho, o que é REALMENTE útil.



Segunda-feira

Acho que eu deveria saber que uma bicicleta abandonada com o liso não iria durar muito tempo.

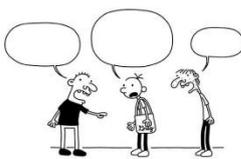
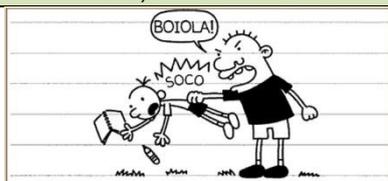
Ontem eu estava voltando para casa e a bicicleta começou a ficar toda bamba. Ai a roda da frente saiu de uma vez só. Então hoje tive que pedir à mamãe para me dar uma carona até a piscina.

155

Fonte: Trechos do “Diário de um banana” . Volume 4. Disponível em: <https://biciclotheke.wordpress.com/2013/12/>

Entram em cartaz ao mesmo tempo dois filmes absolutamente diversos que tratam do mesmo assunto: meninos vivendo a difícil passagem da infância para a adolescência, ou seja, os protagonistas de “Frankenweenie” e de “Diário de um Banana – dias de cão”. Se a animação de humor negro, em branco e preto e em 3D, de Tim Burton chega ao mercado impulsionado pelos milhões que a Disney sempre aplica em seus lançamentos, a comédia naturalista dirigida por David Bowers (“Astro Boy” – 2009) – um competente diretor especializado em animações – chega aos cinemas sem que a Fox tenha se empenhado muito no lançamento, provavelmente confiando no imenso público dos livros em que baseia.

Trata-se de uma série escrita por Jeff Kinney, um cartunista e desenvolvedor de videogames de 40 anos, agora vitorioso com as vendas do Diary of a Wimpy Kid (“Diário de um banana”) que já ultrapassam 60 milhões de cópias. Esse apelido remete ao amigo do marinheiro Popeye que só comia hambúrguer – até hoje o protótipo da “junk food”. Mas também carrega o significado de “fracote”, ou seja, um garoto avesso a qualquer tipo de atividade física, a não ser aquela que envolve os dedos, durante a prática do videogame. (Texto disponível em: http://programacinemafalado.blogspot.com.br/2012_11_01_archive.html. Acesso em 22/abr./2015).



Fonte: charges disponíveis em: <http://www.coxinhanerd.com.br> e <http://www.quoteinsta.com/desenho-cerejas-pintado-por-cereja/>

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Na sua perspectiva e dos autores do diário e da crítica, o que é ser um BANANA? Qual a relação do personagem “banana” com bicicletas? E a sua relação e da sociedade em geral com esse mesmo meio de transporte?
- ✓ Observe que tipo de relação social se evidencia na primeira charge. Cite exemplos cotidianos similares. Sob a perspectiva de um diálogo envolvendo *bullying* crie textos para os balões de fala para a segunda charge.
- ✓ Marque no texto crítico os estrangeirismos e termos desconhecidos buscando seus significados. Analise se o 6º termo da 6ª linha do primeiro parágrafo requer acentuação. Que regra se aplica no caso específico dessa palavra? O que caracteriza o humor negro? Cite exemplos. Que frase evidencia que o autor faz alguma crítica às atuais práticas digitais? Qual sua opinião a respeito desse tema? Analise os textos a seguir e elabore um parágrafo associando o seu conteúdo ao termo “junk food” utilizado no texto crítico anterior.

LEITURA COMPLEMENTAR 3

VOCÊ COME HAMBURGUER?

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

Ao longo do século XVII a Inglaterra converteu terras de cultivo em terras de pastagens. Até as terras comunais, do período feudal, foram transformadas em pastos.

Ainda hoje os chamados homens de negócios, sem qualquer compromisso com o meio ambiente, limpam grandes áreas, traficam madeira e utilizam imensas extensões de terras para searas ou pastagens. Você sabia que por isso as florestas tropicais estão reduzidas a quase metade? Somente no ano de 1990, dezessete milhões hectares* foram destruídos. Em vinte anos (de 1960 a 1980), 1/4 das florestas da Nicarágua, Honduras, Guatemala e Costa Rica foi derrubado para criar pastagens para o gado destinado à confecção de hambúrgueres.

Também no Brasil a expansão agrícola e urbana e a derrubada de árvores resultou na destruição de 95% das florestas costeiras atlânticas. Aqui também os criadores de gado procuram aumentar as suas manadas e rebanhos para atender a demanda por consumo de carne e leite.

Enfim, hoje as pastagens ocupam quase 1/4 das terras do planeta. Nos anos 80, o mundo possuía cerca de 3.000.000.000 de ovelhas, cabras e bois. A necessidade de mais áreas de pastagem acelerou o abate de florestas. Resultado: o desflorestamento e a expansão dos desertos contribui para a escassez de alimentos, a poluição do ar em todo o planeta e o que é pior, o desaparecimento da floresta amazônica, os "pulmões" da Terra.

Pense nisso antes de comer um hambúrguer. Todos aqueles que de alguma maneira contribuem para a queima das florestas **SÃO RESPONSÁVEIS** pelo agravamento do efeito estufa. Talvez você não deixe de comer hambúrguer por isso, mas pelo menos não pode dizer que não sabia...

* LEMBRE-SE: cada hectare corresponde a:

100 ares

10 000 metros quadrados

1 hectômetro quadrado

Uma praça quadrada com 100 metros de cada lado

0,01 quilômetros quadrados

2,4710538 acres internacionais

100 hectares são iguais a um quilômetro quadrado.



COMER OU NÃO COMER, EIS A QUESTÃO

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

A Pastoral da Criança nasceu a partir de um desafio que ONU/UNICEF fez, em 1982, a Dom Evaristo Arns, então cardeal de São Paulo. O mundo se preocupava com a mortalidade infantil e o Brasil precisava fazer sua parte. O número de crianças vitimadas por doenças de fácil prevenção era alarmante. A irmã do cardeal, Zilda Arns, pediatra e sanitarista abraçou essa causa. Em pouco tempo desenvolveu um projeto inicialmente voltado para a educação da comunidade. O projeto baseou-se em cinco pilares: saúde da gestante, aleitamento materno, vigilância nutricional, reidratação oral e vacinação.

A sanitarista faleceu vitimada por um terremoto no Haiti, exatamente quando fazia esforços para alargar as fronteiras do projeto. No Brasil deixou o legado de 1,5 milhão de crianças atendidas, em 3277 municípios. A mortalidade infantil reduziu-se drasticamente e hoje a Pastoral da Criança é uma respeitável instituição que conta com 32 mil comunidades assistidas e 145 mil voluntários. Um verdadeiro exército.

Se até pouco tempo as ações da pastoral voltavam-se para salvar crianças da desnutrição, ou seja, da falta de comida, hoje trava nova batalha: a prevenção da obesidade infantil, ou seja, excesso de alimento. Afinal, comida é ou não é para comer?

Brincadeiras à parte, todos sabem que nesse país come quem pode. Afinal, qual seria a função de um programa denominado Fome Zero, se o alimento fosse farto? E a falta de educação alimentar nas escolas não é mais uma evidência que a educação como um todo precisa ser repensada?

LEITURA COMPLEMENTAR 4

QUAL A RAZÃO DO INCENTIVO AO USO DE BICICLETAS EM CURITIBA?

Curitiba inaugura Praça de Bolso do Ciclista

(Diário Digital. Autor: Enzo Bertolini. Última atualização 24/set/2014)



Foto: Mundo Munhoz

Após cinco meses de obras realizadas por voluntários, Praça de Bolso do Ciclista é inaugurada em Curitiba.

Na segunda-feira 22 de setembro, Dia Mundial Sem Carro, foi inaugurada oficialmente em Curitiba (PR) a Praça de Bolso do Ciclista, com a presença do prefeito Gustavo Fruet (PDT). O evento integrou a série de atividades da Semana da Mobilidade organizada pela Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu (Ciclolguaçu).

A praça fica na esquina da Rua São Francisco com a Rua Presidente Faria, no centro da capital paranaense, em frente à Bicletaria Cultural, tradicional ponto de encontro dos ciclistas da cidade. “Queremos que a praça seja um local de celebração e convivência”, afirma Jorge Brand, também conhecido como Goura Nataraj, membro da Ciclolguaçu. Nos últimos dias, o local recebeu shows e performances de diferentes grupos, incluindo a Musicletada.

Com 127,8 m², o local era um terreno abandonado da prefeitura e foi completamente recuperado em cinco meses de obras. A transformação foi possível graças a uma parceria com a prefeitura de Curitiba e ao trabalho de voluntários aos fins de semana. Foi necessária a realização de **terraplanagem**, construção de muro, bancos, entre outras coisas. A praça recebeu ainda sete paraciclos e aguarda a instalação de mosaicos, ponto de wi-fi e a retirada de um poste. “Esta praça é um respiro no cimento dos prédios”, diz Goura. “Queremos que esse modelo seja replicado nas periferias.”

Durante o 3º Fórum Mundial da Bicicleta, realizado em fevereiro desse ano, a artista suíça Mona Caron deixou sua arte em um mural na praça. Radicada nos Estados Unidos há mais de 20 anos, Mona foi uma das primeiras participantes da Massa Crítica de São Francisco e possui uma extensa obra cujo foco principal está nos murais pintados em diferentes cidades do mundo.

A prefeitura de Curitiba planeja uma ciclovia na frente da praça, pela rua Presidente Faria, ligando as vias calmas da rua 7 de Setembro e da avenida João Gualberto.

(Texto disponível em: <http://vadebike.org/2014/09/praca-de-bolso-do-ciclista-curitiba-inauguracao/>. Acesso em 1/abr./2015).

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Qual a essência do texto?
- ✓ Pense nos sujeitos envolvidos no projeto (patrocinadores, ciclistas, etc.) e crie hipóteses sobre o (s) interesse (s) de cada um deles na construção da referida praça.
- ✓ O texto traz algum erro ortográfico ou gramatical? Pesquise sobre a grafia do termo grifado.
- ✓ A praça em questão foi decorada pelos próprios usuários. Atualmente conta com mosaicos e troncos de árvores enfeitados com crochê. Observe as pinturas na parede. Que tipo de arte está representada? Qual a diferença entre grafite e pichação? Pesquise outras obras da artista suíça Mona Caron. E o Brasil, também tem bons grafiteiros? Quais são? Pesquise suas obras. Tente reproduzi-las ou criar seu próprio grafite. Visite o *link* da reportagem. Que elementos das imagens ali retratadas te possibilitam identificar o nível social das pessoas presentes na inauguração da praça?
- ✓ Sabia que Curitiba é a capital com maior número de carros por habitantes no Brasil? Você conhece a realidade dos acidentes de trânsito envolvendo bicicletas na capital paranaense?
- ✓ Ao postar trechos do Diário de um Banana (expostos acima), o *blogger* da Página Bicyclotheke fez o seguinte comentário: “a ilustração da pág. 155 poderia servir para ilustrar os pedestres de Brasília andando nas ‘ciclovias’... elas andam na ciclovia e eu pedalo na calçada!”. Elabore um parágrafo procurando relacionar essa crítica à realidade histórica de falta de educação para o trânsito no Brasil.

LEITURA COMPLEMENTAR 5

Relatório do Filme Diários de Motocicleta



Fonte: Google Imagens

O filme começa em 1952, com a Aventura pela América Latina de, Alberto Granado com 29 anos, e Ernesto Guevara com 23 anos estudantes de medicina que queriam FAZER PESQUISAS médicas, mas essa história tomou um rumo diferente.

Eles começam esta aventura em cima de uma motocicleta chamada "La Poderosa", que de poderosa não tinha nada pois estava muito velha, e sem segurança alguma. A primeira parada é na casa da namorada de Ernesto, ela não queria que ele continuasse, mas ele mesmo gostando muito dela, não acatou o seu pedido e seguiu viagem com seu amigo.

Eles percorreram a Argentina, Chile (Atacama), Peru (Machu Pichu) e Bolívia. Ernesto era um jovem frágil e asmático, que diversas vezes na aventura sofre com problemas respiratórios, por causa da chuva e do frio. Isso acaba mudando com o decorrer da viagem.

Já Alberto era um conquistador, e ótimo dançarino.

No começo a viagem era para pesquisa medica, mas logo isso muda ao depararem com a realidade de seu continente. Eles começaram a ver as diferenças sociais e política, o sofrimento daquele povo, com isso começa a nascer algo novo dentro de Ernesto, a vontade de lutar pelos menos favorecidos.

Ernesto tem um diário que vai anotando tudo sobre a viagem. A viagem durou 8 meses, de muita emoção e descobertas. Na viagem eles interagem com o povo, de cada região e conhece um pouco sobre a vida nada fácil daquele povo.

Eles conheceram um medico na Amazônia Peruana, que lhes apresentou uma colônia de doentes de hanseníase (lepra), como Ernesto estava estudando aquela doença foi muito proveitosa sua passagem por lá.

No final desta valorosa aventura os amigos se separam, Alberto vai continuar seus estudos, e Ernesto começa a nascer como o mito CHE, começa sua luta contra as desigualdades daquele povo.

O filme é um ótimo aparelho de estudo para retratar a vida de Ernesto antes de virar o mito Che e mostra como começou a desperta-lo para lutar pelo seu continente.

(<http://simonemorgon.blogspot.com.br/2008/05/relatrio-do-filme-dirios-de-motocicleta.html>)

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Identifique no texto as incorreções ortográficas e gramaticais.
- ✓ Qual a visão da América Latina que o autor explora?
- ✓ Quais os principais aspectos sociais se destacam?
- ✓ Relacione traços da população nativa com aspectos impostos pela colonização
- ✓ Observe a diversidade (cultura, étnica, econômica, etc.)
- ✓ Relacione os principais aspectos físicos da América(paisagens, relevo, hidrografia, vegetação) captados pelas câmeras.
- ✓ Quais as características mais marcantes dos dois personagens principais?
- ✓ Utilizando um mapa da América do Sul, procure traçar a rota seguida pelos motociclistas.

TEXTO COMPLEMENTAR 6

O Diário de Tati

Dom, 16 de setembro de 2012 - 04h24

CRÍTICA: O Diário de Tati (2012): comédia nacional é simplesmente intragável. (Thiago Cesar⁶²)

Longa inspirado em personagem de TV chega atrasado aos cinemas e não oferece nada de bom em termos de história ou divertimento, sendo completamente descartável.

Estamos vivenciando um momento do cinema nacional onde as comédias dominam praticamente todo o circuito comercial destinado à produção brasileira, independente da qualidade das obras. Depois de mediocridades como “De Pernas pro Ar”, “Cilada.com”, “E Aí, Comeu?” e o recente lançamento “Totalmente Inocentes”, chega às salas aquele que consegue ser provavelmente o pior de todos: “O Diário de Tati”.

A personagem, uma adolescente cheia de gírias e trejeitos característicos interpretada por Heloísa Périssé, surgiu nos anos 90 como integrante da famosa série televisiva “Escolinha do Professor Raimundo”. (...)

O longa segue as desventuras colegiais e amorosas de Tati, com Périssé reprisando o papel que lhe consagrou na televisão. Basicamente, ela precisa fugir da recuperação estudando mais matemática, e para isso contrata Maurinho (Marcelo Adnet), amigo de seu irmão Tom (Pedro Neschling), para lhe dar aulas particulares. Em paralelo, a jovem tenta conquistar Zeca (Thiago Rodrigues), um colega de classe que é extremamente disputado pelas garotas do colégio. Louise Cardoso retorna como Isa (mãe de Tati), papel que interpretou nos episódios de “Papo Irado”.

O primeiro elemento que não funciona é justamente a atriz que, após mais de uma década desde que começou a viver Tati na televisão, não convence mais na pele de uma adolescente. A maquiagem – se é que existe – é incompetente em fornecer um aspecto jovial à protagonista, que se torna ridícula ao lado das amigas de colégio, onde a diferença de idade é visível e gritante. (...)

A história se desenvolve sem grandes surpresas, sem divertimento e sem estabelecer vínculo algum com Tati e muito menos com os coadjuvantes. As piadas provocam vergonha alheia em vez de risos, os personagens são estereótipos mal disfarçados e a direção parece não se importar com nada mais do que cumprir a árdua tarefa de terminar o filme, tornando a experiência de assisti-lo intragável.

Chega a ser inacreditável como “O Diário de Tati” não tem simplesmente nada a oferecer de bom. Até a trilha sonora se torna aversiva, contendo duas músicas de qualidade duvidosa cantadas por Périssé na voz irritante de sua personagem. O desgaste da cópia exibida é bastante visível, denunciando a meia dúzia de anos que o longa ficou estocado até ser lançado comercialmente. Talvez fosse melhor isso nunca ter acontecido.

(<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/279803/o-diario-de-tati-2012-comedia-nacional-e-simplesmente-intragavel/>)



Fonte: Google Imagens

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Você concorda com a visão do autor? Recrie esse gênero textual, em formato de crítica de cinema, justificando seu ponto de vista.

⁶² Thiago César é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e aspirante à cineasta. Já fez cursos na área de audiovisual e realiza filmes independentes.

LEITURA COMPLEMENTAR 7

Livros são portas para a realidade

(Texto disponível no blog Biclotheke. 18/12/2013 arte, citações, livros Carlos Vogt, Proust)

Enquanto estou no meio da leitura da série Diário de um banana, recebi de meu amigo Sérgio Tourino uma excelente dica de leitura sobre a leitura. Um editorial de Carlos Vogt (leia aqui) sobre Proust e seu livro Sobre a leitura. Magnífico elogio, tanto o livro quanto o editorial.

O editorial abre o Dossiê nº 94 da revista ComCiência, em edição voltada exclusivamente para a leitura, e obviamente, para livros. (mas, podemos dizer também para *blogs*, pois é exatamente isto, ler, que estamos fazendo aqui :-)

Vogt diz, do texto de Proust: fundamental para os que amam a leitura, para os que poderão amá-la e para os que são ou serão profissionais ou amadores desta aventura fantástica de viver, pelo imaginário, a multiplicação de sua vida e de sua finitude no infinito do espaço-tempo da memória, da percepção e da expectativa

E citando o próprio Proust:

Algumas vezes, em casa, no meu leito, muito tempo depois do jantar, as últimas horas da noite, antes de adormecer, abrigavam também minha leitura, mas isso somente nos dias em que eu chegava aos últimos capítulos de um livro, que não faltava muito para chegar ao fim. Então, arriscando ser punido se fosse descoberto e ter insônia que, terminado o livro, se prolongava, às vezes, a noite inteira, eu reacendia a vela, assim que meus pais iam deitar; enquanto isso, na rua vizinha, entre a casa do armeiro e o correio, banhadas de silêncio, o céu sombrio, mas azul, estava cheio de estrelas; à esquerda na viela suspensa, onde começava sua ascensão espiralada, sentia-se a vigília monstruosa e negra da abside da igreja cujas esculturas não dormiam à noite

Por fim, Vogt fecha seu editorial citando um trecho da entrevista do filósofo Nicolas Grimaldi:

A experiência da leitura ou da música permite antecipar o que revelará a lembrança involuntária, a saber que não há realidade que não seja interior. Ora, esta existência interior da realidade, tal como a suscita uma sensação, só a imaginação a transcreve. Mas esta transcrição é, na realidade, uma alquimia da imaginação que transforma a exterioridade em interioridade, a estranheza em intimidade, e a passividade em atividade. É isso que faz a metáfora, puro produto da imaginação, mas que exprime tanto o real quanto o recria, buscando-o no fundo de nós mesmos por um mimetismo interior.

(Disponível em: <https://biciclotheke.wordpress.com/2013/12/>)

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Marque no texto as expressões que evidenciam o gosto dos autores pelos livros ou leitura.
- ✓ Quais as funções dos livros ou da leitura na visão dos autores? E na sua visão?
- ✓ Identifique no texto os termos desconhecidos, buscando seu significado.

LEITURA COMPLEMENTAR 8

O impacto da visita de Yoani Sánchez nas relações Brasil-Cuba

(28/02/2013 21h02 Ludmila Andrzejewski Culp⁶³. Texto publicado na edição impressa de 01 de março de 2013)

É verdade que a visita da blogueira cubana Yoani Sánchez, que ficou conhecida por denunciar os abusos da ditadura dos irmãos Castro na internet, provocou reações adversas no Brasil. Por todo lugar em que passou, houve manifestações de apoio e contrárias à sua visita ao país.

Ela enfrentou manifestações em favor do governo cubano no Recife, Salvador, Feira de Santana, Brasília e São Paulo. Nessas cidades, além de ser acusada de mercenária, ela ainda ouviu gritos como “sai fora, blogueira imperialista; a América Latina vai ser toda comunista”. De qualquer forma, Yoani conseguiu encerrar a polêmica passagem pelo Brasil de forma tranquila. Sem qualquer tipo de protesto, ela embarcou no Rio de Janeiro, rumo a Paris. Da capital francesa, seguirá para Praga, na República Tcheca, próxima escala no giro que está dando por várias partes do mundo.

O fato de a blogueira cubana, crítica do regime Castro, ter escolhido o Brasil para iniciar uma viagem internacional pode criar animosidades na relação entre Brasil e Cuba. É sabido que o governo brasileiro tem uma relação especial com o governo cubano, bem como com diversos outros países de tendências de esquerda. Críticas à parte, essa inclinação à defesa de um regime ditatorial é muito perigosa para o país. A bandeira de Yoani é a da defesa da liberdade, como ela tanto menciona nas próprias postagens. Por isso a escolha pelo Brasil, onde, como ela mesma disse, “a população respira liberdade”.

É preciso lembrar que o Brasil tem nas relações com Cuba um ponto de destaque na política externa atual. Vários projetos em Cuba têm sido financiados com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e uma série de empresas brasileiras tem invadido o mercado cubano. Isso tudo com a aprovação do governo cubano, que vê vantagens na relação com o Brasil.

Porém, um dos pontos mais fracos do regime cubano, que se sustenta com cada vez menos fôlego, é a falta de legitimidade atribuída pelo povo cubano e pela comunidade internacional ao regime Castro. O exemplo concreto disso é o reconhecimento que Yoani Sánchez tem conquistado dentro e fora da ilha.

O fato de o Brasil ser uma vitrine para disseminar a causa da blogueira pode representar um cisma na relação entre esses dois países, o que pode impedir os Estados de atender a seus objetivos econômicos nessa relação bilateral tão delicada.

(Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/o-impacto-da-visita-de-yoani-sanchez-nas-relacoes-brasil-cuba-be681bgjsytxv6edcjmbqfw8>)

"Uma era termina", diz blogueira cubana Yoani Sánchez

Conhecida opositora do regime dos irmãos Castro comentou no Twitter a reconciliação entre o governo americano e Cuba

Enviar correção 17/12/2014 | 17h16min CompartilharE-mailGoogle+TwitterFacebook (Marcello Casal Jr/Agência Brasil)

Após o comunicado dos governos dos Estados Unidos e de Cuba, que anunciaram o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, a blogueira cubana Yoani Sánchez se manifestou nas redes sociais.

Em seu Twitter, Yoani, que é conhecida por marcar oposição ao regime dos irmãos Castro, disse que "uma era termina" e que espera que "esta nova que começa tenha a sociedade civil como protagonista". (...)

"Tentamos iniciar um novo capítulo", diz Obama sobre reaproximação

"Acertamos o restabelecimento das relações diplomáticas", diz Raúl Castro

A blogueira de 39 anos, que é casada com o jornalista Reinaldo Escobar, publicou também uma mensagem citando o colapso econômico que seu país enfrenta. (Disponível em:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/12/uma-era-termina-diz-blogueira-cubana-yoani-sanchez-4665272.html>)

"Em Cuba, liberdade é palavra proibida", diz Yoani no Rio

Na capital fluminense, blogueira cubana pode pela primeira vez circular sem enfrentar protestos de defensores da ditadura dos irmãos Castro

Por: Luís Bulcão/VEJA, do Rio de Janeiro 24/02/2013 às 14:54 - Atualizado em 24/02/2013 às 16:33

⁶³ Ludmila Andrzejewski Culp, mestre em Ciência Política, é professora do Centro Universitário Uninter.

Manifestantes interromperam a blogueira cubana Yoani Sánchez durante evento nesta quinta-feira (21) na Livraria Cultura da Avenida Paulista, na região central de São Paulo.

Pela primeira vez desde que desembarcou no Brasil, há uma semana, a blogueira cubana Yoani Sánchez pode participar de uma agenda sem enfrentar protestos. Ela desembarcou neste sábado no Rio de Janeiro, última cidade brasileira que visitará antes de seguir para a Europa. A ativista foi recepcionada com entusiasmo e até certo assédio por parte da população. Na passagem por outras capitais brasileira, como Recife, Salvador e São Paulo, Yoani teve eventos cancelados por causa de protestos e hostilidades de grupos de esquerda favoráveis à ditadura de Fidel e Raúl Castro. Em Brasília, até parlamentares e servidores do Congresso Nacional protagonizaram vergonhosas manifestações que tentavam impedir a blogueira de falar em público.

Às 10 horas, Yoani visitou o Forte de Copacabana acompanhada dos deputados cariocas Otávio Leite (PSDB), Luiz Paulo (PSDB) e Aspásia Camargo (PV).

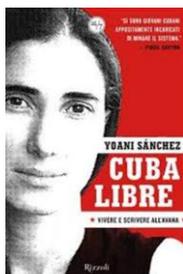
Entrevista: 'Tentam me calar porque divulgo a Cuba real'

Vídeo: Por que Cuba tem medo de Yoani

Logo a seguir, a cubana visitou o Pão de Açúcar. No passeio, Yoani parou para tirar fotos com várias pessoas que a reconheciam. Um turista a abraçou e gritou "Cuba livre!". A blogueira confessou, no entanto, não estar muito confiante com o futuro do seu país em curto prazo. Comparando com a liberdade que presenciou nos últimos dias no Brasil, ela descreveu "um abismo de diferença" entre os dois países. "Há espaços para diversidade muitíssimos mais amplos (no Brasil) do que em Cuba, onde a liberdade de expressão está seriamente comprometida", afirmou a dissidente. "Em cuba, liberdade é uma palavra proibida. Aqui se pode falar abertamente." De acordo com ela, os leitores de seu *blog* sofrem represálias na ilha caribenha, como a perda temporária da licença para acessar a internet.(...)

Em janeiro, entrou em vigor uma reforma migratória que eliminou a necessidade de permissão do governo cubano para deixar o país. Interpelada por um turista no Pão de Açúcar, Sánchez garantiu que retornará para sua terra natal após a viagem. "Volto com mais energia. Uma andorinha não faz verão. Mas somos muitos", disse, em referência aos demais dissidentes do regime Castro. Do Brasil, a blogueira afirmou que leva experiência jornalística. Ela estuda montar uma rede de informação independente em Cuba.

(DISPONÍVEL EM: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/em-cuba-liberdade-e-uma-palavra-proibida-diz-yoani-no-rio/>)



Fonte: Google Imagens

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Nem todos os brasileiros foram amistosos com a blogueira cubana. Por onde circulava havia manifestações a favor e contra a sua visita ao Brasil. Como o autor da frase “sai fora, blogueira imperialista; a América Latina vai ser toda comunista” justificaria sua manifestação? Ou seja, contra o que ele realmente protesta?
- ✓ Se a blogueira luta pela liberdade cubana qual a razão dela ser retratada na 3ª imagem acima como inimiga de seu país?
- ✓ Em suas postagens Yoani deixa evidente que sua principal causa é a luta pela liberdade em Cuba. Comparando Brasil e Cuba ela afirma que "Em cuba, liberdade é uma palavra proibida. Aqui se pode falar abertamente." Ou seja, no Brasil “a população respira liberdade”. Você concorda com essa afirmação? Qual sua opinião acerca das manifestações políticas que ocorrem no Brasil?
- ✓ A partir de suas respostas às questões aqui propostas elabore um texto, em formato de gênero textual diário.

LEITURA COMPLEMENTAR 9

Malala Yousafzai Medalha Nobel. (Texto Wikipédia)

Nome completo: Malala Yousafzai. **Nascimento:** 12 de julho de 1997 (17 anos), em Swat, Khyber Pakhtunkhwa Paquistão. **Ocupação:** estudante, ativista, blogueira. **Residência:** Birmingham, Inglaterra Reino Unido. **Pais:** Tor Pekai Yousafzai e Ziauddin Yousafzai. **Prêmios:** Prêmio Sakharov (2013). Medalha do Prêmio Nobel da Paz (2014)

Malala Yousafzai (em pachto: لاله يوسفزی; em urdu: ملالہ یوسف زئی Malālah Yūsafzay) nascida em Swat, a 12 de julho de 1997, é uma ativista paquistanesa e a pessoa mais nova a ser laureada com um prêmio Nobel. Conhecida principalmente pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação na sua região natal do vale do Swat na província de Khyber Pakhtunkhwa, no nordeste do Paquistão, onde os talibãs locais impedem as jovens de frequentar a escola. Desde então, o ativismo de Malala tornou-se um movimento internacional.

A família de Malala gere uma cadeia de escolas na região. No início de 2009, quando tinha 11-12 anos de idade, Malala escreveu para a BBC um *blog* sob pseudônimo, no qual detalhava o seu cotidiano durante a ocupação talibã, as tentativas destes em controlar o vale e os seus pontos de vista sobre a promoção da educação para as jovens no vale do Swat. No verão seguinte, o New York Times publicou um documentário sobre o cotidiano de Malala à medida que o exército paquistanês intervinha na região. A popularidade de Malala aumentou consideravelmente, dando entrevistas na imprensa e na televisão e sendo nomeada para o prêmio internacional da Criança pelo ativista sul-africano Desmond Tutu.

Na tarde de 9 de outubro de 2012, Malala entrou num autocarro escolar na província de Khyber Pakhtunkhwa. Um homem armado chamou-a pelo nome, apontou-lhe uma pistola e disparou três tiros. Uma das balas atingiu o lado esquerdo da testa e percorreu o interior da pele, ao longo da face e até ao ombro. Nos dias que se seguiram ao ataque, Malala manteve-se inconsciente e em estado grave. Quando a sua condição clínica melhorou foi transferida para um hospital em Birmingham em Inglaterra. Em 12 de outubro, um grupo de 50 clérigos islâmicos paquistaneses emitiu uma fátua contra os homens que a tentaram matar, mas os talibãs reiteraram a sua intenção de matar Malala e o pai.

A tentativa de assassinato desencadeou um movimento de apoio nacional e internacional. A Deutsche Welle escreveu em 2013 que Malala se tornou "a mais famosa adolescente em todo o mundo". O enviado especial das Nações Unidas para a educação global, Gordon Brown, lançou uma petição da ONU em nome de Malala com o slogan I am Malala ("Eu sou Malala"), exigindo que todas as crianças do mundo estivessem inscritas em escolas até ao fim de 2015, petição que impulsionou a retificação da primeira lei de direito à educação no Paquistão.

Em 29 de abril de 2013, Malala foi capa da revista Time e considerada uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Em 12 de julho do mesmo ano, Malala discursou na sede da Organização das Nações Unidas, pedindo acesso universal à educação. Malala foi ainda homenageada com o prêmio Sakharov de 2013. Em fevereiro de 2014, foi nomeada para o World Children's Prize na Suécia. Em 10 de outubro, foi anunciada a atribuição do Nobel da Paz a Malala pela sua luta contra a repressão de crianças e jovens e pelo direito de todas as crianças à educação. Com apenas 17 anos, Malala é a mais jovem laureada com o Nobel. Malala partilhou o Nobel com Kailash Satyarthi, um ativista indiano dos direitos das crianças. (DISPONÍVEL EM: http://pt.wikipedia.org/wiki/Malala_Yousafzai)

Redação Portal Vox | 30 de abril de 2015

Dez homens envolvidos no ataque à jovem ativista Malala Yousafzai em 2012 foram condenados à prisão perpétua nesta quinta, 30 de abril.

Detidos pelo Exército paquistanês em 2010, esses sentenciados estiveram envolvidos no planejamento e na execução da tentativa de assassinato. Nenhum deles seriam um dos homens que atacaram a garota. O líder que ordenou o ataque, Mullah Fazlullah, continua foragido.

Malala foi baleada na cabeça por militantes do Taleban quando tinha 14 anos na saída da escola no vale do Swat. Ela havia defendido em um *blog* o direito das mulheres à educação.

Após o ataque, ela recebeu reconhecimento mundial. Atualmente, vive com a família no Reino Unido. Em 2014, ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

(<http://noticias.portalvox.com/internacional/2015/04/dez-homens-envolvidos-no-ataque-a-malala-sao-condenados-a-prisao-perpetua.html>)

“Tive um sonho terrível com o Talebã”, disse Malala em blog da BBC em 2009.
(10 outubro 2014 .Reuters).

Alguns dos trechos mais tocantes de seu diário:

Sábado, 3 de janeiro. Tive um sonho terrível ontem com helicópteros militares e o Talebã. Venho tendo estes sonhos desde o início da operação militar em Swat. Minha mãe fez café da manhã para mim e me levou à escola. Estava com medo de ir à escola, porque o Talebã havia dado uma ordem banindo as meninas da escola...

No caminho da escola para casa, ouvi um homem dizendo "vou matar você". Apertei o passo e, depois de algum tempo, olhei para trás para ver se ele ainda estava atrás de mim. Mas, para meu total alívio, ele estava falando ao celular e devia estar ameaçando outra pessoa pelo telefone.

Quinta-feira, 15 de janeiro

Hoje é... o último dia antes da ordem do Talebã passar a valer, e minha amiga estava discutindo o dever de casa como se nada além do ordinário estivesse acontecido. Hoje, também li o diário escrito para a BBC, que foi publicado em um jornal. Minha mãe gostou do meu pseudônimo "Gul Makai" e disse ao meu pai: "Por que não mudar o nome dela para Gul Makai?". Também gostei do nome, porque o meu nome real significa "acometida pelo pesar".

Domingo, 18 de janeiro



Foto tirada pouco antes de Malala levar um tiro na cabeça, quando tinha 14 anos

Meu pai disse que nosso governo protegeria nossas escolas. O primeiro-ministro também falou deste assunto. Fiquei feliz inicialmente, mas agora sei que isso não resolverá nosso problema. Aqui no Swat, nós ouvimos todos os dias que muitos soldados foram mortos e que muitas pessoas foram sequestradas em tal e tal lugar. Mas não há nem sinal da Polícia.

Quinta-feira, 22 de janeiro - Alguns dos meus amigos deixaram o Swat porque a situação aqui é muito perigosa. Não saio de casa. De noite, Maulana Shah Sauran (o membro do Talebã que anunciou o banimento de meninas nas escolas) voltou a alertar para que mulheres não saiam de casa. Ele também disse que o Talebã não atacaria as escolas que as forças de segurança usam como bases.

Domingo, 25 de janeiro - Parece que o Exército só pensa em proteger as escolas quando dúzias são destruídas e centenas mais são fechadas. Se eles tivessem conduzido suas operações adequadamente, não estaríamos nessa situação.

Quarta-feira, 28 de janeiro - Estamos ficando com o pai de uma amiga em Islamabad. É minha primeira visita à cidade. Ela é bonita, com belos bangalôs e estradas largas. Mas, em comparação com minha cidade no Swat, falta beleza natural...

Domingo, 8 de fevereiro

Fico triste ao olhar para o meu uniforme, minha mochila e minha caixa de apetrechos para as aulas de geometria. As escolas para meninos reabrirão amanhã. Mas o Talebã baniou as meninas das escolas.

Quinta-feira, 19 de fevereiro - Disse aos meus irmãos que nós não falaremos mais da guerra, só de paz daqui em diante. Nós recebemos a informação da diretora da nossa escola de que nossas provas serão realizadas na primeira semana de março. Passei a estudar mais.

(Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/10/141010_diario_malala_rb)



Fonte: Google Imagens

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Explique o que Malala quis dizer ao afirmar que “Extremistas têm medo de livros”.
- ✓ Embora muito jovem, Malala recebeu diversas premiações e honrarias. Entre estas o Prêmio Nobel da Paz. A adolescente atualmente é a mais jovem vencedora do prêmio. Em São Paulo a professora de literatura Maria de Fátima Borelli afirmou: “entendemos que precisamos mostrar aos alunos mais do que os aspectos de violência, mas também trazer a cultura de paz. Fazê-los pensar: o que eu posso fazer pela paz?”. E você, o que pode fazer pela paz?
- ✓ A história de Malala revela questões culturais, políticas e sociais muito importantes. Entre elas: a violência contra as mulheres, o racismo, a variedade de culturas, as diferenças e intolerância. Relate em seu diário as suas impressões sobre essas questões.
- ✓ Em sua luta, Malala Yusufzai recebeu apoio de personagens como Asif Ali Zardari, Pervez Raja Ashraf, Susan Rice, Desmond Tutu, Ban Ki-moon, Barack Obama, Hillary Clinton, Laura Welch Bush, Selena Gomez e Madonna. Pesquise qual a função social dessas personalidades.

LEITURA COMPLEMENTAR 10

Maringoni⁶⁴: Um ataque à imprensa e aos muçulmanos

Publicado em 07/01/2015 | 22 Comentários. 15.01.07. Por Gilberto Maringoni.

O terrível, injustificável e indefensável atentado contra a redação do Charlie Hebdo não pode ser visto apenas como a ação de muçulmanos alucinados que, contrariados com alguns cartuns, resolveram mostrar suas insatisfações através de rajadas de AKs-47.

A teia de processos e acontecimentos que desembocou no sangrento episódio possui profundas raízes na cena política francesa.

A direita propaga, há décadas, a existência de uma suposta “questão muçulmana” a ser resolvida com a proibição da difusão de usos e costumes religiosos em território francês. O combustível essencial é a repulsa aos povos árabes e estrangeiros pobres, potencializado por um nacionalismo conservador. Estariam em perigo a cultura e o modo de vida de uma hipotética “França profunda”. Tais tendências tendem a se acentuar em contextos de crise econômica.

Nacionalismo no contexto europeu – que já viveu os traumas do nazismo e do fascismo – não tem o mesmo significado que em países da periferia. Nesses últimos, o termo muitas vezes pode envolver oposição à dominação externa. Na França, o incentivo ao preconceito vem colecionando não apenas agressivos debates públicos, mas pilhas de processos na Justiça.

Os feios, sujos e malvados a serem combatidos não são mais os judeus, os comunistas ou o que vagamente se conhecia por “orientais”. O alvo desses tempos são genericamente árabes e muçulmanos de todos os matizes, os novos bárbaros. A propaganda antimuçulmana na França é uma forma de racismo.

Num país de pouco mais de 60 milhões de habitantes – em sua maioria católicos –, a comunidade muçulmana alcança 10% da população. É a segunda religião em número de fiéis. Não se trata de algo abstrato, mas o resultado de uma imigração potencializada pela vinda de enorme contingente das ex-colônias em busca de vida melhor. São os casos de Argélia, Marrocos, Tunísia e Djibouti, entre outros.

Nessas antigas possessões, os muçulmanos representam mais de 95% da população total. Tais países foram invadidos e explorados ao longo de séculos pela metrópole. Seus processos de independência, na onda de descolonização do segundo pós-Guerra, foram dramáticos e sangrentos.

Embora seja inaceitável qualquer restrição à liberdade de expressão e opinião, é forçoso reconhecer que os cartuns e textos do Charlie Hebdo, com seus ataques a Maomé, estavam inseridos em uma disputa maior. Embutiam também boa dose de intolerância, mesmo que não tenha sido essa a intenção de seus autores.

Mesmo assim, o atentado deve ser condenado sem mediações. Há outras formas de se externar discordâncias.

Foram assassinados, entre outros, Wolinski, Charb e Tignous, ex-chargistas do l’Humanité, jornal do Partido Comunista Francês. Wolinski – nascido na Tunísia – influenciou gerações de cartunistas pelo mundo, com um traço quase caligráfico e desbocadas sátiras de política, sexo e comportamento.

A estupidez dos assassinos municiará de argumentos os apóstolos do preconceito e da xenofobia, aqueles que veem no estrangeiro a matriz dos males da França. O atentado não foi apenas contra o Charlie Hebdo. Foi também foi contra toda a população muçulmana do planeta.

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Pesquise o termo XENOFOBIA
- ✓ A globalização tem incrementado em todo o mundo grandes correntes imigratórias, migratórias e emigratórias. As idas de vindas de pessoas de um para outro estado ou país, não apenas como turistas, têm motivado sérias questões políticas e sociais. Qual a sua opinião acerca desse assunto? Pesquise sobre a vinda definitiva de estrangeiros para o Brasil. Pesquise também sobre as mudanças inter regiões no Brasil. Quais os pontos positivos e negativos dessas mudanças?
- ✓ O que você sabe sobre a sociedade e religião muçulmana? Pesquise informações sobre esse povo, suas principais questões religiosas, culturais e políticas.
- ✓ Recorte algumas das charges ou desenhos críticos feitos e veiculados sobre os muçulmanos. Com base em seus conhecimentos, faça um pequeno texto sobre as suas impressões.

⁶⁴ Gilberto Maringoni é doutor em História Social pela FFLCH-USP e professor adjunto de Relações Internacionais na Universidade Federal do ABC. Integra o conselho editorial do selo Barricada, de quadrinhos da Boitempo.

LEITURA COMPLEMENTAR 11

DIMENSÕES POLÍTICAS DO PROTAGONISMO JUVENIL

TEXTO A – Malala inspira adolescentes brasileiros

As informações a seguir são recortes de Notícias Terra:

Em 12 de julho de 2013, Malala comemorou seu aniversário de 16 anos discursando na Assembleia da Juventude na Organização das Nações Unidas em Nova Iorque, Estados Unidos: [...] ‘Vamos pegar nossos livros e canetas. Eles são nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo. A educação é a única solução’. [...]. Em 3 de setembro de 2013, Malala inaugurou em Birmingham (Inglaterra) a maior biblioteca pública da Europa.

No ano passado escolas particulares paquistanesas foram proibidas de comprar o livro *Eu sou Malala* (...). No Brasil, o livro é utilizado como forma de conscientização do papel do jovem nas mudanças da educação. Sua história serve de inspiração para jovens do mundo inteiro, inclusive no Brasil. No colégio Santo Ivo, de São Paulo, o livro de Malala foi utilizado no projeto *Impressões Humanas*, que neste ano tem como tema a cultura de paz. (...)

Aluna do Colégio Santo Ivo, Milena Gomes Lopes, 16 anos, que leu o livro para o projeto da escola, vê em Malala uma inspiração, principalmente pela proximidade de idade. “É um exemplo para todos, mas principalmente para os adolescentes, porque ela é muito jovem e normalmente as pessoas que realizam grandes mudanças no mundo são mais velhas e experientes. Ela fazer tudo isso nos traz uma esperança para o futuro. Não imaginava que alguém tão jovem pudesse realizar mudanças assim. (...)”

Milena, que está cursando o 2º ano do ensino médio, aprovou a história contada no livro. Ela destaca que se identificou com as ideias da menina, apesar da distância cultural e de realidade que as separa. Para ela, a mensagem de Malala, de que a educação é fundamental para um mundo melhor, é aplicável em qualquer lugar do mundo. “Eu concordo com tudo o que ela fala praticamente.

Acredito que a educação pode mudar o mundo. Comecei a compreender melhor a nossa realidade na educação também. É um pouco diferente porque lá as meninas são proibidas de irem à escola. Mas aqui encontramos uma educação pública precária e pessoas que não podem estudar pois precisam trabalhar para sustentar a família. A educação brasileira tem essa fraqueza e precisa se fortalecer”, reflete a aluna. “A questão da educação pública não ser tão boa quanto a particular, é o governo não investir tanto quanto deveria na educação.

Laura Matte Doering, 17 anos e estudante do 3º ano do ensino médio, no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, passou a acreditar que é possível que jovens tenham voz para fazer mudanças no Brasil, a partir da história de Malala. Ela leu o livro por indicação de sua mãe, que é professora aposentada, e afirma que o livro abriu seus horizontes. (...) Eu não conseguia imaginar alguém como ela tendo voz no mundo antes de ler o livro”. “Acho que meu papel, assim como o de todo mundo, é lutar por uma educação melhor. “Essencial levar pra escola para mostrar aos jovens o que ela conseguiu fazer com a idade que tem e que como cidadãos, podemos conseguir mudanças também.” (http://noticias.terra.com.br/educacao/escolas-utilizam-exemplo-de-malala-para-conscientizar-jovens_996b8f86c42f8410VgnVCM400009bcceb0aRCRD.html)

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Ao inaugurar uma biblioteca evidencia-se que a imagem de Malala tem sido associada à educação. Assim como essa adolescente, você também acredita que o mundo pode ser transformado pela educação?
- ✓ Considerando essa questão e os relatos de experiências dos jovens estudantes mencionados acima: o que você postaria em um *blog* que pudesse contribuir para a melhoria da educação no país?

LEITURA COMPLEMENTAR 11 DIMENSÕES POLÍTICAS DO PROTAGONISMO JUVENIL



TEXTO B - O *Blog* da menina Isadora Faber

(Texto: Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora. Foto: Google Imagens)

Inspirada em um *blog* criado por uma aluna escocesa, a catarinense Isadora Faber, aluna de 7ª série da Escola Básica Municipal Maria Tomazia Coelho, de 13 anos, utilizou as redes sociais para mostrar as precárias condições de sua escola, em Florianópolis. Criada em 2012, em página denominada “Diário de Classe” no Facebook, a adolescente justificou: “Estou fazendo essa página sozinha pra mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero o melhor não só para mim, mas para todos”. (<https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>)

A página provocou inúmeras reações. Recebeu pressões até para tirar a página da rede, mas também obteve muito apoio. Em apenas um dia passou de 1000 visualizações para 14 mil. Atualmente a página aponta 620 mil curtidas, uma verdadeira explosão nas redes sociais.

Melhor que isso, Isadora descobriu o poder da comunicação. “Quando comecei a estudar lá em 2006, a escola era nova, recém inaugurada. Em 2012 eu estava na 7ª série com 13 anos e a escola estava bem ruim, precisando de uma reforma geral. (...) Quando criei a página, com apoio e pressão de todos vocês, a prefeitura reformou toda a escola rapidinho”, registrou Isadora em sua página.

A adolescente enfrentou preconceitos, piadas maldosas acerca de suas fotos e publicações, mas sente-se recompensada em função das conquistas. Segundo ela até a diretora da escola está mais próxima dos alunos e que a escola está bem melhor.

Celebrada pela mídia, instituições e outros admiradores, a estudante tem sido convidada para entrevistas, palestras e até preta consultoria a jovens alunos que a procuram. Outros jovens manifestam o desejo de, a partir de observações e denúncias, contribuir para a melhora do ensino público.

Seguindo seus impulsos juvenis por mudanças e apoiada por colaboradores e pela repercussão e sucesso de seu projeto Isadora criou uma ONG (<http://www.ongisadorafaber.org.br>) cujos objetivos são:

- Realizar projetos educacionais;
- Organizar minicursos com profissionais para alunos no contra turno. Exemplo: Vídeos, Fotografias, Primeiros Socorros, Campanhas antidrogas, Internet como ferramenta de pesquisa;
- Criar cursos de atualização e aperfeiçoamento para professores com especialistas da área;
- Organizar palestras tanto para alunos, como professores, pais, diretores, etc.;
- Distribuir premiações para os melhores alunos, divulgação de sites e bibliotecas virtuais;
- Angariar fundos através de doações para as escolas de rede pública. Servir de canal de recebimento de computadores, *Notebooks*, *Tablets*, projetores e outros equipamentos e materiais que possam ser úteis no processo pedagógico;
- Criar, equipar e modernizar salas de informática;
- Prestar assistência aos mais carentes;
- Visitar escolas carentes ou em más condições e encontrar soluções viáveis para cada caso;
- Fazer a inclusão digital às comunidades escolares carentes, dando acesso à informação e conhecimento.

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Relacione e descreva os principais elementos do seu universo social que carecem de denúncias.
- ✓ Pesquise, troque ideias com colegas, parentes e professores e elabore um projeto para o seu *edublog*.

LEITURA COMPLEMENTAR 11

DIMENSÕES POLÍTICAS DO PROTAGONISMO JUVENIL

TEXTO C – Progresso e meio ambiente combinam?

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

Muitos cientistas e pensadores da Idade Moderna acreditavam que o avanço das ciências resultaria em melhoria nas condições de vida de todos os indivíduos. Entretanto, esse pensamento mostrou-se utópico em muitos momentos e paradoxal em outros. Sim, pois se, por um lado, as ciências trazem benefícios para a humanidade, também trazem consigo muitas mazelas.

A falta de consciência e planejamento nos projetos de industrialização em todo o mundo trouxe feridas muito profundas em todos os níveis da esfera social.

Para apontar apenas duas das grandes feridas contemporâneas: a degradação do meio ambiente e o trânsito caótico. Na verdade ambos carecem do mesmo mal: falta de políticas públicas. Sem isso a população fica exposta ao caos que se instala no meio social.

Diante de situações como degradação do meio ambiente, excesso de veículos poluentes e crimes de trânsito sem punição, pode-se questionar: progresso e meio ambiente combinam?

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ Observe a imagem abaixo. Ela é parte da Exposição Contagem Regressiva do IBAMA, feita na Rua XV de novembro, em Curitiba-PR (jun./2009). Observe sua inscrição:



*Tronco derrubado ilegalmente em Palmas - PR.
Idade aproximada: 150 anos.
Tempo de derrubada: menos de 2 horas.*

Foto: acervo pessoal de Maria de Cássia Araujo e Souza

- ✓ Explique qual a grande mensagem da exposição mencionada acima.
- ✓ Analise os títulos de reportagens abaixo:
“Curitiba é a capital com mais carros por pessoa.” (Exame)
“Em Curitiba há um carro para cada 1,3 habitantes”. (G1)
“Campeã de veículos por habitantes, Curitiba tenta alternativas”. (Notícias UOL)
“Frota da capital deve chegar a um carro por habitante até 2040”. (Gazeta do Povo)



LEGENDA DA FOTO AO LADO

Já sem espaço para comportar 1,6 milhão de carros, as ruas de Curitiba podem ter um volume de tráfego 73% maior que o atual. (Gazeta do povo)

- ✓ O popular programa CQC apoiou a campanha “Não foi acidente” que visa alterar as leis de trânsito no Brasil. De modo geral, toda a sociedade brasileira está inconformada com a impunidade que tem vitimado tantas pessoas no país. A abertura do site www.naofoiacidente.org expõe a seguinte frase “Você vai tomar consciência ou mais um drink?”.
- ✓ Construa uma página para seu *blog* a partir dos seguintes elementos: crescimento desordenado das cidades – direção veicular irresponsável - impunidade no trânsito.

LEITURA COMPLEMENTAR 11

DIMENSÕES POLÍTICAS DO PROTAGONISMO JUVENIL

TEXTO D - A bandeira do Brasil deve mudar?

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

Desde o início da história brasileira que a extração de madeira ampliava os recursos das nações europeias desbravadoras das Américas. O pau-brasil, com cerca de 20 a 30 metros, crescia abundantemente por quase todo o litoral brasileiro. Seus troncos eram vermelhos e serviam aos silvícolas para tingimento de penas com as quais se enfeitavam. Muitos historiadores atribuem a esse produto a origem do nome Brasil⁶⁵.

Como o comércio europeu pelo mediterrâneo estava bloqueado pelos turcos, o preço do pau-brasil aumentou muito, prejudicando os interesses da burguesia e nobreza europeia, que já utilizava esse produto amplamente como corante⁶⁶ para tingimento de tecidos. Assim, o achado do pau-brasil em terras brasileiras foi mais um excelente negócio para a coroa portuguesa.

Muitas árvores eram derrubadas pelos indígenas que as trocavam por bugigangas e quinquilharias como espelhos, miçangas, pentes, tecidos, etc. num tipo de comércio que, por não utilizar moedas denominava-se escambo. Aproveitando-se do fato de que o indígena brasileiro não conhecia ferro os portugueses os remuneravam ainda com anzóis, facas, foices, machados, canivetes, etc.

Os utensílios de metal contribuíram para a aceleração do processo de desmatamento das florestas brasileiras. Ora, se os indígenas levavam 3 horas para derrubada de uma árvore, com um machado em 15 minutos essa tarefa estava concluída. Como resultado, somente no final do século XVI cerca de dois milhões de árvores foram derrubadas e despachadas para a Europa. Dessa ação predatória, iniciada na fase colonial, o pau-brasil entrou na lista dos bens naturais em extinção, desaparecendo por completo de nosso litoral. Já em 1558 só era possível encontrá-lo a 20 quilômetros da costa. Hoje o pouco que resta da Mata Atlântica é o habitat natural do pau-brasil, que sobrevive na dependência de projetos de preservação por parte de naturalistas.

De acordo com o IBAMA *“Entre 1890 e 1930, foram derrubados 34200 km2 de floresta. A média de desmatamento era equivalente a 10 campos de futebol”*. Em pleno período da cafeicultura as técnicas agrícolas rudimentares (por exemplo, queimada para limpeza de terreno) empobreciam o solo na medida em que os cafeicultores avançavam para outras terras expandindo o plantio. Nessa fase muitos indígenas foram expulsos de suas terras e as derrubadas das matas cediam espaço na terra roxa. Para agravar ainda mais a situação, ampliam-se das malhas ferroviárias para escoamento do “ouro negro” rumo ao mercado europeu, ávido consumidor do famoso cafezinho.

Desse jeito onde vão parar nossos símbolos? A árvore símbolo do Paraná, a pré-histórica araucária, cujos pinhões podem ter servido como alimento para dinossauros, também pede socorro. Na Rua XV de novembro, em pleno centro de Curitiba há uma exposição do IBAMA, de vários troncos com informações que visam conscientizar sobre essa barbárie que os homens aplicam em si mesmos. Numa campanha denominada “Contagem Regressiva” o órgão informa que nas estradas paranaenses permanentemente cruzam caminhões carregados de toras de araucária ou imbuia, de lenha e cavacos retirados da floresta ou carvão produzido com espécies nativas. Nesse ano de 2009 são flagrados 30 caminhões por dia que em suas carrocerias carregam a indiscutível prova de que a devastação das florestas continua.

Ainda de acordo com o IBAMA *“Os pinheirais têm grande diversidade de flora identificada. São 352 espécies de árvores, das quais 13% exclusivas desta floresta, 221 espécies de arbustos e ervas e 115 de epífitas. A fauna da floresta com araucária é muito variada. Já foram identificadas 250*

⁶⁵ De acordo com Eduardo Bueno, historiador, há duas teorias que explicam o nome de nosso país: 1) Pode ser por homenagem à madeira que era extraída daqui pelos europeus, porém a palavra “brasil” não se refere à cor avermelhada da madeira, mas sim a palavra brezil (verzi em italiano) que significa “lascas”.

2) O nome pode ter sido escolhido como uma referência a uma ilha ou paraíso perdido, ligada a mitologia de São Brandão, um monge do século VI.

⁶⁶ O vermelho simbolizava para os colonizadores europeus as conquistas e a fecundidade. Essa cor era muito utilizada especialmente na corte francesa e por isso o pau-brasil fez tanto sucesso na Europa. Assim os portugueses estabeleceram o estanco e dessa forma somente eles poderiam explorar e comercializar esse produto.

espécies de aves e 495 espécies de vertebrados terrestres, das quais 81 são de mamíferos. Se a floresta acabar, para onde irão?”

Ora, morrendo a natureza o que restará da humanidade? Se com um simples machado o modo de vida da população nativa se alterou por completo, dá para deduzir o caos na medida em que ocorre avanço tecnológico e fica muito fácil palpitar sobre quem será o vencedor nessa luta do metal (literal e economicamente falando) contra as áreas verdes no Brasil. Daqui a pouco teremos até que mudar a cor de nossa bandeira. Verde, pra quê?

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ O que a autora quis dizer na frase: “fica muito fácil palpitar sobre quem será o vencedor nessa luta do metal (literal e economicamente falando) contra as áreas verdes no Brasil”?
- ✓ Como blogueiro (a) que tipo de projeto você poderia fazer para transformação de ações predatórias contra a natureza?
- ✓ Pesquise, troque ideias com colegas, parentes e professores e amplie o projeto para o seu *edublog*
- ✓ A partir dos textos e atividades anteriores, organize o esboço do conteúdo de seu *edublog*.

LEITURA COMPLEMENTAR 11

DIMENSÕES POLÍTICAS DO PROTAGONISMO JUVENIL

TEXTO E - História do Paraná: industrialização, ferrovia, trânsito caótico – o que o ZECA⁶⁷ tem com isso?

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

Nos últimos anos a capital paranaense tem se ressentido de um inchaço populacional. Aqui se instalaram empresas e indústrias de forma muito acelerada e com elas também crescem os problemas sociais. Mas nem sempre foi assim.

Poucas décadas atrás, mais do que em muitas outras capitais, Curitiba era uma cidade de trânsito tranquilo. A necessidade de ampliar os meios de comunicação e de transporte fizeram muita diferença na história do Paraná. Diferença essa que alterou todo seu ordenamento social.

Com a necessidade de ligação entre a colônia e os portos por onde escoavam os produtos brasileiros para a Europa e vice-versa o imperador D. Pedro II buscou acelerar o processo de comunicações e transportes. Em meados do século XIX acreditava-se que a estrada de ferro seria o meio mais eficiente.

O Decreto 5192, de 1/5/1875 determinou a construção da ligação férrea entre Paranaguá e Curitiba, cujas obras iniciaram-se em 1880. Seu primeiro trecho foi concluído em 1885, usando as aberturas de caminhos feitas por índios carijós e já explorados por aventureiros europeus. Em 1892 foi ampliada pelos ramais Morretes-Antonina. Antes da sua construção, a comunicação entre o litoral e o restante do território paranaense era feita em condições precárias. A produção agrícola e extrativista do planalto curitibano, campos gerais e outras regiões, sempre crescentes, era prejudicada pela falta de vias e meios de transportes adequados e eficientes.

Para a obra foram recrutados mais de 9000 homens, com baixos salários e alta jornada de trabalho. Mais da metade desses homens faleceu durante a obra, em função das precárias condições de segurança. Construída na Serra do Mar, sua construção resultou numa das mais ousadas obras da engenharia mundial.

Se o século XIX foi o século das ferrovias e escoamento de produção agrícola, minerais e extrativismo, os séculos XX e XXI são marcados pela implantação e aceleração no processo industrial e, por consequência, da exploração da mão-de-obra operária.

No final do século XX concentravam-se em Curitiba, Ponta Grossa, Paranaguá e outras cidades paranaenses numerosas indústrias leves de bens de consumo. Até então a erva mate, madeira, café e gado tinham sido os “carros chefes” da economia do Estado. Inicialmente as indústrias eram caseiras, com instalações reduzidas, poucos operários e produtividade também reduzida. A partir de 1890 os artigos confeccionados em Curitiba e seus arredores variavam desde a cerâmica, tecidos e até pianos. Em 1878 Gottlieb Mueller instalou a primeira fundição (oficina mecânica e ferraria).



Metalúrgica Marumby. Hoje ocupada pelo Shopping Mueller.

Fonte: www.fotosntigasdecuitibaeregiao.blogspot.com



Cena de confraternização entre funcionários e proprietários da Metalúrgica Marumby dos Irmãos Mueller

Fonte: Gazeta do Povo. Edição 309 anos (2002)

Como sua intenção inicial de Mueller era oferecer reparos em carroças ele jamais poderia imaginar que seria pioneiros da indústria metalúrgica no Paraná. E muito menos que as carroças seriam precursoras de um trânsito alucinado e louco.

Embora a princípio as primeiras fábricas não caracterizassem a economia paranaense como industrial, serviram para modificar o modo de vida do seu povo. E o modo de vida paranaense foi

⁶⁷ A referência a esse personagem é uma homenagem dessa autora ao Professor Doutor José Carlos Fernandes (UFPR / PPGCOM)

muito bem retratado pelos irmãos Sobania, 4 poloneses que na década de 20 criaram e popularizaram as Balas do Zequinha.



Fonte: Google Imagens

Zequinha era um palhaço que divertia crianças e adultos. O personagem foi criado e transformado em figurinhas colecionáveis e embalagens das balas. Ele retratava localidades, situações e profissões diversas do cotidiano. Desse modo Zequinha tornou-se figura icônica da cultura curitibana, difundida nas demais cidades do Paraná e Santa Catarina. Suas figurinhas foram relançadas diversas vezes até os anos 80. Depois de alegrar crianças por décadas, Zequinha perdeu sua inocência sendo utilizado até em campanha de ICM do governo paranaense.

Com vida tão frutífera e longa Zequinha foi um privilegiado. Ele conheceu a Avenida João Gualberto quando ainda era estrada de chão batido, e as crianças polonesas iam com pés descalços para a Casa Escolar Santa Cândida⁶⁸. Ele ouviu o mogido dos bois e assistiu o atolar das carroças em dias de chuva. Se a sociedade paranaense pensar no trânsito infernal atual verá que era feliz e não sabia...



Curitiba no século XIX. Avenida João Gualberto. Acervo Casa da Memória

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ No penúltimo parágrafo a autora afirma que Zequinha perdeu sua inocência. Explique a afirmativa, considerando o seu contexto.
- ✓ Analise o saudosismo presente no seguinte texto de Dalton Trevisan (Em Busca de Curitiba Perdida): “Dos teus lambrequins de ouro, das tuas cem figurinhas de bala Zequinha, do teu bebedouro de pangarés, a gente perguntará: Que fim levaram?”
- ✓ Você poderá fazer uma dessas tarefas: pesquisar o significado dos elementos presentes no texto de Dalton Trevisan. Poderá pesquisar ainda sobre a vida e obra do referido autor ou de outros personagens paranaenses. Com base na imagem acima, Curitiba no século XIX, poderá procurar outras informações e fotos do Paraná. Descrever historicamente as paisagens, construções e sujeitos, localizando-os no tempo e no espaço (quem, onde, quando, etc.).
- ✓ Pesquise, troque ideias com colegas, parentes e professores e amplie o projeto para o seu *edublog*.
- ✓ A partir dos textos e atividades anteriores, bem como o amplie a organização do esboço do conteúdo de seu *edublog*.

⁶⁸ Atualmente a Casa Escolar denomina-se Colégio Estadual Santa Cândida.

LEITURA COMPLEMENTAR 11 DIMENSÕES POLÍTICAS DO PROTAGONISMO JUVENIL

TEXTO F - Rio Belém: 100% curitibano⁶⁹

Autoria: Heloisa Waléria Bajerski / Professora Orientadora: Cássia Araujo e Souza / História



Movimento pela Revitalização do Rio Belém

Salvando o rio Belém, o povo curitibano salva a si mesmo e à fama da cidade de Curitiba como CAPITAL ECOLÓGICA.

FONTE: www.sosriobelem.blogspot.com.br

A luta pela revitalização do Rio Belém une os meios de comunicação e a população paranaense. Rio urbano, nasce no bairro Cachoeira e deságua nas cavas do Rio Iguaçu, no Boqueirão. Ele atinge 50% da população curitibana (35 bairros), que localizam-se dentro da bacia hidrográfica do rio.

O jornal Gazeta do Povo constantemente publica pesquisas de especialistas apresentando alternativas de tratamento e sugerindo INVESTIMENTOS, ações do poder público e participação da população em prol da revitalização do rio Belém. Com disposição e boas ideias a sociedade organizada lidera importantes movimentos nesse sentido. Páginas eletrônicas, concentradas no BLOG www.sosriobelem.blogspot.com, criado em razão do Projeto Águas do Amanhã, com alunos do Colégio Estadual Santa Cândida, mostram ações de várias entidades que estão mobilizadas nesse projeto.

Os principais problemas são o lixo, tratamento de esgoto deficiente e irregular, desembocando no rio. Em várias casas as ligações do esgoto estão nas galerias de águas pluviais. Há ainda galerias subterrâneas sendo atingidas pela poluição, com agravante da degradação das margens e ocupações irregulares.

O projeto de revitalização do rio desenvolvido pela prefeitura de Curitiba exige INVESTIMENTOS de R\$ 70 milhões (R\$ 17,5 milhões anuais) – além de recursos para recolocação de moradores de alguns trechos das margens. Entretanto, em entrevista realizada pelo projeto “Águas do Amanhã” o geólogo e diretor de Gestão de Bacias Hidrográficas do Instituto das Águas do Paraná, Everton Luiz da Costa lamenta que estes recursos “têm que competir com outras questões que também são fundamentais para a sociedade brasileira, como a questão da saúde, da educação” e complementa “é importante destacar que os poderes públicos, tanto municipais, estaduais e federais, têm que se convencer gradativamente da importância de se aplicar recursos para saneamento ambiental que vai refletir em melhoria das águas das regiões urbanas.”

Em 2008, o doutor em engenharia sanitária e ambiental Harry A. Bollmann (PUC - PR), com o apoio do CNPq, avaliou a qualidade das águas do rio Belém e concluiu que os pontos mais críticos de poluição estão nos bairros centrais. Nesse caso, o título de “capital ecológica” corre riscos, caso não ocorra a despoluição do rio Belém.

Pesquisas apontam que em 2050 cerca de 1 bilhão de pessoas ficarão sem água. Pela quantidade e qualidade de água hoje disponível muitos ainda não percebem essa ameaça. A situação paranaense parece ainda mais cômoda, pois o Paraná é o único Estado inteiramente coberto pelo Aquífero Guarani, principal reserva subterrânea de água doce da América do Sul e segunda maior do mundo. Porém, o combate à contaminação dos mananciais e ao desperdício é essencial para a disponibilidade, uso e consumo de recursos hídricos.

Para o geólogo Hirata: “o grande planeta água está passando sede”. Resta então um convite à sociedade para pensar nas próprias atitudes buscando soluções para reduzir o desperdício para que as águas de hoje possam ser as águas do amanhã.

DIÁRIO DE REGISTRO

Inclua em seu diário de registro as seguintes atividades reflexivas:

- ✓ A partir do texto, identifique uma questão ambiental, social ou política relevante de sua cidade. Faça um pequeno texto e publique em seu diário e *edublog*.

⁶⁹ Esse texto foi premiado no Concurso Cultural Sede de um Mundo Melhor, ofertado pelo Instituto GRPCOM, signatário do Pacto Global das Nações Unidas e afiliado da Rede Globo, premiado na categoria jornalismo, sob o título “Rio Belém, 100% curitibano”, em solenidade no Museu Oscar Niemeyer, no ano de 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cibercultura tem oportunizado a ampliação de dados em rede, entretanto, a produção de conhecimentos a partir das informações é um processo muito amplo. Inegavelmente a rede democratiza o conhecimento e este não se circunscreve a um pequeno grupo. Quando a enciclopédia iluminista ampliou o alcance dos discursos acadêmicos e científicos, os pensadores sabiam da expansão das luzes do conhecimento. Entretanto, não poderiam imaginar adolescentes produzindo conhecimentos, e mais, compartilhando imediatamente com o outro lado do mundo.

A educomunicação interliga duas áreas do saber que se complementam. Educar é mais do que o ensino, mas também a aprendizagem. Comunicar é mais do que emitir mensagens, mas pressupõe também a recepção. Ensino, aprendizagem, emissão e recepção fazem parte do processo comunicativo no ambiente escolar.

A dialeticidade entre emissor e receptor é essencial. De igual modo, os diários digitais dos alunos (as) provocam o diálogo entre autor e leitor. Essa prática enriquece a cultura, que é resultante de diversos sentidos, a partir das interações sociais. As tecnologias imprimem um desenho no meio cultural alterando formas de pensar, interagir, ensinar e aprender.

A escola deve estar atenta à necessidade de uma real inclusão digital em seu espaço educacional. Porém, não será possível qualquer alteração na educação pelo simples introdução de equipamentos tecnológicos na escola. Na realidade, nada mudará se a própria escola não passar por transformações.

Esse estudo explorou as potencialidades do *edublog*. Observou-se que sua aplicação em sala de aula é mais ampla quando utilizado como estratégia e não apenas como ferramenta tecnológica. Por seu intermédio o aluno (a) autor (a) produz e compartilha seus conhecimentos em rede, numa situação de sujeito histórico.

Quanto à hipótese inicial, a produção de *edublogs* pelos alunos (as), com suporte interdisciplinar, mostrou-se uma ferramenta e estratégia pedagógica muito eficaz. Como projeto coletivo, associada à variação de gêneros textuais, essa estratégia de ensino pode potencializar as práticas de pesquisa, de leitura e escrita. Por consequência contribui para incentivar a criticidade, interações e socialização do

saber produzido na escola, ampliando as relações interpessoais no ambiente escolar. As postagens de produções autorais de alunos (as) do Ensino Médio valorizam o fazer pedagógico, dando-lhe visibilidade para além dos muros da escola.

No projeto desenvolvido por essa professora pesquisadora, aqui apresentado, observou-se maior envolvimento e interação entre professores (as), estudantes e o corpo pedagógico. O uso do laboratório de informática mostrou-se mais eficaz e prazeroso para os (as) alunos (as) e professores (as). A produção de *edublogs* ampliou a autoestima dos estudantes, que, ao divulgarem seus trabalhos em escala mundial, tomaram consciência da importância da elaboração de pesquisa e trabalho escolar com mais qualidade. Por outro lado, as atividades, geralmente circunscritas ao ambiente da sala de aula, ampliaram seu espaço de influência, dando maior visibilidade ao trabalho realizado por essa educadora, demonstrando que a escola pública pode produzir e mesmo usufruir de boas e eficientes práticas pedagógicas.

Conceitualmente, essa pesquisadora considera o *edublog* como gênero digital textual com funções técnicas e potencialidades pedagógicas, quando trabalhado como estratégia e não apenas como ferramenta de ensino.

O uso do *blog* em situações pedagógicas (*edublog*) pode contribuir para que a escola supere o modelo tradicional de avaliação, bem como do ensino estanque por disciplinas. Assim, propõe que os conhecimentos sejam integrados especialmente a partir da perspectiva de interdisciplinaridade. Esta possibilita articulações entre as variadas áreas de conhecimento, facilita o estabelecimento de estratégias e integrações no processo de ensino e aprendizagem.

Como em Ezpeleta e Rockwell (1989, p.31) a construção social da realidade escolar se faz mediante processo de busca de novas categorias que contribuam para a compreensão das reais interações que ocorrem no interior da escola. Nesse contexto, o *edublog* pode contribuir na função de registro (diário) de suas práticas cotidianas.

A escola se apresenta como produto de construção social permanente, a partir de diferentes interações e processos, ou seja, a vida escolar é constituída tanto por reprodução quanto por transformação e criação de conhecimento. Nela se constrói ou se destrói a memória coletiva. E é nesse mesmo espaço de apropriação,

expropriação e de luta contra o poder estabelecido que se produz a vida escolar. (EZPELETA E ROCKWELL, 1989, p. 25).

Nesse cotidiano, cuja cultura é construída e reconstruída por cada um e por todos, é fundamental se reconhecer as diferenças. O heterogêneo deve ser reconhecido como produto de construção histórica. O contato com o diferente provoca a ampliação de conhecimentos e enriquece as práticas sociais.

O caminho para a construção de uma proposta que melhor capacite alunos (as) para o uso do computador, aliando de forma qualitativa, a leitura e a escrita passa pela construção coletiva, envolvendo toda a comunidade escolar.

Positivamente a escola não só pode como deve contribuir para ampliar a rede virtual de informações. Observou-se que o conhecimento produzido pelo (a) aluno (a) somou qualitativamente na medida em que, tanto deu oportunidade de exteriorizar a visão que este tem de seu próprio universo, quanto possibilitou que este se revelasse aos professores (o que faz, do que gosta). Ao abrir para a coletividade quais são os seus interesses (ou a falta destes) abriu possibilidades maiores de intervenção, não somente por parte dos professores (as) como de toda a coletividade.

Conforme proposto em seus objetivos, esse estudo sistematizou uma Sequência Didática visando contribuir para a montagem de projetos escolares voltados para a criação e utilização de *edublogs* discentes como estratégia pedagógica.

A revisão bibliográfica e a Sequência Didática proposta nesse estudo apresentaram elementos básicos que podem contribuir na tarefa de potencialização da leitura e da escrita na escola. Também contribui para a condução de projeto voltado para a produção autoral dos alunos (as), ampliando sua capacidade de seleção de fontes, variação de linguagens, ética e respeito aos direitos autorais. A SD elaborada pode provocar no educando as competências e habilidades de criticidade, autonomia e produção do próprio conhecimento. De onde se conclui que, como estratégia pedagógica a SD pode enriquecer as práticas pedagógicas com a produção discente de *edublogs*.

Como a informação tem corrido como “rastilho de pólvora” a leitura (e escrita) contemporânea apresenta-se fragmentada. As práticas escolares devem buscar

mecanismos que superem a reprodução da leitura de gêneros textuais e de mundo também aos pedaços. Por outro lado, as atividades não devem ser focadas no objetivo de obtenção de notas. O interlocutor não pode ser apenas o professor e o modelo tradicional de produção textual deve ser superado.

A partir dos resultados obtidos e considerando a atual estrutura do CESC essa pesquisadora entende que a escola pública está pronta para “Fazer a Ponte”, ou seja, fortalecer a formação de alunos autônomos, responsáveis e solidários, a exemplo da Escola da Ponte portuguesa, cujo modelo tem sido difundido no Brasil. A valorização da cultura e da democracia no ambiente escolar, a partir do envolvimento comunitário e processos colaborativos, geram comprometimento com a construção de um projeto social cidadão, potencializador das qualidades humanas.

A Escola da Ponte está sempre se recriando, a partir de ingerência de ex alunos que retornam como professores. Esse fato se repete no CESC. Em Portugal isso ocorre porque seus alunos construíram sua proposta pedagógica e se comprometem com o aperfeiçoamento e disseminação de seu modelo pedagógico. Assim, alunos e escola se formam, se transformam e se reestruturam. A educação encontra nesse modelo melhores condições e tempo para refletir sobre si mesma, reformulando e aperfeiçoando suas práticas.

Considera-se ainda que a escola não modifica, mas entende a cultura. Nesse ponto, a compreensão de sua dimensão política deve ser valorizada. Vale destacar ainda que o digital reproduz as práticas culturais de outra maneira e não produz uma nova cultura.

Para essa pesquisadora o uso de *edublogs* como estratégia não propõe o uso da *internet / web* apenas como fonte de pesquisa. A atual rede de informações inegavelmente destaca-se como o mais poderoso meio de comunicação de massa de todos os tempos. A escola deve valer-se dessa estratégia motivando a produção e postagem de entrevistas, artigos de opinião, depoimentos, fotografias, vídeos, etc.

Embora o presente estudo aponte o *edublog* como uma ferramenta eficaz, recomenda-se que não se deve criar expectativa desmedida em torno do suporte. A prática evidenciou tratar-se de mais uma estratégia, com potencialidades para enriquecer o fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1999.

AMARAL, Heloisa. **A escrita de textos de pesquisa na escola**. Disponível em: <http://sites.google.com/site/kattyrasga07/sequenciadidatica2>. Acesso em 22/abr./2015.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. 2012, 2013 e 2014. Disponível em <http://www.moderna.com.br>. Acesso em 20/abr./2015.

ARAÚJO, Denise Lino de. **O que é (e como faz) sequência didática?** Entrepalavras, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan./jul. 2013

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, Papirus, 1993.

BARROS, Gílian Cristina. **WIKI, mais do que rápido: uma forma de produzir colaborativamente**. Texto. SUED/SEED, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENCOSTTA, Marcus Levy. **Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba**. História. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 396-411, jun. 2011.

BICALHO, Lucinéia. OLIVEIRA, Marlene de. **A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação**. Artigo. Perspectivas em Ciência da Informação. Vol.16 n.3 Belo Horizonte, jul./set, 2011. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362011000300004&script=sci_arttext. Acesso em 05/10//2014.

BIERWAGEN, Gláucia Silva. **Uma proposta de uso do blog como ferramenta de auxílio ao ensino de ciências nas séries finais do ensino fundamental**. São Paulo: s.n., 2011. 190 p.II. Dissertação. Faculdade de Educação, USP

BOEIRA, Adriana Ferreira. **Blogs na educação: blogando algumas possibilidades pedagógicas. Artigo. UCS. s/d**

BOENO, Renate. **Formação continuada para o uso de tecnologias em sala de aula: o que os professores querem.** Curitiba: PPGE. UFPR, 2013.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Colônia Santa Cândida, pioneira da colonização linista.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.2, n,16, dez.1975

BORELLI, Silvia Helena Simões (2005). **Culturas juvenis: metrópole, mídias e culturas urbanas.** In: INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, n. 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: INTERCOM. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/18433>>. Acesso em: 11 jan. 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRITO, Glaucia da Silva. **Inclusão digital do profissional professor: entendendo o conceito de tecnologia.** Artigo. 30º Encontro Anual da ANPOCS. GT24, Tecnologias de Informação e Comunicação: controle e descontrole. 2006

CAMPOS, Maria Malta. **Para que serve a pesquisa em educação?** Cad. De Pesquisa, v.39, n. 136p. 269-283, jan./abr.2009

CARTA CAPITAL. Paulo Daniel. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/136037-8>. Acesso em 22/abr./2015

CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza.** Portugal: GG Brasil, 2004.

CASTRO, G. ; PICANÇO, D.C.L. **Dos parques resultados da Educação Linguística no Brasil e da importância das relações entre sujeito e linguagem.** In: SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.B.; HORN, G. (org). *Diálogos e perspectivas de investigação.* Ijuí:

CENPEC. **Escrevendo o Futuro.** Disponível em: <http://escrevendo.cenpec.org.br/cursos>. Acesso em: 3/abr./2015
CESC. **Cem anos educando gerações.** Curitiba: 2012

CESC. **Congregação das irmãs franciscanas da Sagrada Família de Maria Província Menino Jesus.** Disponível em: <http://www.irmas-sagradafamilia.org.br/historiaCong.htm>. Acesso em 20/nov./2014.

CESC. **Ex alunos do CESC.** Disponível em www.youtube.com. Acesso em 12/abr./2015

CESC. **Histórico da nossa Escola.** Disponível em: www.colegiosantacandida.com.br. Acesso em 10/dez/2014.

CESC. **Histórico do colégio** (ppt). Disponível em: www.colegiosantacandida.com.br. Acesso em 10/dez/2014.

CESC. **Imagens históricas do CESC.** Disponível em www.youtube.com. Acesso em 10/abr./2015

CESC. **Jornal informativo.** Edição única. Curitiba: Julho/2002

CICLO DE DEBATES. "**Base nacional comum do currículo: que jogo é este?**". Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/eventos/2014/11/07/ciclo-de-debates-sobre-ensino-medio>. Acesso em 12/abr./2015.

COLL, Cesar et ILLERA, José Luis Rodriguez. **Alfabetização, novas alfabetizações e alfabetização digital. As TIC no currículo escolar.** In: CÉSAR COLL, CARLES MONEREO e cols. *Psicologia da educação virtual.* (s/l., s/e, s/d).

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar.** In: SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.B.; HORN, G. (org). **Diálogos e perspectivas de investigação.** Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 1)

DANIEL, John. **Educação e tecnologia num mundo globalizado.** Brasília: UNESCO, 2003. 216 p.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. *Jornal.* Curitiba. Edição de 10 jan. 1877.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral

e para o escrito: apresentação de um procedimento. *In.*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004, p. 95 – 128.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papyrus, 1993.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **A escola: relato de um processo inacabado de construção**. In: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. Pesquisa participante. 2 ed. Trad. Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, p. 9-30

FEDALTO, Pe. Pedro. **A Arquidiocese de Curitiba na sua história**. Curitiba: 1958, s/ed.

FERRETTI, C. J.; ARAÚJO, R. M. L.; LIMA FILHO, D. L. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - Caderno V: organização e gestão democrática da escola**. Curitiba: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica/UFPR/Setor de Educação, 2013.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

FREITAS, F. I. O. **Ensinando a argumentação no Ensino Médio a partir do trabalho com artigos de opinião**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2006.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica**. In: SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sanchez (orgs). Pesquisa educacional: quantidade – qualidade. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 84-110

GARCÍA-VERA, Antonio Bautista. **Três temas tecnológicos para la formación del profesorado**. *Revista de Educación*, núm. 322 (2000), pp. 167-188

GÊNEROS TEXTUAIS. Disponível em: <http://www.estudopratico.com.br/generos-textuais/>. Acesso em 2/abr./2015

GONÇALVES, L.G. L. **Análise linguística**: influência no ensino de escrita de alunos do ensino fundamental II. Monografia de Conclusão de Curso, Licenciatura em Letras, UFCG, 2012.

JANSEN, H.E. **Concepções de cultura e o ensino de línguas estrangeiras modernas**. In: SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.B.; HORN, G. (org). *Diálogos e perspectivas de investigação*. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 1)

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, Papirus, 1996.

JORDÃO, Teresa Cristina. **Recursos Digitais de Aprendizagem**. Artigo. USP: SP, s/d. Disponível em: <http://www.tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/art11.pdf>. Acesso em 18/abr./2015

JORNAL DO PARANÁ. **Triste situação do Ensino**. Edição de 26/07/1974.

KLEIMAN, A. B. **Leitura e prática social no desenvolvimento de competências Médio**. In C.Bunzen & M. Mendonça (orgs.) **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**, pp. 23-36. SP Parábola Editorial, 2006.

LANDGRAF-VALÉRIO, Claudia Lucia. **Letramento digital: o blog como estratégia de formação de professores**. *Revista Tecnologias na Educação*. Ano 4 – número 7 – dezembro/2012. Disponível em <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/> Acesso em 13/nov./2013.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas**. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settieri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 11-49

LEMOS, André. **Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época**. In: LEMOS, André. CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina. Porto Alegre, 2003.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Trad. Maria João Reis. Lisboa: Instituto PIAGET, 1990, 5ª ed.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999. 1ª edição. 264 p. Coleção TRANS

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34. 2007, 8ª edição. 160p. coleção TRANS.

LIMA, Márcio Roberto de. **Blog como recurso didático: instrumentação e reconfiguração da prática docente na Cibercultura**. Revista Tecnologias na Educação – Ano 3 – número I – julho 2011 <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

LOPES, Alice R.C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 33 a 101.

MAFRA, Leila. **A sociologia dos estabelecimentos escolares. Passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção**. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P. de; VILELA, Rita Amélia T. (orgs). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 109-136.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Hipertexto e gêneros digitais novas formas de construção de sentido**. 2ª ed. RJ: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER A. C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Editora Loyola, 2004

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. In: BORELLI, Silvia. H.S.; FILHO, João Freire. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC PUC, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Rumo a uma “história visual”**. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 33-56.

MENEZES, Daniella de Almeida Santos Ferreira. MENEZES, Marcelo Ferreira de. **A utilização do blog em uma sequência didática para produção textual na aula de redação**. *Revista Tecnologias na Educação – Ano 3 – número 2 – dezembro 2011* <http://tcnologiasnaeducacao.pro.br/>

MENEZES, Paula. ALVES, George de Souza. **Tecnologia e sociedade: um diálogo interdisciplinar**. *Revista Tecnologias na Educação – ano 2 – número 2 – dezembro 2010*. <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

OLIVEIRA, Paulo Salles de (org.) **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998, p.17-26

OLIVEIRA, Suely Marcolino Peres. **Seqüência didática: o desafio desta prática pedagógica para o ensino médio noturno**. Artigo PDE. UEM, Maringá, 2007. Disponível em: www.gestaoescolsar.diaadia.pr.gov.br . Acesso em 2/abr./2015.

PARANÁ. **Relatório do presidente Adolpho Lamenha Lins**. Curitiba: 1877

PORTO, Tania Maria Esperon. **As tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas?** In: *Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores*. Mônica Fantin. Pier Cesare Rivoltella (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 2012.

QUEIROZ, Cintia Marques *et all*. **Evolução do Ensino Médio no Brasil**. Simpósio Estado e Políticas Educacionais. Uberlândia: UFU, 2009.

RIBEIRO, Amanda Souza. PÁTARO, Ricardo Fernandes. **Pacto nacional pelo fortalecimento do ensino médio: questões para o debate – Domingos Leite Lima Filho**. *Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 3, n. 4, jan./jun. 2014*. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos/v3n4/09-23.pdf>

ROCHA, L.R.; BRITO, G.S. **Professor e internet: a concepção de pesquisa escolar em ambientes informatizados**. In: SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.B.; HORN, G. (org). Diálogos e perspectivas de investigação. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 1)

ROCKWELL, Elsie. **De huellas, bardas y veredas: una historia cotidiana de la escuela**. In ROCKWELL, Elsie (cord), La escuela cotidiana. 2ª. Reimpr. México, Fondo de Cultura Económica, 1997.

ROJO, R. H. R. (2002) **A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: "Ler é melhor do que estudar"**. In M.T.A. Freitas & S.R. Costa (orgs.) Leitura e Escrita na Formação de Professores, pp. 31-52. SP Musa/UFJF/INEP-COMPED

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SÁNCHEZ, Francisco Martinez, *coordinador*. **Educación e nuevas tecnologías para la multiculturalidad**. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2008. 146 p.

SANCHO, Juana María. HERNÁNDEZ, Fernando e cols. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 200 p.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. GAMBOA, Silvio Sanches (org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2000

SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.B.; HORN, G. (org.). **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 1)

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, T.M.F.B. **História e educação: diálogos em construção**. In: SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.B.; HORN, G. (org). Diálogos e perspectivas de investigação. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 1)

SILVESTRE, Bianca Sanches. **Blogs na educação: tecnologia e biologia visando a inclusão digital de alunos do ensino médio**. Artigo. Mundo Novo: UEMS, s/d.

SLEIMAN, Cristina. **Internet com educação – riscos jurídicos**. Texto. s/e, s/l, s/d. Disponível em <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/pal6.pdf>. Acesso em 03/03/2014.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 22/abril/2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária**. Educar em Revista. Curitiba, n.18, p. 75-102, 2001.

TIPOS DE GÊNEROS TEXTUAIS. Disponível em: <http://naeducacaoalibertacao.blogspot.com.br/2011/05/blog-um-genero-textual-digital.html>. Acesso em 10/abr./2015.

VIEIRA, Daiana Corrêa. **Videoclipes e blogs: contribuições para a aprendizagem de língua estrangeira**. Revista Tecnologias na Educação – Ano 3 – número 2 – dezembro 2011 <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3.^a ed. Barcelona: Paidós, 1997.

WALESCO, Danusia Maria. **Santa Cândida A História e as histórias de cada um**. Disponível em www.danusia.com.br. Acesso em 16/jan./2015.

WISLINSKI. Pe. João. **Crônica da Paróquia de Santa Cândida – Paraná e da Casa dos Padres da Missão do Ano de 1932 – 1945**. Tradução livre feita pelo Pe. Lourenço Biernaski, CM. Curitiba, 10 de dezembro de 2012.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação** (tradução Vanise Pereira Dresch). São Paulo: Paulus, 2006.

ZIBAS, Dagmar M. L.. **Refundar o ensino médio? Alguns antecedentes e atuais desdobramentos das políticas dos anos de 1990**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1067-1086, Especial - Out. 2005 1067. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – SUPORTE TEÓRICO PEDAGÓGICO PARA ATIVIDADES COM IMAGENS

Em complementariedade à discussão teórica acerca do tema “imagem”, esse Apêndice visa apresentar, pedagogicamente, subsídios para o desenvolvimento de projeto (s) educacional (is) para a alfabetização e o letramento visual, considerando a cultura imagética contemporânea e buscando especificamente:

a) contribuir para a montagem do projeto de produção de *edublog* proposta, orientando a prática de pesquisa e análise de imagens;

b) fomentar estudos e práticas pedagógicas com imagens, a partir da análise conceitual, proposta de atividades e outros recursos educacionais.

Para além das cores e formas, para que se efetive eficazmente a análise de um símbolo icônico ou imagem, há que se considerar uma série de fatores, dentre os quais, como uma espécie de resumo da obra de Martine Joly, destacam-se os seguintes apontamentos:

a) Distinguir entre dois tipos de imagens: “imagens fabricadas” e “imagens manifestas”;

b) Definir o tipo de imagem que observamos;

c) Ter consciência de que a leitura de uma imagem não possui caráter universal;

d) Considerar tanto o contexto interno da imagem quanto o de seu aparecimento;

Estudar as circunstâncias históricas da criação de uma obra pra melhor a compreender pode ser necessário, mas nada tem a ver com a descoberta das intenções do autor.

O que queremos dizer com isto é que, para analisar uma mensagem, é preciso começar por nos colocarmos deliberadamente do lado em que estamos, a saber, o lado da recepção. Tal não invalida, evidentemente, a necessidade de estudar a história desta mensagem (tanto do seu aparecimento como de sua recepção). (JOLY, 1996, p.49)

e) Considerar o conhecimento do receptor como fator preponderante;

f) Reconhecer motivos nas mensagens visuais e interpretá-los são duas operações mentais complementares, mesmo se temos a impressão de que são simultâneas;

g) Compreender que nem todo indivíduo considera suportável a tarefa de análise de imagens;

A análise é sempre um trabalho, que exige tempo e não pode ser feito espontaneamente. Pelo contrário, a sua prática pode, a *posteriori*, aumentar a fruição estética e comunicativa das obras, uma vez que agudiza o sentido da observação e o olhar, aumenta os conhecimentos e permite deste modo alcançar mais informações (no sentido lato do termo) na recepção espontânea das obras. (JOLY, 1996, p.52)

h) Definir a objetividade da tarefa, visando a construção de uma metodologia de análise;

- i) Exercitar a síntese dos diferentes significados encontráveis na imagem;
- j) Interpretar as cores, as formas ou os motivos, tanto por aquilo que eles de fato são quanto pelo que não são;
- k) Analisar elementos constitutivos da imagem, observando não apenas as presenças, mas as ausências ou omissões;
- l) Elaborar um eixo paradigmático, a partir de associações mentais entre cada elemento escolhido e os demais, ausentes da mensagem;
- m) Observar a função daquela imagem – procurando distinguir a função implícita da explícita. Nesse caso “a observação do uso da mensagem visual em análise, assim como do seu papel sociocultural, pode revelar-se muito útil a esse respeito (...) a função comunicativa de uma mensagem visual, explícita ou implícita, determina fortemente a sua significação”. (JOLY, 1994, p.66);
- n) Analisar o seu suporte ou tipo de veículo (TV, jornal, revista, internet, outdoor, etc.);
- o) Observar a composição da imagem – formato, paginação, dimensões, caracteres, etc. “A escolha dos caracteres é, assim, muito importante no implícito da mensagem”. (JOLY, 1996,130);
- p) Identificar a moldura – valendo dizer os limites da imagem, seus cortes ou não continuidades;

Este procedimento de fazer confundir a moldura (ou os limites) da imagem com os limites do suporte tem consequências particulares no imaginário do espectador. Com efeito, este corte, atribuído mais à dimensão do suporte do que a uma opção de enquadramento, leva o espectador a construir imaginariamente aquilo que não vê no campo visual de representação, mas que no entanto o completa: o fora-de-campo. . (JOLY, 1996, p.108)

- q) Considerar o enquadramento, observando as representações de espaço, profundidade, angulações, perspectivas, etc.;
- r) identificar para quem a mensagem foi produzida ou dirigida;
- s) Analisar os elementos constitutivos da imagem – seus sujeitos, ambientes, tipos, componentes, cenários, vestuários, posturas, relações e usos sociais, etc. procurando identificar periodização, ideologias, etc.

Outra sugestão é a criação de exercícios mais amiúde, com a utilização de imagens, a exemplo de algumas questões do ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio, que cada vez mais tem exigido competência de novas linguagens, se aproximado mais do cotidiano desse aluno.

Outro exercício do olhar imagens seria, aproveitando a prática social por meio dos *sites* de relacionamento, uma proposta de identificação nas redes sociais (tipo *facebook*, *linkedin*, *Orkut*, *twitter* e outros) das representações que os sujeitos fazem de si mesmos, a partir da seguinte argumentação: “Perante a objetiva, diz-nos Barthes, sou um sujeito que se torna objeto: sou simultaneamente aquele que acredito ser, aquele que gostaria que pensassem que sou, aquele que o fotógrafo pensa que sou e aquele de quem ele se serve”. (JOLY, 1996, p.151)

Por uma questão histórica e em se tratando de imagens e, a considerar que nem todas falam por si só, não deve ser esquecida a importância da legenda, que exerce função de âncora, contribuindo para a fruição de sentido da imagem (produzida ou copiada).

De conformidade com Santaella (2012, p. 14) o leitor e o pesquisador de imagens devem ter em mente a preocupação de aprender e explorar a imagem:

“Embora a característica primordial da imagem seja a de ser apreendida no golpe de um olhar, de chofre, tudo ao mesmo tempo, ela encerra complexidade que temos de aprender a explorar”.

Referindo-se especificamente à fotografia, Souza (2001, p.78) considera que “leitura de imagens requer uma ‘alfabetização do olhar’.” E Santaella também conceitua essa alfabetização visual.

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada tem a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (SANTAELLA, 2012, p. 13)

A análise de uma imagem deve levar em conta, além de seus elementos plásticos (formas, cores, composição, textura, etc.), seus referenciais icônicos, contextuais e linguísticos, seu suporte, dimensões, sua função e expectativas.

O crítico de imagem deve ainda estar atento e buscar identificar toda e qualquer informação complementar, ou “informação chave” que o leve não a desvendar segredos da imagem ou intenções de seu autor, mas que o possibilite ampliar seus horizontes no que se refere a sua própria interpretação. Enfim,

uma mensagem visual é construída pela interação de diferentes utensílios e de diferentes tipos de signos: plásticos, icônicos, linguísticos. A interpretação destes diferentes tipos de signos joga com o saber cultural e sociocultural do espectador, a quem é exigido grande trabalho de associações mentais. (JOLY, 1996,132).

Dessa maneira o formador de opinião ou profissional de educação deve considerar as representações das mensagens visuais, bem como estimular sua reflexão filosófica, sua função como instrumento comunicacional, seu caráter pedagógico, capaz de ensinar ou enganar, sua magicidade, atividades psíquicas e representações mentais.

Imagens são mediações entre homem e o mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível mediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombo. O homem ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal invenção da função das imagens é idolatria (FLUSSER, 1985, p.7)

APÊNDICE 2 - ÉTICA E SEGURANÇA PARA O USO DA REDE

Cabe à iniciativa pública fomentar a cultura digital, bem como a promoção da *internet* como “ferramenta social”. Nesse sentido cabe ao poder público:

- I - promover a inclusão digital;
- II - buscar reduzir as desigualdades, sobretudo entre as diferentes regiões do País, no acesso às tecnologias da informação e comunicação e no seu uso; e
- III - fomentar a produção e circulação de conteúdo nacional.

O Estado deve, periodicamente, formular e fomentar estudos, bem como fixar metas, estratégias, planos e cronogramas, referentes ao uso e desenvolvimento da *internet* no País (Artigos 27 e 28, MCI)

Atuar com *edublog* é atuar em rede. Como a *internet* o *edublog* também é uma ferramenta social. Vale lembrar que “no que se refere aos ‘danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros, quando se tratar de infração a direitos de autor ou a direitos conexos, continuará a ser disciplinada pela legislação autoral vigente aplicável na data da entrada em vigor desta Lei’ (Artigo 31)”. Aqui também cabe preocupação à questão da ética, em especial no que se refere à difusão do conhecimento e respeito aos direitos autorais, sempre que um (a) aluno (a) produzir e postar informações na *internet*, nesse caso, via *edublog*.

A Lei 12.965, de 23 de abril de 2014, popularmente difundida como Marco Civil da *Internet* (MCI), estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da *internet* no Brasil.

Seu conteúdo, de forma simplificada, deve ser divulgada entre usuários da rede, em especial os alunos (as) inscritos no presente projeto, como prevenção às situações de cibercrime. Por essa razão esse item aborda brevemente alguns princípios que versam na Lei 12.965/2014.

Além de fundamentar-se no respeito à liberdade de expressão (Artigo 2) o Marco Civil da *Internet* pauta-se pelo princípio de “preservação”, além da “responsabilização”. (Incisos V e VI, Artigo 3).

O Artigo 5 define conexão à *internet* como “a habilitação de um terminal para envio e recebimento de pacotes de dados pela *internet*, mediante a atribuição ou autenticação de um endereço IP” e reconhece o acesso à *internet* como “essencial ao exercício da cidadania” (Artigo 7, MCI). Ainda no mesmo artigo, dentre outros direitos, assegura proteção e indenização por dano material ou moral decorrente da violação à intimidade e vida privada. Mais especificamente o conteúdo desse Artigo deve ser dado ao conhecimento de crianças, jovens e adultos que fazem uso da rede mundial de *internet*.

A partir dessa Lei, de acordo com o Artigo 18, não cabe responsabilização civil apenas aos provedores de conexão à *internet* os danos causados por terceiros. Desse modo, os danos relacionados à honra, à reputação ou a direitos de personalidade são passíveis de representação judicial, valendo dizer denúncia, criminalização, ressarcimento, etc. podendo, portanto, ser requisitados registros por via judicial, e aqui cabem o racismo ou desrespeito a quaisquer diferenças, sejam elas religiosas, físicas, ideológicas, de opção sexual, etc.

A parte interessada poderá, com o propósito de formar conjunto probatório em processo judicial cível ou penal, em caráter incidental ou autônomo, requerer ao juiz que ordene ao responsável pela

guarda o fornecimento de registros de conexão ou de registros de acesso a aplicações de internet. (Art. 22 do MCI)

O blogueiro ou blogueira deve estar ciente da criminalização de seus atos em caso de postagem de inverdades, injúrias, danos morais, etc.

Por outro lado, de acordo com o Capítulo IV, desse recém aprovado documento, cabe ao poder público o “desenvolvimento de ações e programas de capacitação para o uso da *internet* (Inciso VIII, Artigo 24, MCI) e o Artigo 26 complementa:

O cumprimento do dever constitucional do Estado na prestação da educação, em todos os níveis de ensino, inclui a capacitação, integrada a outras práticas educacionais, para o uso seguro, consciente e responsável da internet como ferramenta para o exercício da cidadania, a promoção da cultura e o desenvolvimento tecnológico. (Artigo 26, MCI)

Pode-se afirmar que a sequência didática proposta para a produção de *blogs* no ambiente escolar se inscreve nessa premissa da Lei, qual seja, contribuir para a educação no que se refere ao exercício de cidadania, disseminação cultural, capacitação e conscientização para o uso responsável da rede internacional de informações.

O Parágrafo único do Artigo 29 versa que

Cabe ao poder público, em conjunto com os provedores de conexão e de aplicações de *internet* e a sociedade civil, promover a educação e fornecer informações sobre o uso dos programas de computador previstos no caput, bem como para a definição de boas práticas para a inclusão digital de crianças e adolescentes.

Nesse processo, cabe à iniciativa pública fomentar a cultura digital bem como a promoção da *internet* como “ferramenta social” e nesse sentido cabe ao poder público:

- I - promover a inclusão digital;
- II - buscar reduzir as desigualdades, sobretudo entre as diferentes regiões do País, no acesso às tecnologias da informação e comunicação e no seu uso; e
- III - fomentar a produção e circulação de conteúdo nacional.

O Estado deve, periodicamente, formular e fomentar estudos, bem como fixar metas, estratégias, planos e cronogramas, referentes ao uso e desenvolvimento da internet no País (Artigos 27 e 28, MCI)

Para Sleiman (*on-line*, s/d, p.1) “a ética traz em sua essência valores da sociedade inerentes à determinada época”. Dessa forma, a sociedade contemporânea, deve incluir no bojo de suas novas tecnicidades novas considerações acerca da ética. Razão para o surgimento de alternativa para combate ao cibercrime, a partir de orientação para que a convivência social na rede se dê a partir da netiqueta, a etiqueta da *internet*.

A doutoranda em Educação pela UFPR, Gilian Cristina Barros no artigo “*WIKI*”⁷⁰, mais do que rápido: uma forma de produzir colaborativamente”, elaborado

⁷⁰ A *WIKI* é uma ferramenta assíncrona, criada em 1995, por Ward Cunningham, que possibilita a escrita colaborativa, dinâmica e hipertextual pela *internet*.

para a SUED/SEED (2006), trata do que ela denomina como *witiqueta*, uma espécie de etiqueta para a produção colaborativa. Na opinião dessa pesquisadora, as observações acerca da ética na produção *wiki* são perfeitamente aplicáveis em qualquer ambiente virtual, inclusive na produção de *blog*. Para a autora, os aspectos a serem considerados pelos internautas são:

IDENTIFIQUE-SE – Quando alterar ou incluir algo em um texto, identifique que você passou pelo espaço e deixou sua contribuição.

ORGANIZE-SE – Antes de iniciar uma produção colaborativa, veja todos os itens possíveis para organização da escrita, nunca parta do nada, estabeleça sempre um roteiro e linha de ação.

COPIOU? CITE – Numa produção colaborativa o ideal é que a produção seja única e própria do grupo que a redige, mas se necessitar incluir algum site, citação e até mesmo trechos de algum autor, referencie. Lembre-se, estamos produzindo colaborativamente e mais do que os direitos autorais, devemos respeitar os direitos morais dos autores, assim como devemos exigir que respeitem os nossos. (BARROS, 2006)

Seguindo essa mesma lógica, e adaptando para a produção de *edublogs* de alunos (as) do Ensino Médio, pode-se acrescentar:

PERSONALIZE – Dê ao seu *edublog* o formato que expresse sua cultura, sua ideologia, sua história de vida, sua identidade; INFORME-SE – Antes de qualquer nova postagem certifique-se da confiabilidade das fontes consultadas. Peça sugestões aos seus professores (as). COMPARTILHE – Troque informações, dados e recursos com seus colegas. DIVULGUE – Copie a URL (*link*, endereço) de seu *edublog* e compartilhe na rede para ampliar acessos à sua página. ATUALIZE – Esteja atento a novas informações e acrescente-os aos seus comentários anteriores. SEJA RESPONSÁVEL – Cuide para que suas postagens não prejudiquem terceiros. Uma vez na rede, toda informação sai do seu controle. SEJA REFERÊNCIA - Sendo confiável, seu *edublog* poderá ser referência para outras pessoas, como fonte segura de informações. Lembre-se que quem detém informações também detém poder. SEJA DEMOCRÁTICO – Poste informações analisadas de pontos de vistas diversos (contra e a favor, por exemplo) – SEJA CRÍTICO – Nunca divulgue nada que não provenha de fonte segura, procurando identificar outros interesses “por trás” da informação recebida. SEJA CAUTELOSO – Se possível, antes de postar conteúdos e fotos que envolvam terceiros, busque sua aprovação e autorização prévia ou borre fisionomias para não comprometer interesses de terceiros.

Na visão dessa pesquisadora, por se tratar de responsabilidade civil, o uso ético da *internet* e os riscos jurídicos decorrentes de seu mau uso devem fazer parte do conteúdo para qualquer projeto que envolva o uso da rede de informações virtuais.

A advogada e pedagoga Cristina Sleiman, mestre em sistemas eletrônicos e também Especialista em Direito Digital, afirma que muitas pessoas ainda vêm o mundo virtual como um “espaço além da vida, sem limites, sem regras e sem legislação”. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.1). Trata-se, porém de uma realidade enganosa, diz a autora, uma vez que cabe responsabilidade civil a qualquer ato, seja culposos ou doloso, com ou sem intenção em casos que envolvem crianças e adolescentes na rede, resultando em culpabilidade dos pais ou responsáveis que,

em muitos casos, pagam com indenizações. Por outro lado, cabe ainda responsabilização do jovem infrator pela Vara da Infância e da Juventude. Assim, compreende que “se as escolas, educadores e pais dessa garotada, não assumirem o papel de orientar, mas de forma continuada (afinal educação acontece durante toda a vida), teremos no futuro sérios problemas”. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.1).

Em sua prática com jovens de ensino fundamental e médio a autora constata que “a maioria, senão todos, acreditavam que não são responsabilizados por seus atos e muito menos seus pais, quando o assunto é *internet*”. Porém, a sua prática jurídica mostra, e ela cita, caso de denúncia de um professor que, vitimado por *cyberbullying*⁷¹, denunciou e foi ressarcido pelos pais de 19 jovens julgados culpados por ofensas morais contra o professor na *internet*. Nesse caso específico o juiz considerou as seguintes questões: “linguagem chula e de baixo calão” além de “ameaças de depredação a patrimônio”. Na ementa do julgado determinou ainda que “incumbe aos pais, por dever legal de vigilância, a responsabilidade pelos ilícitos cometidos por filhos incapazes sob sua guarda”, (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.3).

No Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA todo menor de 12 anos se enquadra como criança e dessa faixa etária até os 18 anos é considerado adolescente. Assim sendo, as condutas penais imputadas a adultos são consideradas, em casos de menores de 18 anos, como atos infracionais. Desse modo, uma criança infratora deve ser encaminhada ao Conselho Tutelar que determina

uma das medidas de proteção previstas no art. 101 do ECA que pode ser: advertência, encaminhamento para tratamento psiquiátrico, psicológico, programas educacionais, entre outros. No caso do adolescente este será encaminhado para a Vara da Infância e da Juventude onde, além da aplicação de medidas de proteção, poderão ser aplicadas também medidas socioeducativas, que pode ser prestação de serviços a comunidades, como auxílio em hospitais, palestra em escolas, etc. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.3).

Por uma questão ética, educacional e mesmo moral a escola deve trabalhar esses temas. Sleiman (s/d) sugere inclusive que, para que esses assuntos sejam levados ao conhecimento dos pais, jovens e professores (as) o currículo escolar deve contemplar o ensino de “Ética e Cidadania Digital”, a exemplo de algumas escolas que já tomaram essa iniciativa. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.5).

A autora cita matéria publicada em 13/outubro/2008, disponível no seguinte sítio norte americano: <http://www.schoolnews.com/news/top-news/index.cfm?i=55557>, mencionando uma lei (não especifica em que país) onde as escolas que disponibilizam acesso à *internet*, mediante desconto ofertado pelos serviços de telecomunicações se obrigam a inserir em seu currículo o ensino sobre segurança *on-line* aos seus alunos (as). Esse recurso é essencial, especialmente se considerar a engenharia social onde os usuários da *internet* podem assumir nomes e marcas ilegítimas, enganando seu interlocutor. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.5). Ora, por essa farsa verdadeiras gangues se organizam, rede de pedofilia, prostituição, tráfico, etc. Diante desses e de outros perigos, toda a comunidade escolar é convocada para a proteção de crianças e jovens, uma vez que a ética e cidadania digital. Devem ser ensinadas no lar e na escola. Sleiman compreende que

⁷¹ *Cyberbullying* se caracteriza pela prática de atos de repressão, ameaça, humilhação entre colegas. Não é uma atitude nova, mas a *internet* é um meio novo pelo qual se potencializou os efeitos do *Cyberbullying*, já que seu alcance é muito maior. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.4).

não podemos depositar nossa confiança apenas em sistemas de segurança, como os softwares de monitoramento. A segurança está na atenção dos pais, dos educadores e de todas as pessoas, junto com as ferramentas de monitoramento, mas principalmente na orientação passada tanto para a criança quanto para o adolescente. (SLEIMAN, *on-line*, s/d).

Compreendendo que “a escola tem um compromisso com a educação” e que essa não pode se omitir no que se refere à educação para o uso da *internet* e, de conformidade com o pensamento dessa pesquisadora, afirma que a escola “deve não apenas ensinar a utilizar os recursos disponíveis, mas utilizar de forma ética, segura e legal” e aconselha que esta elabore “um código de conduta e uma cartilha de conscientização”. Também faz um chamamento para ações contínuas da escola, considerando que

trabalhar cultura leva tempo. Neste caso, para um resultado efetivo é preciso trabalhar conteúdos específicos, ou seja, dentro de ética e cidadania deve-se acrescentar a questão digital, com conteúdo específico e atividades on-line. Além disto, a escola deve pensar na prevenção da responsabilidade legal, pois muitas vezes as fotos indevidas, por exemplo, são tiradas dentro do estabelecimento de ensino, como nos casos de alunos que filmam professores, para publicar no *Youtube*. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.5).

Conclusivamente a autora apresenta ainda dois artigos do ECA e obrigatoriamente devem ser lembrados e respeitados:

O art. 17 do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente garante à criança e ao adolescente o direito ao respeito e a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, bem como a preservação da imagem e valores.

O art. 18 do mesmo dispositivo explicita que é dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório e constrangedor. Todos nós cidadãos temos o dever de orientar e zelar pela segurança desses jovens e temos também um compromisso com a educação, seja formal ou informal.

Educar para o uso ético e legal, não é um luxo, mas uma obrigação para aqueles que querem viver em harmonia e segurança. Os meios tecnológicos estão diante de nós e com eles seus benefícios e riscos. Não podemos evitar que estes riscos existam, mas podemos evitar que eles se concretizem. (SLEIMAN, *on-line*, s/d, p.6).

SUGESTÃO DE RECURSOS E ENDEREÇOS ELETRÔNICOS SOBRE SEGURANÇA E USO DA REDE MUNDIAL DE *INTERNET*

RECURSOS

Cartilha “Boas Práticas Legais no Uso da Tecnologia Dentro e Fora da Sala de Aula”
 Cartilha “Gafes na *Internet*”
 Blog Cristina Sleiman
 Navegue Protegido
 SaferNet Brasil
 Cert.br
 FONTE: Pesquisa *WEB*. Maria de Cássia Araujo e Souza⁷²

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

www.pppadvogados.com.br
www.pppadvogados.com.br
<http://edigital.zip.net/>
<http://www.navegueprotegido.com.br/>
www.safernet.org.br
www.cert.br

⁷² A autora aceita sugestões de referências para ampliação do quadro acima. E-mail cassia.araujoesouza@hotmail.com

APÊNDICE 3 – FILMOGRAFIA – GÊNERO TEXTUAL BLOG

DICAS DE FILMES SOBRE DIÁRIOS DIGITAIS (*BLOGS*)



Julie e Julia (Amy Adams) Uma funcionária pública fica estagnada na carreira, enquanto suas amigas têm sucesso. Decide dedicar-se à sua vocação de jornalista e cria um *blog*, onde se propõe a preparar todas as 524 receitas de uma famosa cozinheira dos anos 1950 - Meryl Streep.



Nome Próprio (Leandra Leal) é uma aspirante a escritora que muda-se de Brasília para São Paulo com o namorado e acaba expulsa de casa quando é pega com outro. Partir daí vive de maneira errante, procurando lugar para morar e relatando tudo no seu *blog*. Vencedor de melhor filme e atriz em Gramado.



Intrigas de Estado (Russell Crowe) é um repórter veterano que investiga uma trama perigosa, aparentemente pequena, mas que envolve corporações poderosas e um congressista ambicioso, com ajuda de uma jovem redatora da edição *on-line* do jornal e dona de um *blog*. Filme de Kevin McDonald.



As Melhores Coisas do Mundo. Um garoto de 15 anos, da classe média paulistana, vive seus dramas pessoais, entre eles a depressão de seu irmão mais velho - o inexpressivo Fiuk, que tem um *blog* de poesia, aonde dá dicas de que pretende se matar. Ótimo filme de Laís Bodanzky.



My Sassy Girl. Uma comédia sul-coreana baseada numa série de histórias reais que um rapaz postou no seu *blog* sobre o seu relacionamento com a namorada rude e engraçada. O humor coreano é um tanto peculiar, mas não há como não simpatizar com o casal de ótimos atores Tae-Hyun Cha e Gianna Jun.



Harriet the Spy. A jovem Harriet Welsch cruza o caminho da estudante mais popular da escola, Marion Hawthorne. As duas garotas competem numa eleição para ver quem vai escrever o *blog* oficial da sua classe.

APÊNDICE 4 – MÚSICAS “BIKE DE MALANDRO” E “NA PERIFERIA”

Bike de Malandro (Tribo da Periferia)

Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro
 Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro

Ah, que malandro, mais que vagabundo se eu pegar o gabriel ele tá no outro mundo
 Eu tô mó nervosão vou quebrar esse pão duro, o beijola tá ligado que ele vai virar difunto
 7 da manhã e eu já tô na rua metendo os ganho nos pão não aceito abatibucha
 Na sacola os pão de sal, pelo amor, na moral eu tô com maior fome, eu tô passando mal
 Ei, eu nem ligo pro que o beijola disse não quer me dá uns pão e fica aí de baitolice
 Haa, nos tem monark, com destaque tudo novo, aqui é bike de malandro só de raio grosso

Na rua é o cogonho, em ritmo febroso eu pego a minha bike subo e desço o morro
 Passando a br quase o beijola se desgraça, a bike não tem freio, quase morreu de graça
 Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro
 Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro

Bike de malandro intima quando vira esquina sai da frente então que nós mata lagartixa
 Luízinho de tupete acendendo o vegue, dançando maior break lá no frevo de rap
 Só firmeza aí ó, na quebra só da nós quando nós vê os homens é só montar nas cross
 Disposição nas pernas pra quem tem tudo pode pra quando der uma treta nós sair no pinote, em
 Bike de malandro comédia não tem carona porque na nossas bike só anda nossas dona
 Sempre esperto, no meio das gatinhas nós embaça só no chavequinho, pa fazendo graça
 Beijola com uma mina querendo ir pro barraco a mãe dele tá em casa o jeito é ir pro mato,
 Feioso assim como uma cara de cavalo é que nem os olhos do beija quando ele tá noiado.
 O beijola deu um toque pra reunir nós 4 pegar as nossas bike e roletar lá no faro
 também 4 vagabundo cabuloso, ó as cara um mais feio que o outro, mais isso nós disfarça

Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro
 Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro

Hã de roler numa quebra nós passou passei voado quando uns moleque gritou:
 Ali é bike de malandro, vamo tomar, de quem é ? Não peda nem de carro imagina ir de pé
 Pega, pega o dj, sem ter bike quero é ver passa é mal paga o pau de tanta poeira comer
 Danada 10 mim de carreira eu tô em casa para mim um pão de sal uma água gelada
 Só na adrenalina, quem é ?... Nós tamo aí de plantão nós não dorme
 Só de rolê querendo A BARRIGA encher de boinha tô ligado claro que o bom é comer
 Me dê meu pão de sal, passa manteiga que já era intima quando a fome irrita é só pão com
 mortadela...

Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro
 Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro

Ah, que malandro, mais que vagabundo se eu pegar o gabriel ele tá no outro mundo
 Eu tô mó nervosão vou quebrar esse pão duro, o beijola tá ligado que ele vai virar difunto
 7 da manhã e eu já tô na rua metendo os ganho nos pão não aceito abatibucha
 Na sacola os pão de sal, pelo amor, na moral eu tô com maior fome, eu tô passando mal
 Ei, eu nem ligo pro que o beijola disse não quer me dá uns pão e fica aí de baitolice
 Haa, nos tem monark, com destaque tudo novo, aqui é bike de malandro só de raio grosso
 Na rua é o cogonho, em ritmo febroso eu pego a minha bike subo e desço o morro
 Passando a br quase o beijola se desgraça, a bike não tem freio, quase morreu de graça

Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro
 Bike de malandro, bike de malandro, bike de malandro intima quando quebra o caimbro...

Música: Na Periferia (Ivo Mamona)

Não somos ricos, nem celebridade mais aqui onde eu moro tem muita amizade

Ivo Mamona na periferia

Pode crê e vamos começar e é o Hip Rop que está no ar

Ivo mamona cantando pra você e eu estou aqui pra presenciar se liga só nessa música bacana e eu moro aqui na zona suburbana e antes que você reclama eu aviso é 100% Goiãna

Saio pelas ruas do bairro da vitória honestidade na memória, deixo de lado as besteira e vou da uns role na fera aqui tem gente de bom coração muito truta sangue bom trabalhando com honestidade com muita fé e humildade infelizmente existe violência isso é pra quem não tem consciência violência nunca mais quero viver em amor e paz quero sorte aos amigos meus e eu tenho fé eu acredito em Deus quero sorte aos amigos meus e eu tenho fé eu acredito em Deus

Eu moro aqui (eu moro aqui) na periferia (na periferia) eu quero paz (eu quero paz) e harmonia (e harmonia) eu moro aqui (eu moro aqui) na periferia (na periferia)

eu quero paz (eu quero paz) e harmonia (e harmonia)

E eu Ivo mamona (Ivo Mamona) na periferia (na periferia) querendo paz (querendo paz) e harmonia e eu Ivo mamona (Ivo Mamona) na periferia (na periferia) querendo paz (querendo paz) e harmonia/ pode crê

Estou parecendo até um atleta e saio por ai com a minha bicicleta minha bicicleta croisinha e eu vou me encontrar com um monte de gatinha

Gatinhas com corpo de sereia

o Hip Hopi corre na veia no coração dentro do peito só qualidade e não defeito não somos ricos nem celebridade na favela tem muita amizade na união lado a lado pode crê e eu to ligado

O movimento está ai e o rap vamos ouvir quem não gosta vai ter que engolir continuamos a curtir Se liga na real não se ilude pratique a virtude Eu sou um moleque de atitude e eu quero paz para a juventude

Deus é nosso pai pode acreditar acredite ele quer te libertar

Deus é nosso pai pode acreditar acredite ele quer te libertar

eu moro aqui (eu moro aqui) na periferia (na periferia)

Eu quero paz (eu quero paz) e harmonia (e harmonia)

Eu moro aqui (eu moro aqui) na periferia (na periferia)

eu quero paz (eu quero paz) e harmonia (e harmonia)

E eu Ivo mamona (Ivo Mamona) na periferia (na periferia) querendo paz (querendo paz) e harmonia

E eu Ivo mamona (Ivo Mamona) na periferia (na periferia) querendo paz (querendo paz) e harmonia/ pode crê

Eu sou negro nasci assim racista sai de perto de mim eu já falo é logo desse jeito pra esses playboy que tem preconceito

Quero a distancia do terror um dia é da caça outro do caçador

Aqui é Rap original é isso ai firmeza total

Carros motos isso tudo buzina todo mundo na maior adrenalina

Não venha fazer barulho eu sou da favela com muito orgulho

Jesus preparou um jardim pra você e também pra mim

Jesus preparou um jardim pra você e também pra mim

Eu moro aqui (eu moro aqui) na periferia (na periferia)

Eu quero paz (eu quero paz) e harmonia (e harmonia)

E eu Ivo mamona (Ivo Mamona) na periferia (na periferia) querendo paz (querendo paz) e harmonia

E eu Ivo mamona (Ivo Mamona) na periferia (na periferia) querendo paz (querendo paz) e harmonia/ pode crê

APÊNDICE 5 – OS DIÁRIOS E SUAS VERSÕES DIGITAIS – ENSAIO E SUGESTÕES DE ATIVIDADES

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

A cibercultura, característica da contemporaneidade, tem ampliado as funções, usos e significados de muitas práticas sociais. Dentre essas o registro de diários. Em versão atual, os diários recebem uma roupagem digital, a partir dos *blogs*. Amplamente popularizados, os blogueiros encontram nessa ferramenta tecnológica uma poderosa estratégia para divulgação de seu ponto de vista acerca do mundo, para todo o mundo.

Esse pequeno ensaio analisa o diário tradicional e o diário digital como gêneros textuais. Identifica algumas obras inspiradas nesse tipo de literatura, apresenta alguns dos mais populares diários da história e alista *blogs* com potencialidades pedagógicas acerca do tema. A partir de breve resumo sobre alguns autores, cita trechos de seus diários, sugerindo análise. Ao final oferece subsídios para o desenvolvimento de atividades que visam estimular o ensino e aprendizagem utilizando o diário como estratégia pedagógica.

Como toda tecnologia, o diário digital divide espaço com o diário tradicional. E ambos servem como fonte de inspiração para os mais diferentes tipos de autores (e leitores).

Na obra *Diário de um Fescenino*, o contista Rubem Fonseca cria o diário de Rufus. Nele o escritor inicia registros bem humorados de suas aventuras amorosas e literárias, a partir do primeiro dia do ano. No registro do dia 2 de janeiro, oferece um interessante conceito acerca desse gênero textual: “Um diário, como o nome indica, é um registro cotidiano de experiências, observações, sentimentos e atitudes do seu autor e das suas interações com aqueles que o cercam”. O autor compreende que algumas lacunas cronológicas podem acontecer, considerando que nem todos os dias são inspiradores. De qualquer forma, a literatura e o cinema têm utilizado fartamente os diários como fonte de inspiração e criatividade.

Muitos afirmam que os diários proporcionam ao leitor a possibilidade de espiar a vida alheia, de camarote. Compreende-se aqui que os diários também servem para aproximar o leitor ao seu escritor, numa intimidade que pode valorizar sua relação, apesar da distância física. Por essa razão, muitos personagens históricos deixaram suas marcas a partir de relatos do seu cotidiano.

Esse ensaio divide-se em três etapas:

- a) OBRAS LITERÁRIAS INSPIRADAS NO GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO -
Apresentação de breves resumos históricos, autores e trechos de diários;
- b) DIÁRIOS DIGITAIS / *BLOGS* NAS REDES SOCIAIS
- apresentação de *links* para trabalhos com diários digitais;
- c) ALGUNS DOS DIÁRIOS MAIS POPULARES DA HISTÓRIA
- Sínteses acerca dos autores e pequenos trechos de alguns dos diários mais famosos da história.

Em cada uma das etapas são sugeridos *links*, leituras e atividades complementares.

OBRAS LITERÁRIAS INSPIRADAS NO GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO

1. O DIÁRIO DE TATI

“Fala sério” tornou-se bordão na fala de Tati, uma jovem adolescente criada e interpretada pela atriz e escritora Heloisa Périssé. O *Diário de Tati*, a princípio, era

uma peça teatral e ampliou seu séquito de fãs ao se popularizar em um quadro de programa televisivo (Fantástico, da Rede Globo).

A personagem questiona a realidade a partir de sua visão de adolescente. Ela não entende a razão de acordar cedo, estudar, regular a alimentação, refrear os apetites e paixões. Sofre com as pressões cotidianas, a família, as espinhas... Ela utiliza o diário como forma de dar vazão a seus sentimentos, sem correr o risco de abrir confidências para a pessoa errada.

Nas páginas de Di (esse é o apelido dado ao diário) Tati registra seus medos, suas críticas, a busca por sua identidade, a luta pela aceitação, e, principalmente, registra seu amor por Zeca, o garoto mais popular da escola.

O filme, lançado em 2012, é do gênero comédia. Sob direção de Mauro Farias, foi produzido pela Globo Filmes e Bang Filmes.

TRECHO DO DIÁRIO DE TATI:

“Cara, fala sério. Tem horas que minha cabeça sequela. É pai sem dinheiro. Mãe com dor-de-cotovelo. E o gatinho do Zeca que não me dá a mínima. Tipo assim, a vida é feita de muitos obstáculos.”

FILME

O Diário de Tati

https://www.youtube.com/watch?v=PIW4f36g_dM

2. O DIÁRIO DE UM MAGO

O Diário de um mago é uma das obras do escritor Paulo Coelho, reconhecidamente parceiro do cantor e compositor Raul Seixas, figura icônica do rock brasileiro. A despeito das críticas, indiscutivelmente Paulo Coelho é um dos escritores mundialmente mais bem sucedidos em termos de vendagem. Seu primeiro grande sucesso editorial inicia-se a partir dos relatos sobre suas peregrinações pelo Caminho de Santiago de Compostela, em 1986. Num percurso de 700 km entre o sul da França e a Espanha, o escritor descreve paisagens, registra desafios, perigos e descobertas. Menciona fatos históricos importantes, como o movimento das cruzadas.

O seu sonho de ser escritor e o aguçado sentido místico fez da viagem uma travessia maior do que seu sonho inicial. O trajeto da peregrinação e as lições apreendidas com o guia Petrus evidenciam as marcas que a empreitada deixou em sua vida. Em sua narrativa ela deixa evidências de seu maior aprendizado: Os segredos, rituais e magia não são mais importantes que as coisas simples do cotidiano.

A obra Diário de um Mago oferece material muito rico para exploração e debate. Sua leitura oportuniza levantamentos geográficos, históricos, sociológicos, religiosos, filosóficos, etc.

TRECHOS DO DIÁRIO DE UM MAGO:

"Cheguei à cidade depois de tomar um ônibus da linha entre Pedrafita e Compostela. Em 4 horas fizemos os 150 km que separavam essas duas cidades e me lembrei da minha peregrinação: às vezes precisava de duas semanas para percorrer essa mesma distância a pé. Dentro de pouco tempo pegarei um avião de volta para o Brasil... Tenho muito o quê fazer. Passa pela minha cabeça a ideia de escrever um livro sobre o que vivi. Mas esta é ainda uma ideia remota..."

“É no trabalho com entusiasmo que está a porta do paraíso, o amor que transforma, a escolha que nos leva até Deus. É a decisão do homem de cumprir o seu destino que o faz ser realmente um homem.”

“Preciso mudar, seguir em direção ao meu sonho, um sonho que me parece infantil, ridículo, impossível de ser realizado e que nunca tive coragem de assumir: tornar-me o escritor que secretamente sempre desejei ser. Eu queria mudar? Acho que não, mas no final das contas este caminho está me transformando. Eu queria conhecer os mistérios? Acho que sim, mas o caminho está me ensinando que não existem mistérios, que, como dizia Jesus Cristo, não há nada oculto que não tenha sido revelado. Enfim, tudo está acontecendo exatamente ao contrário do que eu esperava”.

“Dentre as grandes sensações que experimentei na vida, não posso me esquecer daquela primeira noite no Caminho de Santiago. Fazia frio, apesar do verão, mas eu tinha ainda na boca o gosto do vinho que Petrus havia trazido. Olhei para o céu e a Via Láctea se estendia sobre mim, mostrando o imenso caminho que devíamos cruzar. Outrora, essa imensidão me daria uma grande angústia, um medo terrível de que não seria capaz de conseguir, de que era pequeno demais para isso. Mas hoje eu era uma semente e tinha nascido de novo. Havia descoberto que, apesar do conforto da terra e do sono que eu dormia, era muito mais bela a vida “lá em cima”. E que eu podia nascer sempre, quantas vezes quisesse, até que meus braços fossem suficientemente grandes para abraçar a terra de onde eu tinha vindo.”

DIÁRIOS DIGITAIS / BLOGS NAS REDES SOCIAIS

O hábito de registrar em diário os eventos cotidianos tem inspirado pessoas comuns e famosas. O espaço das redes sociais são ferramentas também muito utilizadas para publicar eventos sociais. Um exemplo recente foi o registro que a cantora Preta Gil fez sobre todas as etapas dos preparativos para o seu casamento.

A seguir, são relacionados 5 links interessantes para trabalhos com diários digitais:

- **BLOGS DE PESSOAS FAMOSAS NAS REDES SOCIAIS**
<http://virgula.uol.com.br/famosos/rede-social/famosas-aderem-a-moda-de-montar-diarios-pessoais-de-fotos-nas-redes-socias-veja-quem-sao-elas/>
- **BLOG DA PRETA**
<http://www.pretagil.com.br>
- **BLOG DE KARINA** – uma adolescente brasileira que perdeu os cabelos por tratamento com câncer e ainda assim motivou-se a dar dicas de beleza, apesar da situação tão adversa. Usou o blog para buscar ajuda e compartilhar sua experiência. Com apoio de famosos brasileiros e norteamericanos tratou-se nos Estados Unidos onde faleceu.
<http://www.chicbykarina.com>
- **BLOG DA PROFESSORA CLAUDIA FERRAZ**
Excelentes recursos para atividades pedagógicas com Diários
<http://blogeduca.escolanimada.blog.br/profclaudiaferraz/>
- **RECURSOS PARA BLOGUEIROS**
Dicas valiosas sobre incremento e potencialização de um *blog* (desde manual básico a estratégias avançadas), a partir do tema ideal, layout, escolha de conteúdos, ampliação de visibilidade, etc.
<http://www.colmeia.blog.br>
- **CIBERMILITÂNCIA**
<http://www.vermelho.org.br/noticia/136037-8>

ALGUNS DOS DIÁRIOS MAIS POPULARES DA HISTÓRIA

1. O DIÁRIO DE ANNE FRANK (1929-1945)

Apesar das controvérsias acerca de sua autoria, O Diário de Anne Frank⁷³ é atribuído a Anne Frank, uma jovem de 13 anos, que registra em um diário, no período 1942 a 1944, suas memórias, seus sonhos, inquietudes, preocupações, medos, anseios e expectativas. A partir de uma visão muito particular, a autora relata fatos de seu cotidiano, em um esconderijo, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Sua família, juntamente com outros parentes e amigos, sofreu as atrocidades nazistas perpetradas contra os judeus, em Amsterdam, na Holanda, durante o expansionismo e invasão alemã.

O porão do armazém (gabinete de seu pai) serviu como esconderijo e abrigo para um pequeno grupo, integrado por sua família (Anne, os pais e uma irmã) e a da família Van Daan (um casal e seu filho Peter). As relações eram tão intensas e pulsantes que parece que aquele anexo secreto adquiriu vida própria. Por mais de 20 meses escondidos, as relações interpessoais eram abaladas pelo momento de conflito, mudanças internas e externas. Sentidos apurados, ouvidos atentos, cores embotadas, olhares cansados e a sensibilidade aguçada. Um turbilhão de fatos e sentimentos que moviam coisas e pessoas.

A Família de Anne Frank



Otto, o pai. Edith, a mãe. Margot, a irmã

Em fase de transição entre infância e adolescência Anne era muito vivaz. Amava intensamente os livros e o cinema. Numa transmissão de rádio foi motivada a contribuir para documentar o evento histórico da guerra, a partir de sua visão, em um diário. Ela escreveu para Kitty, uma amiga imaginária. Vivendo sob constante ameaça de serem descobertos, Anne registra as relações entre as duas famílias e o mundo externo, de futuro sombrio.

Nessa fase Peter é seu maior amigo e com ele divide o despertar de sua sexualidade.

Residindo no anexo secreto, talvez com cheiro de mofo, Anne experimenta o primeiro beijo. Talvez a trilha sonora tenha sido barulho de patrulhas, gritos, bombas e canhões. Nesse mesmo cenário a imaginação do leitor pode visitar a mesa posta para o jantar, os personagens de roupas rotas e desbotadas, a iluminação sombria, o olhar de cada um, com medo silente.

Um ano antes de terminar a guerra, em 4 de agosto de 1944, o esconderijo é descoberto pela Gestapo, polícia nazista. O último registro no diário data de 1 de agosto. Prisioneiras, as duas famílias são levadas a campos de concentração. Auschwitz, na Polônia, era o mais temido deles. Funcionava como um campo de extermínio e para lá a família Frank foi enviada e posteriormente separada. Anne foi

⁷³ O Diário original está exposto no Instituto Holandês para a Documentação da Guerra. Seus direitos autorais destinam-se ao Fundo Anne Frank, localizado na Suíça.

vitimada por tifo, assim como milhares de prisioneiros e faleceu em Bergen-Belsen, no final de fevereiro de 1945, aos 15 anos de idade.

Ao final da guerra o único sobrevivente foi o pai de Anne, o senhor Otto Heinrich Frank, falecido em 1980. Depois de muita luta ele consegue editar o diário de Anne, em 1947, por intervenção da escritora Mirjam Pressler. Sucesso absoluto de vendagem em todo o mundo.

TRECHOS DO DIÁRIO DE ANNE FRANK:

12 de junho de 1942

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.

Domingo, 14 de junho de 1942

“Vou começar a partir do momento em que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, e com isso eu não contava.)”

Na sexta-feira, 12 de junho

“Acordei às seis horas, o que não é de espantar; afinal, era meu aniversário (...) fui à sala abrir meus presentes, e você foi o primeiro que vi, talvez um dos meus melhores presentes. Depois, em cima da mesa, havia um buquê de rosas, algumas peônias e um vaso de planta. De papai e mamãe ganhei uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de suco de uva, que, na minha cabeça, deve ter gosto parecido com o do vinho (afinal de contas, o vinho é feito de uvas), um quebra-cabeça, um pote de creme para o corpo, 2,50 florins e um vale para dois livros. Também ganhei outro livro, *Câmera Obscura* (mas Margot já tem, por isso troquei o meu por outro), um prato de biscoitos caseiros (feitos por mim, claro, já que me tornei especialista em biscoitos), montes de doces e uma torta de morangos, de mamãe. E uma carta da vó, que chegou na hora certa, mas, claro, isso foi só uma coincidência”.

Segunda-feira, 15 de junho de 1942

“Minha festa de aniversário foi no domingo à tarde. O filme de Rin Tin Tin fez o maior sucesso entre minhas colegas de escola. Ganhei dois broches, um marcador de livros e dois livros.

Vou começar dizendo algumas coisas sobre minha escola e minha turma, a começar pelos alunos. Betty Bloemendaal parece meio pobre, e acho que talvez ela seja. Ela mora numa rua que não é muito conhecida, no lado oeste de Amsterdã, e nenhuma de nós sabe onde fica. Ela se dá muito bem na escola, mas é porque estuda muito, e não porque seja inteligente. É muito quieta. (...) D.Q. é uma garota muito nervosa que sempre esquece as coisas, de modo que os professores vivem passando dever de casa extra para ela, como castigo. E.S. fala muito e não é engraçada. Vive mexendo no cabelo da gente ou tocando em nossos botões quando pergunta alguma coisa. Dizem que ela não me suporta, mas não ligo, porque também não gosto muito dela. (...) J.R. – eu poderia escrever um livro inteiro sobre ela. J. é uma fofqueira insuportável, sonsa, presunçosa e de duas caras, que se acha muito adulta. Ela realmente enfeitiçou Jacques, e isso é uma vergonha. J. se ofende à toa, chora pela menor coisa e, além disso tudo, é metida demais. A Srta. J. é a dona da verdade. Ela é muito rica e tem um armário repleto de vestidos maravilhosos, que são adultos demais para a sua idade. Ela se acha linda, mas não é. J. e eu não nos suportamos. (...) Hanneli Goslar, ou Lies, como todos a chamam na escola, é meio estranha. Costuma ser tímida – expansiva em casa, mas reservada quando está perto de outras pessoas. Conta para a mãe tudo que a gente diz a ela. Mas ela diz o que pensa, e ultimamente passei a admirá-la bastante. (...)

Há muito o que dizer sobre os garotos, ou talvez não muito, pensando melhor. Maurice Coster é um de meus muitos admiradores, mas é uma tremenda peste. Sallie Springer tem uma mente imunda, e todo mundo fala que ele já fez de tudo. Mesmo assim, acho ele fantástico, porque é muito engraçado. Emiel Bonewit é admirador de G.Z., mas ela nem liga. Ele é bem chato.

Rob Cohen também andou apaixonado por mim, mas não aguento mais ele. É um patetinho antipático, falso, mentiroso e manhoso que se acha simplesmente o máximo. (...)

Albert de Mesquita veio da Escola Montessori e pulou de ano. É inteligente de verdade. Leo Slager veio da mesma escola, mas não é tão inteligente. Ru Stoppelmon é um garoto baixinho e bobo, de Almelo, que foi transferido para esta escola no meio do ano. C.N. faz tudo o que não deve”.

Sábado, 20 de Junho de 1942

“Escrever um diário é uma experiência realmente estranha para alguém como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de treze anos. Bom, não importa. Tenho vontade de escrever, e tenho uma necessidade ainda maior de tirar todo tipo de coisas de dentro de meu peito.

“O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se ficaria ou se sairia. (...) Na superfície parece que tenho tudo, a não ser um único amigo de verdade. Quando estou com amigas só penso em me divertir. Não consigo me obrigar a falar sobre nada que não seja coisas comuns do cotidiano. Parece que não conseguimos nos aproximar mais, e este é o problema. Talvez seja minha culpa não confiarmos umas nas outras. De qualquer modo, é assim que as coisas são, e infelizmente não devem mudar. Foi por isso que comecei o diário.”

Quarta-feira, 3 de maio de 1944

“Nós costumamos dizer, desesperados: “Qual é o sentido da guerra? Por que? Por que as pessoas não podem viver juntas em paz? Por que toda essa destruição?” A pergunta é compreensível, mas até agora ninguém conseguiu uma resposta satisfatória. (...) Ah, por que as pessoas são tão malucas? (...) Eu costumo me sentir mal, mas nunca me desespero. Vejo nossa vida no esconderijo como uma aventura interessante, cheia de e romance, e cada privação é algo divertido a acrescentar no diário. Decidi levar uma vida diferente das outras garotas, e não me tornar mais tarde uma dona de casa comum. O que estou experimentando aqui é um bom início para uma vida interessante, e este é o motivo – o único – para eu rir do lado engraçado dos momentos perigosos. Sou jovem e tenho muitas qualidades ocultas; sou jovem, forte e vivo uma grande aventura; estou no meio dela e não posso passar o dia inteiro reclamando porque é impossível me divertir! Sou abençoada com tantas coisas: felicidade, alegria e força. A cada dia me sinto amadurecendo, sinto a libertação se aproximar, sinto a beleza da natureza e a bondade das pessoas ao redor. A cada dia penso em como essa aventura é fascinante e divertida! Com tudo isso, por que deveria desesperar?”

15 de julho de 1944

“Vejo o mundo a ser lentamente transformado num deserto (...), sinto o sofrimento de milhões de pessoas. E contudo, quando ergo os olhos para o céu, tenho a sensação de que tudo vai mudar para melhor, de que est crueldade acabará também, de que a paz e a tranquilidade regressarão novamente.”

“Quero amigos, não admiradores. Pessoas que me respeitem pelo caráter e pelo que faço, não pelo sorriso encantador. O círculo ao meu redor seria bem menor, mas o que importa, desde que fosse composto por gente sincera?”

“Recordações valem mais do que vestidos.”

“Gostaria de dizer isto: acho estranhos os adultos discutirem tão facilmente e com tanta frequência sobre coisas tão mesquinhas. Até agora eu achava que birra era uma coisa de criança e que a gente superava quando crescia.”

“Sei que chorar ajuda, mas não consigo. Estou inquieta. Ando de um cômodo para o outro, respiro pela fresta da janela, sinto o coração bater como se dissesse: realize seus desejos.”

“Quando escrevo, sinto um alívio, a minha dor desaparece, a coragem volta. Mas pergunto-me: escreverei alguma vez coisa de importância? Virei a ser jornalista ou escritora? Espero que sim, espero-o de todo o meu coração! Ao escrever sei esclarecer tudo, os meus pensamentos, os meus ideais, as minhas fantasias.”

“A beleza continua a existir mesmo no infortúnio. Se procurá-la, descobrirá cada vez mais felicidade, e recuperará o equilíbrio. Uma pessoa feliz tornará as outras felizes; uma pessoa com coragem e fé nunca morrerá na desgraça.”

FILMES:

- Anne Frank
- O Diário de Anne Frank

LINKS COMPLEMENTARES:

- Videodocumentário / biografia de Anne Frank
https://www.youtube.com/watch?v=dgX6ceLAR_0
- A casa de Anne Frank, em Amsterdã
https://www.youtube.com/watch?v=_vMz9HzYRH4
- Documentário Rede Globo: Amiga de infância de Anne Frank conta sobre sua estadia no campo de concentração
<https://www.youtube.com/watch?v=XlpQqExBI2s>
- Imagens sobre o Holocausto
<https://www.youtube.com/watch?v=GO73m1tFITI>
- Entrevista – sobrevivente do holocausto no Programa Jô Soares
<https://www.youtube.com/watch?v=2KPS2ySZA9A>

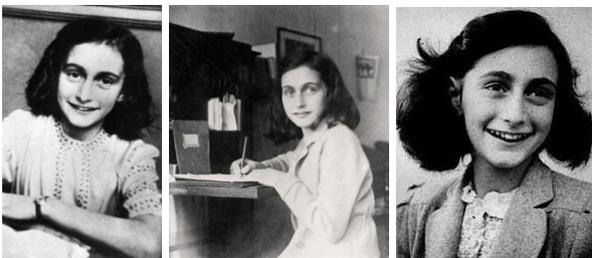
CONCEITOS QUE PODEM SER TRABALHADOS:

O Diário de Anne Frank suscita debates acerca de temas como: Antissemitismo, Segregação, Nazismo, Judaísmo, Hitler, Campos de Concentração, Holocausto, Segunda Guerra Mundial, dentre outros.

As características, as amizades e as relações sociais na adolescência, a despeito das temporalidades, também pode ser uma ótima opção para análise.

IMAGENS / SLIDES

Podem ser exploradas imagens do quarto de Anne Frank, aberto ao turismo; Amsterdam, fotos do próprio diário (em museu) e da família Frank (algumas são recortes dos filmes). Também imagens do holocausto, dos campos de concentração, da Segunda Guerra, etc.



2. O DIÁRIO DE LEWIS CARROLL (1832-1898)

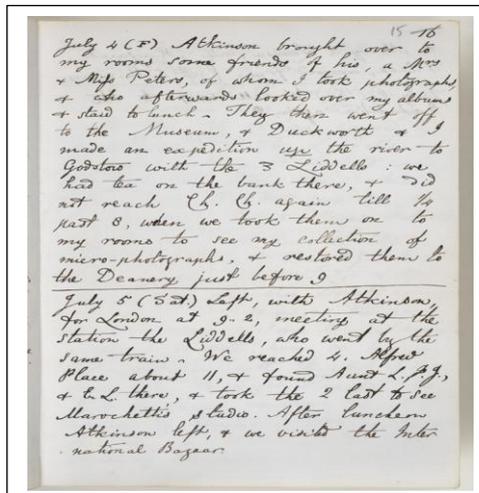


IMAGEM 1: Autorretrato de Lewis Carroll



IMAGEM 2: Alice Lidell, musa inspiradora para a criação de Alice no país das maravilhas.

IMAGEM 3: Manuscrito que inspirou Alice no país das maravilhas



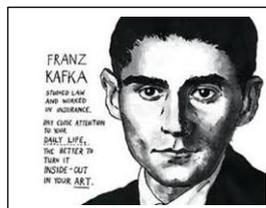
Lewis Carroll é o pseudônimo do matemático Charles Lutwidge Dodgson, autor da obra *Alice no País das Maravilhas*. Reverendo anglicano britânico, Carroll foi contista, fabulista, poeta, desenhista e fotógrafo. Seu diário é composto de 13 volumes, entretanto apenas 9 foram localizados. Os 4 volumes, que abrangem o período de 1858-1862, desapareceram. Alguns pesquisadores afirmam que a própria família os recolheu, para ocultar informações, por exemplo, sobre sua fascinação por meninas.

O famoso rio Tâmesa foi palco de seus passeios com as 3 irmãs Lidell, para quem Carroll adorava criar histórias. Em 1862, num passeio de barco com as meninas, veio a inspiração para a criação de sua célebre obra. Em 1865, o prefácio de seu livro traz em forma de versos um poema para a obra Alice no país das maravilhas. Alice era o nome de uma das irmãs Lidell.

ATIVIDADES:

Além da análise de contexto, podem ser explorados estudos sobre a recuperação do rio Tâmesa, ética x informação, pedofilia, licenças poéticas de Alice no País das Maravilhas, etc.

3. O DIÁRIO DE FRANZ KAFKA (1883-1924)



Um dos maiores escritores do século XX o tcheco Franz Kafka registrou em diário 14 anos de sua história, a partir de 1910. Ao morrer, vitimado por tuberculose, em 1924, fez o último registro. Em vida, sua obra foi praticamente ignorada.

Nos diários fez revelações acerca a intensidade de seus conflitos psicológicos. Pela fragilidade física, optou por uma vida de isolamento social. Suas relações sociais e familiares eram complexas, agravadas pelo seu estado de saúde.

Kafka viveu diversos conflitos, e entre estes o embate constante com seu pai, que nunca reconheceu os méritos e nem aceitou a carreira literária escolhida pelo filho. Nos diários, Kafka relata também seus sentimentos conflituosos com a jovem Felice Bauer, com quem foi noivo duas vezes, mas jamais se casou.

Dentre suas renomadas publicações destaca-se *A Metamorfose*, célebre obra editada em 1915.

TRECHOS DO DIÁRIO DE KAFKA:

30 de outubro de 1922

“A sensação da angústia total. O que é que te prende mais sensivelmente a estes corpos claramente delimitados, falantes, com olhos brilhantes, do que a outra coisa qualquer, do que à caneta que tens na mão? Resultará do fato de que és da mesma espécie? Tu, porém, não o és nada, aí está o motivo pelo qual te fizeste esta pergunta. A absoluta delimitação dos corpos humanos é horrível. O que existe de singular, de indecifrável no fato de não submergir, de ser conduzido em silêncio. Isso leva ao absurdo: “Eu, de minha parte, estaria perdido há muito tempo’. Eu, de minha parte.”

26 de fevereiro de 1923

“Concedo – e a quem concedo? a esta missiva? – que existem em mim possibilidades, possibilidades próximas, que ainda desconheço; precisa-se somente achar o caminho e, logo que se encontra, ousar! Isso é muito significativo: existem possibilidades, isso quer dizer que mesmo de um valdevinos se pode fazer um homem honrado, um homem venturoso em sua honorabilidade. As tuas quimeras de um sonâmbulo acordado, nestes últimos tempos.”

12 de junho de 1924

“Sempre ansioso no instante de escrever. Isso se compreende. Cada termo, na mão dos espíritos – este impulso da mão é o toque que os caracteriza – torna-se uma flecha atirada àquele que fala. E muito especialmente uma observação como esta. E assim até o infinito. O consolo estaria em que pudéssemos dizer: Tal sucederá, quer o desejes, ou não. E a tua parte de vontade apenas debilmente colabora. Mais do que o consolo, seria poder verificar: Tu também possui armas.”

ATIVIDADES:

Além da análise de contexto, podem ser exploradas as relações familiares e amorosas: os conflitos entre pais e filhos, vocação e escolha profissional, os diversos tipos de amor, etc.

4. O DIÁRIO DE SYLVIA PLATH (1932-1963)



A escritora norte-americana Sylvia Plath começou a escrever em diários a partir dos 11 anos de idade e manteve esse hábito até o fim da vida, aos 30 anos, quando suicidou-se, em Londres.

Plath era uma poetisa e externava seus sentimentos com muita intensidade. Sua obra revela as dores de sua alma e suas inquietações frente aos desafios. Reconhecidamente poetisa, romancista e contista genial, a escritora morreu pouco tempo após a publicação do romance *A Redoma de Vidro* (1963), que era quase uma autobiografia.

TRECHOS DO DIÁRIO DE SYLVIA PLATH

“Creio haver gente que pensa como eu, que pensou como eu, que pensará como eu. Haverá aqueles que viverão ignorando minha existência, mas darão seguimento à minha atitude, como eu, por assim dizer, dou sem saber, continuidade à atitude similar dos que vieram antes de mim. Posso escrever mais e mais. Basta um movimento da mão em resposta ao impulso cerebral, treinada desde a infância a registrar em nosso próprio sistema hieroglífico norte-americano as translações dos estímulos externos. Quanto de meu cérebro pertence à minha vontade? Quanto não passa de um endosso do que li, ouvi, vivi? Claro, realizo uma espécie de síntese do que me acontece, mas isso é tudo que me diferencia de outra pessoa? Que eu topei com várias coisas e as assimilei? Que meu ambiente e uma combinação fortuita de genes me trouxeram até onde eu estou?”

“Escreva sobre sua própria experiência. Graças a essa experiência alguém pode se tornar um pouco mais rico interiormente, um dia. Leia muito a respeito das experiências alheias em pensamentos e atos – aproxime-se dos outros, mesmo que isso doa e canse e seja mais confortável se recolher ao aconchego algodoado da bendita ignorância! Salte para metas acima de sua cabeça e suporte as escoriações que sofre quando escorrega e faz papel de boba. Tente sempre, enquanto tiver alento no corpo, seguir pelo caminho mais difícil, à moda espartana – e trabalhe, trabalhe, trabalhe para fazer de si uma entidade fértil, em contínua evolução!”

ATIVIDADES:

A análise de contexto, explorando Londres e a própria biografia da autora, oportuniza debate sobre o peso da genialidade e da fama. Podem ser explorados, por exemplo, outros casos de celebridades que cometeram suicídio.

5. O DIÁRIO DE JACK KEROUAC (1922 – 1969)

Representante da Geração Beat⁷⁴, o escritor norte-americano JACK KEROUAC sofreu forte influência de pensadores como Dostoiévski, Mark Twain, James Joyce, Tolstói e outros.



O conteúdo de seus diários tornou-se público apenas no ano de 2004. Os principais acontecimentos de sua vida, ocorridos entre seus 25 a 32 anos, foram selecionados pelo historiador Douglas Brinkley. *On the Road* (1957), considerada sua obra prima, serviu como base para o cineasta brasileiro Walter Salles dirigir um longa sobre Kerouac.

TRECHO DO DIÁRIO DE KEROUAC

Segunda-feira, 23 de agosto de 1948

“Quanto a mim, a base da minha vida vai ser uma fazenda em algum lugar onde vou produzir parte de minha própria comida, e, se necessário, toda ela. Um dia não vou fazer coisa alguma além de sentar embaixo de uma árvore para ver minha lavoura crescer (depois do devido trabalho, claro) – e beber vinho caseiro, e escrever romances para edificar meu espírito, e brincar com meus filhos, e relaxar, e gozar a vida, e brincar, e assoar o nariz. Eu digo que eles não merecem nada além de desprezo por isso, e a próxima coisa, claro, eles todos estarão marchando para alguma guerra

⁷⁴ A GERAÇÃO BEAT compunha-se de jovens escritores que, entre as décadas de 1950-60, foram protagonistas de um movimento que influenciou a juventude. Rejeitavam práticas político sociais e, dentre estas, as convenções e o consumismo. Valorizando a liberdade de expressão, experimentação e a criatividade o movimento BEAT exerceu forte influência nos princípios geradores da contracultura *hippie*.

aniquiladora que seus líderes corruptos começarão para manter as aparências (decência e honra) e “fechar as contas”. (...) Caguei para os russos, caguei para os americanos, caguei para todo mundo. Vou viver a vida do meu jeito “preguiçoso coisa ruim”, é isso o que eu vou fazer.”

ATIVIDADES:

A análise de contexto da Geração Beat, oferece um palco amplo de possibilidades: contestação a Guerra do Vietnã, movimentos políticos atuais, a geração *hippie* e o *Woodstock*. A influência do consumo e da cultura norte americana nos cinemas. Podem ser explorados também os pensamentos dos autores que influenciaram Kerouac, além de análise do filme *Na Estrada*⁷⁵.

6. O DIÁRIO DE BERTOLT BRECHT (1898-1956)



O alemão Bertolt Brecht também registrou em diário os fatos de seu cotidiano. A obra *Diários de Brecht* abrange registros ocorridos entre 1920-22 e traz as angústias e aflições do jovem no entorno de seus 20 anos de idade.

Brecht integra o panteão contemporâneo dos mais importantes dramaturgos e encenadores do teatro. Sua obra é caracterizada pelo Teatro Épico e Efeito de Distanciamento (ou estranhamento). Sua visão apontava para um teatro de diferentes contornos, com produção antidramática, explorando o seu potencial político das peças. Crítico da alienação e da passividade, para ele não importava a criação de identidade com a plateia. Acreditava em obras que provocassem a reflexão, despertando a consciência social.

TRECHOS DO DIÁRIO DE BRECHT

8 de julho de 1920

“Leio com atenção as cartas de Van Gogh a Theo. São documentos comoventes sobre a pobreza e o trabalho desenfreado. Ele pinta em vez e comer e calcula quanta pintura lhe presenteará a tuberculose! Não tem sucesso, trabalha como um touro e vendo quase sempre o futuro mais negro do que o presente, que á é negro demais. nelas pode-se aprender muito, não apenas em relação ao aspecto humano. Talvez fosse, proveitoso, se eu trabalhasse assim, taciturno e obstinado, sem dar muita importância às inspirações e cuspiendo nas ideias de efeito.”

Sábado, 26 de fevereiro de 1921

Vê-se o que é perigoso: o resto, o que não cresce, o mal digerido, a sobra que não é mais forçada. Aos poucos, os casos não conferidos, os acontecimentos semi digeridos nos vão obstruindo lentamente. Envenenamos o não consumido. Tudo enterrado dorme mal. A terra que nos deveria ajudar a digeri-lo, o vomita. O que o vento não seca e a chuva faz crescer, acaba crescendo e envenena a terra. Os cadáveres são produtos do medo. O medo continua.”

10 de Outubro de 1921

“É certo que posso ser frio e cínico com aqueles que me são familiares. Desacredito muitas coisas, como sou exigente! Mas às vezes só fico triste, não furioso nem vingativo nem desdenhoso. Hoje uma moça que e amava há anos foi descortês comigo. Queria tirar fotos e me

⁷⁵ *On the Road*, o livro, baseou o filme lançado no Brasil sob o título de *Na Estrada*. Sua a produção contou com tripla nacionalidade: brasileira, francesa e canadense. Na França denominou-se *Sur la Route* e, na versão portuguesa, *Pela Estrada Fora*.

deixou esperando. Estou pouco ligando para seus sentimentos, mas a descortesia me entristeceu como se tivesse importância”.

ATIVIDADES

A obra de Brecht pode inspirar desde o desejo de se ampliar conhecimentos sobre Van Gogh (que por si só já é um espetáculo) quanto explorar as linguagens e potencialidades do teatro. E, mais que isso, oportunizar a criação ou adaptação de uma peça ou mesmo a sua produção.

7. O DIÁRIO DE VIRGINIA WOOLF (1882-1941)



A inglesa Virgínia Woolf foi escritora, ensaísta e crítica literária que registrou episódios de sua vida em diversos diários, entre 1915 e 1941. Para ela o diário não servia apenas para registro dos mais íntimos sentimentos e angústias, mas o utilizava como ferramenta de trabalho, para melhorar sua expressividade. Seus diários fornecem ainda ricos cenários sobre sua rotina, produção literária e bastidores de suas publicações, assim como os encontros com os intelectuais de sua época, no Bloomsbury.

Mantinha uma editora em conjunto com Leonard Woolf, seu esposo. Uma curiosidade sobre sua rotina editorial narra que, no ano de 1918, tiveram que recusar a tarefa de publicação do épico *Ulisses*, pois nenhum tipógrafo aceitou a tarefa de arriscar impressão de uma obra legalmente considerada obscena. Lamentável, pois 4 anos o livro foi publicado em Paris. O casal Woolf, portanto, não conseguiu editar aquela que seria considerada uma das maiores obras literárias do mundo.

Em 1941 Virgínia suicidou-se, mas deixou um importante legado literário, destacando-se *Dalloway* (1925), *As Ondas* (1931) e *Orlando* (1938).

TRECHOS DO DIÁRIO DE VIRGÍNIA WOOLF

Segunda, 20 de janeiro de 1919

“Mas devo dizer que escrever este diário não conta como escrita, porque estive a acabar de reler o diário do ano passado e fiquei muito impressionada com o galope rápido e desorientado com que vai seguindo, por vezes até com intoleráveis solavancos no empedrado. Mas se isto não fosse escrito muito mais rapidamente do que a mais rápida das datilografias, se eu parasse para refletir, nunca haveria de o escrever; e a vantagem deste método é que vai amontoando ao acaso várias coisas dispersas que eu teria excluído se hesitasse, mas que são os diamantes da lixeira.”

Terça, 19 de janeiro de 1915

“Bom, estou a ler *O Idiota*. Muitas vezes não consigo suportar o estilo; ao mesmo tempo parece-me haver nele o mesmo tipo de vitalidade que há em Scott; só que Scott apenas faz esplêndidas pessoas vulgares, e D⁷⁶. cria prodígios, com inteligências muito sutis e sofrimentos terríveis. Talvez a semelhança com Scott⁷⁷ se deva em parte ao estilo livre e despreocupado da tradução.”

⁷⁶ Leia-se: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Escritor russo, autor de *Crime e Castigo* (1866) e *O Idiota* (1869)

⁷⁷ Woolf refere-se ao escocês Walter Scott (1771-1832), autor de *Ivanhoé* (1820) e *Rob Roy* (1817).

Segunda, 20 de setembro de 1920

“Joyce apresenta o que é interno. O seu romance *Ulisses* apresenta a vida de um homem em dezesseis circunstâncias, todas passadas (acho eu) num único dia. Isto, em sua opinião [de Leonard Woolf], é extremamente brilhante, diz ele. Talvez o tentemos publicar. Segundo Joyce, *Ulisses* e é a maior personagem da história. Joyce como homem é insignificante, usa lentes muito fortes, e parece-se um pouco com o [Bernard] Shaw, é maçador, sempre concentrado em si mesmo, e tem uma confiança inabalável em si próprio. Há muita coisa a dizer do Eliot⁷⁸, sob vários aspectos – por exemplo, a sua dificuldade em contatar com pessoas inteligentes... e por aí fora... a anemia, a sua preocupação com a impressão que pode causar nos outros; mas, por outro lado, o seu espírito ainda não está embotado nem confuso”.

Sexta, 17 de outubro de 1924

“Sobre o que hei-de eu escrever aqui senão sobre a minha escrita? É estranho como a moral convencional se vai instalando, insidiosa. Não se deve falar de si próprio etc.; não se deve ser presunçoso etc. Até em completa privacidade estes fantasmas se insinuam entre mim e a página.”

ATIVIDADES

Além da análise de contexto, explorando sua biografia e principais obras, podem ser explorados os pensadores contemporâneos de Virgínia, além de trechos da obra *Ulisses*.

Virgínia era escritora de diários por excelência, utilizando-o quase como se utiliza uma agenda. Essa característica pode ser transposta para a sala de aula, como força motriz para essa prática entre os alunos. Aqueles que ainda não começaram seus diários, tradicionais ou digitais, sejam meninos ou meninas, não importa, todos podem ser autores.

REFERÊNCIAS:

http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_43217.html

http://pt.wikipedia.org/wiki/Diário_de_Anne_Frank

<http://nolabirinto.com/cultura/diarios-escritores/>

IMAGENS: Arquivos Diversos (Google)

⁷⁸ Leia-se: T.S. Eliot (1888-1965). Poeta norteamericano com naturalização inglesa. Considerado um dos maiores poetas do século XX.

APÊNDICE 6 - UM ENSAIO SOBRE A ESCOLA DA PONTE

(Maria de Cássia Araujo e Souza, professora e historiadora)

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. (Rubem Alves)

A metodologia de ensino das escolas democráticas influenciou a Escola Básica da Ponte que, baseada nas ideias do francês Célestin Freinet, integra o MEM- Movimento da Escola Moderna, valorizando a cidadania e o protagonismo juvenil.

No contexto da ditadura dos anos 70 a educação portuguesa voltou seu olhar para o respeito à individualidade e diferenças entre os alunos. Assim nasceu a Escola Básica da Ponte que, em 2000, levantava a bandeira ambiental, popularizando-se como Eco Escola.

A Escola da Ponte encantou Rubem Alves que assim se expressou: *“Contei sobre a escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir. Mas existia, em Portugal... Quando a vi, fiquei alegre e repeti, para ela, o que Fernando Pessoa havia dito para uma mulher amada: ‘Quando te vi, amei-te já muito antes’ (Rubem Alves, 2001, em A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir, 2001)*

Considerada uma Escola Alternativa, contrariamente ao modelo de ensino tradicional, os princípios aplicados pela Escola Básica da Ponte passam pelos valores de solidariedade, autonomia e liberdade responsável. Atualmente serve como referência em todo o mundo, depois de muita luta para conquistar espaço nos meios educacionais.

A autonomia é uma das chaves mestras em todos os seus processos, envolvendo toda comunidade escolar (alunos, professores, pais e funcionários). Suas assembleias discutem coletivamente desde as práticas cotidianas, como regras e normas da escola até festas temáticas, em um ambiente onde todos têm vez e voz.

A popularmente denominada Escola da Ponte - Escola Básica Integrada de Aves/São Tomé de Negrelos é uma escola pública portuguesa, dedicada a educação de crianças e jovens entre 5 e 13 anos (1º a 9º anos). Localiza-se no Município de Santo Tirso, no Distrito do Porto, mais especificamente em Vila das Aves e São Tomé de Negrelos.

Um modelo inovador, cujo lema tem sido "tentar fazer crianças felizes". Originalmente, propõe romper o sistema seriado ou em ciclos comuns nas escolas. Até o espaço físico da escola é diferenciado, sem paredes ou turmas. Agrupa alunos por área de interesse e não pela faixa etária ou série. Os espaços educacionais mais se assemelham a galpões do que sala de aula em seu modelo tradicional. Propõe a valorização e autonomia dos professores, incentivando a participação com a

comunidade escolar, considerada parceira na tarefa de educar. Desse modo atua como corresponsável na tarefa de construir a escola ideal.

Nesse processo ocorre uma troca muito valiosa para ensino e aprendizagem: cada indivíduo, com sua diferença, contribui para a construção de um coletivo e este, ao mesmo tempo em que absorve, compartilha as singularidades realimentando sempre o individual e fortalecendo a coletividade.

Por esse modelo democrático a participação envolve todos na elaboração de regras, normas, programas, ações culturais, etc. a partir de grupos que atuam em espaços de trabalho, onde são disponibilizados os recursos necessários. Assim, em diferentes *locus* os alunos são munidos das ferramentas e estratégias necessárias para a construção de seus processos investigativos. Ou seja, ao invés de um ensino limitado a espaços definidos como a sala de aula, as bibliotecas, espaços de leitura ou laboratórios, toda a escola é aproveitada como espaço de aprendizagem. E, mais que isso, as investigações ultrapassam os muros da escola, a partir de atividades externas, sempre que necessário. E essas atividades podem acontecer sem necessariamente acompanhamento de professores, mas com tutores ou outros.

Historicamente esse modelo nasceu após uma grave crise no processo educacional português. As instituições de ensino sofriam com o impacto dos 48 anos de ditadura no país. A precariedade educacional refletia-se em todo meio social. Uma vez desmoralizados, os espaços educacionais conviviam com crescente violência. As estruturas físicas e pedagógicas geravam insatisfação e desmotivavam o ensino e a aprendizagem.

Antes de iniciar seu processo democratizante, até 1976, a Escola da Ponte integrava um polo de antigas escolas primárias, composto por cinco prédios escolares, voltados para a educação infantil e fundamental.

Apostando em uma revolução pedagógica, a partir de questionamentos acerca de suas deficiências e necessidades a equipe escolar passou a investir em mudanças sistemáticas. O clamor pelas mudanças encontrou eco na postura do educador José Pacheco, que denominava o modelo tradicional de ensino como fundamentalismo pedagógico.

Assim, o que o sonho de Pacheco que a princípio era um projeto solitário, logo passou a compartilhar experiências, a partir de trabalho interno de caráter coletivo. A construção e os seus processos de troca entre os pares, tanto de professores, quanto de alunos, foi essencial. Logo, a revolução proposta aboliu a divisão por séries, turmas, provas, salas de aula, disciplinas e tudo o que pudesse impedir o desenvolvimento da liberdade e autonomia no ensino.

Em 1976, por liderança do pedagogo José Pacheco, a escola trocou o conselho diretivo pela gestão democrática, agregando a comunidade local, a partir de assembleia de estudantes e associação de pais e mestres, como organizadores do programa educacional e assumindo as responsabilidades habituais da instituição pública de ensino.

No ano de 1997 iniciou-se o processo de autonomização junto ao Ministério da Educação – Agrupamento de Escolas. Em 2001 recebeu indicação como "Escola Básica Integrada" (até ao 9º ano). Conquistava assim a autonomia necessária para sua organização curricular e pedagógica, a partir do Decreto de Lei 6/2001, de 18 de janeiro de 2001 abrindo assim o espaço para outros modelos públicos de ensino básico.

Em 14 de Fevereiro de 2005 firmou contrato de autonomia com o Ministério da Educação tornando-se a primeira instituição a ter esse estatuto em Portugal. Em 2006, a escola integrava o grupo das 10 escolas modelo, no combate ao insucesso e evasão escolar, alistada no Guia de Experiências Inovadoras” lançado em Barcelona.

A partir de 2008, a escola tornou-se uma espécie de projeto piloto do Ministério da Educação e Ciência português. Firmou contrato com vigência até 2016 onde, a partir de metas, deve propor uma estrutura pedagógica com capacidade de reformulação do sistema educacional em Portugal.

Em 30 de Setembro de 2008, com o lançamento do livro Escola da Ponte - Formação e Transformação em Educação, de José Pacheco, o novo modelo de ensino básico ganhou maior notoriedade mundial.

Mesmo com reconhecimento de seus méritos, a Escola da Ponte ainda trava muitas batalhas com os órgãos governamentais em luta permanente pelo fortalecimento do ensino nos ciclos básicos.

Compreendo que a sua comunidade havia conseguido se apropriar do “Fazer a ponte”, senso capaz de construir e reconstruir cotidianamente seus processos educativos, passou a disseminar suas ideias em outras localidades. Assim chegou o projeto da Escola da Ponte no Brasil. O próprio José Pacheco veio para cá, em apoio a Escola Âncora, localizada em Cotia, São Paulo.

Der igual modo a proposta inspirou outras instituições educacionais paulistas, como a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, a partir de 2004 e, em 2008, a Escola Municipal Presidente Campos Sales. Obviamente que essas escolas reconfiguraram seus projetos pedagógicos para se adequarem às novas estruturas físicas e pedagógicas desejadas pela nova proposta, ampliando assim o protagonismo de seus alunos.

Estruturação dos Conhecimentos

Os espaços de trabalho da Escola da Ponte agrupam pequeno número de alunos em torno de um projeto, com durabilidade de aproximadamente 15 dias. O grupo se dissolve sempre que ocorre avaliação positiva e novos projetos passam a explorar outro objeto de estudo ou matéria. Nesse modelo, as interações são o principal pano de fundo para o ensino e a aprendizagem. Compreende que cabe aos docentes, alunos e a comunidade escolar apoiar que cada indivíduo para o autoconhecimento e descobertas de forma interativa.

O aluno exerce função ativa na organização do espaço escolar. Isso envolve o conteúdo, o tempo e a forma de aprendizagem. No planejamento tanto das atividades quanto das avaliações os estudantes contam com orientadores educacionais.

A problemática curricular comum aos modelos tradicionais de ensino é superada a partir do estabelecimento de diálogo e análise das necessidades individuais dos estudantes. A cidadania parte do reconhecimento e respeito à unicidade e de seu compartilhamento com o outro, com o diferente, com mundo.

O currículo assume duas proposições: a objetiva, norteadora e metrificadora de um horizonte de realização, a e a subjetiva, estruturada a partir da personalidade, dos projetos individuais de cada aluno. Desse modo, é o repertório de cada aluno (subjetivo) que valida as propostas objetivas, a partir do reconhecimento de sua pertinência e sentidos.

O trabalho em grupos heterogêneos enriquece o fazer pedagógico. A valorização da diversidade acolhe todas as classes sociais, incluindo estudantes com necessidades especiais.

Também o corpo pedagógico não trabalha as disciplinas de forma estanque, eliminando a figura de único professor ou orientador por turma. Na medida da necessidade todos os orientadores educativos estão dispostos para o acompanhamento dos alunos tanto no que se refere às atividades acadêmicas quanto nos sentidos comportamentais.

A antiga cartilha foi definitivamente abolida e a alfabetização ocorre em processo de letramento, avessa a fragmentações. Os educadores Paulo Freire e Célestin Freinet inspiram um tipo de leitura integral onde os alunos são inspirados a desejarem decifrar os códigos subjacentes à escrita e às palavras. Cotidianamente, a partir de histórias e perguntas disparadoras, a autonomia de cada criança aos poucos vai desenvolvendo sua capacidade da escrita e leitura, respeitando o tempo e ritmos de aprendizagem de cada um.

O ensino colaborativo agrupa os orientadores educativos conforme os níveis de progressão, considerando competências acadêmicas e comportamentais. Assim, são 3 os núcleos de organização: iniciação, consolidação e aprofundamento.

A partir da iniciação o aluno recebe tutoria mais frequente. Nessa fase também se articulam processo de aprendizagem das regras de convívio social. A liberdade responsável coloca o aluno diante do compromisso com sua própria aprendizagem. Nos núcleos de Consolidação, ocorre maior liberdade e autonomia por parte do aluno, reduzem-se as tutorias e os estudantes se apropriam de maiores espaços, trânsito e tempo de permanência na escola, a partir de gestão do currículo proposto para o 1º ciclo do ensino básico. No nível de Aprofundamento a participação do aluno estende-se para o gerenciamento não apenas de suas atividades, mas do coletivo, assumindo ainda o estudo do currículo nacional proposto para o 2º ciclo.

A organização interna de cada núcleo se dá no início do ano letivo agrupando alunos conforme seus interesses e estes escolhem seu tutor. Interessante é que o tutor pode ser qualquer um dos componentes da comunidade (pais, professores, funcionários). Sua função é orientar os esforços de aprendizagem a partir do percurso pedagógico traçado pelo próprio estudante. Esse tutor participa ainda do processo avaliativo, reformulando estratégias, quando cabível, em conjunto com o estudante.

Cada tutoria é composta por um grupo de alunos e seu tutor. Esse tutor atua a partir de monitoramento a grupo reduzido de alunos. Esse processo facilita o atendimento individualizado. As aprendizagens envolvem tanto os conteúdos acadêmicos tradicionais quando outras habilidades e competências. Assim, um dúvida sobre gramática ou afinação de um instrumento musical ocupam os mesmos espaços pedagógicos. As interações sociais e trocas de conhecimentos colocam o aprendiz numa situação propícia para a aprendizagem, onde aquele que questiona não se sente ridicularizado ou julgado pelos colegas ou professores.

Os professores tutores reúnem-se sistematicamente a cada semana, mantendo permanente contato com os encarregados de educação. Como orientadores, se organizam por eixos do conhecimento, que se dividem em 6 dimensões: Artística, Identitária, Linguística, Lógico-matemática, Naturalista, Pessoal

e Social. Docentes, pedagogos e psicólogos apoiam cada uma dessas dimensões do ensino.

A dimensão Linguística dedica-se à Língua Portuguesa, Inglesa, Francesa e Alemã. As ciências exatas integram a Dimensão lógico-matemática. O eixo Naturalista conjuga Estudos do Meio, Ciências da Natureza, Ciências Naturais, Físico-Química e Geografia. A Dimensão identitária também integra Estudos do Meio, História e Geografia. A Expressão Musical, Dramática, Plástica e Motora, Educação Física, Educação Visual e Tecnológica – E.V.T., Educação Musical, Educação Visual, Educação Tecnológica e T.I.C. São integrantes da Dimensão Artística. Na dimensão Pessoal e Social são privilegiados a Formação Pessoal, Ensino Especial e Psicologia.

Os instrumentos pedagógicos da Escola da Ponte são bem democráticos. Utiliza assembleias, debates, cria espaços para parecer ou opinião pessoal ou de grupo (que podem ser abertos ou secretos). Conta ainda com tutoria, comissão de ajuda, espaços de encontros e pesquisa, para questionamentos, levantamentos de hipóteses e busca de soluções, tanto em nível restrito ao grupo quanto para toda a escola, quando aplicável.

A validação dos processos educacionais passa pela coletividade, a partir de publicação dos documentos e resoluções. Alunos e profissionais realizam auto avaliação anual acerca de sua evolução.

Outras ferramentas muito positivas são os grupos de estudos e os processos avaliativos, que levam em conta as necessidades, a preparação e o momento próprio da avaliação sob o ponto de vista do aluno. as tradicionais provas são substituídas pela dialogicidade entre tutor e aluno. eles consideram os mecanismos estabelecidos para aferição dos resultados, onde é medido o grau de satisfação pela assimilação do conteúdo proposto.

Os recursos necessários para as práticas educacionais cotidianas estão a encargo dos Grupos de Responsabilidades, compostos por alunos e orientadores educativos. Também reúnem-se semanalmente para deliberarem sobre aspectos como arrumação, material didático, jogos, informativos, serviço social, murais, visitas, eventos especiais, projetos, atividades recreativas, etc.

A cultura da colaboração se estabelece em um vínculo muito forte entre a escola e a comunidade escolar. Suas contratações se fazem mediante editais abertos. O professor afeito ao modelo tradicional de ensino, com aulas prontas previamente, precisa adequar-se a um fazer pedagógico onde sua aula é criada a partir das necessidades de seus alunos. Em conjunto, professor e alunos investigam o objeto proposto para estudo.

Embora o ensino se descentralize, mantendo como foco básico o aluno, a valorização dos professores se amplia. Suas atividades em rede colaborativa reduzem as dificuldades inerentes ao ensino tradicional. As propostas de ações coletivas fortalecem o professorado, a escola e a comunidade em geral.

As habituais comemorações e eventos anuais ganham nova dimensão. Por exemplo, não se admite uma comemoração de Páscoa sem uma proposta de investigação de seu contexto histórico, questionamentos acerca das funções e de suas práticas como manifestação cultural. Sua composição é coletiva assim como são construídos coletivamente os roteiros de atividades, campeonatos, passeios, visitas a museus, etc.

Anualmente são eleitos os representantes dos Encarregados de Educação da Escola da Ponte. No início de cada ano letivo organizam o calendário de reuniões e debates sobre a escola. Sua associação de pais serve como referência em Portugal.

O projeto educativo da escola considera que a pedagogia do “Fazer a Ponte” significa formar indivíduos autônomos, responsáveis e solidários. A valorização da cultura e da democracia apontam novos rumos de comprometimento com a construção de um projeto social cidadão, potencializador das qualidades humanas.

A Escola da Ponte está sempre se recriando, a partir de ingerência de ex alunos que retornam como professores. Conhecedores de suas propostas, contribuem continuamente para o seu aperfeiçoamento. Assim, evidencia-se que alunos e escola se formam, se transformam e se reestruturam. A educação encontra nesse modelo melhores condições e tempo para refletir sobre si mesma e reformulando e aperfeiçoando suas práticas.

A Escola da Ponte no Brasil

Aos poucos a Escola da Ponte ganhou adeptos no Brasil. Em 1995 uma ONG-Organização Não Governamental criou o Projeto Âncora, em São Paulo. Seu objetivo inicial era desenvolver projetos sociais e culturais com crianças de baixa renda no contra turno das escolas. O projeto ganhou reforço com a vinda de José Pacheco, em 2011, com o intuito de formação de uma escola da educação básica. A partir dessa iniciativa, diversas escolas municipais de São Paulo transpuseram para seus projetos políticos pedagógicos os ideais da Escola da Ponte.

Em 2004 a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, localizada na Zona Oeste de São Paulo passou a seguir o modelo da Escola da Ponte. Essa instituição já buscava alternativas promovendo ações pedagógicas democráticas desde 1996, por ações da educadora Ana Elisa Siqueira, uma de suas gestoras.

No ano de 2008, a Escola Municipal Presidente Campos Sales também aderiu à proposta. No final dos anos 90 a escola que era estigmatizada como “escola dos favelados, marginais e baderneiros, começou a ser substituído pela denominação de “escola da comunidade” (*site da escola*).

A partir do modelo português, adaptado à sua realidade, sua comunidade passou a buscar soluções para vencer seus desafios e transpor obstáculos. Para atingir seus objetivos o diálogo com a comunidade foi primordial. No epicentro da maior área de ocupação demográfica desordenada de São Paulo, a escola hoje integra o Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis.

Depois de visitar mais de 100 escolas brasileiras, José Pacheco esteve em Curitiba. Em entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo respondeu a diversos questionamentos. Indagado sobre o que lhe incomodava nas escolas brasileiras, respondeu: “Não quero generalizar, mas as escolas brasileiras seguem uma lógica administrativa e burocrática. Onde a pedagogia não tem lugar, o professor é maltratado”. (*online*, 29/10/2011).

A convite do Instituto GRPCom Pacheco falou para uma plateia de 2 mil ouvintes no Teatro Guaíra, como parte do Seminário Ler e Pensar. “Zé da Ponte”, como costuma se apresentar, foi questionado acerca de como ser educador numa sociedade de violência? E respondeu:

O que se pode fazer? Tudo, menos o que vejo. Aumenta-se a vigilância, câmaras, castigo. Nada resolve. Ninguém nasce violento. Diz-se das águas dos rios que são violentas. Nada se diz das margens que a comprimem. É

de Bertolt Brecht. Se mantivermos esse modelo, a violência de fora torna-se a violência simbólica da escola. Desculpem a arrogância, mas hierarquia não rima com pedagogia. Para conter a violência, teremos de mudar a organização da escola e responsabilizar a comunidade. É preciso uma tribo para educar uma criança. (José Pacheco. Gazeta do Povo, *online*, 29/10/2011)

O professor e jornalista José Carlos Fernandes e colaboradores pediram a José Pacheco uma pequena história para lembrar quando colocassem a cabeça no travesseiro e ele respondeu com uma metáfora:

“Estava o menino Nelson, subindo a ladeira da escola. Vinha todo sujo. Estava atrasado. Perguntei o que se passava. Disse-me que não conseguira dormir. Sua irmãzinha chorava: os ratos tinham lhe comido a orelha. Quis saber por que tinha então vindo naquele dia. Contou-me que sua vida era triste, mas que quando chegava a hora de vir para a escola, sentia algo cá dentro: “Professor, parece mesmo que o que sinto é alegria”. (José Pacheco. Gazeta do Povo, *online*, 29/10/2011)

Em outras situações José Pacheco esteve em Curitiba. Em 2013 fez lançamento do seu livro *Crônicas Educação*. Também reuniu-se com diretores e pedagogos da rede pública de ensino do Município. Surpreendeu com a declaração simples de que “a Escola da Ponte não deve ser modelo para ninguém. Ela não pode ser clonada e mesmo que pudesse, não deixaria” (www.aprendebrasil.com.br).

De fato, quem conhece a proposta da Escola da Ponte compreende que ela é construída no dia a dia, pelas interações e mediações comunitárias. A escola se constrói a partir de seu projeto político pedagógico que privilegia a autonomia, liberdade e democracia. Valoriza a cultura local e dá voz aos atores sociais. Sem esses elementos não tem escola, não tem ponte, não tem escola da ponte.

MAIORES INFORMAÇÕES

PORTUGAL:

Ministério da Educação:

www.escoladaponte.pt/docs/contratoAutonomia.pdf

Projeto Educativo: www.escoladaponte.pt/docs/PEE_2003.pdf

Telefone: +351 252 875 350

E-mail: geral@escoladaponte.pt

Site: <http://www.escoladaponte.pt/>

Facebook: Escola da Ponte

BRASIL:

Projeto Âncora:

Estrada Municipal do Espigão, 1239 – Jardim Rebelato, Cotia – São Paulo, SP – CEP: 06710-500

Telefone: (11) 4612-9966

Site: www.projetoancora.org.br

Blog: projetoancorablog.blogspot.com.br

Facebook: www.facebook.com/ProjetoAncora

Twitter: twitter.com/projetoancora

Youtube: www.youtube.com/projetoancora

Escola Municipal Desembargador Amorim Lima:

Rua Professor Vicente Peixoto, 50 – Vila Indiana – São Paulo.

Site: <http://www.amorimlima.org.br>

E-mails: amorimlima1000@gmail.com / amorimlima@yahoo.com.br

Telefone: (11) 3726.8049

www.facebook.com/EMEF.Desembargador.Amorim.Lima

Escola Municipal Presidente Campos Sales:

Telefone: (11) 6947-6723

Blog da escola: <http://campossalles.wordpress.com/>

FONTES DE PESQUISA:

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_da_Ponte
- <http://educacaointegral.org.br/experiencias-internacionais/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>.
- <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/entrevistas/pa-pe-pi-po-ponte-a6tx1p0dxulox48vjf0l3b1hq>
- http://www.aprendebrasil.com.br/trocando_ideias/jose_pacheco/default.asp